U.PORTO
Faculdade de Letras
Universidade do Porto

VIDA E OBRA DE

Guilherme de Faria

OS VERSOS DE LUZ POR ESCREVER

VOLUME I

JOSÉ RUI TEIXEIRA

U.PORTO
Faculdade de Letras
Universidade do Porto

VIDA E OBRA DE

Guilherme de Faria

OS VERSOS DE LUZ POR ESCREVER

José Rui Ribeiro de Almeida Teixeira

Porto | 2011

VIDA E OBRA DE

Guilherme de Faria

OS VERSOS DE LUZ POR ESCREVER

José Rui Ribeiro de Almeida Teixeira

Tese de Doutoramento em Literaturas e Culturas Românicas apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Orientadora:
Professora Doutora Maria João Reynaud

Porto | 2011

E o Mar

Anda a rezar

Os meus versos de luz que ainda estão por escrever…

Guilherme de Faria, *Poemas* (1922)

Guilherme de Faria

1907 – 1929

Dedico este estudo à memória do poeta Guilherme de Faria

e de todos aqueles que partilharam os seus dias: familiares e amigos, poetas e artistas, esses homens e mulheres que Guilherme de Faria trouxe pela mão para a minha casa, para a minha vida.

E à minha família: à Ana e aos nossos filhos, João, Tomás e Beatriz; com efeito, foi um trabalho partilhado, vivemos estes anos com a consciência de que Guilherme de Faria é um amigo íntimo, que deixou espalhadas pela nossa casa fotografias, cartas e poemas manuscritos, livros, memórias.
Dedico este estudo à memória da minha Mãe, Albina, que faleceu em 2000; à minha irmã, Natália, e ao meu Pai, José.

Agradecimentos

Este trabalho de investigação não teria sido possível sem o apoio da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, que me atribuiu uma bolsa de investigação em Novembro de 2007.

Uma especial palavra de gratidão e admiração para a Professora Doutora Maria João Reynaud, orientadora desta dissertação de Doutoramento em Literatura apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Agradeço à Sr.ª D. Maria Teresa Leite de Faria, irmã do poeta Guilherme de Faria, o modo como sempre me acolheu e me possibilitou um contacto imprescindível com o espaço que o poeta habitou e com muitos documentos sem os quais esta narrativa não seria possível.
Agradeço a todos os familiares de Guilherme de Faria, particularmente ao sobrinho Gonçalo Leite de Faria e ao sobrinho-neto Pedro Leite de Faria, que me confiaram importantes documentos.

Uma palavra de gratidão para a Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, particularmente para o Frei João José da Costa Guedes da Silva, responsável pela Biblioteca Provincial, onde se encontra no espólio de Frei Francisco Leite de Faria.
Com efeito, esse reconhecimento estende-se a João Filipe Paço d'Arcos, filho de Joaquim Paço d'Arcos, e a Eduardo Hartwich Nunes, filho de António Hartwich Nunes, que me cederam os documentos directa ou indirectamente relacionados com Guilherme de Faria, que se encontravam nos espólios dos seus pais.

Agradeço a todos quantos, ao longo destes anos, se implicaram mais ou menos intensamente neste projecto de redescobrir a vida e a obra de Guilherme de Faria. Herberto Helder escreveu: "Começa o tempo onde se une a vida à nossa gratidão." Nesse sentido, hoje (re)começa o tempo. OBRIGADO.

24 de Agosto de 2011

Resumo

Guilherme de Faria nasceu em Guimarães, em 1907. Em 1919 mudou-se com a família para Lisboa, onde publicou sete livros de poesia, foi editor de Teixeira de Pascoaes e se relacionou com os mais importantes literatos e artistas do seu tempo. Suicidou-se em 1929. A sua vida, à luz de um epistolário humaníssimo e comovente, e do testemunho dos seus contemporâneos, revela-se um acontecimento tão intenso quanto fugaz. Tradicionalista monárquico, Guilherme de Faria foi partidário do Integralismo Lusitano, mas foi como poeta que se realizou, concebendo um raro universo poético, profundamente idiossincrático e povoado por espectros de poetas e poéticas. Guilherme de Faria, apesar de esquecido, é um dos mais notáveis poetas neo-românticos lusitanistas; tendo morrido com apenas 21 anos, deixou uma obra que se situa na melhor tradição lírica da poesia portuguesa. Esta investigação propõe-se recuperar a memória da sua vida e obra, e restitui-la à história da literatura portuguesa.

Abstract

Guilherme de Faria was born in Guimarães in 1907. In 1919 he moved to Lisbon with his family, where he published seven poetry books, he was the publisher of Teixeira de Pascoaes and became acquainted with the most important literary men and artists of his time. He committed suicide in 1929. Analysed through a most humane and moving correspondence, and his contemporaries' testimony, his life reveals itself as an event at once intense and brief. A Monarchist traditionalist, Guilherme de Faria adhered to the Lusitanian Integralism, but it was as a poet that was fulfilled, creating a singular poetic universe, profoundly idiosyncratic and where the spectre of poets and poetics dwell. Guilherme de Faria is one of the most remarkable and forgotten neo-romantic 'lusitanist' poets; despite an early death at 21, he left behind him works that can be included in the best lyrical tradition of Portuguese poetry. This research aims to recover the memory of his life and work, restoring it to the history of Portuguese literature.

Sumário

Introdução | p. 10

Vida | p. 14

Capítulo 1

Em busca de um tempo perdido

1.1. *Do desterro da memória* [1890-1910] | p. 15

1.2. *A voz remurmura saudades da infância* [1907-1919] | p. 26

Capítulo 2

Uma década de tempo comum

2.1. *Sombra de amor, de sonho e desventura* [1919-1923] | p. 44

2.2. *Em sonhos alvorece e empalidece enfim* [1924-1926] | p. 71

2.3. *És a vida que vai, sonhando, para a morte* [1927-1929] | p. 116

Capítulo 3

No rasto da memória

3.1. *No desterro da saudade* [1929-2000] | p. 147

Obra | p. 162

Capítulo 1

Guilherme de Faria: poeta neo-romântico lusitanista | p. 163

Capítulo 2

Leitura e escrita: biblioteca e influências doutrinárias e filosóficas | p. 206

Capítulo 3

A poesia de Guilherme de Faria

3.1. *Poemas* [1922] | p. 214
3.2. *Mais Poemas* [1922] | p. 228
3.3. *Sombra* [1924] | p. 236
3.4. *Saudade Minha* [1926] | p. 244
3.5. *Destino* [1927] | p. 255
3.6. *Manhã de Nevoeiro* [1927] | p. 268
3.7. *Desencanto* [1929] | p. 278
3.8. *Saudade Minha (poesias escolhidas)* [1929] | p. 288

Conclusão | *Mas para além, é o sol dum novo dia* | p. 294

Post-Scriptum | p. 301

Bibliografia

1. De Guilherme de Faria | p. 306
2. Sobre Guilherme de Faria | p. 309
3. Referências bibliográficas específicas | p. 322
4. Bibliografia geral | p. 324

Índice onomástico | p. 334

Biblioteca de Guilherme de Faria

Índice de autores com importância literária e histórico-cultural | p. 341

Anexos

Anexo 1 | Fotobiografia | p. 2

Lembranças duma outra vida | p. 3
Os caminhos que andei | p. 31

Anexo 2 | Poesia | p. 62

Poemas [1922] | p. 71
Mais Poemas [1922] | p. 83
Sombra [1924] | p. 98
Outros poemas [1926-27] | p. 116

Introdução

Guilherme de Faria nasceu em Guimarães, em 1907; em 1919 mudou-se com a família para Lisboa; em 1929, com apenas 21 anos, pôs fim à sua vida, na Boca do Inferno, em Cascais. Foi poeta e assumiu-o tão fatalisticamente que negou a si próprio a possibilidade de ter sido outra coisa.

Apesar de efémera, a sua vida foi intensíssima: entre 1922 e 1929, Guilherme de Faria publicou *Poemas* e *Mais Poemas* (1922), *Sombra* (1924), *Saudade Minha* e a plaquete *Oração a Santo António de Lisboa* (1926), *Destino* e *Manhã de Nevoeiro* (1927); postumamente, em 1929, serão editados *Desencanto* e *Saudade Minha (poesias escolhidas)*; organizou uma *Antologia de Poesias Religiosas*, que só seria publicada em 1947; foi editor de Teixeira de Pascoaes e relacionou-se, com mais ou menos proximidade, com as principais figuras das letras e das artes do seu tempo; a sua vida tão breve possibilita-nos um olhar profundamente humano e dramático sobre a Lisboa que José-Augusto França tão bem descreve no quarto capítulo de *Os Anos Vinte em Portugal*[1].

Guilherme de Faria foi, em vários sentidos, desconcertante: fracassou nos estudos liceais, mas doutrinou-se com os mestres Afonso Lopes Vieira, António Sardinha ou Mário Saa; foi um tradicionalista monárquico, companheiro das principais figuras do Integralismo Lusitano e, simultaneamente, foi amigo de António Botto e Raul Leal, no contexto da polémica 'Literatura de Sodoma'[2].

Tudo o que na biografia de Guilherme de Faria é susceptível de ser relacionado com a sua idade resulta na evidência de uma precocidade perturbadora:

[1] José-Augusto França, *Os Anos Vinte em Portugal*, Lisboa, Presença, 1992, pp. 73-116.

[2] Sobre este contexto, sugerimos a edição de *Sodoma Divinizada* de Raul Leal (Lisboa, Guimarães/Babel, 2010), com organização, introdução e cronologia de Aníbal Fernandes. Não se trata apenas da reprodução do texto de Raul Leal, mas de toda a contextualização histórica da polémica que o opôs – juntamente com Fernando Pessoa e António Botto – à Liga de Acção de Estudantes de Lisboa.

com apenas 11 anos, ainda em Guimarães, dirigiu o *5 de Dezembro*, um pequeno jornal quinzenário, defensor da causa sidonista; com apenas 17 anos editou a *Elegia do Amor* de Teixeira de Pascoaes; com apenas 19 anos foi retratado por Almada Negreiros; com apenas 21 anos deixou uma obra poética singular que, no contexto do Neo-Romantismo lusitanista, o integra na melhor tradição lírica e elegíaca da poesia portuguesa.

Mas Guilherme de Faria acabou por ser esquecido, particularmente devido à sua morte tão prematura, às especificidades quase anacrónicas da sua poesia e à proximidade ideológica ao Integralismo Lusitano. É a sua vida e a sua obra que pretendemos resgatar dos escombros de oito décadas em que o esquecimento se impôs impiedosamente; é a sua vida e obra que pretendemos devolver à história da literatura portuguesa.

Assim, numa primeira parte, apresentamos a biografia de Guilherme de Faria, dividida em três capítulos:

> 1º – Uma breve contextualização do período que separa o Ultimato (1890) da proclamação da República (1910) antecede a narrativa possível da infância de Guilherme de Faria (1907-1919), em Guimarães, para a qual foi imprescindível o testemunho do P. José Carlos Simões[3].
>
> 2º – Segue-se a apresentação de uma narrativa biográfica de Guilherme de Faria em Lisboa, entre 1919 e o suicídio, no princípio de 1929, para a qual muito contribuiu a correspondência com o amigo Manuel de Castro[4] e o testemunho de Joaquim Paço d'Arcos[5].

---

[3] José Carlos Simões, «Um antigo aluno – O poeta Guilherme de Faria», *in O liceu de Guimarães (boletim anual)*, Ano II, 1940-1941, pp. 69-81.

[4] É muito interessante a história das cartas que Guilherme de Faria escreveu a Manuel de Castro (cf. Joaquim Paço d'Arcos, carta a Luís Forjaz Trigueiros, 16 Out. 1968, *in* Joaquim Paço d'Arcos, *Correspondência e textos dispersos 1942-1979*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2008, pp. 271-274). Utilizámos a transcrição dactilografada desta correspondência, que nos foi cedida por João Filipe Paço d'Arcos e que se encontrava no espólio do seu pai, Joaquim Paço d'Arcos.

[5] Joaquim Paço d'Arcos, «Destino e Obra do Poeta Guilherme de Faria», conferência pronunciada em 25 de Setembro de 1970, no Paço Ducal, a convite da Câmara Municipal de Guima-

3º – Finalmente, o registo da memória de Guilherme de Faria, entre a sua morte e o final do século XX.

Na segunda parte deste estudo, abordamos a obra poética de Guilherme de Faria, também em três capítulos:

1º – Reflexão sobre a sua estética num enquadramento histórico-literário mais abrangente, enquanto neo-romântico lusitanista. Procurámos estabelecer um sistema de referências intertextuais com os poetas e as poéticas que mais o influenciaram, numa perspectiva existencial e literária; tivemos em consideração o modo como Guilherme de Faria reflectiu sobre a poesia portuguesa e o modo como a história da literatura o acolheu e retratou; reflectimos, finalmente, sobre o lugar – a originalidade, o legado humano e literário – de Guilherme de Faria na história da literatura portuguesa, no contexto do Neo-Romantismo lusitanista de expressão integralista.

2º – Apresentação do catálogo da biblioteca do poeta, cuja leitura permite-nos estabelecer algumas relações importantes entre os processos de leitura e escrita num autor que, no período de uma década, escreveu e publicou sete livros de poesia e reuniu centenas de livros, através dos quais contactou com as principais obras e autores da literatura portuguesa.

3º – Proposta de leitura da poesia de Guilherme de Faria[6], de *Poemas* (1922) até *Desencanto* (1929), sem esquecer a edição da antologia *Saudade Minha (poesias escolhidas)*, com contributos hermenêuticos e uma contextualização da recepção dos seus livros na imprensa.

---

rães, separata da revista *Ocidente*, vol. LXXIX, Lisboa, 1970; *Pedras à Beira da Estrada* (vol. II), Lisboa, Guimarães Editores, 1971, pp. 329-386.

[6] Para a citação dos poemas de Guilherme de Faria que não foram incluídos na antologia *Saudade Minha (poesias escolhidas)*, de 1929 – SM[29] –, utilizamos naturalmente as primeiras edições, indicando eventuais alterações manuscritas pelo poeta nos exemplares que lhe pertenceram e remetendo para a transcrição dos poemas no Anexo 2. Para a citação de poemas incluídos na antologia, citamos sempre essa última versão, com referência à primeira edição de cada livro e à 3ª edição da antologia, de 2008: SM[08].

No que diz respeito ao espólio de Guilherme de Faria que conseguimos reunir, por se tratar de um acervo considerável, que carece de criteriosa análise e catalogação, optamos por uma utilização prudente ao nível da citação e da reprodução. Existem, contudo, centenas de documentos – particularmente as mais de cem cartas que Guilherme de Faria escreveu a António Hartwich Nunes[7] e os poemas inéditos que encontrámos em manuscritos autógrafos no espólio do poeta[8] – que não são aqui considerados, na medida em que entendemos que merecem um estudo autónomo e que a sua omissão não compromete a inteligibilidade da narrativa biográfica de Guilherme de Faria aqui proposta, nem a leitura hermenêutica e a contextualização histórico-literária da sua poesia.

Sob os escombros de oito décadas de esquecimento, a descoberta e recuperação de um conjunto de documentos dispersos, que constitui uma parte significativa da memória de Guilherme de Faria, permitiu lançar uma nova luz sobre a sua poesia, reeditada por ocasião do centenário do seu nascimento[9], e possibilitou dar uma nova voz aos testemunhos que o tempo silenciou.

[7] Estas cartas estão integradas num conjunto de documentos que testemunham a amizade entre Guilherme de Faria e António Hartwich Nunes e que nos foi cedido pelo seu filho, Eduardo Hartwich Nunes, em 2007.

[8] Estes poemas foram encontrados entre os documentos do irmão do poeta, Frei Francisco Leite de Faria, na Biblioteca Provincial da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, no Porto.

[9] Guilherme de Faria, *Saudade Minha – poesias escolhidas*, Maia, Cosmorama, 2ª ed., 2007; 3ª ed.: 2008.

Vida

O princípio desta narrativa, considerando-a protologicamente, é necessariamente mítico. Para Eduardo Lourenço, cada povo só o é por se conceber e viver justamente como destino, isto é, simbolicamente, como se existisse desde sempre e tivesse consigo uma promessa de duração eterna. "É essa convicção que confere a cada povo, a cada cultura, pois ambos são indissociáveis, o que chamamos 'identidade'."[10] Antes da plena consciência de um destino particular – que a memória revisita como crónica ou história propriamente dita –, um povo é já um futuro e vive do futuro que imagina para existir. A imagem de si mesmo precede-o, são "projectos, sonhos, injunções, lembrança de si mesmo naquela época fundadora que, uma vez surgida, é já destino e condiciona todo o seu destino. Em suma, mitos."[11]

Guilherme de Faria partilha a consciência de uma vida concebida e assumida justamente como destino; é um português reaportuguesado, o futuro que alguém imaginou; mas, nos labirintos da temporalidade, o poeta perdeu-se no passado e viveu do passado para existir.

[10] Eduardo Lourenço, *Portugal como Destino seguido de Mitologia da Saudade*, Lisboa, Gradiva, 1999, p. 9.
[11] *Id.*, *ibid.*, p. 10.

Capítulo 1

EM BUSCA DE UM TEMPO PERDIDO

1.1. *Do desterro da memória* | 1890-1910

Tendo em consideração essa dimensão mítica e protológica, sem a qual seria inconsequente qualquer abordagem à vida e obra de Guilherme de Faria, propomos uma contextualização do período que separa o Ultimato (1890) da proclamação da República (1910), uma leitura despretensiosa, orientada em função da vida de um poeta cujo retrato guarda uma densidade humana tão impressiva quanto desconhecida.

Em 1900, cerca de 5,5 milhões de portugueses viviam numa das "quatro pequenas monarquias encravadas entre os grandes Estados territoriais da costa atlântica da Europa"[12]. A sua história não difere muito da dos demais europeus: tal como eles, também os portugueses emigraram maciçamente para a América[13]; as catástrofes não os pouparam: cerca de 50 mil portugueses experimentaram directamente os horrores da Grande Guerra, o gás, as metralhadoras, os bombardeamentos, as trincheiras, os submarinos, os carros de combate, tudo o que a moderna indústria era capaz de produzir para a destruição maciça; os que tinham ficado em casa, depois de atormentados pela escassez de abastecimentos em 1917 e 1918, suportaram a 'gripe espanhola' de 1918-1919, causa de morte de cerca de 60 mil portugueses. Finda a guerra, uma inflação devastadora, de

[12] Rui Ramos, *A Segunda Fundação (1890-1926)*, *in* José Mattoso (dir.), *História de Portugal* (vol. 6), Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, p. 17.
[13] Entre 1885 e 1915, abandonara o País mais de um milhão de portugueses, o equivalente a um quinto da população de 1900 (cf. *id., ibid.*).

como não havia memória, subverteu em Portugal, tal como pelo resto da Europa, o modo de vida das classes médias[14].

O Reino de Portugal era, por volta de 1900, um Estado europeu normal que, como todos os outros, saíra do século XIX com uma constituição e caminhos-de-ferro. A política portuguesa também nada tinha de peculiar. Tal como os demais Estados constitucionais, também em Portugal, em 1900, "o Governo era disputado por dois grandes partidos parlamentares, um à esquerda, chamado 'Progressista', e outro à direita, chamado 'Regenerador'."[15]

Realmente estranha e paradoxal é a coexistência de um certo sentimento de isolamento em Portugal – um 'complexo de ilhéu'[16], nas palavras de António José Saraiva – e a persistente evidência de que é de nós próprios que estamos isolados: em 1900, viajar de Lisboa a Madrid era mais rápido e mais barato do que viajar de Lisboa a Bragança; do mesmo modo, em dois dias chegava-se a Paris ou a Londres, quando a viagem até Ponta Delgada demorava três dias[17].

De facto, ao contrário do que de algum modo o senso comum veicula, Portugal tomou conhecimento da maior parte das novidades tecnológicas e artísticas ao mesmo tempo que os outros países europeus[18]. E também é verdade que havia coisas em que os portugueses se sentiam precursores, como na abolição

---

[14] Cf. *id., ibid.*

[15] *Id., ibid.*, pp. 19-20.

[16] "Entre a Europa e Portugal, Castela tem funcionado como um deserto isolador, mais do que um espaço de ressonância e comunicação. Portugal é um oásis ou uma ilha, conforme o ponto de vista, porque de um lado o rodeia o deserto, do outro o mar. E a gente aqui prisioneira adquiriu um complexo de ilhéu, oscilando entre a aventura fora e a passividade dentro, ou ainda vivendo a aventura pela imaginação, sem sair do mesmo lugar. O ilhéu é um exilado, ou da sua terra ou do mundo. Deforma subjectivamente a realidade ausente; faltam-lhe as ocasiões para se medir com os seus vizinhos, isto é, com realidades humanas diferentes da sua, o que traz como consequência que ignora também as dimensões e limites da sua própria realidade. Isto vê-se em Portugal pela mitificação que geralmente aqui se faz do estrangeiro, designado frequentemente pela afirmação 'lá fora' (que sugere um sentimento de claustrofobia): lugar de delícias ou de perdição, conforme a inclinação do espelho deformador do sonho" (António José Saraiva, *A Cultura em Portugal* (vol. 2), Lisboa, Gradiva, 1996, pp. 79-82).

[17] Cf. Rui Ramos, *op. cit.*, p. 18.

[18] O automóvel chegou a Portugal em 1893 e em 1896 já o cineasta Aurélio da Paz dos Reis exibia as suas 'fotografias animadas' no Porto e em Braga (cf. *id., ibid.*, p. 22).

da pena de morte, decisão pela qual Portugal é felicitado por Victor Hugo, em 1867[19].

No entanto, Portugal parecia cada vez mais pequeno e fraco, se comparado com as potências europeias do princípio do século XX. "As glórias do 'progresso' não podiam esconder outras 'vergonhas'. Desde o fim do século, foram estas que mais intensamente se revelaram."[20]

Ao relatar a sua visita à Holanda, em 1885, Ramalho Ortigão[21] não pôde deixar de chocar os seus leitores com uma humilhante comparação: os portugueses eram pequenos e enfezados, se comparados com os latagões nórdicos, comedores de bifes. Na Holanda todos os pobres sabiam ler. Mas nada o impressionava tanto como as diferenças de higiene entre as aldeias portuguesas e as holandesas. Para Ramalho Ortigão, faltava a Portugal apenas educação e civismo. De facto, a questão era ainda mais simples: Portugal era mais pobre do que a Holanda e sempre o tinha sido.

Assim, não é de estranhar que, em 1885, quase metade dos mancebos presentes à inspecção militar tenham sido considerados inaptos por falta de altura, de peso ou de saúde. Por outro lado, também não se estranha que em 1890 os Portugueses constituíssem a população mais analfabeta da Europa Ocidental[22].

Por tudo isto, percebe-se que, para muitos, a prioridade consistia em alterar o modo como os portugueses viam o seu país. Com efeito, a maioria dos estados europeus teve no século XIX uma 'questão nacional'. Apesar de não partilharmos as mesmas circunstâncias, nem por isso a 'questão nacional' deixou de ser o ponto de vista pelo qual os problemas tenderam a ser discutidos entre 1890 e 1930[23].

---

[19] Cf. *id.*, *ibid.*
[20] *Id.*, *ibid.*, p. 23
[21] Cf. Ramalho Ortigão, *A Holanda*, Porto, Magalhães e Moniz Editores, 1885.
[22] Cf. Rui Ramos, *op. cit.*, p. 29.
[23] Cf. *id.*, *ibid.*, pp. 37-38.

Entre o terceiro centenário da morte de Camões, em 1880, e o Ultimato, de acordo com Luís Reis Santos (um dos líderes estudantis de 1890), ter-se-ia gerado "dentro da sociedade portuguesa um movimento colectivo, e nela surgiu o esboço de uma consciência nacional; assim se preparou o ambiente para o Portugal moderno poder corrigir as justificadas imperfeições da sua origem, reatar a sua verdadeira e gloriosa tradição, integrar-se no espírito criador da civilização europeia, colaborar com ele e tornar-se novamente, por este modo, senhor dos seus destinos."[24] Naturalmente, esta perspectiva fundava-se nas teorias correntes da história de Portugal divulgadas por Antero de Quental, Oliveira Martins e Teófilo Braga.

Talvez tenha sido esse "esboço de uma consciência nacional" que provocou a reacção ao Ultimato que, fundamentalmente, consistira numa nota entregue ao ministro dos Negócios Estrangeiros português pelo embaixador de Inglaterra em Lisboa, exigindo que Portugal ordenasse imediatamente a retirada de uma expedição militar que atacara alguns indígenas protegidos pelos ingleses na África Oriental, no Chire (actual Malawi). O Governo português cedeu, apesar de ter protestado e argumentado que o território africano em que o confronto se dera pertencia a Portugal. Desde a década de 1830, pelo menos, que os conflitos com Inglaterra por motivos das colónias eram pretexto para afirmações de patriotismo. Havia, aliás, uma espécie de tradição anti-inglesa, alimentada por ressentimentos históricos.

Em Janeiro de 1890 não só os ministros se indignaram. Na noite do dia 11, um milhar de pessoas percorreu as ruas de Lisboa e apedrejou as janelas da casa do ministro dos Negócios Estrangeiros. O governo demitiu-se[25].

No Porto, a resistência ao Ultimato significou a consagração cívica de Antero de Quental. Eleito presidente da Liga Patriótica do Norte, Antero passaria

[24] Luís Reis Santos, «O movimento republicano e a consciência nacional», *in* Luís de Montalvor (ed.), *História do regímen republicano em Portugal*, Lisboa, Ática, 1930-32, p. 261.
[25] Cf. Rui Ramos, *op. cit.*, pp. 38-39.

algumas noites a ver desfilar cortejos com archotes diante da casa onde estava hospedado. Ao contrário do que se passava em muitos países, onde o herói nacional era geralmente um chefe militar, em Portugal, no centro do culto patriótico estava também um escritor.

O destaque dos escritores e da imprensa não era um acidente. "Decorria, logicamente, do modo como a imprensa e a literatura se conceberam e foram utilizadas como um elemento de organização da sociedade na segunda metade do século XIX."[26] De facto, ser escritor era então uma boa recomendação para obter protecções e cargos na 'nação intelectual' em que as letras eram um requisito para o sucesso político e em que os homens mais respeitados eram escritores[27]. Com efeito, não há um único político importante na segunda metade do século XIX que não tenha nome e bibliografia no *Dicionário bibliográfico português*[28], de Inocêncio Francisco da Silva.

A geração de 70, constituída por figuras como Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Teófilo Braga, Oliveira Martins, Guerra Junqueiro, João de Deus ou Antero de Quental, comportava-se como uma *intelligentsia*, no sentido que os escritores russos deram à palavra no século XIX, e detinha uma enorme influência cultural e política. Com efeito, a razão por que os escritores 'dissidentes' se tomavam tão a sério era porque, objectivamente, eram levados muito a sério. "Lê-los não é consultar os desabafos privados de gente que ninguém compreendia, mas ir à fonte daquilo que todos repetiam."[29]

Em *As modernas ideias na literatura portuguesa*[30], súmula da história da sua própria geração, "Teófilo declarou que 'o sentimento da nacionalidade' era a 'maior força de Portugal'. O País havia de levantar-se, não através de recursos

[26] *Id.*, *ibid.*, p. 43.
[27] Cf. *id.*, *ibid.*, p. 44.
[28] Inocêncio Francisco da Silva, *Dicionário bibliográfico português* (24 vol.), Lisboa, IN-CM, 1999-2003.
[29] Rui Ramos, *op. cit.*, p. 60.
[30] Teófilo Braga, *As modernas ideias na literatura portuguesa*, Porto, 1892.

materiais, mas graças a um 'impulso moral', à intuição de um grande destino'."[31] O intelectual aparece assim como representante do 'génio nacional'.

Do ponto de vista económico, um escritor como Eça de Queirós merecia, em 1900, cerca de 20 a 25% do preço de venda do livro. Os seus editores estavam dispostos a pagar 200 mil réis por um romance, o dobro da remuneração anual de um contínuo do governo civil em 1908[32]. Ainda assim, nem todos os autores podiam gabar-se dessas quantias. Mas apesar do tamanho do mercado português condicionar naturalmente os rendimentos dos escritores, Camilo Castelo Branco, que em 1862 recebia 144 mil réis por livro, publicou entre 1860 e 1890 uma média de três volumes por ano.

No princípio do século XX os Lello chegaram a dispor das melhores oficinas gráficas europeias. Entre 1919 e 1930 publicaram-se cerca de mil livros por ano em Portugal, entre os quais um terço eram obras literárias. Em 1919, o escritor e editor Fernando Pessoa calculava que uma edição de mil exemplares, vendida completamente num ano, daria à empresa um lucro de cerca de 50% do capital investido; os lucros líquidos poderiam chegar aos 25%.

Não deixa de ser impressionante que em Lisboa existissem 54 livrarias em 1919, sobretudo se tivermos em consideração que a taxa de analfabetismo em Portugal rondava os 75% e que o mercado português não era popular, ou seja, o livro caro vendia-se melhor do que o livro mais barato[33].

No que diz respeito à exaltação patriótica, a comemoração do terceiro centenário da morte de Camões, em 1880, tivera – nas palavras de Fialho de Almeida – o triste condão "de despertar na província o instinto de paródia, e não haver agora o propósito ridículo em honra do qual não saiam à rua, de estandarte ao

[31] Rui Ramos, *op. cit.*, p. 65.
[32] Cf. *id.*, *ibid.*, p. 45.
[33] Cf. *id.*, *ibid.*, pp. 46-47. Sobre a importância da imprensa durante este período cf. pp. 47-54.

vento, as filarmónicas, os gaiatos de asilo e uma ou outra associação de sapateiros."[34] Em 1890, aquando do Ultimato, a 'exaltação patriótica' era já uma instituição no País.

Dois anos depois, Manuel Pinheiro Chagas pousava o livro de poemas *Só* do jovem António Nobre e, muito patrioticamente, desesperava:

> "Estes poetas agora fazem uma lamúria babosa, têm sempre na boca Nossa Senhora, rezam pelas suas contas, não usam senão diminutivos – a *sombrinha* da árvore, e o António *sãozinho*, e a menina *purinha* [...]. Se a geração a que pertence o Sr. António Nobre está efectivamente naquela afinação, ou antes, naquela desafinação suprema!, se está dessa forma desossada como os versos desarticulados dos poetas das escolas novas, decadente, deliquescente, fatigada sem ter trabalhado, enervada sem ter lutado, que pífia geração, que geração sifilizada e dessorada, sem músculos e sem sangue, que tem que carregar com o peso das grandes tradições do passado e dos graves problemas do futuro! É uma geração incapaz de lutas e revoluções, de trabalho científico e de esforço moral."[35]

No entanto, uma coisa era óbvia e Manuel Pinheiro Chagas não o notou: a geração a que pertencia António Nobre, a geração dos tais versos decadentes, era a mesma que em 1890 fizera comícios, fundara jornais e recolhera donativos para levantar a pátria. Dela saíram quase todos os líderes republicanos de 1910. A geração de António Nobre era a mesma de Afonso Costa e António José de Almeida, aliás seus colegas na Universidade de Coimbra. Nobre era um republicano amigo do exilado José Sampaio Bruno, que anos mais tarde lhe editaria os versos póstumos[36].

---

[34] Fialho de Almeida, *Pasquinadas*, Porto, 1904, p. 216.
[35] *Apud* Guilherme de Castilho, *Vida e Obra de António Nobre*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1979, p. 133.
[36] Cf. António Nobre, *Despedidas*, Porto, 1902.

Importa referir que a população estudantil concentrava-se nos centros urbanos, no caso do ensino superior apenas em três cidades, formando, particularmente em Coimbra, quase uma ordem social à parte; além disso, não se tratava de um grupo indiferenciado, mas de uma elite recrutada de um meio social homogéneo[37] e com justificadas expectativas de vir a ser a futura classe dirigente. A classe estudantil desempenha assim um importante papel na reacção ao Ultimato e não é irrelevante que a turbulência estudantil de 1890/91 tenha coincidido com um considerável aumento do número anual de matrículas na Universidade de Coimbra.

António Nobre, o autor do *Só*, aquando do Ultimato, estava em Coimbra, onde o pai, um rico comerciante do Porto, o pusera a estudar Direito. A gripe, porém, impediu-o de participar nas manifestações que, pouco depois, considerara "uns esbanjamentos de pátria"[38]. Nobre era um patriota mas, influenciado pela geração de 1870, herdara o desprezo pelo estado, pela administração e pela universidade[39].

Em 1895 o poeta frequentava romarias pelo Norte do País, essas "festas ingénuas, arraiais, danças, procissões, sermões do Sr. Abade"[40]. O seu confidente Alberto d'Oliveira quis fazer teoria com esse pretenso temperamento místico de António Nobre[41]; em 1894, com os ensaios de *Palavras loucas*, Alberto d'Oliveira pretendia lançar uma 'literatura portuguesa nova', que preconizasse um regresso às tradições, ao folclore, aos velhos pergaminhos, às lendas e tradições históricas e populares. Para patrono escolheu Almeida Garrett e recomendou que em Portugal os poetas deviam emigrar para as aldeias[42].

---

[37] Entre 1891 e 1901, 75% dos estudantes de Coimbra eram filhos de 'proprietários', magistrados, funcionários e gente de profissões liberais (cf. Rui Ramos, *op. cit.*, p. 300).
[38] António Nobre, *Correspondência*, Lisboa, IN-CM, 1982, p. 88.
[39] Cf. *id.*, *ibid.*, p. 133.
[40] *Id.*, *ibid.*, p. 258.
[41] Cf. Alberto d'Oliveira, *Palavras loucas*, Porto, Livraria Civilização, 1984, pp. 113-120.
[42] Cf. *id.*, *ibid.*, pp. 157-165 (cf. Fernando Guimarães, «Guilherme de Faria ou a outra saudade», *in Cosmorama* 07, p. 49).

No entanto, António Nobre só leu *Os Lusíadas* em 1896 e nunca se preocupou em parecer coerente. Os seus arrebatamentos pelos arraiais populares eram subitamente interrompidos pela evidência de que a paisagem rural portuguesa era 'grosseira' e de que preferia o ambiente aristocrático parisiense. Com efeito, o seu pessimismo não desaparecera. Em 1898 desabafava: "Realmente só acredito que sou compatriota de Vasco da Gama e do Luís quando olho este nosso mar. País perdido! Para sempre! E sem prestígio nenhum. Que melancolia a nossa!"[43] Aos trinta anos era tão volúvel e instável como um adolescente; lia Voltaire com o mesmo entusiasmo que, beatificamente embevecido, dedicava à *Imitação de Cristo*.

No *Só*, em vez de precursor do saudável Neogarretismo que Alberto d'Oliveira teorizaria em 1894, Nobre inventou a forma literária exacta para a sua ambiguidade. O seu método consistiu na debruagem de notas realistas sobre um tecido fundamentalmente mítico. A poesia das ermidas e romarias não impede o desprendimento irónico: "Nada me importas, País! [...] Que desgraça nascer em Portugal!"[44] O *Só*, que Júlio Dantas chamaria '*Os Lusíadas* da nossa decadência', vive do entrançamento de dois registos: a saudade da infância e a consciência de que é impossível regressar.

António Nobre deu aos seus leitores a subtil e delicada fórmula, mistura de cepticismo e patriotismo, que iria moldar a relação dos portugueses educados com o país em que viviam. Com efeito, o livro de Camões constituía a projecção mítica de uma identidade que se realizava nos versos de António Nobre; Portugal foi sempre mais o *Só* do que *Os Lusíadas* e isso constitui, de algum modo, a lânguida dramaticidade de um destino que falta cumprir, indefinidamente.

Os homens da 'vida nova', de Oliveira Martins a João Franco, tinham formulado o problema político português de uma maneira impossível. Para eles, o

[43] António Nobre, *Correspondência*, p. 374.
[44] *Id.*, *Só*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2000, p. 172.

poder em Portugal só podia continuar a ser exercido democraticamente, isto é, no quadro de um Estado em que os governos fossem responsáveis perante a nação. No entanto, para realizar a 'vida nova', estes políticos precisavam de uma nação que não existia. Oliveira Martins, em 1892, e João Franco, tanto em 1897 como em 1908, saíram do palco político a amaldiçoar a indiferença dos seus compatriotas. De todas as vezes, quem venceu foi o velho José Luciano de Castro, o chefe do último dos partidos 'tradicionais' (ironicamente chamado 'progressista'), o homem que para a 'vida nova' era o cacique dos caciques.

Quando Guilherme de Faria nasceu, em 1907, João Franco procurava montar uma 'reacção monárquica', obrigando a família real a exibir-se em desfiles militares e a viajar pelo País com alguma publicidade. Mas era tarde. A conjuntura – devidamente documentada[45] – falava de uma morte lenta e agónica da monarquia. A família real não era uma glória nacional, nem um princípio, mas apenas um expediente. Este é talvez o mais importante facto relativo à monarquia portuguesa: "era uma monarquia de republicanos, no sentido em que quase toda a gente, mesmo entre os líderes dos partidos do Governo, achava a 'república', no sentido ideal definido por Antero de Quental, um regime superior à monarquia."[46]

Apesar de não nos determos na complexa conjuntura política e económica que separa o Ultimato (11 de Janeiro de 1890) do Regicídio (1 de Fevereiro de 1908), importa referir que Guilherme de Faria nasceu numa fase de profundo desgaste do governo de João Franco, no Outono de 1907, e tinha quatro meses quando, no Terreiro do Paço, Manuel Buíça e Alfredo Costa assassinaram o rei D. Carlos e o príncipe D. Luís Filipe.

Em 1910, na manhã do dia 5 de Outubro, alguns membros do directório do Partido Republicano Português entraram no edifício da Câmara Municipal de Lisboa, subiram ao andar superior, vieram à varanda e, perante uma pequena

[45] Cf. Rui Ramos, *op. cit.*, pp. 93-123.
[46] *Id.*, *ibid.*, p. 101.

multidão, proclamaram a República. A meio da tarde, na praia da Ericeira, o rei D. Manuel II – acompanhado pela sua mãe, a rainha D. Amélia, e pela sua avó, a rainha D. Maria Pia – partiu para a colónia inglesa de Gibraltar, donde no dia 16 de Outubro seguiria para Inglaterra. A monarquia portuguesa conhecia assim um fim prosaico.

Numa fotografia de 7 de Outubro de 1910, encontramos Guilherme de Faria na Póvoa de Varzim, um dia depois de completar três anos; por várias razões, não deixa de ser curioso que exista esse documento cronologicamente tão próximo da proclamação da República, diante do mesmo mar em cuja ondulação um Rei abandonou a pátria e um Poeta abandonou a vida.

1.2. *A voz remurmura saudades da infância* | 1907-1919

Guilherme Augusto Pessanha de Sequeira Braga Leite de Faria nasceu em Guimarães, num domingo, a 6 de Outubro de 1907, no Largo de S. Francisco, freguesia de S. Sebastião[47]. Foi o quinto filho de António Baptista Leite de Faria e de Lúcia Eduarda Pessanha de Sequeira Braga Leite de Faria, que casaram na Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães, no dia 14 de Novembro de 1901. O casal teve dezanove filhos[48], dos quais apenas dez sobreviveram ao primeiro ano de vida[49].

Guilherme de Faria foi baptizado no dia 13 de Outubro. Lê-se no assento de Baptismo[50], manuscrito pelo Prior João Antunes Gomes:

> "Aos 13 dias do mês de Outubro de 1907, na Igreja Paroquial de S. Sebastião, conselho de Guimarães, diocese de Braga, com autorização minha, o presbítero Francisco Leite de Faria baptizou solenemente o indivíduo do sexo masculino a quem dei o nome de Guilherme Augusto, que nasceu nesta freguesia às 7 horas do dia 6 de Outubro de 1907, filho legítimo de António Baptista Leite de Faria, Doutor em medicina, natural da freguesia de S. Pedro de Azurém, subúrbios desta cidade, e de Dona Lúcia Eduarda de Sequeira Braga Leite de Faria, senhora de casa, natural de Miranda do Douro, recebidos na dita de S. Pedro de Azurém, paroquianos nesta de S. Sebastião, moradores na Praça de Dom Afonso Henri-

[47] Registo Civil de Guimarães, Freguesia de São Sebastião, 1907, n.º 57.
[48] 1. Maria Emília (morreu criança); 2. António (23-03-1904 – 17-11-2000); 3. Miguel (09-06-1905 – 28-09-1969); 4. Maria Benedicta (morreu criança); 5. Guilherme (06-10-1907 – 04-01-1929); 6. José (19-03-1909 – 06-02-1979); 7. Francisco (24-07-1910 – 02-12-1995); 8. João (morreu criança); 9. Maria Eduarda (morreu criança); 10. Margarida (30-10-1913 – 20-11-1965); 11. Abel (morreu criança); 12. Luís (01-09-1915 – 17-11-1986); 13. Maria Ana (morreu criança); 14. Maria de Lourdes (morreu criança); 15. Nuno (11-12-1919 – 19-11-1931); 16. João (morreu criança); 17. Maria Teresa (04-03-1923); 18. Leonor (19-08-1924 – 09-05-1966) e 19. Isabel (morreu criança).
[49] No princípio do século XX a taxa de mortalidade infantil em Portugal era muito elevada. Em 1910 morriam 209 em cada mil crianças durante o primeiro ano de vida (cf. Instituto Nacional de Estatística: www.ine.pt).
[50] Paróquia de S. Sebastião, 1907, n.º 87.

ques, neto paterno de João Baptista Leite de Faria e de Dona Emília Rosa Vieira de Faria e materno de António Augusto Fernandes Braga e de Dona Maria da Glória de Sequeira Braga. Foi padrinho o Doutor Guilherme Augusto Fernandes Braga, solteiro, médico e proprietário, representado por seu bastante procurador o Excelentíssimo Senhor Conselheiro António Augusto Fernandes Braga, casado, Desembargador da Relação do Porto, e madrinha Dona Amélia Elisa Dias Braga, solteira, proprietária, representada por sua bastante procuradora Dona Maria da Glória Sequeira, casada, proprietária, os quais todos sei serem os próprios."

A família de Guilherme de Faria desempenha um importante papel na formação da sua personalidade. A sua avó paterna, Emília Rosa Vieira de Faria[51] (1840-1901), marca o vínculo a Guimarães, tendo nascido e morrido na Casa da Burnaria, enquanto o seu avô paterno, João Baptista Leite de Faria[52] (1833-1911), era natural de S. Jorge de Vizela, Felgueiras. Trata-se de um núcleo familiar muito denso e enraizado. Não basta referir que se tratava de uma família abastada, de proprietários rurais de S. Pedro de Azurém, Guimarães; com efeito, falamos de uma família minhota, telúrica, tradicional, católica e conservadora, com propriedades, influência e com justificadas expectativas sociais, económicas e políticas[53].

O avô materno do poeta, o Conselheiro António Augusto Fernandes Braga[54] (1843-1926), depois de uma passagem por Miranda do Douro – onde em 1881 nasceu Lúcia Sequeira Braga –, desempenhou funções de juiz da comarca de Guimarães até 1902; pelo assento de baptismo de Guilherme de Faria sabemos que em 1907 era Desembargador da Relação do Porto; terminou a sua carreira

[51] Cf. Anexo 1, p. 4.
[52] Cf. Anexo 1, p. 4.
[53] Isso explica que o pai de Guilherme de Faria, António Baptista Leite de Faria, tenha podido estudar na Universidade de Coimbra num tempo em que os estudantes universitários portugueses eram pouco mais de mil, o que correspondia a cerca de 2 estudantes universitários por cada 10 mil habitantes (cf. Rui Ramos, *op. cit.*, p. 301).
[54] Cf. Anexo 1, p. 4.

como vice-presidente do Supremo Tribunal de Justiça de Lisboa. A avó materna, Maria da Glória da Cunha Pessanha de Sequeira Braga[55] (1854-1948), era natural de Viseu e o seu pai era também juiz. Trata-se, naturalmente, de uma família abastada e influente, de proprietários e magistrados.

O pai de Guilherme, António Baptista Leite de Faria[56], nasceu em Guimarães, na Casa do Retiro (S. Pedro de Azurém), no dia 20 de Abril de 1870. Estudou Medicina na Universidade de Coimbra[57]; especializou-se em Paris em doenças pulmonares e foi um dos organizadores do 1º Congresso Nacional da Tuberculose, em 1895. Em Coimbra, António Baptista conheceu dois futuros presidentes da I República – Sidónio Pais[58], de quem se torna amigo e médico pessoal, e António José de Almeida –, para além de outras figuras marcantes do primeiro quartel do século XX, como é o caso do médico Egas Moniz, seu colega na Faculdade de Medicina.

Concluídos os estudos, António Baptista Leite de Faria regressa a Guimarães onde exerce medicina e, no princípio do século, funções de vice-presidente da Câmara Municipal[59]. António Baptista estava já noivo quando conheceu Lúcia, que era 11 anos mais nova. Casaram no dia 14 de Novembro de 1901, na Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães[60].

O prestigiado nome da família Leite de Faria, os contactos da família Sequeira Braga, os conhecimentos profissionais e as amizades que fez em Coimbra, tornam António Baptista uma pessoa influente. Com efeito, tornar-se-ia um dos mais reconhecidos especialistas no combate à tuberculose e seria médico pessoal de inúmeras personalidades do seu tempo; ainda assim, não cobrava as

[55] Cf. Anexo 1, p. 4.
[56] Cf. Anexo 1, pp. 5-7.
[57] Cf. Anexo 1, p. 5.
[58] Cf. Anexo 1, p. 32. Sobre Sidónio Pais, cf. Armando Malheiro da Silva, *Sidónio e Sidonismo* (2 vol.), Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006.
[59] Cf. «Carta de Guimarães», *A Pátria*, 27-29 Nov. 1901.
[60] Cf. Anexo 1, p. 6.

consultas a quem não podia pagá-las e empenhava-se em inúmeras obras de apoio aos mais desfavorecidos.

No Outono de 1918 António Baptista Leite de Faria parte para Lisboa, enquanto a família permanece em Guimarães por mais um ano. O motivo desta mudança pode estar relacionado com a situação que se vivia em Portugal nos meses difíceis do fim da Grande Guerra, com um surto anormal de doenças e epidemias[61]. Nestas circunstâncias, é natural que Sidónio Pais se tenha lembrado do seu companheiro de Coimbra e médico pessoal, que era um dos mais distintos especialistas no combate à tuberculose, e tenha insistido na sua ida para Lisboa.

António Leite de Faria conheceu Oliveira Salazar provavelmente através do movimento católico dos primeiros tempos da República ou quando este se candidatou a deputado pelo círculo católico de Guimarães em 1921, região onde a família Leite de Faria tinha grande influência. Foi o início de uma longa amizade entre o médico e o estadista, naturalmente reforçada em Lisboa, a partir do final da década de 20.

Em 1941, o distintíssimo médico[62] publica *Memórias Clínicas*[63], um interessante livro que é dedicado à memória de Guilherme de Faria[64] e que reúne casos clínicos, discursos, conferências e comunicações a sociedades médicas e em congressos de medicina nacionais e internacionais[65]. Em 1948 morre o Padre

[61] "As mortes por doença em Lisboa, só entre fins de 1917 e fins de 1918, excedem em muito as baixas em combate durante a guerra nas três frentes em que Portugal se empenhou" (António José Telo, *António de Faria*, Lisboa, Edições Cosmos, 2001, p. 16).
[62] É deste modo que o considera Joaquim Paço d'Arcos: "Fui seu cliente, durante as minhas permanências em Lisboa, desde que comecei a frequentar a sua casa, até ele abandonar a prática profissional, e não posso deixar de evocar aqui a sua memória com gratidão e respeito" (Joaquim Paço d'Arcos, *op. cit.*, p. 334).
[63] António Leite de Faria, *Memórias Clínicas*, Lisboa, 1941.
[64] "À memória do meu querido filho, o poeta Guilherme de Faria. Pouco tempo antes de nos deixares mergulhados na dor de te perdermos, pediste-me que não deixasse de publicar este livro, há muito delineado. Venho cumprir a promessa feita."
[65] A publicação é anunciada na primeira página do *Diário de Lisboa*, 11 Mar. 1941.

Cruz, com quem António Baptista Leite de Faria manteve uma longa amizade que se intensificou no último período de vida do prelado[66].

Os pais de Guilherme de Faria celebraram em 1951 o quinquagésimo aniversário de casamento e receberam em Roma a bênção de Pio XII[67]. Na década de 50, já octogenário, o Dr. António Baptista Leite de Faria mantinha a sua actividade profissional entre o consultório do Chiado e o Hospital de Jesus, de que foi um dos fundadores. Morreu em Guimarães no dia 13 de Novembro de 1957, com 87 anos.

A mãe de Guilherme de Faria, Lúcia Eduarda Pessanha de Sequeira Braga Leite de Faria[68], nasceu em Miranda do Douro, no dia 20 de Novembro de 1881. O poeta era, pela parte da mãe, descendente de Manuel Pessanha, um genovês que D. Dinis encarregara de reorganizar a incipiente armada portuguesa e a quem concedeu o título de Almirante de Portugal em 1317[69]; e parente afastado de Camilo Pessanha[70].

Trata-se, com efeito, de uma mulher admirável, que merece este comentário de Joaquim Paço d'Arcos: "Pela grande família e por todos nós velava com suave bondade a senhora D. Lúcia, mãe daquele rancho alegre de que o Guilherme era o terceiro varão."[71]

Morreu em Guimarães, no dia 10 de Janeiro de 1969, com 87 anos que lhe permitiram chorar a morte do marido e de 13 dos seus 19 filhos.

---

[66] Cf. António José Telo, *op. cit.*, p. 14.
[67] Este acontecimento foi noticiado no *Diário Popular*, 14 Nov. 1951.
[68] Cf. Anexo 1, pp. 6-7.
[69] Cf. Joel Serrão (dir.), *Dicionário de História de Portugal* (vol. III), Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1971, pp. 375-376.
[70] Cf. José Benedito de Almeida Pessanha, *Os Almirantes Pessanhas e sua descendência*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1923.
[71] Joaquim Paço d'Arcos, *op. cit.*, p. 335.

Entre os irmãos de Guilherme, destaca-se António Leite de Faria[72] (1904-2000), que foi um dos mais notáveis diplomatas portugueses, contando-se no seu percurso duas passagens pelo Brasil, primeiro como jovem secretário de Embaixada, depois como Chefe de Missão; e duas estadas em Londres, em plena Segunda Guerra Mundial e, já no final da sua carreira, como Embaixador; foi Director-Geral dos Negócios Políticos e da Administração Interna e Embaixador nos Países Baixos, na NATO, em Paris e na Santa Sé[73].

Miguel Leite de Faria[74] (1905-1969) foi médico e Director da Companhia de Seguros Sagres; os livros da biblioteca de Guilherme ficaram na sua posse. José[75] (1909-1979) foi o irmão mais próximo do poeta, não só pela idade, mas pela amizade e cumplicidade que os uniam[76]. Francisco[77] (1910-1995) foi um importante franciscano capuchinho[78], cuja vida religiosa ficou marcada pela vocação missionária e por um trajecto académico verdadeiramente notável, materializado numa vasta obra que fez dele um dos mais importantes bibliógrafos europeus da sua geração e "uma das mais operosas autoridades em matéria de bibliografia nacional"[79].

Ainda em Guimarães nasceram Margarida[80] (1913-1965) e Luís[81] (1915-1986). Quando a família já residia em Lisboa nasceu Nuno[82] (1919-1931), um

---

[72] Cf. Anexo 1, p. 8.
[73] Cf. Jaime Gama, «Introdução», *in* António José Telo, *op. cit.*, p. 9.
[74] Cf. Anexo 1, p. 8.
[75] Cf. Anexo 1, p. 8.
[76] Importa referir, neste contexto, que foi a José que Guilherme de Faria escreveu as últimas palavras, pedindo-lhe que cuidasse da edição de *Desencanto* e da antologia *Saudade Minha (poesias escolhidas)*, e revelando o suicídio.
[77] Cf. Anexo 1, p. 8.
[78] Cf. Fernando Negreiros, «Frei Francisco Leite de Faria. Uma vida ao serviço da investigação e da cultura», *in Estudios Franciscanos* 99, 1998, pp. 185-196. Encontrámos no seu espólio – na Biblioteca Provincial da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, no Porto – um importante conjunto de documentos de Guilherme de Faria, entre os quais um considerável número de poemas manuscritos autógrafos.
[79] António Valdemar, *Diário de Notícias*, 12 Dez. 1995.
[80] Cf. Anexo 1, p. 8.
[81] Cf. Anexo 1, p. 8.
[82] Cf. Anexo 1, p. 9.

menino que ficou cego e morreu com apenas 11 anos, e a quem Guilherme de Faria dedica um comovente poema de *Sombra* (1924)[83]. Maria Teresa[84] (1923) e Leonor[85] (1924-1966) foram as filhas mais novas de António e Lúcia Leite de Faria.

A infância de Guilherme é passada em Guimarães. Para além de algumas fotografias[86], resta-nos uma interessante descrição do P. José Carlos Simões, que foi seu professor na Escola Académica: Guilherme era um rapaz "mexido e turbulento, de corpo franzino, olhos vivos e ardentes, ligeiramente estrábicos, que varavam, através dos vidros duns grandes óculos, a alma das pessoas, procurando penetrar no íntimo de cada um."[87]

A família de António e Lúcia Leite de Faria vivia, então, no n.º 145 da Rua de Santo António, quase em frente ao edifício onde estava instalada a Escola Académica, dirigida pelo P. José Maria da Silva. Guilherme, "quando encontrava uma aberta na vigilância da mãe, fugia da casa dos pais para a convivência com os padres da Escola. [...] Aí se matriculou depois, na Instrução Primária, onde já frequentavam o curso liceal os seus irmãos mais velhos."[88]

Mas, como realça o P. José Carlos Simões, as lições não o preocupavam demasiadamente[89]. "O que verdadeiramente o interessava, nesta fase da vida,

---

[83] Guilherme de Faria dedicou-lhe estes admiráveis versos: "A luz do teu olhar anoiteceu…// Quando as nuvens extensas e esmaiadas,/ Alagam todo o azul diáfano do céu,/ E há sombras a ondular, nocturnas, desoladas,/ A luz do teu olhar anoiteceu" (Guilherme de Faria, *Sombra*, Lisboa, 1924, pp. 29-30; SM[08], p. 36).
[84] Cf. Anexo 1, p. 9.
[85] Cf. Anexo 1, p. 9.
[86] Cf. Anexo 1, pp. 10-13.
[87] José Carlos Simões, *op. cit.*, p. 69.
[88] *Id.*, *ibid.*
[89] "Tinha sempre uma desculpa original para as censuras que porventura os mestres lhe faziam, pelo seu pouco cuidado. Não me esqueço daquela tarde, em que, indo nós em passeio com os alunos para o lado da Amorosa, em conversa amena, à sombra duma carvalheira frondosa, eu o quis convencer a aplicar ao estudo. 'Menino – lhe dizia eu –, isto vai mal. O paizinho está desgostoso e vai internar-te no Colégio, onde ficas preso todo o ano.' O Guilherme olhava-me com aqueles olhos vivos e, a sorrir, responde-me sem titubear: 'Olhe que isso deve ser delírio' e, dando meia volta, corre para a brincadeira." *Id.*, *ibid.*

era comandar soldados, rapazes como ele, de vistosas fardas de papel e que lhe chamavam o *Kaiser*, nome que lhe não desagradava, e lhe obedeciam cegamente."[90] Era então aluno semi-interno.

Guilherme de Faria estudou num estabelecimento de ensino dos jesuítas num período em que os padres começavam a ser insultados na rua e em que os clubes republicanos prosperavam na animosidade anticlerical. Por esses dias Miguel Bombarda escreveu livros a exigir a deportação para uma ilha deserta ou o internamento em manicómios de todos os jesuítas, que ele considerava uma raça degenerada[91]. O anti-jesuitismo funcionou, de facto, como o equivalente português do anti-semitismo que, desde o fim do século XIX, se tornara um dos principais temas da política de massas na Áustria e na Alemanha. Com efeito, era fácil pôr a população das cidades a perseguir os padres e a assaltar conventos, como se viu em Outubro de 1910[92].

Mais do que as consequências de um longo processo de secularização, assistia-se em Portugal a um movimento social de 'descristianização'[93], de que meios como Guimarães estariam, porventura, mais resguardados. Percebe-se que António Baptista Leite de Faria tolerasse a República por argumentos ideológicos e laços geracionais, mas tornava-se difícil conciliar esta opção política com uma vivência profundamente cristã, num período de grande animosidade dos republicanos contra a Igreja.

Por outro lado, o método dos republicanos não era o dos filósofos, mas o dos religiosos, e o seu fim era também a fundação de uma nova religião: a da pátria. Isto é muito interessante, na medida em que, em Portugal, houve sempre uma espécie de cristianismo nacionalista que, na sua ambiguidade, permitiu que a

[90] *Id.*, *ibid.*, p. 71.
[91] Miguel Bombarda, *A ciência e o jesuitismo*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1900, p. 188.
[92] Cf. Rui Ramos, *op. cit.*, pp. 404-406.
[93] Cf. *id.*, *ibid.*, pp. 407-409.

mundividência, a liturgia, a semântica ou, simplesmente, o paradigma de inteligibilidade especificamente cristão tenha sido utilizado pelos 'messias seculares' da República como meta-religião, antiteologia ou crença substituta. A monarquia e a Igreja, que no final do século XIX sofriam de apatia ou autismo, deixaram o vácuo onde a República procurou criar a sua mitologia, a que não faltou visão profética ou textos canónicos. Assim, desenvolveu uma linguagem própria, um idioma característico, e reciclou símbolos, insígnias, metáforas e cenários dramáticos[94].

A República procurou instituir uma religião patriótica dos portugueses. Coube a Ana de Castro Osório a redacção de um decálogo onde, como não poderia deixar de ser, o "primeiro dever de um português é amar Portugal acima de tudo"[95]. A pátria esperava devoção absoluta do novo cidadão da República portuguesa. Passou-se a falar de patriotismo como até então nunca se falara e, aproveitando as campanhas da imprensa estrangeira contra o regime e as bases galegas das incursões de Paiva Couceiro[96], em 1911 e 1912, a imprensa republicana passou a considerar uma traição à pátria qualquer crítica ao Governo. "A oposição política, um dos elementos fundamentais da monarquia constitucional, encontrava-se, assim, fora da lei – isto é, fora da nação –, no regime republicano."[97] Curiosamente, apesar de estarem no governo, os chefes republicanos continuaram a empenhar-se na propaganda, como se estivessem na oposição.

O patriotismo foi, assim, uma forma de Governo, enquanto a instrução primária foi a catequese da República, numa terra em que eram instituídos festejos e comemorações, e em que o culto da bandeira e do hino puseram D. Afonso Henriques a combater em Ourique sob as cores da República e ao som d'*A Portuguesa*.

---

[94] Cf. George Steiner, *Nostalgia do Absoluto*, Lisboa, Relógio d'Água, 2003, pp. 12-14.
[95] Ana de Castro Osório, *De como Portugal foi chamado à guerra*, Lisboa, 1918, p. 98.
[96] Cf. Anexo 1, p. 41.
[97] Rui Ramos, *op. cit.*, p. 417.

Num período de hegemonia de Afonso Costa, em que Paiva Couceiro organizou duas incursões inconsequentes em Trás-os-Montes e D. Manuel II se acomodou a um luxuoso exílio em Richmond (Londres), as pessoas mais conservadoras, como António Baptista Leite de Faria, ainda que simpatizassem com a República, não suportavam Afonso Costa. Este sentimento intensificou-se nos anos da Grande Guerra, em que se agravaram as já duras provações políticas, sociais e económicas. Com efeito, à agitação parlamentar e à depressão económica veio juntar-se o desejo de paz como elemento da consciência conservadora; os partidos políticos eram responsabilizados pela crise geral e reclamava-se um governo autoritário capaz de restabelecer a paz interna e externa. Esse estado de espírito – partilhado por António Baptista e, consequentemente, por Guilherme de Faria – é denunciado nas palavras de Fernando Pessoa: "Que diabo de independência nacional tem um desgraçado país que é internacionalmente um feudo da Inglaterra, que é nacionalmente um feudo do antiportuguês Afonso Costa… Um Portugal onde internacionalmente só se pode ser inglês; onde nacionalmente só se pode ser francês…?"[98]

Guilherme de Faria celebra 10 anos em Outubro de 1917, entre as primeiras aparições de Fátima e os obuses da Grande Guerra e da revolução bolchevique, num período pontuado por conflitos entre o Estado e a Igreja[99], pela agitação social e política, por greves e revoltas que resultam em centenas de mortos, feridos e presos.

É neste contexto que Sidónio Pais, no dia 8 de Dezembro de 1917, anuncia que a República vencera a demagogia e promete parar a 'desordem no poder' e restabelecer o 'império da lei'[100]. Estas palavras terão sido um sinal de esperança

[98] *Apud* José Adelino Maltez, *Tradição e Revolução – Uma biografia do Portugal Político do século XIX ao XX* (vol. II), Lisboa, Tribuna da História, 2005, p. 230.
[99] O bispo do Porto, D. António Barroso, é expulso da diocese no dia 21 de Junho e o patriarca de Lisboa no dia 31 de Agosto de 1917.
[100] Ainda sobre Sidónio Pais e sobre o Sidonismo, cf. José-Augusto França, *op. cit.*, pp. 15-37; Rui Ramos, *op. cit.*, pp. 616-618.

para António Baptista e para todos os que, como ele, eram cristãos, conservadores e encontravam-se divididos entre uma fidelidade histórica à monarquia e o fascínio que sentiam, desde 1890, pelo republicanismo ideal de Antero. Sidónio corrobora as suas expectativas quando, a 14 de Janeiro de 1918, admite que há monárquicos entre os seus apoiantes, mas na simples condição de 'pessoas honestas'. O único intuito do Presidente era, nas suas palavras, "acabar com os ódios que dividem a família portuguesa"[101].

Viajando pelo País no seguimento do seu triunfo, em Janeiro de 1918, Sidónio tomou o entusiasmo que todos lhe demonstravam como a disponibilidade do País para uma reforma profunda. E para isso não bastava desembaraçar-se de Afonso Costa; o primeiro obstáculo eram os partidos, por isso Sidónio quis substituí-los por um 'partido constituído por todos', que reunisse os "homens de bem para bem servir a pátria"[102]; o segundo obstáculo era o regime parlamentar, que Sidónio sempre desprezou.

A República Nova pretendia ser uma república para todos, mas na prática, mais do que um novo ideário político, o seu funcionamento resultava de improvisações face às dificuldades na gestão de uma base de apoio unida apenas pela negativa, pelo ódio a Afonso Costa.

Abandonada a ideia de formar o seu 'partido nacional republicano', Sidónio Pais afirma que o meio de realizar a 'integração de todos os portugueses num movimento nacional' é o 'presidencialismo'. Com efeito, eleito presidente da República por sufrágio universal, a 28 de Abril de 1918, Sidónio declarou-se 'chefe de todos os portugueses', 'mandatário da nação', legitimado não só pelo sufrágio, mas sobretudo pelo transcendental facto de que a sua "consciência interpreta milhões de consciências"[103].

---

[101] Sidónio Pais, *Um ano de ditadura. Discursos*, Lisboa, Biblioteca de Acção Nacionalista, 1924, p. 46.
[102] *Id.*, *ibid.*, p. 51.
[103] *Id.*, *ibid.*, p. 61.

Sidónio Pais aproveita então a 'religião patriótica' dos portugueses em cuja missão a República se gastou desde 1910. Ele, que nunca usara uniforme, vestiu a farda e rodeou-se de um aparato e etiqueta sem precedentes, nem mesmo no tempo da monarquia. Todas as aparições públicas passaram a ser precedidas pelo hino nacional, executado por bandas militares. Mais do que ninguém, cuidou do culto da bandeira e do hino da República[104].

Durante o ano de 1918, Sidónio Pais esforçou-se por ser visto e ouvido por todo o lado. Assistiu a cerimónias religiosas e visitou os hospitais durante as epidemias de tifo e de gripe. No dia 15 de Janeiro, o Presidente esteve em Guimarães, no Regimento de Artilharia 20, e certamente ter-se-á encontrado com o seu amigo dos tempos de Coimbra e médico pessoal. Guilherme de Faria tinha, então, apenas 10 anos e podemos imaginar o que esse acontecimento terá representado na sintaxe do seu imaginário.

No ano lectivo de 1917/18 frequenta o 1º ano no Liceu de Martins Sarmento. Nesse período, entusiasmado com a figura de Sidónio Pais e com a República Nova, Guilherme de Faria fala entusiasticamente, em comícios improvisados, aos companheiros de liceu, proclamando-se ardente patriota e político. Não tinha ainda 11 anos e, vencendo todas as dificuldades e oposições, funda um jornal destinado a defender obstinadamente o Presidente e a República. Saiu em 22 de Agosto de 1918 o primeiro número do *5 de Dezembro*[105]. Guilherme de Faria era o director deste quinzenário 'Defensor da Causa Sidonista'. No dia 12 de Janeiro de 1919, pouco depois do assassinato de Sidónio Pais, termina a curta existência do *5 de Dezembro*.

Se os primeiros artigos ainda se ressentiam de alguma inexperiência e pouca idade, a sua qualidade foi melhorando progressivamente. Na apresentação, Guilherme de Faria estabelece o propósito do *5 de Dezembro*: "Ao fundar este jor-

[104] Cf. Francisco Rocha Martins, *Memórias sobre Sidónio Pais*, Lisboa, Edição do ABC, 1921, p. 255.
[105] Cf. Anexo 1, p. 13.

nal proponho-me defender unicamente três ideais sublimes que são a base da educação dum povo e cuja memória jamais me será ingrata – Deus, Pátria e República."[106]

Mais tarde, Guilherme de Faria adere ao Integralismo Lusitano. Com efeito, amara a República na figura de Sidónio Pais que, por evidente influência paterna, o fascina desmesuradamente[107].

António Baptista Leite de Faria parte para Lisboa em Outubro de 1918, dois meses antes do assassinato de Sidónio Pais, a 14 de Dezembro, no final de um ano não menos conturbado do que o anterior. A morte do Presidente e o regresso da República Velha constituem para Guilherme de Faria inexcedíveis fatalidades históricas[108]. No último número do *5 de Dezembro* escreve sentidamente:

> "Neste momento verdadeiramente trágico, mais que nunca é necessária a união de todos os republicanos sinceros, de todos os patriotas verdadeiros, em torno da bandeira da Pátria, para assim continuarmos, com patriotismo e entusiasmo, a obra grandiosa e profundamente republicana do homem que foi o Presidente Mártir, Herói e Santo, o maior português dos tempos actuais."[109]

Percebemos nestas palavras a densidade emocional do poema «À Memória do Presidente-Rei Sidónio Pais» de Fernando Pessoa, publicado na *Acção* em Fevereiro de 1920, onde se lê: "Flor alta do paul da grei,/ Antemanhã da Reden-

[106] Guilherme de Faria, *5 de Dezembro*, 22 Ago. 1918.
[107] O mesmo aconteceu com o irmão mais velho de Guilherme, António de Faria, que acompanhou o pai numa das frequentes visitas ao Palácio de Belém; tinha então 14 anos, mas guardou na memória a pequena estatura do Presidente, o aspecto magro e porte militar, realçado por um uniforme impecável e, sobretudo, por uma atitude e linguagem gestual comedida e espartana (cf. António José Telo, *op. cit.*, p. 17).
[108] Há interessantes testemunhos do sentimento de comoção que resulta do assassinato de Sidónio Pais, como o de Abílio Maya: *Na morte de Sidónio Pais* (Tui, 1919).
[109] Guilherme de Faria, *5 de Dezembro*, 12 Jan. 1919.

ção,/ Nele uma hora encarnou el-rei/ Dom Sebastião."[110] São também de 1920 dois sonetos inéditos que Guilherme de Faria dedica à memória de Sidónio Pais. Num dos sonetos, intitulado «Salvem a Pátria!»[111], o jovem poeta, com apenas 12 anos, escreve num tom enfático:

> "Gelada noite. A Pátria está a expirar.
> Tudo está envolto por um negro manto:
> Todos estão cegos já, d'amargo pranto.
> Não existe um só raio de luar…
>
> No túmulo sagrado, vetusto e santo,
> Os antigos valentes estão a falar:
> (Escutai! Escutai! – Milagre sacrossanto!)
> São eles que gritam: 'Ressurgir! Acordar!'
>
> Ó ardente e vibrante e linda mocidade!
> Ó almas em flor, almas de fresca idade!
> – Proclamai o bem e eliminai o mal!
>
> Os heróis impávidos do tempo d'outrora,
> Ordenam que se vista a Pátria d'aurora,
> Ordenam que se salve o velho Portugal!"

Num soneto intitulado «À memória de Sidónio Pais»[112] percebe-se a força do 'mito': "O Presidente, logo de manhã,/ Ao desabrochar ridente do dia, […]

[110] Fernando Pessoa, «À Memória do Presidente-Rei Sidónio Pais», *in Acção*, n.º 4, 27 Fev. 1920. Sobre a abordagem sebastianista à figura de Sidónio Pais, cf. António Machado Pires, *D. Sebastião e o Encoberto – estudo e antologia*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982, pp. 232-239.
[111] Guilherme de Faria, «Salvem a Pátria!» (soneto inédito), Out. 1920.
[112] *Id.*, «À memória de Sidónio Pais» (soneto inédito), 1920 (cf. Anexo 1, p. 32).

Logo ia visitar os pobrezinhos,
Tristes como as aves sem os ninhos,
Logo ele os ia alegre consolar…

– Para mim, há muito que ele é um santo,
Um herói e um mártir sacrossanto,
E no meu peito já tem um altar!"

Durante o ano lectivo de 1918/19, Guilherme e José são alunos internos na Escola Académica. O P. José Carlos Simões considera que o internato fora para Guilherme de Faria um tormento, na medida em que se vira manietado pela disciplina escolar. "Ficavam-lhe os domingos e feriados para a sua natural expansão. Contudo o rapaz era estimadíssimo, pois que a sua educação fina e amabilidade natural mantinham os nervos em equilíbrio."[113]

No dia 20 de Março de 1919, Guilherme de Faria escreve ao pai uma carta que dificilmente conseguimos imaginar escrita por uma criança de 11 anos[114]:

> "Na verdade, o braço de todo o português honrado é, e sempre foi, 'Deus e Pátria!', ideal sacratíssimo, em que o meu querido Pai, ontem, na sua proveitosa carta, tanto me falava, animando-me com a honradez e nobreza de carácter que sempre lhe é própria, para sempre ser um respeitoso e fervoroso crente, e o que lhe prometo solenemente debaixo da minha honra, porque sem o ser estava irremediavelmente perdido. Ser-se crente na Religião Sagrada de Cristo é, na verdade, a missão mais nobre que existe.
>
> Agora que já falei em Deus e Pátria, ideais sem os quais uma nacionalidade não pode viver, falta-me falar num ideal também que é, sem dúvida, o regime mais perfeito para a salvação duma nação, «República!», sim República, mas uma República como a que nos governou em 5 de Dezembro e não uma República

[113] José Carlos Simões, *op. cit.*, p. 72.
[114] Trata-se do manuscrito autógrafo mais antigo que se conhece de Guilherme de Faria (cf. Anexo 1, pp. 12-13).

como durante 7 anos nos governou e que hoje, devido à infame e traiçoeira 'Couceirada', nos governa, por infelicidade também[115]. Isso não é República: são banditismos sobre banditismos, infâmias sobre infâmias. A sua obra de perseguição à Igreja já começou. Ao passo que durante um ano, durante o governo do nosso grande Sidónio Pais, a Igreja, o Povo, respiravam o ar da sagrada Liberdade. Deus queira que em breve uma revolução purificadora, em que a alma Sidonista seja a *alma-mater*, nos liberte."[116]

A antipatia pelo Partido Democrático transformou-se num ódio figadal após o homicídio de Sidónio Pais. Num incendiário artigo publicado no jornal *A Situação*, dirigido por Botelho Moniz, Guilherme de Faria levanta acesa polémica quando ameaça derrubar o governo. Naturalmente, quando se revelou que esse artigo fora escrito por uma criança de 11 anos, este episódio ganhou contornos de anedota[117].

A precocidade intelectual de Guilherme de Faria não se manifestou apenas na sua implicação política ou no modo como dirigiu um jornal quinzenário com apenas 11 anos. Com efeito, de acordo com o testemunho do P. José Carlos Simões, foi "ainda estudante em Guimarães que ensaiou os primeiros voos na poesia"[118]. Narra, a esse propósito, um episódio em que Guilherme de Faria lia os seus primeiros versos à condessa de Paço Vieira e, já nas suas primeiras

[115] No dia 19 de Janeiro de 1919, Paiva Couceiro proclama a monarquia no Porto. Durante um mês tentou avançar sobre o resto do país, mas sem sucesso. Como atentamente Guilherme de Faria nota na sua carta, escrita apenas dois meses depois da proclamação da monarquia no Porto, Paiva Couceiro ficou com a fama de mais uma vez, como em 1911 e 1912, ter salvo a República, ao provocar a união dos republicanos para a defesa do regime (cf. Rui Ramos, *op. cit.*, pp. 619-620). Sobre a vida de Paiva Couceiro, cf. Vasco Pulido Valente, *Um herói português: Henrique Paiva Couceiro*, Lisboa, Alêtheia, 2006.
[116] Guilherme de Faria, carta dirigida ao pai, 20 Mar. 1919.
[117] Cf. José Carlos Simões, *op. cit.*, p. 73.
[118] *Id*, *ibid.*, p. 71.

composições, impressionava a "precocidade doentia" de um "rapazinho tão novo com ideias tão fora da sua idade"[119].

Porém, datam de 1920 os mais antigos poemas manuscritos encontrados no espólio do poeta. E um testemunho de Lopes Correia sugere que foi com 12 anos, já em Lisboa, na convalescença de uma febre tifóide, que Guilherme de Faria escreveu os primeiros versos[120].

É em Outubro de 1919 que a família se junta a António Baptista, em Lisboa, instalando-se num amplo e acolhedor 2º andar do n.º 11 da Rua da Horta Seca[121], junto ao Largo de Camões[122], que correspondia a um andar do antigo palácio de Vanzeller[123].

Ainda que Guilherme de Faria não o tenha percebido imediatamente, a partida para Lisboa representa o fim de um tempo mítico, que irá povoar o seu imaginário poético até ao último dia, quase dez anos depois. Na sua vida, quase sempre entendida como um exílio, a infância em Guimarães tem um sentido protológico, edénico e telúrico; por outro lado, Lisboa seria a 'Babilónia portuguesa', a cidade amada e odiada de que o poeta se tornou irremediavelmente cúmplice, da Brasileira do Chiado[124] ao Cais do Sodré, da boémia ao suicídio.

De Guimarães, Guilherme de Faria leva consigo um certo paradigma de ruralidade e tradição, assim como a memória de um passado heróico, de um lugar granítico e tutelar. Com efeito, Portugal e Guilherme de Faria partilham o mesmo berço; o poeta cresceu e brincou à sombra do castelo, carpindo mágoas

---

[119] Cf. *id.*, *ibid.*, p. 71.
[120] Lopes Correia, *Acção*, Jan. 1931.
[121] Cf. Anexo 1, p. 27.
[122] Cf. Anexo 1, p. 27.
[123] Esta casa foi alugada em 1919 pela quantia mensal de 200$ que é, no contexto, uma quantia muito significativa – basta para isso referir que em 1919 o salário diário agrícola rondava 1$10 e um operário ganhava por dia pouco mais que 2$ (cf. José Pacheco Pereira, *As lutas operárias contra a carestia de vida em Portugal: A greve geral de Novembro de 1918*, Porto, Portucalense Editora, 1971, p. 179).
[124] Cf. Anexo 1, p. 28.

de um imaginário antigo, guardando o fundo mítico de uma infância em que foi guerreiro e trovador. Guimarães permanece no universo onírico de Guilherme de Faria como um lugar distante, um reduto de autenticidade; e se o mar assegura, na biografia do poeta, um sentido escatológico, Guimarães ilumina protologicamente essa voz que "remurmura/ Saudades da infância"[125].

[125] Guilherme de Faria, *Destino*, Lisboa, 1927, p. 60; SM[08], p. 120.

Capítulo 2

UMA DÉCADA DE TEMPO COMUM

2.1. *Sombra de amor, de sonho e desventura* | 1919-1923

A partir de 1919, na chamada 'nova República velha' por contraste com o período sidonista, Lisboa muda rapidamente. Surgem fenómenos novos na velha capital, marcada pelos 'loucos anos 20', pelo clima de euforia do pós-guerra, pelo escândalo dos novos costumes, pelos figurinos das modas importados de Paris, pelos excessos dos novos-ricos, pela contestação política ao regime e pela radicalização de franjas importantes da sociedade. "Tudo era pontuado por frequentes golpes de Estado e intervenções militares, por uma inflação galopante até 1925 e por uma actividade política intensa e cheia de episódios caricatos, onde o tinir das espadas servia de música de fundo."[126] É neste contexto que a numerosa família de Guilherme de Faria se instala em Lisboa.

Pouco sabemos acerca do quotidiano familiar entre 1919 e 1922. A mãe de Guilherme de Faria parte grávida para Lisboa, onde em Dezembro nasce Nuno, o oitavo filho do casal. António e Miguel, os filhos mais velhos, definem os seus trajectos escolares em função dos estudos em Direito e Medicina, respectivamente; Guilherme, José e Francisco foram matriculados no Liceu Passos Manuel[127], de onde Guilherme foi expulso em 1922, supostamente "por ter agredido um professor que tinha o dobro do seu tamanho e que, no seu entender, fora injusto com ele"[128].

[126] António José Telo, *op. cit.*, p. 18.
[127] Cf. Anexo 1, p. 28.
[128] Joaquim Paço d'Arcos, *op. cit.*, p. 332.

Sabemos que o interesse de Guilherme de Faria pela poesia aumentou significativamente em Lisboa. Existem vários poemas manuscritos autógrafos datados de 1920 e 1921. Nesse contexto, a figura de Alfredo Pimenta[129], parente afastado, é determinante, na medida em que acolhe o jovem poeta e exerce sobre ele uma intensa influência no âmbito do Tradicionalismo e na adopção de convicções monárquicas e integralistas[130]. Este testemunho, escrito logo depois do seu suicídio, transporta-nos até uma distante tarde de 1921:

> "Nasceu poeta, naturalmente poeta, como nasceu com os cabelos pretos e os olhos pretos. E nasceu poeta, para viver, toda a vida, a vida de poeta – emaranhado na teia sedutora e perigosa das quimeras doiradas que resplandecem como estrelas e enamorado da voz misteriosa das sereias que, preso de pés e mãos, Ulisses ouvira, perdido e vencido...
>
> E bem curta, no entanto, foi essa vida de poeta, do poeta Guilherme de Faria. Dez anos durou ela, – que o seu primeiro livro é de 1921[131], e o túmulo fecha-se sobre o corpo frágil, quando, há três meses ainda, fizera 21 anos.
>
> No nosso tempo, há dois casos singulares de precocidade mental: o de João Ameal, que ainda era um petizito e já mandava para *O Dia* artigos que ninguém supunha feitos por tão verdes anos; e o de Guilherme de Faria que aos 14 anos

[129] Alfredo Pimenta (1882-1950) nasceu em Guimarães e licenciou-se em Direito na Universidade de Coimbra. Foi anarquista, republicano e acabou por defender, a partir de 1915, o Integralismo Lusitano. Monárquico-integralista, católico-fideísta e partidário do corporativismo fascista, foi jornalista, professor liceal, deputado, director do Arquivo Central de Guimarães e da Torre do Tombo; foi polemista, historiador, ensaísta e poeta. Cf. Anexo 1, p. 40.

[130] Essa influência é referida por Anrique Paço d'Arcos: "O Guilherme de Faria, que sofria então grande influência do Alfredo Pimenta, dera-me a conhecer os versos deste poeta, alguns na verdade belos e todos quase sempre de forte originalidade" (Anrique Paço d'Arcos, «Voz nua e descoberta», *in Poesias Completas*, Lisboa, IN-CM, 1993, p. 261). Em dois artigos muito polémicos publicados no jornal *O Povo de Aveiro*, em 3 e 10 de Fevereiro de 1929, Alfredo Pimenta é acusado de exercer uma "influência mais do que nefasta, criminosa" sobre o "espírito assaz sugestionável" de Guilherme de Faria, "vertendo nele as doutrinas corrosivas do pessimismo fatal, que havia de conduzi-lo à morte prematura, a despeito das suas crenças religiosas" (cf. *O Povo de Aveiro*, 3 Fev. 1929).

[131] Com efeito, o primeiro livro de Guilherme de Faria – *Poemas* – foi publicado no dia 28 de Abril de 1922. Pode tratar-se de uma imprecisão ou Alfredo Pimenta pode querer dizer que o livro foi escrito e preparado para publicação em 1921.

me aparecia com versos que poetas consagrados não podiam enjeitar – pela técnica, e pela sensibilidade.

Não sei porquê, recordo-me, agora, com nitidez de minúcias, da primeira vez que me leu os seus versos, há oito anos, e da última vez que falámos, oito dias antes de morrer.

Foi na redacção do *Correio da Manhã* do saudoso e bem querido Aníbal Soares, que o Guilherme de Faria me procurou, para submeter ao meu juízo, o original do seu primeiro livro. De calção e peúga, aquela criança maravilhara-me com a maneira como dizia os seus versos e com os versos que me lia. Perfeitos? Não.

Aconselhei toques, supressões, demonstrando-lhe a razão do meu proceder, e acabei por lhe dizer: 'feito isso, publique, porque é melhor do que muitos livros que por aí andam louvados e exaltados'. E desde esse momento, o Guilherme de Faria ficou sendo, para mim, o Poeta. Publicou o seu livro – *Poemas*, e sentiu-se acarinhado."[132]

Guilherme de Faria publica *Poemas* em Abril de 1922. Trata-se de uma colecção de oito poesias que trazia já a marca de um pessimismo muito característico, que não passou despercebido à crítica que, ainda assim, o acolhe com benevolência. César de Frias escreveu a esse propósito: "O que é de desejar é que o moço vate despoje o seu espírito da negra túnica que o envolve. Desnudo, em contacto com a luz clara e vibrante da vida, há-de então vê-lo subir, subir tanto e tão alto como aspira no soneto final do livro. Essa ascensão é possível dentro da vida. É-o, de certeza. Dentro da morte é que não a garante ninguém."[133]

Não podiam imaginar os críticos que acolheram na imprensa o primeiro livro de Guilherme, que as suas palavras aceitavam inconscientemente a fatalidade que marcaria o futuro do poeta. Joaquim Manso escreveria no *Diário de Lisboa*: "É um poeta de catorze anos que já interroga a vida. Não se compraz na alegria

[132] Alfredo Pimenta, «Quatro escritores vimaranenses. 1) O poeta Guilherme de Faria», *in Páginas Minhotas*, Lisboa, Organizações Bloco, 1950, pp. 37-38.
[133] César de Frias, *O Século*, 20 Maio 1922.

porque a dor se lhe afigura companheira inseparável dos seus desejos e esperanças. Esperamos que se engane."[134]

Por seu lado, Câmara Lima consagrou-lhe, no *Correio da Manhã*, um artigo de louvor e também de crítica pertinente, tocada por alguma ironia; refere-se a Guilherme de Faria como 'menino-prodígio', exalta-lhe "a vocação e a boa metrificação, quase impecável", mas incita-o: "Cante a sua alma viva, o seu coração vivo, a sua crença viva, enfim, todas aquelas coisas a que o sr. passa certidão de óbito antes de tempo."[135]

O documento mais interessante sobre a sua vida durante o período que decorre entre 1922 e 1929 é, sem dúvida, «Destino e obra do poeta Guilherme de Faria» de Joaquim Paço d'Arcos[136]. Aí, um "depoimento pessoal leva-nos ao Outono remoto de 1922"[137].

Expulso do Liceu Passos Manuel, Guilherme é transferido para o Liceu Pedro Nunes[138]. Joaquim Paço d'Arcos, de regresso a Lisboa depois de três anos vividos com a família em Macau, é inscrito no mesmo liceu. Da sua turma do 5º ano faziam parte, entre outros, "Paulo Cunha, que viria a ser Professor de Direito e Ministro dos Negócios Estrangeiros, Francisco de Lucena, sobrinho da Purinha do Nobre [...], Manuel de Castro [...] e, *last but not the least*, o Guilherme de Faria"[139]. Recorda Joaquim Paço d'Arcos: "Quando nos reunimos, nesse primeiro dia de aulas, o Guilherme de Faria completava exactamente quinze anos [...]. Mas já era Poeta publicado, pois meses antes, atirara para as montras

[134] Joaquim Manso, *Diário de Lisboa*, 2 Maio 1922.
[135] Câmara Lima, *Correio da Manhã*, 9 Jun. 1922.
[136] Joaquim Paço d'Arcos (1908-1979). Na sua infância viveu em Angola e Macau, atravessou os EUA e conheceu o Sul da China; com 20 anos foi para São Paulo, no Brasil, onde trabalhou como antiquário e jornalista. Em França, em 1931, escreve o seu primeiro romance: *Herói Derradeiro*. Entre 1936 e 1960, dirigiu os serviços de imprensa do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Romancista, novelista, contista, dramaturgo, ensaísta e poeta, Joaquim Paço d'Arcos é autor de uma vasta obra. Cf. Anexo 1, p. 54.
[137] Joaquim Paço d'Arcos, *op. cit.*, p. 331.
[138] Cf. Anexo 1, p. 28.
[139] *Id.*, *ibid.*

do Chiado um primeiro livro de oito poesias que intitulara singelamente *Poemas*."[140]

No Outono de 1922, com 15 anos, Guilherme era "um rapaz extremamente precoce. De altura menos que meã, uma forte cabeleira negra, olhos muito negros e vivos por detrás de umas lentes fortes que não lhe ofuscavam, todavia, o brilho."[141] Trata-se do mesmo rapaz que o P. José Carlos Simões descrevera como "mexido e turbulento, de corpo franzino, olhos vivos e ardentes, ligeiramente estrábicos, que varavam, através dos vidros duns grandes óculos, a alma das pessoas, procurando penetrar no íntimo de cada um."[142] E se, em Guimarães, as lições não o preocupavam demasiadamente, em Lisboa, como aluno, Guilherme "não prestava a menor atenção à matéria dos estudos nem fazia qualquer esforço para a fixar"[143]. Afirmado como Poeta, desinteressara-se totalmente dos estudos. Refugiava-se no Jardim da Estrela, onde recitava sonetos de Antero de Quental, poemas de Gomes Leal e poesias suas. "Trazia já uma grande bagagem literária e era ela, e o sonho indefinido, que lhe povoavam a mente"[144].

De certo modo aceite pela crítica, Guilherme de Faria passa a frequentar a Brasileira do Chiado, de onde praticamente se vê a porta da casa onde vivia, na Rua da Horta Seca. No histórico café, na mesa do fundo, sentavam-se Teixeira de Pascoaes, Vitoriano Braga e Gualdino Gomes; "apareciam sempre, à tarde,

---

[140] *Id.*, *ibid.*, p. 332.
[141] *Id.*, *ibid.*
[142] José Carlos Simões, *op. cit.*, p. 69.
[143] Joaquim Paço d'Arcos, *op. cit.*, p. 332.
[144] *Id.*, *ibid.* A propósito do desinteresse de Guilherme para os estudos, transcrevemos este curioso apontamento de Joaquim Paço d'Arcos, sobre uma aula de Desenho de Leitão de Barros em que deveriam fazer um desenho geométrico e copiar uma figura de gesso: "O Guilherme tentou, o melhor que pôde, fazer o primeiro. Sentindo, todavia, a imperfeição do trabalho, juntou-lhe estas palavras: 'O desenho vai à guisa de esboço. Que Sua Ex.ª o Professor haja por bem perdoar a estultícia pictural do n.º 23'. Quanto à figura de gesso, nem se deu ao trabalho de esboçá-la. Preencheu o papel com a seguinte citação em verso: '*Sei lá pintar,/ Sei lá dar cor./ Se eu soubesse pintar era pintor.// Fausto Guedes Teixeira*'" (*id.*, *ibid.*, p. 333).

Raul Brandão, João Correia d'Oliveira, Francisco Lage, Alfredo Cortês, Mário Beirão"[145].

Neste contexto, os cafés transformam-se em cenáculos culturais, nos quais se integram escritores e artistas, de acordo com afinidades pessoais e estéticas. Para George Steiner, "a Europa é feita de cafetarias, de cafés. Estes vão da cafetaria preferida de Pessoa, em Lisboa, aos cafés de Odessa frequentados pelos gangsters de Isaac Babel. Vão dos cafés de Copenhaga, onde Kierkegaard passava nos seus passeios concentrados, aos balcões de Palermo. [...] Desenhe-se o mapa das cafetarias e obter-se-á um dos marcadores essenciais da *ideia de Europa.*"[146]

Com efeito, Guilherme de Faria e os seus amigos sentiam-se legitimamente no centro de uma realidade extraordinária, habitada por grandes poetas, animada por tertúlias e incendiada por polémicas, com ponto de encontro definido e hora marcada[147].

Entre os companheiros de Guilherme de Faria e dos irmãos António e Miguel, que frequentavam a casa da Rua da Horta Seca, destacam-se Tito Arantes, João da Câmara[148], Manuel de Castro e o seu primo Vasco Teles da Gama, os Paço d'Arcos, os Margaride, António Hartwich Nunes[149], Edgar Lima, Eduardo Brasão[150] e António Pedro[151].

---

[145] *Id.*, *ibid.*, p. 334

[146] George Steiner, *A Ideia de Europa*, Lisboa, Gradiva, 2005, p. 28.

[147] Sobre o Chiado na década de 20, cf. José-Augusto França, *op. cit.*, pp. 82-85.

[148] João da Câmara (1905-1978) foi jornalista e locutor de rádio, neto do notável dramaturgo D. João da Câmara (1852-1908) e pai do fadista Vicente da Câmara. Cf. Anexo 1, p. 59.

[149] António Hartwich Nunes (1905-1966), irmão de Emmérico Nunes, foi um dos amigos mais próximos de Guilherme de Faria. Foi cônsul de Portugal em Haia e desempenhou diversas funções no Secretariado de Propaganda Nacional. Realizou-se profissionalmente em diferentes domínios, mas revelou sempre uma enorme sensibilidade e interesse pelas artes plásticas e pela poesia. Cf. Anexo 1, p. 58.

[150] Eduardo Brasão (1907-1987) foi diplomata e historiador. Escreveu as memórias do seu pai, o reconhecido actor Eduardo Brasão – *Memórias de Eduardo Brasão* (1925) – e, depois de duas obras de ficção – *Telas* (1925) e *Maria do Mar* (1928) –, dedicou-se sobretudo à história diplomática. Licenciou-se em Direito na Universidade de Coimbra em 1929. Entre 1935 e 1974, no Ministério dos Negócios Estrangeiros, desenvolveu uma notável carreira como diplomata e historiador. Cf. Anexo 1, p. 54.

Em Novembro de 1922, Guilherme de Faria publica *Mais Poemas*. Este segundo livro é dedicado a Alfredo Pimenta, que recorda:

> "Passados tempos, voltou com novo original. Depois de algumas observações, disse-lhe: 'e, agora, não precisa de consultar ninguém; tem asas magníficas; voe à sua vontade!' E saiu o seu segundo livro – *Mais Poemas*, que me é consagrado. Desvaneceu-me profundamente o facto, porque nenhum outro livro seu tem consagração pessoal."[152]

Importa, neste contexto, destacar a amizade que unia Guilherme de Faria e Anrique Paço d'Arcos[153], que escreve em «Voz nua e descoberta»[154]: "Os meus primeiros contactos literários em Lisboa foram com o Guilherme de Faria, no Liceu Pedro Nunes, companheiro de meu irmão Joaquim e por este trazido ao nosso convívio."[155] E continua: "O facto de o Guilherme, com quinze anos, ser já autor de dois livros publicados – *Poemas* e *Mais Poemas* –, terá influído certamente no meu desejo de dar também à estampa um livro de minha autoria."[156] A proximidade entre os dois jovens poetas neste período é marcada por um

[151] António Pedro (1909-1966), em cerca de 40 anos de actividade criativa, escreveu poesia – onze livros dispersos, desde *Os meus 7 pecados-capitais* (1926) até ao *Protopoema da Serra de Arga* (1949), uma espécie de romance poético intitulado *Apenas uma narrativa* (1942) e vários ensaios de estética, incluindo a teatral; pintou quadros, fez escultura e cerâmica, fundou (nos anos 30) a primeira galeria de arte moderna em Portugal, dirigiu uma revista de vanguarda – *Variante* (1942). António Pedro foi, "durante os anos de guerra ao microfone da BCC, a voz dos portugueses que recusavam o monstro nazi-fascista, exaltado pela propaganda oficial do regime a que sempre se opôs [...], fez jornalismo, animou o movimento surrealizante do pós-guerra – até que, pelos fins da década de 40, trocou tudo isto pelo teatro. E a ele dedicou exclusivamente (ou quase: em 1951-52 houve um parêntese consagrado à cerâmica) os últimos quinze anos da sua vida" (Luiz Francisco Rebello, «Prefácio», *in* António Pedro, *Teatro Completo* [vol. 1], Lisboa, IN-CM, 1981, p. 10). Cf. Anexo 1, pp. 56-57

[152] Alfredo Pimenta, «Quatro escritores vimaranenses. 1) O poeta Guilherme de Faria», p. 38.

[153] Anrique Paço d'Arcos (1906-1993) foi um notável poeta que António Cândido Franco situa numa segunda geração poética saudosista, sucessora da que em 1912 fora a 'Nova Poesia Portuguesa'. O seu saudosismo revela-se sobretudo desde *Divina Tristeza* (1925), livro que guarda o tom elegíaco que já se encontra em *Versos sem Nome* (1923). A poesia de Anrique Paço d'Arcos encontra-se reunida no volume *Poesias Completas* (Lisboa, IN-CM, 1993). Cf. Anexo 1, p. 53.

[154] Anrique Paço d'Arcos, «Voz nua e descoberta», pp. 253-277.

[155] *Id.*, *ibid.*, p. 261.

[156] *Id.*, *ibid.*

quotidiano em que os livros e a literatura constituem um factor de união: "Tínhamos então, meus irmãos, eu, o Guilherme e outros, a mania de encadernar livros em brocado, restos de paramentos que comprávamos em antiquários."[157]

Anrique Paço d'Arcos "viria a ser o discípulo bem amado de Teixeira de Pascoaes"[158] e foi Guilherme quem os apresentou[159]. Anrique recorda-o: "Foi o Guilherme de Faria quem nos revelou, a meus irmãos e a mim, os versos de Pascoaes. E para mim foi bem uma revelação. Em breve ele nos apresentou ao Poeta, numa mesa da Brasileira do Chiado onde de futuro por dias sucessivos passámos a abancar, na roda de outros jovens como nós seduzidos pela forte e original personalidade do grande Poeta"[160].

Há outra passagem muito interessante das memórias de Anrique Paço d'Arcos:

> "Nessa minha fugaz incursão nos meios literários uma falha se verificou de que hoje guardo verdadeiro desgosto: não ter conhecido Fernando Pessoa. Lembro-me vagamente de o ter visto uma vez a uma mesa do Martinho da Arcada, quando ali entrei com o Guilherme para este comprar cigarros. Mas então nem literariamente o conhecia ainda, e para sempre o perdi."[161]

Entretanto, a amizade entre os dois jovens poetas esmoreceu, vítima de 'problemas sentimentais' que afastaram Anrique da poesia e dos amigos[162], mas sobretudo vítima da sua amizade com Teixeira de Pascoaes[163], com quem Gui-

---

[157] *Id.*, *ibid.*, p. 262.
[158] Maria José Teixeira de Vasconcelos, *Na Sombra de Pascoaes*, Lisboa, Veja, 1993, p. 68.
[159] Cf. *id.*, *ibid.*
[160] Anrique Paço d'Arcos, «Recordação de Teixeira de Pascoaes», *in Pascoaes*, Lisboa, Secretaria do Estado da Cultura e IN-CM, 1980, p. 139.
[161] *Id.*, «Voz nua e descoberta», p. 264.
[162] Cf. *id.*, *ibid.*, p. 266.
[163] Sobre esta amizade, cf. Teixeira de Pascoaes, *Uma amizade – cartas de Pascoaes a Anrique Paço d'Arcos* (selecção e prefácio de Maria do Carmo Paço d'Arcos), Lisboa, Veja, 1993.

lherme de Faria radicalmente se incompatibilizou em 1925. A distância entre ambos acentuou-se a partir de 1926, como estas palavras – a propósito de *Mors-Amor*[164] – testemunham: "Deu-se com este livro um facto curioso. Chamava-se inicialmente *Saudade Minha*. Qual não foi o meu espanto e desgosto quando, ao descer uma noite o Chiado, vejo na montra da Bertrand o livro *Saudade Minha* do Guilherme de Faria."[165]

Anrique Paço d'Arcos partiria para Luanda em Maio de 1928. Um bilhete-postal que Guilherme endereça ao irmão Miguel, revela-nos uma tentativa de reconciliação: "Deu-me muito gosto a notícia que me dás do Anrique Paço d'Arcos se querer reconciliar comigo. Quando ele me escrever, responder-lhe-ei muito bem, por ti e também por mim, que não gosto de estar de mal com um camarada da minha idade."[166] Não sabemos se Anrique Paço d'Arcos chegou a escrever a Guilherme de Faria, porém é certo que, pouco tempo depois, perdeu irremediavelmente a possibilidade de fazê-lo.

Entre os amigos de Guilherme de Faria, Manuel de Castro[167] foi provavelmente o mais próximo: companheiro no liceu, nas deambulações pela 'babilónica' Lisboa dos anos 20, na incipiente e depois falhada aventura editorial – D. Manuel de Castro e Guilherme de Faria Editores – e confidente em mais de cem cartas em que o poeta deixa, de si próprio, um retrato impressivo e dramático.

Manuel de Castro nasceu em 1907; era descendente, pelo lado paterno, dos Condes de Resende e, pelo lado materno, dos Marqueses de Nisa e dos Condes da Vidigueira – e, portanto, de Vasco da Gama. No seu caso "a ascendência pesou grandemente na configuração exterior e interna da personagem. Alto, loiro, *racé*, como os Resendes [...], com o portuguesismo marialva dos Nisas."[168]

---

[164] Livro que Anrique Paço d'Arcos publica em 1928.
[165] Anrique Paço d'Arcos, «Voz nua e descoberta», p. 267.
[166] Guilherme de Faria, bilhete-postal a Miguel Leite de Faria, Ericeira, 8 Jun. 1928.
[167] Cf. Anexo 1, p. 60.
[168] Joaquim Paço d'Arcos, *op. cit.*, p. 332.

Com efeito, como refere Joaquim Paço d'Arcos, só uma grande amizade explica o interesse e a vibração das cartas que Guilherme de Faria escreveu a Manuel de Castro[169].

Porém, por detrás da figura do melhor amigo, permanecia intocável, distante, quase em sonho, a figura formosa de Emília[170], irmã de Manuel de Castro. Guilherme de Faria amou-a em silêncio, na medida em que é quase certo que nunca chegou a declarar-se-lhe. O drama amoroso do poeta evoca, na sua dedicação a Manuel de Castro, o caso de António Nobre e a sua afeição pelo irmão da Purinha, Manuel de Lucena. Mais exacerbada, porém, a amizade de Guilherme de Faria, "na medida em que correspondia à transposição exaltada do sentimento para a pessoa mais chegada ao objecto, inatingível, da sua paixão"[171].

Para Guilherme de Faria, António Nobre constitui uma referência incontornável e não apenas do ponto de vista literário. Com efeito, arriscamos afirmar que a biografia de Guilherme de Faria é ininteligível sem o *Só* de António Nobre, conscientes do modo iniludível como o afectou "o livro mais triste que há em Portugal"[172]. Neste contexto importa destacar as evidentes semelhanças entre Emília Castro e a descrição de Margarida de Lucena em «Purinha»[173], poema de 1891. Resta saber se Guilherme de Faria utilizou, consciente ou inconscientemente, o poema de António Nobre como critério para a escolha da mulher que, romanticamente, habitaria o seu universo poético.

Com efeito, quanto mais nos embrenhamos na complexa personalidade de Guilherme de Faria, mais nos parece razoável que tenha sido António Nobre quem descreveu poeticamente a Emília Castro que Guilherme de Faria amou.

---

[169] Cf. *id.*, *ibid.*, p. 338.
[170] Emília Castro nasceu no dia 7 de Janeiro de 1910, casou em 1930 com António Pereira Palha van Zeller, teve oito filhos e morreu no dia 21 de Junho de 1971. Cf. Anexo 1, p. 61.
[171] Joaquim Paço d'Arcos, *op. cit.*, p. 339: "Essa transferência ou transposição do sentimento [...] é fenómeno conhecido de psicólogos e psiquiatras: não se pode amar um determinado ser e transfere-se a expansão do sentimento para a pessoa, fruto do mesmo sangue, que mais convive com ele."
[172] António Nobre, *Só*, p. 36.
[173] *Id.*, *ibid.*, pp. 69-76.

Assim, há-de ser alta (como a *Torre de David*) e magra (como um choupo); seu cabelo em cachos (cachos de uvas) e negro (como as capas das viúvas); a sua boca uma romã, os seus olhos duas "Estrelinhas da Manhã"; seu corpo será ligeiro e leve[174]. A coincidência é impressionante. Efectivamente, o poema de Nobre está mais próximo da descrição de Emília Castro do que de Margarida de Lucena. Com efeito, a Emilinha que Guilherme de Faria conheceu entre 1922 e 1923 é uma menina com 13 anos, alta e magra, cabelo escuro em cachos, boca bem definida e olhos expressivos.

António Nobre prossegue: há-de ser natural, "E há-de ser boa, excepcional, quase divina/ Mais pura, mais simples, que moça e menina". Guilherme de Faria teria desejado ser o noivo que a espera à porta da igreja[175], teria desejado o lar de que fala António Nobre, teria repetido vezes sem conta: "E assim me iluda e, assim, cuide viver/ Noutro século em que eu deveria nascer"[176]. É recorrente na poesia e na correspondência de Guilherme de Faria a idealização de uma vida que não teve, num tempo em que não viveu.

"Mas pode haver, assim, na Terra uma Purinha?"[177] Para Guilherme de Faria podia, de facto; ele desejava a Purinha de António Nobre, desejava-a na figura de Emília Castro e nenhuma outra mulher que conhecera correspondia de um modo tão evidente a esse ideal. Numa carta dirigida a Manuel de Castro, datada de 8 de Setembro de 1924, Guilherme de Faria contextualiza a figura da mulher que deseja num cenário tipicamente marcado por António Nobre, retirado, por exemplo, da «Canção da Felicidade»[178]: "Quero completar o curso liceal para depois viver longe das coisas bárbaras do mundo, nesse admirável Ribatejo que tão grandes encantos tem. Meu Deus! dá-me ao menos a graça de ver realizadas as minhas pobres ambições! Dá-me pela vida fora alimentação frugal para o

[174] Cf. *id.*, *ibid.*, p. 69.
[175] Cf. *id.*, *ibid.*, p. 71.
[176] *Id.*, *ibid.*, p. 73.
[177] *Id.*, *ibid.*, p. 75.
[178] *Id.*, *ibid.*, pp. 77-78.

corpo e serenidade e alegria para o espírito! Para desvanecer definitivamente as dúvidas que me entristecem e as sombras que me torturam, dá-me a luz clara e doce duns olhos negros de mulher! (criança que nem sabe que é mulher!) Dá-me a tua bênção, redime a minha pobre alma deste humano cativeiro, dá-me um pouco de ingenuidade e inconsciência, que nunca tive!, e deixa-me sonhar, e deixa-me viver!"[179]

Em «Carta a uma estrangeira»[180], Guilherme de Faria formula poeticamente o amor por Emília Castro nestes termos:

> "Pois não entendereis esta alma inquieta,
> Que eu, por graça de Deus, sou Português:
> Vendo este céu, senti-me logo poeta
> E, toda a vida, amei uma só vez.
>
> Amei a flor mais nobre desta Raça
> – Menina e Moça, um dia, aparecida,
> Por milagre de Deus, cheia de graça,
> A abençoar de amor a minha vida.
>
> E assim eu vivo a amá-la; e é clara e linda
> A minha vida, à luz do seu amor;
> E amando-a sempre, amá-la mais ainda
> É o meu ideal de perfeição maior."

E aqui se lê o poema «Viagens na minha terra», de António Nobre: "Meu pobre Infante, em que cismavas/ Porque é que os olhos profundavas/ No Céu sem par do teu País?/ Ias, talvez, moço troveiro,/ A cismar num amor primeiro:/

[179] Guilherme de Faria, carta a Manuel de Castro, 8 Set. 1924.
[180] *Id.*, *Destino*, pp. 41-44; SM[08], pp. 105-106.

Por primeiro, logo infeliz…"[181] Este é um retrato poético que Guilherme de Faria assume no seu «Ex-libris»: "Nasci em Portugal,/ E, graças ao Senhor,/ Nasci bem português;/ Assim, d'alma leal,/ Num sonho sempre em flor,/ Amei uma só vez."[182]

Guilherme de Faria não interpreta isoladamente a figura de Emília Castro. Com efeito, há todo um contexto que é transportado do imaginário poético de António Nobre para a projecção de vida de um Guilherme de Faria que não chegou a existir, que supostamente teria sido feliz numa paisagem rural, idílica, longe de Lisboa, junto a uma Emília Castro que talvez só tenha existido nos versos do *Só* de António Nobre ou nas aparições poéticas de Guilherme de Faria.

Como refere Joaquim Paço d'Arcos, "duma virilidade exacerbada", Guilherme de Faria viria "a gastar-se pelos bordéis e botequins de Lisboa, sentindo a roê-lo a chaga da pequenez física e da falta de atractivo próprio"[183]. A figura que lhe inspirou quase todos os poemas de amor permanecia distante. Guilherme de Faria mergulhava nas imagens desfocadas da urbe baudelairiana descrita por Cesário Verde, marcada por vícios execrandos, fantasias mórbidas, por "delírios mornos"[184] e pelo "horror calado e triste"[185]; a cidade e a mulher, a morte ao fundo. Freud e Klimt não estavam sozinhos no seu fascínio pela associação entre a morte e a sexualidade. O assunto assombrava a Europa simbolista[186] e o imaginário de muitos poetas românticos e neo-românticos portugueses.

---

[181] António Nobre, *Só*, p. 102.
[182] Guilherme de Faria, *Manhã de Nevoeiro*, Lisboa, 1927, p. 11; SM[08], p. 149.
[183] Joaquim Paço d'Arcos, *op. cit.*, p. 340. Neste contexto, ocorre-nos a comparação com Toulouse-Lautrec (1864-1901): pouco mais baixo, o pintor media um metro e 52 centímetros, passou quase duas décadas em Montmartre, Paris, e morreu com apenas 36 anos, vítima de uma vida de excessos.
[184] Cesário Verde, *O Livro de Cesário Verde*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2004, p. 70.
[185] *Id.*, *ibid.*, p. 22.
[186] Cf. Michael Gibson, *Simbolismo*, Colónia, Taschen, 1999, pp. 126, 128, 136-138.

Em 1923 a família de Guilherme de Faria atravessa um período de alguma instabilidade: em Março nasce Maria Teresa, a nona filha do casal; Nuno, vítima de uma infecção e com apenas três anos, fica cego; Francisco parte para a Escola Apostólica que os Jesuítas, então expulsos de Portugal, tinham a funcionar no antigo Convento dos Capuchinhos, em São Martinho de Trevejo, perto de Cidade Rodrigo, em Espanha; e Guilherme, então no 5º ano do liceu, experimenta de um modo iniludível o fracasso nos estudos[187].

A correspondência com Manuel de Castro torna-se regular a partir de Agosto desse ano, altura em que o amigo passava férias na Quinta de Santo António, propriedade do seu tio Domingos Teles da Gama, em Vila Franca de Xira. Nessas primeiras cartas aparecem já o desânimo, o enfado e a ânsia de ascensão:

> "A esta hora, insuportável de calor, deves estar já em Vila Franca. Eu estou aqui, isolado no meu escritório sobranceiro e tranquilo. Há minutos que os meus olhos, enfadados da pasmaceira vulgar e ignóbil da rua, vêm seguindo as palavras amigas que a minha mão e o meu coração vêm escrevendo para ti. O meu pensamento está torporoso e porventura estupidificado pela permanente estupidez deste ambiente em que vivo. Há longas horas que o meu pensamento tenta lobrigar qualquer pensamento elevado que o levante desta sordícia asquerosa, deste calor interminável e infernal. Mas devo declarar que o meu pensamento se sentiu perfeitamente impotente. Não conseguiu lobrigar coisa alguma. E agora aí está, aburguesado, dormindo a sono solto, na mais despreocupada e santa estupidez. Dada a impotência do meu pensamento, o meu coração falou-me de ti, do Nel que há bem pouco partiu para terras serranas e verdes, do Nel que eu vi, há bem pouco ainda, na hora sempre bela e viva da despedida. E aqui me tens, a abraçar-te e a conversar contigo.
>
> Está um dia banal, dia de todos os dias, do calor de todos os dias, das bestas de todos os dias. Como deves muito bem compreender, estou infinitamente aborrecido. E a vida? A vida não existe, porquanto não me interessa. A vida passa? A

[187] Cf. Joaquim Paço d'Arcos, *op. cit.*, p. 343.

vida não passa? Não sei. Não me interessa. Como todos os que viveram a vida intensamente (real ou imaginariamente), eu estou à esquina da vida, torto, míope, insignificante, de porrete à esquina[188], a dizer mal e a sorrir, a sorrir e a dizer mal. E a minha figura, por certo irrisória, assume proporções extra-humanas, toma gestos agressivos e altivos. Há na minha alma um frémito de voo e a minha vida é toda uma Ascensão! Mas nos meus lábios há o eterno rictus[189] do sarcasmo. Afinal sou um céptico. [...]

Adeus. Muitas saudades para a Emilinha.

E um abraço do Guilherme"[190].

É impressionante que bastem dez documentos – cartas ou bilhetes-postais – escritos por Guilherme de Faria a Manuel de Castro entre Setembro e Outubro de 1923, para que disponhamos de um retrato pormenorizado e coerente do jovem poeta.

Uma carta de 6 de Setembro de 1923 revela-nos o seu temperamento bipolar. Guilherme de Faria, que poucos dias antes se sentia infinitamente aborrecido, sem interesse pela vida, "torto, míope, insignificante" e azedo, escreve a Manuel de Castro:

"Trabalhei intensamente. Andei o dia todo numa azáfama. Sinto-me senhor duma vontade audaz e forte. Acordou nos meus nervos uma energia nova. Eu era como uma planície, estéril e deserta. De súbito a planície transformou-se numa seara esplendorosa e fértil. Guilherme, decadente, céptico, apático, doentio, não existe. Existe um outro Guilherme, moço e forte, audaz e inteligente, voluntarioso e grande. E é esse que hoje não pôde ir abraçar o Nel, porquanto viveu durante o dia uma vida agitada e trabalhosa, cheia de nervosismo e de febre e, o que é mais, de afazeres importantes e inadiáveis. Perdoa, pois, ao teu Amigo que muito

[188] Expressão que significa: um tanto azedo, com azedume, com desconfiança.

[189] Curiosamente, Tomás de Figueiredo (1902-1970) escreveu em 1923, n'«O Soneto da Minha Dor»: "Não há nada que valha a náusea incompreendida/ No rictus indiferente e crasso do meu lábio."

[190] Guilherme de Faria, carta a Manuel de Castro, 22 Ago. 1923.

breve verá as selvas africanas e que, nesta hora, te abraça muito afectuosamente."[191]

Num bilhete-postal de 11 de Setembro, Guilherme de Faria lamenta a ausência do amigo: "A Brasileira está desolada e só: falta-lhe o Castro."[192] Por um lado, a ausência de Manuel de Castro, real ou enfatizada, é sempre para Guilherme uma provação; como escreve no dia seguinte: "Todos os dias tenho saudades de ti, pela simples e fácil razão de ser teu amigo."[193] Por outro lado, a Brasileira, onde passavam os dias conversando sobre tudo, numa indolência e ociosidade que alternava com a boémia, deambulações nocturnas por Lisboa que, muitas vezes, terminavam assim:

> "Após uma demorada deambulação pelas ruas adormecidas da cidade, aqui estou de novo, para conversar contigo, no silêncio do meu escritório que, a esta hora tranquila e alta da madrugada, tem o aspecto dum recolhimento conventual. São 4 horas da manhã. E eu sinto-me cansado, profundamente cansado. Em volta, tudo muito sereno, muito pacífico. O Lima, que me acompanhou nesta jornada, infinitamente bêbedo, dorme ali, fortemente espapaçado. E tudo o mais, muito bem, excessivamente bem. Os meus preclaros vizinhos – os dois senhores inofensivos e imortais que bem conheces – recomendam-se.
>
> Um, o meu vizinho Sr. Vaz de Camões[194], mudo e quedo, imperturbável e solene, vai assistindo à representação constante desta arlequinada cómica e macabra. Consta-me que o bom imortal está verme! E já nem verbera ou condena a raça – muito abandalhada e miserável – que outrora cantou e (ao que dizem) imortalizou. Do píncaro mais alto da montanha, o bom vizinho [...] nem olho tem para reparar na pátria cloacina[195]. É certo e sabido que, há bons 13 anos, por uma

[191] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 6 Set. 1923.
[192] *Id.*, bilhete-postal a Manuel de Castro, 11 Set. 1923.
[193] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 12 Set. 1923.
[194] Refere-se à estátua de Camões da autoria do escultor Vítor Bastos, inaugurada em 1867 no Largo que tem o nome do poeta. Cf. Anexo 1, p. 27.
[195] O mesmo que cloaca: esgoto, fossa, cano que recebe imundícies; aquilo que é imundo.

manhã órfã de sol, limpou o cu à epopeia que o eternizou – bom velho! –, eternizando simultaneamente um outro velho glorioso, hoje alquebrado e salsujado, o velho Portugal. Informações seguras de noctívagos meus amigos dizem-me que o Camões costuma, altas horas, manguitar tudo e todos, manguitar o céu e o inferno, Jeová e Mefistófeles, e todos os sarrafações que vegetam pelo planeta.

Agora, o outro vizinho – muito teu conhecido também – é o imortal Sr. Queiroz[196]. Ainda há bem pouco o vi. Cumprimentei-o. O pobre nem deu por mim. Estava embebido na contemplação das carnes roliças [...]. Enfim, estava prestes a cair de queixos.

Meu rapaz: já falei demais. Estou profundamente cansado e vagamente embriagado. [...] A minha bebedeira é de tal ordem que nem me deixou respeitar a impecável beleza da minha caligrafia. Perdoa. E deixa-me, que vou dormir."[197]

Mas as manhãs não traziam novidades e o quotidiano, sem um sentido estrutural nem objectivos concretos, impunha-se inexoravelmente como uma fatalidade. Aquele Guilherme de Faria da carta de 6 de Setembro – "moço e forte, audaz e inteligente, voluntarioso e grande" – dá lugar a um Guilherme de Faria que predomina insistentemente e que, alguns dias depois, escreve este desabafo desapaixonado:

"Por aqui a eterna e insuportável estupidez. Tudo uma monotonia enervante. Eu sou o raquítico de sempre, aquele raquítico fleumático e petulante que tu conheceste, inútil. Sorrindo, aqui e além, numa ironia desdenhosa, superior e discreta, eu passo na vida, sem reparar na vida, incompatível por natureza com a vida e com o trabalho.

[196] Refere-se à estátua de Eça de Queiroz da autoria de Teixeira Lopes, inaugurada em 1903 no Largo Barão de Quintela. Desde 2001 encontra-se no mesmo lugar uma réplica em bronze da estátua original (em mármore branco), que foi removida para o Museu da Cidade. Cf. Anexo 1, p. 27.

[197] Guilherme de Faria, carta a Manuel de Castro, 13 Set. 1923.

> Mas desejo ainda! Queria viver numa doce estupidez benéfica e salutar, longe desta vida de nervosismo e idiotia, de atropelos e interesses, de juliodantismo e perversão, de insignificância e mentira!"[198]

No dia 8 de Outubro, tendo escrito vários documentos com essa data, Guilherme de Faria explica que não se trata de um diário, nem de um banal livro de memórias: "São páginas despretensiosas, mas sentidas. Tu sabes, Manuel: nada me interessa. Eu posso bem dizer: vivo de mim, em mim e para mim." É comovente e intenso o modo como, em 1923, com apenas dezasseis anos, Guilherme de Faria tem uma consciência tão definida de si próprio e do seu contexto, da sua condição de exilado e das saudades que sente de si:

> "Eu tenho sede de vida. Quero viver a minha vida. Estou cansado de monotonia. Tudo, afinal, é sempre o mesmo, o mesmo, o mesmo! E, Manuel, pudesse quebrar a monotonia desta vida! Tenho vivido submerso em mentira! E quero respirar! Tenho sede de ar puro! Estou saturado deste viver infecto e mesquinho, vida de lama, de sordícia e de aquiescência! Um sorriso… outro sorriso; uma frase velha, usada, banal… insignificâncias. Palavras amáveis, palavras gastas e falsas. É tudo assim. Tudo trescala hipocrisia, interesse, miséria.
>
> E, Manuel, tenho dezasseis anos e ainda não vivi! Desconheço-me! Se acaso vivo, vivo longe, bem longe do que sou. Porque, tal como sou todos os dias para todos aqueles que conheço (e às vezes, meu Deus, também para mim!), sou outro, bem diferente, sou um estranho, banal como a banalidade, hipócrita como a hipocrisia e boçal como toda a gente.
>
> E tenho sede de vida! Vozes vivas de saudade acordam dentro de mim! Vozes da minha saudade… Tenho saudades de mim! Sinto-me farto deste exílio. Vou regressar ao meu Reino! Quero viver!"[199]

---

[198] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 19 Set. 1923.
[199] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 8 Out. 1923.

No que diz respeito à implicação política e ideológica, recordamos que Guilherme de Faria, em Março de 1919, partilhara com o pai a sua esperança: "Deus queira que em breve uma revolução purificadora, em que a alma Sidonista seja a *alma-mater*, nos liberte."[200] Passados mais de quatro anos, no dia 5 de Outubro de 1923, como essa revolução não acontecera, estas palavras escritas a Manuel de Castro não constituem uma surpresa:

> "Foi há treze anos. Faz hoje treze anos. Naquela manhã fria de Outubro, manhã órfã de Sol, amanheceu para todos nós a desgraça. Faz hoje anos essa garota espalhafatosa, estúpida e má que a gente vê aí, a causticar-nos todos os dias. Tem treze anos, a pequena. [...] E ante os meus olhos passam rápidas as lembranças daquele dia de farrapos, batido pelo vento, órfão de luz… E aos meus olhos regressam aflitas e contristadas as recordações daquela hora sinistra e lamacenta. [...] Filha de um pobre diabo e duma megera [...]. Nascida para o fado, estuprada e poluída [...], esta pequenita, a república portuguesa, é o que é, é o que devia ser. Isto mesmo já o disse, num discurso imbecil no Rio de Janeiro, o ex-padrinho da garota, o Sr. António José de Almeida. [...] Quando se resolvem a interná-la para todo o sempre numa casa de correcção?"[201]

Três dias depois, o seu anti-republicanismo é reafirmado a propósito de Guerra Junqueiro. Guilherme de Faria, que em Julho participara no velório do autor da *Pátria*[202], tem em Outubro este comentário acerca do poeta panfletário,

---

[200] *Id.*, carta a António Baptista Leite de Faria, 20 Mar. 1919.
[201] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 5 Out. 1923.
[202] A propósito deste episódio, escreve Pedro Paço d'Arcos: "Lembrei-me da consciência que Guilherme de Faria tinha plenamente da sua vocação de poeta e de uma tarde de há seis anos, quando fui com ele, com meu irmão Anrique e alguns amigos à Igreja da Estrela, velar o corpo de Guerra Junqueiro. Antes de começarmos o nosso turno alguém da Imprensa perguntou-nos os nomes e a profissão: uns responderam estudantes, outros empregados do comércio, etc. Como Junqueiro no Tribunal Militar do Porto, depondo em defesa de Luís de Magalhães, ao ser interrogado sobre a sua profissão, assim Guilherme de Faria respondeu: Poeta" (*Novidades*, 7 de Abril de 1929).

que tanto contribuiu para o ambiente revolucionário que conduziu à implantação da República:

> "O Sr. Junqueiro… grande poeta, o Sr. Guerra Junqueiro. [...] Dorme nos Jerónimos, o Sr. Abílio Junqueiro. Dorme e, com ele, dormem catadupas de adjectivos e de imagens, páginas e páginas campanudas e balofas. [...] O Sr. Junqueiro morreu. E nada subsiste. Retórica, sonoridade, retumbância, grosseria, cabala, vitupério, blasfémia – tudo, afinal, é nada. Ocorre perguntar: o que foi o Sr. Junqueiro? Foi um papagaio que esteve uns anos em casa de Victor Hugo. Depois aprendeu… mais nada."[203]

Com efeito, em 1921, Guilherme de Faria e os seus irmãos tornam-se activistas da contestação à República, animados pelo ideário integralista. E essa militância não se deve apenas à influência de Alfredo Pimenta, com efeito o Integralismo Lusitano era, então, uma das correntes de pensamento que mais seduzia a juventude estudantil[204].

> "O Integralismo está então no seu período áureo de desenvolvimento e no apogeu da sua influência em inúmeros círculos nacionais, apesar da paralisação voluntária da Junta Central, das divisões no movimento e da morte de António Sardinha, em 1925. A sua força não advém de uma organização sólida, nem do exercício de qualquer poder, mas sim da influência que as suas teorias exercem em múltiplos círculos, aos mais variados níveis. O Integralismo torna-se uma espécie de escola de quadros de inúmeros movimentos de índole conservadora, patriótica e monárquica que então se desenvolvem, um cimento agregador que cria uma rede ideológica comum, com fortes características de originalidade."[205]

---

[203] Guilherme de Faria, carta a Manuel de Castro, 8 Out. 1923.
[204] Sobre o Integralismo Lusitano, cf. Rui Ramos, *op. cit.*, pp. 540-546; José-Augusto França, *op. cit.*, pp. 44-45. Cf. Anexo 1, pp. 37-39.
[205] António José Telo, *op. cit.*, p. 19.

No que diz respeito ao irmão mais velho de Guilherme, António Leite de Faria, António José Telo refere que "não foi possível apurar o grau de envolvimento nesta acção ou a forma concreta que revestiu, embora afirmações pessoais revelem que se tratou de um empenhamento forte e vivido com a paixão típica da juventude e da época."[206] Com efeito, é normal que a adesão tenha sido sobretudo intelectual, sem laços organizativos formais, passando principalmente pelo convívio e a frequência de círculos de simpatizantes, por leituras comuns e pelo debate dos assuntos que então animavam o movimento monárquico, nomeadamente os problemas da escolha de um pretendente aceite por todas as correntes, perante a falta de descendentes de D. Manuel II. Este tipo de actividade, sem laços formais, corresponde ao padrão do Integralismo, com a Junta Central paralisada[207].

Guilherme de Faria foi certamente, entre os seus irmãos, o que mais se implicou no movimento integralista, redimensionando em Lisboa o entusiasmo dos comícios em que, com apenas 10 anos, falava aos companheiros de liceu, em Guimarães. Curiosamente, a 11 de Março de 1923, Alfredo Pimenta apresentou uma moção na assembleia-geral dos sócios das Juventudes Monárquicas Conservadoras, exprimindo o desejo de que o Conselho Superior Político da Causa Monárquica convocasse sem demora o Congresso Monárquico. Esta questão suscitou intervenções de alguns oradores e, segundo Alfredo Pimenta:

> "Desses oradores, há um que merece referência especial, pois foi uma revelação tribunícia, como já, tempos antes, fora uma revelação poética. Trata-se de um jovem de 15 anos, Guilherme de Faria, estudante e poeta que, falando em nome da mocidade, fez, num discurso cheio de vigor e de notável corte literário, as

[206] *Id.*, *ibid.*
[207] Cf. *id.*, *ibid.*, pp. 19-20.

mais sãs e patrióticas afirmações. Houve um momento em que a assembleia estava positivamente electrizada pelas palavras do moço orador."[208]

Isso mesmo é testemunhado por Caetano Beirão, num interessante artigo publicado em Janeiro de 1930[209], ou por Aníbal Gomes Contreiras que, no exemplar do seu livro *Primeiras Líricas* (1920) que ofereceu a Guilherme de Faria, escreve a seguinte dedicatória, com data de 21 de Maio de 1923: "Ao jovem poeta e insigne orador máximo da juventude monárquica."[210]

Outro testemunho que ficou desta vivência, também datado de 1923, foi a *Carta ao Sr. Conselheiro Ayres d'Ornellas*, lugar-tenente de D. Manuel II[211]. Trata-se de um manifesto em que monárquicos de várias correntes, fundamentalmente identificados com o ideário integralista, expõem as razões pelas quais combatem a 'desnacionalização do País' e procuram a restauração, não da Monarquia que gerou a República, mas de uma outra, que busque as suas raízes no passado e faça renascer Portugal. O manifesto é assinado por centenas de

[208] Alfredo Pimenta, *Cartas Monárquicas* (carta n.º 6, 30 Mar. 1923), Porto, Livraria Civilização, 1947, pp. 83-84.

[209] "A primeira vez que o vi foi numa sessão de propaganda das Juventudes Monárquicas Conservadoras. [...] Junto à mesa dos oradores, um rapazinho muito novo, talvez a pessoa mais nova que estava naquela sala – com um rosto muito expressivo e os olhos a reflectir uma alma inquieta e sonhadora [...] –, seguia atentamente o que se ia dizendo, manifestando uma suficiência grande. Esgotada a lista dos oradores inscritos, vi-o subir ao estrado, pedir a palavra e começar a falar com voz grande e sonora, a revelar uma grande segurança de si e uma grande fé. [...] Pois o jovem sócio das Juventudes dissertou como um orador experimentado. Não falou de votos, nem de eleições; nem pediu a Monarquia para daí a três meses. Falou numa linguagem nova, cheia de misticismo nacionalista e de esperança num Portugal maior. [...] Acabou o seu discurso num belo cântico de patriotismo, de ardor e de fé que arrebatou a assembleia." Caetano Beirão, «Como conheci Guilherme de Faria», *O Marcoense*, 25 Jan. 1930.

[210] Aníbal Gomes Contreiras, dedicatória a Guilherme de Faria num exemplar de *Primeiras Líricas* (1920), 21 Maio 1923.

[211] *Carta ao Sr. Conselheiro Ayres d'Ornellas, Lugar-Tenente de Sua Majestade El-Rei*, Lisboa, 8 Dez. 1923. Existe outra edição deste documento, publicada em Janeiro de 1924 pela Acção Realista Portuguesa, com o título *Da Mensagem de 8 de Dezembro* e a seguinte 'Declaração de doutrina': "A Comissão organizadora da Acção Realista Portuguesa, dentro das atribuições que lhe foram conferidas pelos signatários da mensagem de 8 de Dezembro, declara que as suas doutrinas correspondem ao restabelecimento da Monarquia orgânica tradicionalista anti-parlamentar que durante séculos fez a glória de Portugal e que, pela sua essência nacionalista e positiva, é o único regime capaz de restituir a Nação aos seus destinos históricos."

nomes[212] e, entre eles, está o de Guilherme de Faria[213], assim como dos seus irmãos António, Miguel e José[214].

Independentemente da implicação na causa integralista, é ainda e sempre o poeta que, no dia 8 de Outubro de 1923, escreve: "No palácio da minha alma choram saudades de mim. Nos parques abandonados, adormecidos e verdes, choram sombras, saudosas, choram saudades de mim. [...] Longe de mim, do meu Reino, aguardo exilado e perdido..."[215] É ainda e sempre o poeta que, no dia do seu aniversário, escreve a Manuel de Castro:

> "Está um dia luminoso e forte. O Sol é uma chaga rubra. E o planeta onde, por acaso, nos encontramos, vive uma hora de vida e de triunfo. Está um dia luminoso e forte. A luz do Sol é viva e forte. E eu tenho a impressão que me lograram. Sinto-me roubado, estou apreensivo e triste. Perdi quinze anos. Roubaram-me hoje quinze anos. E eu tinha já uma afeição enternecida pelos meus quinze anos. Mas veio o tempo, impassível e eterno, roubou-me os quinze anos e deu-me os dezasseis! E eu, naturalmente, sinto-me roubado. Estou apreensivo e triste. Dezasseis anos! Eu sinto sobre mim dezasseis anos? São pesados e inúteis. Não me interessa os dezasseis anos. Mas tenho saudades dos meus quinze anos. Tinha por eles uma afeição carinhosa. E tenho a impressão que me lograram. Sinto-me roubado. Estou apreensivo e triste."[216]

Guilherme de Faria, num pequeno conjunto de cartas de 1923, apresenta um auto-retrato tanto mais expressivo e comovente, quanto definitivo. Nesses

---

[212] Entre aqueles que subscrevem este documento, destacamos os que estão directamente implicados na biografia de Guilherme de Faria: Alfredo Pimenta (p. 11), António Hartwich Nunes (p. 11), José Bruges d'Oliveira (p. 14), Manuel de Castro (p. 15) e Vasco da Gama (p. 16).
[213] O nome de Guilherme encontra-se na p. 13: "Guilherme de Faria, *escritor*".
[214] "António de Faria, *estudante de Direito*" (p. 11), "José Faria, *estudante*" (p. 14) e "Miguel Leite de Faria, *estudante de Medicina*" (p. 16).
[215] Guilherme de Faria, carta a Manuel de Castro, 8 Out. 1923.
[216] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 6 Out. 1923.

documentos aparecem já, iniludivelmente, a desolação, o desespero, a indignação diante da apatia, do aborrecimento, da inércia e da impotência do poeta em relação ao quotidiano, ao contexto que surge desfigurado e disforicamente enfatizado pelo seu pessimismo. Guilherme de Faria denuncia nas primeiras cartas a Manuel de Castro a sua tão insistente falta de auto-estima, o desprezo pelo quotidiano em Lisboa, o seu modo de vida marcado pela indolência e pela boémia; nessas páginas afloram já os seus sonhos e o seu desejo de ascensão, o seu desinteresse pelos aspectos práticos da vida, um cinismo que o torna ensimesmado e sarcástico, e a sua tendência maníaco-depressiva.

No dia 22 de Agosto de 1923, num parágrafo comovente, Guilherme de Faria – sem o saber – estabelece o quadro de inteligibilidade do seu próprio suicídio. Com efeito, uma mulher pusera ou tentara pôr termo à sua vida e Guilherme, ao comentar o caso, revela uma profunda compaixão que não se reduz à simples compreensão do facto, mas aceita implicitamente a justificação e o método. Com apenas 15 anos, neste parágrafo, Guilherme de Faria descreve fundamentalmente o seu suicídio:

> "Escrevo-te ainda impressionado com aquele estranho caso que há pouco te contei: aquela mulher, desgraçada e porventura louca na sua desgraça enorme, é uma figura de mulher que me enternece. Aí há, posso assegurá-lo, uma questão de amor. Amor desordenado e veemente, amor indomável e louco, como ela. É um caso muito interessante, este caso. Eu não tenho uma prova sequer. Não tenho uma informação segura. Mas tenho suspeitas, suspeitas infundadas, mas que me permitem assegurar que aquela estranha mulher tentou contra a sua vida serenamente, reflectidamente, mas ébria de amor, de loucura, de desgraça."[217]

[217] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 22 Ago. 1923.

Há dois livros de Guilherme de Faria na biblioteca de Fernando Pessoa: *Poemas* e *Mais Poemas*, assinados e dedicados. Lê-se no exemplar de *Poemas*: "Ao senhor Fernando Pessoa, homenagem de Guilherme de Faria"; o mesmo no exemplar de *Mais Poemas* que, além disso, tem a data de 6 de Outubro de 1923[218]. Os livros foram oferecidos a Fernando Pessoa no dia em que Guilherme celebrou 16 anos. Efectivamente, não sabemos se chegaram a conhecer-se, nem quem os apresentou ou se os livros constituem apenas uma oferta de circunstância, como de certo modo as dedicatórias parecem indicar.

Anrique Paço d'Arcos recorda-se de ter visto Fernando Pessoa quando entrou no Martinho da Arcada na companhia de Guilherme de Faria[219]. Com efeito, se os dois poetas se conhecessem, ter-se-iam certamente cumprimentado e Guilherme de Faria teria apresentado Anrique Paço d'Arcos a Fernando Pessoa. Porém, é possível que este episódio tenha sido anterior a 6 de Outubro de 1923.

Por outro lado, no catálogo da biblioteca de Guilherme de Faria[220], há apenas uma referência a Fernando Pessoa, à edição de 1921 da sua tradução de *A voz do silêncio*, de Helena Blavatsky[221]. Não encontrámos outra referência a Fernando Pessoa entre os documentos de Guilherme de Faria que foi possível reunir, mas sabemos que havia pelo menos uma carta de Fernando Pessoa no espólio da casa da Rua da Horta Seca. Seria uma carta de circunstância a agradecer a oferta dos livros? Só o saberemos se um dia o documento for reencontrado[222].

---

[218] Cf. Manuela Nogueira, *Fernando Pessoa: imagens de uma vida*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2005, p. 132. Cf. Anexo 1, p. 46.

[219] Cf. Anrique Paço d'Arcos, «Voz nua e descoberta», p. 264.

[220] O catálogo da biblioteca de Guilherme de Faria foi manuscrito pelo poeta em dois cadernos em quadriculado, com capa preta, datados de 1924 e 1926.

[221] Helena Blavatsky nasceu na Ucrânia em 1831. Tendo-se interessado pelo ocultismo, viajou pela Europa, Estados Unidos, Índia e Tibete. Em Nova Iorque, conheceu H. S. Olcott, com quem fundou a Sociedade Teosófica (1875). Morreu em Londres, em 1891.

[222] Descobrimos que as cartas com valor literário que muitos poetas e personalidades do princípio do século dirigiram a Guilherme de Faria foram vendidas ao livreiro/antiquário Américo Francisco Marques. Em 2006, octogenário e visivelmente doente, o livreiro não se lembrava de quem as tinha vendido e de pormenores que pudessem ser relevantes. Seja como for, assegurou-

Seja como for, Guilherme de Faria relacionou-se e correspondeu-se com inúmeros amigos de Fernando Pessoa, como é o caso de António Botto[223], Raul Leal[224], Mário Saa[225], Vitoriano Braga, ou Almada Negreiros[226], que retratou Guilherme de Faria em Fevereiro de 1927[227].

Mas o aspecto mais intrigante desta relação prende-se com uma descoberta que Manuela Parreira da Silva partilhou connosco: "Mais tarde, também anotados por Pessoa, encontrei o nome de Guilherme de Faria com a data completa de nascimento, com vista a um futuro horóscopo que tencionaria fazer-lhe."[228]

---

nos que teve pelo menos uma carta de Fernando Pessoa, embora não se lembrasse quando ou a quem a vendera. Américo Francisco Marques faleceu em 2007.

[223] Cf. Anexo 1, p. 47.

[224] Cf. Anexo 1, p. 48.

[225] Sobre os livros de Guilherme de Faria dedicados e oferecidos a Mário Saa, cf. João Rui Sousa, «Mário Saa, um poeta do Modernismo», *in* Mário Saa, *Poesia e alguma prosa*, Lisboa, IN-CM, 2006, p. 22. Cf. Anexo 1, pp. 43-44.

[226] Almada Negreiros (1893-1970) foi, provavelmente, o mais multidisciplinar artista português: pintor, poeta, ensaísta, dramaturgo, romancista... Excêntrico, polémico, genial, Almada Negreiros foi uma das principais figuras do movimento modernista; colaborou nas revistas *Orpheu* (1915) e *Portugal Futurista* (1917), e foi autor de uma obra artística e literária verdadeiramente notável. Cf. Anexo 1, pp. 43-44.

[227] Para além deste retrato de 2 de Fevereiro de 1927, de que existem várias reproduções (cf. Anexo 1, p. 20), aparece reproduzido no *Diário de Lisboa* de 27 de Fevereiro de 1943 o esboço de outro retrato de Guilherme de Faria da autoria de Almada Negreiros (cf. Anexo 1, p. 44). Joaquim Manso escreveu na sua conferência «O sonho inacabado de um Poeta»: "Decorridos 10 anos, Almada regressou a Lisboa com ilusões a menos e talento a mais. Perguntou: – Que é feito do poeta adolescente? – Morreu numa hora funesta, de desengano e bruma. Correu aos seus papéis, aos seus apontamentos esquecidos e, ao encontrar entre eles o retrato do desditoso, exclamou: – Cá está ele! Numa das suas relampejantes exposições, apresentou-o ao público e quantos o viram reconheceram nele a antemanhã macerada e despedaçada do autor de *Saudade Minha*" (*Correio do Minho*, 5 Mar. 1943). Existem, entrem os documentos de Guilherme de Faria, alguns desenhos e apontamentos de Almada Negreiros (cf. Anexo 1, pp. 43-44).

[228] Manuela Parreira da Silva, correio electrónico a José Rui Teixeira, 20 Jul. 2007. Importa, neste contexto, referir o caso Aleister Crowley (1875-1947), esse homem estranho, em cuja complexidade e desenvoltura se acusam os traços típicos desse misto de charlatão e de inspirado que Fernando Pessoa, tímido mistificador, debalde procurou ser. Ao ler o horóscopo de Crowley, Fernando Pessoa descobriu alguns erros e apressou-se a comunicá-los. "Tempos depois, não sem surpresa sua, recebe, de Londres, uma carta de Crowley, onde o célebre mago dava inteira razão ao astrólogo português seu confrade. Estabelece-se correspondência entre os dois; Pessoa envia a Crowley os seus *English Poems* e, um belo dia, o mago anuncia ao seu émulo perdido nos confins ocidentais da Europa que virá a Portugal, propositadamente, para conhecer, em carne e osso, o prodígio astrológico que ele é" (João Gaspar Simões, *Vida e obra de Fernando Pessoa*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1991, p. 523). Crowley tinha 55 anos quando, no dia 2 de Setembro de 1930, chegou a Lisboa. "Em terra, Fernando Pessoa, transido e tímido, vê

Apesar das interrogações que persistem, o que mais intensamente une os dois poetas é o contexto: o Chiado, Lisboa, o meio literário e artístico que ambos partilharam. Em 1928, a fotografia do bilhete de identidade de Fernando Pessoa, então com 40 anos[229], fala essencialmente do poeta que Guilherme de Faria não foi: em 1928 o autor de *Saudade Minha* tinha 21 anos e estava prestes a por termo à sua vida; se tivesse vivido mais vinte anos, talvez o seu aspecto fosse o de um homem envelhecido, com fato escuro, bigode e um olhar profundo por detrás das lentes redondas dos óculos. E ao pensar nesse Guilherme de Faria que não chegou a existir, assola-nos os versos da «Tabacaria»: "Serei sempre *o que não nasceu para isso*;/ Serei sempre só *o que tinha qualidades*;/ Serei sempre o que esperou que lhe abrissem a porta ao pé de uma parede sem porta."[230]

avançar para ele um homem alto, espadaúdo, envolto numa capa negra" (*id.*, *ibid.*, p. 525). Semanas depois, o escritor português aceita entrar "numa cabala em que Crowley dá largas ao seu cabotinismo" (*id.*, *ibid.*, p. 526): o ocultista inglês encenou o suicídio na Boca do Inferno. Haverá alguma relação entre a encenação do suicídio de Aleister Crowley na Boca do Inferno, em 1930, e o suicídio de Guilherme de Faria no mesmo lugar, um ano antes? Terá sido Fernando Pessoa a sugerir a Crowley o local da encenação? E essa sugestão poderá ter sido inspirada pelo suicídio de Guilherme de Faria?

[229] Cf. Anexo 1, p. 46.

[230] Álvaro de Campos, *Poesia*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2002, p. 322.

2.2. *Em sonhos alvorece e empalidece enfim* | 1924-1926

Foi entre 1923 e 1924 que Guilherme e o seu irmão José fundaram o Banco da Horta Seca. Joaquim Paço d'Arcos diz a este respeito: "Ainda possuo [...] uma acção, em pequeno papel rectangular, do Banco da Horta Seca. [...] Reza assim o pedaço velho de papel, em letra de carimbo, dum azul esverdeado: 'Banco da Horta Seca – Lisboa. Capital realizado 200.000 Reis. Título de 1 acção. Valor nominal – 5.000 Reis. N.º 2. Os Directores, José Faria – Guilherme de Faria'."[231] Rapidamente as 40 acções foram subscritas pelos irmãos e os amigos da casa, os futuros diplomatas, médicos e advogados, os futuros escritores e artistas. Todos, pouco depois, puderam depositar as suas economias, ordenados ou mesadas, e desses depósitos cobravam juros. Com o dinheiro recolhido o Banco fazia empréstimos a juros mais elevados. Segundo Joaquim Paço d'Arcos, o Banco da Horta Seca funcionou "de forma impecável, cerca de dois anos. Já se vê que o Guilherme, a dialogar com as Musas, confiou ao Zé Faria a administração do estabelecimento"[232]. Quando se extinguiu, a todos foi restituído o valor das suas acções, acrescido de importante lucro.

Isto é muito interessante, na medida em que reafirma que Guilherme de Faria era extremamente empreendedor – como de certo modo a sua infância, em Guimarães, já demonstrara –, mas pouco consequente, na medida em que rapidamente se desmotivava, não tendo interesse nem propensão para os aspectos mais práticos e administrativos inerentes aos projectos que idealizava.

Evidentemente, Guilherme de Faria não queria ser banqueiro; por outro lado, criara uma aversão aos estudos, "ele que lia e relia os poetas e em face dos compêndios de Matemática só via versos a bailar"[233]. Foi então que, entre 1923 e 1924, o jovem poeta encontrou uma profissão coerente com a sua cultura literá-

[231] Joaquim Paço d'Arcos, *op. cit.*, p. 336.
[232] *Id.*, *ibid.*
[233] *Id.*, *ibid.*, p. 345.

ria e com o seu interesse por livros: depois de uma experiência aparentemente desastrosa com Da Cunha Dias[234], Guilherme de Faria lançou-se com Manuel de Castro num empreendimento editorial: D. Manuel de Castro e Guilherme de Faria Editores.

Desde o princípio de 1924 que Guilherme de Faria conhece e frequenta a roda de Teixeira de Pascoaes, na Brasileira do Chiado, integrando o séquito literário do consagrado autor de *Regresso ao Paraíso*, que tinha então 46 anos. Foi nessa condição que Guilherme de Faria e Manuel de Castro se ofereceram para editar as obras do grande poeta. Pascoaes, "que tivera até aí e continuaria a ter editores responsáveis, aceitou a oferta do rapazito de dezasseis anos. Enganaram-se ambos a si próprios."[235] Guilherme supôs, na sua falta de experiência, que a grandeza literária de Pascoaes lhe asseguraria um êxito editorial; por seu lado, o Poeta de Amarante acreditou, "na ingenuidade de artista que os anos não lhe haviam tirado, que os jovens editores dariam à sua obra, com o entusiasmo que demonstravam, expansão à altura do seu génio. Em breve se desiludiram e desentenderam."[236]

Mas, até meados de Agosto de 1924, a relação entre Guilherme de Faria e Teixeira de Pascoaes foi muito cordial. Apesar de Manuel de Castro ter adoecido e, por isso, se ter retirado para a Quinta de Santo António, em Vila Franca de Xira, Guilherme prossegue com algum entusiasmo os trabalhos relativos à edição da *Elegia do Amor* e dos *Sonetos* de Pascoaes, do seu terceiro livro –

---

[234] Advogado, escritor, polemista, editor, Da Cunha Dias foi, nas palavras de Joaquim Paço d'Arcos "um furacão que arrastou Guilherme para voos gorados, sonhos destroçados. Associados, editaram pequenos volumes de poesia" e, no final, como recorda Joaquim Paço d'Arcos, o "pai do Poeta saldou as dívidas e levou tudo à conta da sua infinita ternura pelo filho". Numa carta de 13 de Novembro de 1923, Guilherme de Faria informa Manuel de Castro que nesse dia foi "assinada a escritura da Delta". Numa outra carta, de 19 de Julho de 1924, Guilherme escreve: "A questão, sob todos os aspectos grave, da empresa Delta está quase solucionada. Parece que meu Pai não perderá tudo!" Supomos que o projecto editorial que Guilherme de Faria e Da Cunha Dias partilharam tenha sido esta "empresa Delta" ou Edições Delta, chancela do livro *A Maçonaria em Portugal* (1930) de Da Cunha Dias (cf. Anexo 1, p. 45).

[235] Joaquim Paço d'Arcos, *op. cit.*, p. 346.

[236] *Id.*, *ibid.*

Sombra – e da *História de Jesus* de Gomes Leal. Encontram-se nas cartas de Guilherme de Faria momentos de optimismo como este: "Uma conversa que acabo de ter com o meu Pai autoriza-me a assegurar-te que a situação da nossa empresa é muito melhor do que vínhamos supondo. [...] Devemos publicar muito em breve o livro do Gomes Leal, a *História de Jesus*. Estou deveras contente."[237] Poucos dias depois, escreve: "Apesar de tudo, as nossas coisas têm corrido admiravelmente bem. O que tive de pagar ao Lucas foi muito menos do que supúnhamos. Paguei somente cento e tal mil reis."[238]

Guilherme de Faria revela, neste período, uma grande dedicação ao trabalho editorial, procurando tipografias com mais qualidade e melhores preços. Apesar da sua inexperiência e da ausência de Manuel de Castro, percebe-se pelas cartas que o jovem editor estava empenhado e reagia às dificuldades próprias da actividade.

No dia 26 de Julho, escreve a Teixeira de Pascoaes: "Tenho continuado, e com o maior entusiasmo, os trabalhos relativos à publicação dos *Sonetos* e da *Elegia do Amor*. Felizmente tem corrido tudo muito bem."[239] Nessa mesma carta lamenta a doença de Manuel de Castro: "Apenas o querido Manuel de Castro adoeceu. A reincidência daquela maldita doença tem-me desgostado muito. Ele lá está, em Vila Franca, numa quinta de família, cheio de febre e horrivelmente abatido."

Na resposta a esta carta, Pascoaes – satisfeito com o evidente empenho de Guilherme de Faria na edição dos seus livros – comunica-lhe a intenção de compor uma "poesia sobre Londres". Guilherme responde-lhe: "Fico esperando-a com a maior e a mais justificada ansiedade."[240] Nesta fase, o jovem poeta e editor era ainda o "amigo e admirador devotado e agradecido"[241] e tratava Pas-

[237] Guilherme de Faria, carta a Manuel de Castro, 19 Jul. 1924.
[238] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 23 Jul. 1924.
[239] *Id.*, carta a Teixeira de Pascoaes, 26 Jul. 1924.
[240] *Id.*, carta a Teixeira de Pascoaes, 1 Ago. 1924.
[241] *Id.*, carta a Teixeira de Pascoaes, 26 Jul. 1924.

coaes como "querido e divino Poeta, e meu Amigo"[242]. As cartas a Manuel de Castro neste período não desmentem esta afeição.

É a ausência de Manuel de Castro que, mais uma vez, nos permite conhecer o quotidiano de Guilherme de Faria de um modo próximo e detalhado:

> "As primeiras 16 páginas da *Elegia* estão impressas e, louvores a Deus, bem impressas! Na Tipografia todos estão na melhor vontade de trabalhar o melhor possível. E este facto alegra-me, como a ti, por certo, te alegra também. Hoje, ou o mais tardar amanhã, a *Elegia* ficará concluída. Depois o Armindo vai desenhar a fonte do Pascoaes e ponto final no nosso primeiro ensaio editorial.
> Recebi agora uma carta muito amável do Pascoaes. O grande Poeta, exilado em Amarante, entre a sombra formidável do Marão e a névoa etérea que dimana das águas límpidas do Tâmega, prodigaliza amabilidades para nós os dois. Transcrevo a parte da carta referente a ti e à tua doença: 'Estou com muito cuidado na saúde do nosso bom Amigo Manuel de Castro. Deus o melhore o mais depressa possível! Quando houver boas notícias a seu respeito, peço que mas envie num bilhete-postal.' Depois fala com grande entusiasmo das nossas edições e diz que vai compor a poesia sobre Londres. Tudo óptimo!"[243]

E no dia seguinte, 31 de Julho, fica concluída a *Elegia do Amor*: "Não está uma maravilha. Tem meia dúzia de pequenos defeitos que eu não pude corrigir porque, em verdade, não reparei neles quando vi as provas de máquina. Felizmente que o conjunto parece bom."[244]

Insatisfeito com o trabalho da Imprensa Lucas[245], Guilherme de Faria visita com José Bruges d'Oliveira[246], no dia 2 de Agosto, uma tipografia que lhe parece boa e acessível. No dia seguinte escreve a Manuel de Castro:

---

[242] *Id.*, carta a Teixeira de Pascoaes, 1 Ago. 1924.
[243] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 30 Jul. 1924.
[244] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 31 Jul. 1924. Cf. Anexo 1, p. 51.
[245] A Imprensa Lucas funcionava na Rua do Diário de Notícias, n.º 59-61.

"A *Elegia do Amor* está já a brochar. Não me parece mal. [...] Peço a Deus que tudo corra muito bem! Fui ontem à tipografia que fez o último livro do José Bruges. Pediram-me 300 a 320 mil reis por cada folha de 16 páginas (composição e impressão). Um desaforo! Na tipografia da Biblioteca Nacional, levam 240 por cada folha. É também caríssimo. Estive lá e vim triste por não poder entregar-lhes os nossos trabalhos porque, realmente, têm óptimo material e trabalham muito bem. Contrastando com tudo isto, o nosso Lucas levou-me 156 por toda a *Elegia*, afora as capas! É certo que não trabalha como eu muito desejava; é certo que o seu material não é de primeira ordem e que os tipógrafos são, em grande parte, maus. Muito embora! Vamos nós lutando naquela casa, certamente secular e extraordinariamente confusa e desleixada! Deus queira que vençamos. Vitória sem combate e sem grandes sacrifícios, não é vitória! Adeus. Muitas saudades. [...] Vou procurar informar-me sobre os preços e facilidades que teremos em Coimbra, na Imprensa da Universidade."[247]

No dia seguinte, impõe-se – como quase sempre na vida de Guilherme de Faria – uma dolorosa lucidez que umas vezes parece simplesmente uma manifestação de bom senso, outras vezes um doentio mecanismo de auto-punição:

"Esperava hoje notícias daí. [...] Preciso muito de falar contigo. Tenho pensado todos os dias e, a bem dizer, todas as horas e minutos, no grave problema tipográfico. Ainda ontem, com espantosa inconsciência, te dizia que havíamos de

[246] José Bruges d'Oliveira nasceu em Lisboa, em 1881. Estudou em Coimbra, deixando inconcluso o curso de Direito. Em 1917, o primeiro livro de poemas, *Da Terra e do Mar*, tomava decididamente o caminho do último Afonso Lopes Vieira, que será sempre o seu mestre lírico e favorecerá o seu segundo livro – *As Minhas Cantigas*, 1918 – com uma carta-prefácio. Entretanto, a recepção dessa estreia ficava sobretudo marcada pela saudação clamorosa que recebia de António Sardinha, considerando-a a anunciação do afluir geracional à "grande síntese tradicionalista". José Bruges publicou vários livros de poesia e permaneceu fiel ao ideário integralista; viveu no Canadá e nos EUA entre 1928 e 1930, mais tarde viveu em Paris, tendo regressado a Portugal nos anos 40. Em 1950 publicou *Memorial*, livro que reúne poemas escritos entre 1930 e 1945. Suicidou-se em 1951, em Tânger, onde exercia funções consulares. Cf. Anexo 1, p. 55.

[247] Guilherme de Faria, carta a Manuel de Castro, 3 Ago. 1924.

> lutar com a confusão e desleixo que caracterizam a casa Lucas. Esquecia-me, porém, de dizer uma coisa que, de resto, tu já sabias: é que, na casa do Lucas, não há só confusão e desleixo, há também material tipográfico velho e gasto. E isso é tremendo! Serão vãs todas as lutas que travemos. É uma tristeza. Mas espero conversar contigo e, de comum acordo, temos que solucionar a questão."[248]

No dia 11 de Agosto, foi impressa a capa da *Elegia do Amor* de Pascoaes e principiou a composição de *Sombra* na tipografia da Biblioteca Nacional. Guilherme de Faria refere-se a *Sombra* como o seu "mal-aventurado livro"[249] e o processo de edição no qual se empenha é marcado pelos mesmos momentos de entusiasmo, repentinamente substituídos pelo pessimismo, pela consciência das dificuldades e pelo sentimento de que está só diante de desafios que o seu temperamento deforma quixotescamente. Desse modo, a ausência de Manuel de Castro é dramaticamente enfatizada: "Crê que lastimo sinceramente que não estejas aqui. Precisava falar contigo"[250]; "Assusta-me, mais do que nunca, a tua ausência. Não sei trabalhar sem o teu convívio e o teu auxílio. Não sei reagir sem o teu incitamento. É um horror![251]

No mesmo dia 11 de Agosto, percebemos que António Baptista Leite de Faria continua a ser o grande protector da empresa editorial[252]:

> "Está a imprimir-se a capa da *Elegia do Amor*. Aí vai, para que a vejas, uma prova de máquina, isto é, um dos primeiros exemplares impressos. Parece-me bem. Amanhã deve principiar a composição do livro. Preciso imenso falar contigo. Tenho trabalhado no sentido de arranjar dinheiro. [...] Vou esforçar-me o mais possível por conseguir de meu Pai dinheiro suficiente para os *Sonetos* e para a poesia sobre Londres.

[248] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 4 Ago. 1924.
[249] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 10 Ago. 1924.
[250] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 19 Jul. 1924.
[251] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 31 Jul. 1924.
[252] Cf. Joaquim Paço d'Arcos, *op. cit.*, p. 351.

> O estado do Banco é um pouco grave. Todos os Correias devem fabulosas quantias e, como é natural, o pobre Banco não nos pode socorrer. Se é certo que as suas finanças estão deveras combalidas, é também certo que a boa vontade do José Faria é enorme: não tem restrições nem medidas. E, apesar de tudo, apesar de todos os cães dos Correias, ainda espero muito dessa boa vontade do nosso querido banqueiro.
>
> Não seria mau que tu, aí, enquanto estás adoentado, fosses economizando um pouco, isto é, ajuntando os vencimentos que costumas receber. E seria bom que tal fizesses, para que pudesses saldar a tua conta particular com o Banco da Horta Seca. A firma Faria e Castro já tem a sua conta aberta. Para lá transferi todas as importâncias que retiramos em seu favor."[253]

Frequentemente sente-se, na leitura destas cartas, a consternação de um monólogo. Guilherme de Faria tem, por vezes, consciência de que Manuel de Castro não partilha nem os seus momentos de entusiasmo, nem os de abatimento. E, no entanto, nesse quente Verão de 1924, continuam a chegar cartas à Quinta de Santo António, páginas e páginas com a narrativa do prosaico quotidiano de um jovem aspirante a editor que circula entre Jaime Cortesão e Raul Proença, que por esses dias escreve a Teixeira de Pascoaes e conversa com Afonso Lopes Vieira:

> "Venho alvoroçadamente trazer-te uma notícia de sensação: a composição, impressão e capa do meu livro custam 358$00, na tipografia da Biblioteca Nacional. Em dez dias deve ficar concluído. O Sr. Gualdino Gomes[254] tem sido, como sempre, excessivamente amável. É uma pessoa encantadora. […] Estou felicíssimo. Não saio estas férias de Lisboa, porque quero publicar o mais breve pos-

[253] Guilherme de Faria, carta a Manuel de Castro, 11 Ago. 1924.

[254] Sobre Gualdino Gomes, que por esses dias se sentava junto a Pascoaes na mesa do fundo da Brasileira do Chiado e que tinha fama de não trabalhar, Joaquim Paço d'Arcos cita os versos burlescos de um poeta anónimo: "Gualdino, é bom parar!/ Não lhe fatiga o trabalho/ De nunca realizar?/ E andar sempre a gualdinar/ Como dizia o Fialho?" (cf. Joaquim Paço d'Arcos, *op. cit.*, p. 334).

sível os *Sonetos* do Pascoaes. No caso de ele mandar a poesia sobre Londres, publicámo-la também."[255]

"Paguei 358$00 pela composição, impressão e capa do meu livro. Devo ler, no próximo sábado, as primeiras provas. O facto de a Imprensa da Biblioteca se encarregar da publicação da *Sombra*, representa em parte uma excepção. Foi o Gualdino, sempre encantador e amável, que nos proporcionou um tão bom negócio.

Falei com o Sr. Jaime Cortesão e com o Sr. Raul Proença e ficou entre nós combinado pagar adiantadamente. Estou muito esperançado nesta tipografia que, ultimamente, tem feito obras admiráveis. [...] Falei com o Afonso Lopes Vieira que me assegurou ser a tipografia da Biblioteca a melhor e a mais acessível de todas as tipografias de Lisboa. Segundo o que ficou assente, o meu livro será todo composto em tipo Elzevir[256] que é, por muitas e muito boas razões, o nosso preferido."[257]

Mas o mais comovente é o fundo humano de Guilherme de Faria que aparece nestas cartas. Percebe-se que Joaquim Paço d'Arcos tenha manifestado a vontade de publicá-las, "dado o seu extraordinário valor humano"[258]. Nelas se encontram passagens como esta: "os meus sonhos dão-me alento e actividade para trabalhar, procurando realizá-los; e as minhas saudades são, decerto, filhas daquela deusa que inspira o Pascoaes a dizer-nos que a renascença de Portugal só dela depende – da estranha e tutelar influência da saudade…"[259] Nessas cartas descobrimos parágrafos de uma esperança comovente:

[255] Guilherme de Faria, carta a Manuel de Castro, 12 Ago. 1924.
[256] Diz-se de edições ou caracteres tipográficos que imitam os dos Elzevires, impressores holandeses dos séculos XVI e XVII.
[257] Guilherme de Faria, carta a Manuel de Castro, 13 Ago. 1924.
[258] Cf. Joaquim Paço d'Arcos, *op. cit.*, p. 338.
[259] Guilherme de Faria, carta a Manuel de Castro, 13 Ago. 1924.

> "Como eu seria feliz se, no próximo inverno, te visse inteiramente bem! Como seria bom continuar, serenamente e sem sombra de esmorecimento, nas nossas tentativas editoriais! Como seria óptimo conversar, sonhar e viver, sem excessos e sem botequins, lendo e estudando a um tempo e, pelas tardes doiradas e brumosas de inverno, rever atentamente as provas tipográficas de qualquer obra genial que porventura editemos! Adeus. Lembra-te sempre de mim."[260]

É em meados de Agosto de 1924 que a afeição de Guilherme de Faria por Teixeira de Pascoaes muda radicalmente. Os "cantos nebulosos e metafísicos do nosso bom Pascoaes"[261], assim como o "querido e divino Poeta"[262], terão a partir de 16 de Agosto um tratamento profundamente depreciativo. Cremos que esta mudança de atitude, tão repentina e radical, deve-se ao contacto com Mário Beirão[263], que Guilherme de Faria conheceu no dia 14 de Agosto. O que Mário Beirão lhe terá contado sobre Pascoaes e Raul Brandão condicionou definitivamente o modo como o jovem poeta passou a considerar os dois escritores.

No dia 16 de Agosto, Guilherme de Faria escreve a Manuel de Castro: "Duas palavras apenas: estou com muita pressa, porque o Mário Beirão acaba de chamar-me pelo telefone. Conheci há dois dias este grande poeta, muito mais poeta do que todos os Pascoaes, e já uma grande simpatia me prende à sua alma. Parece meu amigo. Conversámos ontem até altas horas."[264] Passados três dias, escreve este desabafo: "Lisboa todos os dias está mais desagradável. A vida é mil vezes pior que os versos do Pascoaes e as prosas do Brandão, os dois grandes

[260] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 11 Ago. 1924.
[261] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 1 Ago. 1924.
[262] *Id.*, carta a Teixeira de Pascoaes, 1 Ago. 1924.
[263] Mário Beirão (1890-1965) nasceu em Beja e faleceu em Lisboa. Licenciou-se em Direito na Universidade de Lisboa, exercendo o cargo de conservador do Registo Civil de Mafra. Da amizade com Teixeira de Pascoaes resultou a sua colaboração na revista *A Águia*. É aliás nessa revista que se estreia com o poema «As Queimadas» (*A Águia,* n.º 4, 15 Jan. 1911). Cinco dos seus livros são contemporâneos de Guilherme de Faria: *O Último Lusíada* (1913), *Ausente* (1915), *Lusitânia* (1917), *Pastorais* (1923) e *A Noite Humana* (1928). A sua poesia encontra-se reunida numa edição organizada por António Cândido Franco e Luís Amaro e prefaciada por José Carlos Seabra Pereira: *Poesias Completas* (Lisboa, IN-CM, 1997). Cf. Anexo 1, p. 52.
[264] Guilherme de Faria, carta a Manuel de Castro, 16 Ago. 1924.

jacarés! [...] E perdoa, uma vez mais, ao teu muito amigo que, neste momento, tem a cabeça mais nebulosa e confusa do que o espantalho de Amarante, bloco de trampa e literatura que canta dores etéreas, sapos com almas de Mar e lágrimas com portas e janelas."[265]

A simpatia por Mário Beirão e a antipatia por Pascoaes crescem proporcionalmente. Uma carta de 20 de Agosto testemunha-o:

> "É um grande poeta, este Mário Beirão. Tenho conversado com ele e, em verdade, merece-me grande simpatia. Tem muito mais merecimento do que o Pascoaes e nunca recorreu aos torpes expedientes de que este se serve para fazer reclamo do seu nome e da sua obra, muito pior do que supúnhamos. Apesar de até hoje só ter recebido atenções do jacaré de Amarante, tenho por ele o maior desprezo. É uma criatura vil. O que tenho sabido a seu respeito é suficiente razão para um completo desprezo, para um desprezo em que predomina a repugnância. E a sua obra, a sua decantada obra, constituída por dislates e vergonhosos plágios, é profundamente estúpida, confusa e contraditória, sendo também literariamente literária (dêmos à palavra 'literária' o sentido deprimente que o Joaquim pobre tolo costuma dar-lhe).
>
> [...] O Pascoaes é muito vil. Estou com sérios receios acerca das suas edições. Podemos amanhã ser vítimas duma perfídia desse réptil. Todavia, já temos concluída a *Elegia*. Vamos fazer os *Sonetos*, quando houver dinheiro. E depois espe-

[265] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 19 Ago. 1924. Outros exemplos de referências depreciativas a Teixeira de Pascoaes e a Raul Brandão: "Isto não é literatura de almanaque ou botequim: não vejas por detrás destas palavras, a figura literalmente caricata e sórdida dum Pascoaes, com a sua alma de trapo e a sua 'dor etérea'… em letra redonda. Não sejas injusto para comigo. Estou aqui, junto dos meus e cada vez mais só! Tenho passado os meus dias a vagabundear por essas ruas infectas, entre caras facínoras e almas que, à força de vis, já nem são almas" (20 Ago. 1924); "Se porventura tivesse mais facilidades de expressão e especulação seria o que o pobre tolo pretende ser: o Camões dos nossos dias, o intérprete deste povo… meão de estatura, a quem tenho ouvido chamar *Povo de Pedro-Sem*" (21 Ago. 1924); "Quando me falas da tua incapacidade ou negação para escrever, procuras enganar-te e enganar-me, porque, tanto tu como eu, conhecemos muito bem as tuas faculdades, não direi de grande escritor ou jacaré à Raul Brandão ou à pobre tolo de Amarante, mas de simples prosador de bilhete-postal à Guilherme de Faria" (1 Out. 1924).

remos o *D. Carlos*. Tenho a impressão de que ele, covarde como é, não tem coragem para o publicar.

Muito embora! Esperemos confiadamente… Saberás que o Sr. Teixeira de Pascoaes me convidou, há dias, para uma visita às suas propriedades. Não vou porque o conheço. O pobre Alves Martins andou a encher-se de ridículo, assoprando a tuba da fama e chamando as atenções sobre o réptil de que venho falando: pois, hoje, o monstro abocanha e achincalha o pobre Alves Martins e diz que lhe matou a fome em Pascoaes. É ainda e sempre o mesmo trapaceiro que afirma em público que um Correia d'Oliveira qualquer tem génio e logo diz, em particular, que o mesmo litera não passa de um cretino. É, como quase todos, um escarro."[266]

É curioso que a tendência de Guilherme de Faria para referir-se a Pascoaes em tom depreciativo aumenta significativamente sempre que escreve a Manuel de Castro acerca de Mário Beirão. Numa carta de 5 de Setembro lê-se: "Fui há bocado despedir-me do Mário Beirão, que vai para o Norte. Gosto imenso dele. É um grande poeta, sem dúvida o maior poeta contemporâneo e é, ao mesmo tempo, um dos mais nobres caracteres que eu conheço." E esta afirmação constitui pretexto para escrever: "Rareiam cada vez mais os bons caracteres. E então nesse lameiro da literatura só encontramos bilontras da pior espécie: são os pobres tolos, os putos tarimbeiros, em suma, todos os grandes jacarés. São todos muito vis, muito falsos, muito pérfidos! Este Mário Beirão é, em todo o sentido, uma excepção: por isso as alimárias o invejam e os biltres o anavalham."[267]

Na verdade, Guilherme de Faria estava duplamente enganado: nem Teixeira de Pascoaes seria tão 'mau' como Guilherme de Faria pensava – influenciado certamente por Mário Beirão –, nem Mário Beirão seria tão 'bom' como ingenuamente o jovem poeta supunha. Aparentemente, Guilherme de Faria ainda

[266] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 20 Ago. 1924.
[267] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 5 Set. 1924.

não tinha percebido que a Brasileira era a 'Câmara dos Deputados' e a 'Academia' desse 'estado livre' que era o Chiado, presidido pelo "erudito e boémio Gualdino Gomes, esteio septuagenário da má-língua local."[268]

Um interessante testemunho de José Gomes Ferreira – «Quase um relatório do convívio com um grande poeta nos cafés de Lisboa nos anos 30» – ajuda-nos a contextualizar esta questão:

> "O nosso culto por Pascoaes talvez acendrasse em Beirão uma natural hostilidade ciumenta [...]. Teixeira de Pascoaes fingia não reparar nesta pequenina tempestade em copo de água. Ou – quem sabe? – talvez ela lhe agradasse. Mas ficaria com certeza forrado de picadela de alfinetes se assistisse à cena a que o Carlos Queirós assistiu e logo correu a contar-nos, a ferver de fúria: 'Querem saber como o tipo se referiu ao Pascoaes, quando o viu entrar na Brasileira? Desta maneira infame: *Lá vem o homenzinho de Amarante...* Ora o...!' Não, não me afoito a escrever como o Carlos Queirós classificou o Mário Beirão."[269]

É o mesmo meio literário em que Teixeira de Pascoaes desprezava a poesia de Fernando Pessoa e este afirmava que o poeta de Amarante sofria de 'pouca arte'[270], um meio particularmente afectado por invejas, intrigas e maledicência, em que a sensibilidade apura egocentrismos cruéis. Por temperamento, Guilherme de Faria lidava muito mal com este tipo de situações e, progressivamente, distancia-se do meio literário.

O fim do Verão prolonga as mesmas expectativas, as mesmas questões concretas relacionadas com a impressão de *Sombra*[271], as mesmas dificuldades eco-

---

[268] José-Augusto França, *op. cit.*, p. 83.
[269] José Gomes Ferreira, «Quase um relatório do convívio com um grande poeta nos cafés de Lisboa nos anos 30», *in Pascoaes*, p. 157.
[270] Cf. *id.*, *ibid.*, p. 158.
[271] "Começou hoje (sexta-feira) a impressão do meu livro. Estou muito satisfeito com ela. O tipo é óptimo, novíssimo, mas com aquele papel é impossível que o livro não fique com um pouco

nómicas e o mesmo sentimento de solidão agravado pela prolongada ausência de Manuel de Castro[272]. O pai de Guilherme continuava a proteger a sua actividade de editor:

> "Meu Pai, que leu com delirante entusiasmo a *História de Jesus*, quer fatalmente publicá-la. A edição do meu livro deixou-lhe uma óptima impressão a meu respeito: em seu entender eu sou, no campo das artes gráficas, um autêntico jacaré. Daí ele confia em mim para a edição da *História de Jesus*. E quer entrar para a nossa empresa: entra com o dinheiro! É uma ideia sublime! E a distribuição dos lucros será: 30% para meu Pai, 30% para ti, 30% para mim e 10% para José Faria. No princípio de Outubro devemos iniciar os nossos trabalhos para a publicação da *História de Jesus*. É conveniente que estejas cá. Depois falaremos com mais vagar."[273]

A última carta de 1924 data de 2 de Outubro, pouco antes do regresso de Manuel de Castro a Lisboa. Nela pode ler-se:

> "Preciso muito de conversar contigo. O Anrique Paço d'Arcos, que hoje mesmo regressou de Pascoaes, veio procurar-me e, depois de nos felicitar pelas nossas edições, disse-me que o pobre tolo delirou com a *Elegia* e aguarda em ânsias os *Sonetos*. Mais, o mesmo pobre tolo promete-nos a edição dum livro novo que tenciona publicar brevemente e, segundo o mesmo Arcos, é caso assente, a publicação do livro sobre D. Carlos feita por nós.

---

de pressão ou cravação. Essa cravação, segundo afirma o Afonso Lopes Vieira, dá uma certa beleza ao livro; e, segundo declara o Sr. Pais (impressor), desaparece com o tempo" (*id.*, carta a Manuel de Castro, 29 Ago. 1924).

[272] "Tenho grande desejo e maior necessidade de falar contigo acerca dos *Sonetos* de Pascoaes. Parece-me muito conveniente que publiquemos antes de Outubro e estou na disposição de contrair um empréstimo com meu Pai. Todavia, antes de tomar qualquer resolução, preciso de conversar com o Ex.^{mo} sócio D. Manuel de Castro" (*id.*, carta a Manuel de Castro, 29 Ago. 1924).

[273] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 7 Set. 1924.

> Como deves compreender, fazes-me imensa falta neste momento. Conheces suficientemente o meu feitio para poder calcular que estou cheio de hesitações e dúvidas horríveis. Precisaria de conversar durante largas horas contigo, para solucionarmos da melhor forma este grave e complicado problema. Ao que parece, Pascoaes supõe-nos dois fervorosos e entusiásticos admiradores das suas almôndegas literárias, vivendo absorvidos na constante adoração do seu lirismo etéreo e inatingível, e na disposição de lançar no mercado livresco todas as possíveis e imaginárias obras de sua excelência.
>
> É desnecessário dizer que esta convicção de poeta provinciano é fundamentalmente errada. Mas é também indispensável acentuar que o nosso dever consiste em tirar dela o máximo de proveito. Por isto e por muitas coisas mais preciso de conversar contigo. Manda dizer quando voltas daí."[274]

No fim desse intenso Verão de 1924, Guilherme de Faria era editor de Teixeira de Pascoaes. Ainda se encontram em livreiros antiquários e alfarrabistas exemplares da *Elegia do Amor*, livro que, como se lê na última página, "acabou de se imprimir aos 28 de Julho de 1924 na Imprensa Lucas & C.ª". Percebemos que a participação de Manuel de Castro neste trabalho resume-se à leitura das notícias que lhe chegavam de Lisboa, manuscritas por Guilherme de Faria[275]. Percebemos ainda que quem acorre às despesas, "generoso e dedicadíssimo ao filho, cujo génio poético o maravilhava, é o Dr. Leite de Faria, que na dura labuta de médico sustentava a numerosa família"[276]. Com efeito, a inexperiência dos jovens editores paga-se com muito dinheiro[277].

---

[274] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 2 Out. 1924.

[275] "Tenho imensas coisas para te dizer. Mas, dado o facto bem lamentável da tua ausência, só escrevendo te posso dar conhecimento do que se tem passado com a nossa empresa editorial e com muitas outras coisas, algumas de grande interesse e importância" (*id.*, carta a Manuel de Castro, 7 Set. 1924).

[276] Joaquim Paço d'Arcos, *op. cit.*, p. 345.

[277] Como refere Joaquim Paço d'Arcos: "O Poeta envolvera-se noutra iniciativa deste género com um indivíduo que eu ainda conheci, Da Cunha Dias, figura balzaquiana, que lutara anos a fio contra médicos psiquiatras que o mantinham em asilos de alienados e para lá o devolviam quando ele, à força de combate, deles se conseguia libertar. Advogado, escritor, polemista, edi-

No dia 19 de Agosto de 1924 nasce Leonor, a décima filha de António Baptista e de Lúcia Leite de Faria. Guilherme escreve a Manuel de Castro:

> "Tenho mais uma irmã. Nasceu hoje. A minha Mãe está, como de costume, óptima. A rapariga nem é feia nem bonita. Se porventura tivesse nascido num dia em que eu estivesse menos indisposto, com certeza que lhe encontraria mil encantos. Mas como tenho andado, de há muitos dias, o mais enfastiado possível, parece-me uma recém-nascida vulgar, sem beleza e sem fealdade. [...] A minha irmã vai chamar-se Leonor. Deus queira que, pela vida fora, mereça sempre o lindo nome que lhe vão dar."[278]

Numa carta de 24 de Agosto, Guilherme de Faria escreve: "Falas, num *post-scriptum*, do nome que vão dar à minha irmã recém-nascida: Leonor era um nome das minhas preferências. Mas andava esquecido dele. Foi a tua Mãe quem reavivou em mim a simpatia que esse lindo nome, de facto, merece."[279] É curioso o modo como a família participa na escolha do nome da recém-nascida:

> "Meu Pai quis chamar Assunção à rapariga que vai chamar-se Leonor. Esse nome – Assunção – é também das minhas simpatias. Mas meus irmãos opuseram-se. Como deves ter reparado, os meus irmãos são vagamente jacobinos e como Assunção é um nome de sabor e de origem religiosas, e como a razão que o meu Pai alegava para defender a sua causa era ter nascido a nossa irmã na semana de Nossa Senhora da Assunção, meus irmãos opuseram-se ferozmente. Nessa altura, lembrei-me da conversa que tive com a tua Mãe, quando íamos

---

tor, Da Cunha Dias foi um furacão que arrastou Guilherme para voos gorados, sonhos destroçados. Ainda editaram, associados, que me recorde, pequenos volumes de poesia. E, por via desta, rapidamente conduziram a incipiente empresa editorial à ruína absoluta. O pai do Poeta saldou as dívidas e levou tudo à conta da sua infinita ternura pelo filho" (*id.*, *ibid.*, pp. 351-352).

[278] Guilherme de Faria, carta a Manuel de Castro, 19 Ago. 1924.

[279] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 24 Ago. 1924.

para Santo António. Ocorreu-me então o nome Leonor. Tive o gosto de o propor e de ver que era por todos aceite."

Sentindo vocação para abraçar a vida religiosa na Ordem dos Frades Menores, Francisco foi admitido no Colégio Seráfico de El Pardo, dos Capuchinhos da Província de Castela, para onde partiu em Outubro de 1924. Só regressaria a Portugal em 1938.

Por seu lado, a vida de Guilherme era marcada pela ociosidade. E Manuel de Castro era o seu grande companheiro nas deambulações por Lisboa, nos botequins, nas conversas que se prolongavam indefinidamente:

> "Aqui em Lisboa passámos meses conversando. Logo pela manhã, acordando, ainda debaixo daquela impressão desagradável de sonolência e torpor de que só a água fria nos liberta, eu aguardava, ansioso, a tua chegada, para que saíssemos, para que déssemos um pequeno passeio, para que conversássemos um pouco… Lembras-te com certeza de que, durante longos meses – e ao mesmo tempo tão breves! –, vivemos para conversar. E todos os dias, Manuel, havia – era inevitável! – um assunto muito grave a discutir, uma questão importante e complicada a resolver…
>
> Não vai há meia hora que partiste e já estou receoso, apreensivo e – para quê negá-lo? – muito mais triste e enfadado do que de costume. Não quero quebrar o encanto das nossas conversas diárias, desse vício adorável de conversar a todas as horas, vício que, durante meses, foi a mais forte, a mais constante, e talvez a única energia vital de que dispusemos. Conversando, nós fizemos tudo o que, a dois mortais, é possível fazer. Sonhámos, conversando talvez com graça e com bom senso, os sonhos mais belos de que há memória, sonhos fulgurantes em que cantávamos, com a mesma naturalidade com que um deputado faz um discurso, a nossa Felicidade, essa Felicidade, miragem enganadora que todos procuram e que, para nós, era uma realidade visível e palpável; conversando, tecemos quimera de oiro e fizemos, largamente, crítica literária; criticá-

mos, ora com frases de azedume e condenação, ora com exclamações de entusiasmo e de louvor, todos os poetas e todos os prosadores, de preferência aqueles cujas obras desconhecíamos…; conversando, fundamos e dissolvemos empresas comerciais, redigimos escrituras para sociedades editoras, revimos provas tipográficas; conversando, sentimos a ardência do Sol no planalto de Benguela e fizemos sempre, com resultados mais ou menos agradáveis, variados exames em variadas escolas e liceus; conversando, vimos nascer, dos ventres de duas pretas, dois mulatitos que eram nossos filhos, porque a ardência do Sol africano desperta, brutalmente, a lascívia da besta humana…; conversando, perdemo-nos, infinitas vezes, pelos céus e pelos antros nebulosos da metafísica, pairámos pelo firmamento longínquo, sondámos os abismos mais misteriosos, discutimos o problema da existência do Padre Omnipotente, e o mais, e o mais, e o mais…

Quando as pessoas das nossas famílias, que são dadas a frequentes acessos de moral, condenavam o nosso viver de vagabundos e nos atiravam às faces, indignadas, o tremendo epíteto de botequinistas, viciosos de café, eu sorria intimamente, cheio de satisfação e ironia. Sorria, sim! porque eles se enganavam! O meu vício não era beber café. A minha preocupação, o meu desejo, o meu vício, era deambular pela cidade e, principalmente, conversar, conversar contigo! Porque tu, Manuel, que deves ter no mesmo grau este meu vício vivificador e indispensável, já fazes parte de mim! Olha que eu, sem conversar contigo, sou um inválido, um inútil! Não sei, não posso e – diz-mo uma voz interior – não quero tomar a mais pequena resolução sem conversar contigo."[280]

A amizade que unia Guilherme de Faria a Manuel de Castro é verdadeiramente impressionante. Sem questionar a reciprocidade dessa amizade, percebemos que é a força do sentimento de Guilherme que realmente assume proporções extraordinárias: "Vá lá a gente, levada pelos fumos e pelas vozes mentirosas da vaidade, interpretar, com lógica e com inteligência, os mistérios do

[280] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 16 Jul. 1924.

nosso destino! Eu, que nada sou, nem valho, nem mereço, fui encontrar na tua amizade quase todas as minhas alegrias sãs e duradoiras. Do fundo da alma agradeço a Deus ter-te conhecido [...]. Como tenho sentido a tua falta! Nem podes imaginar como tem sido este exílio!"[281]

Numa carta de 1 de Outubro, Guilherme de Faria escreve que vive num "horroroso e vil desterro que é Lisboa" e que a vida de cidade lhe provoca "crises de indizível neurastenia"[282]. O conceito de neurastenia foi proposto por George Beard, em 1867, e aplica-se a um estado de exaustão nervosa. O doente queixa-se de fadiga intensa, de fraqueza física e mental, de nervosismo, irritabilidade, cefaleias e distúrbios no sono. É um estado de astenia física e psíquica, pela incapacidade de fazer qualquer esforço, associada a uma perturbação do humor que pode evoluir para a melancolia. Tratando-se fundamentalmente de um distúrbio da personalidade, o comportamento do indivíduo sofre transformações que dificultam a sua adaptação social e conduzem-no a um isolamento; é frequente a ocorrência de fobias, desconfiança e tendência para a mistificação.

É exactamente este diagnóstico que a leitura de dezenas de cartas de Guilherme de Faria nos possibilita. Entre o fim de Julho e o princípio de Outubro de 1924 encontramos invariavelmente passagens que confirmam que Guilherme de Faria sofria de neurastenia:

> "Estou horrorosamente indisposto [...]. A minha incapacidade é absoluta: o pensamento está vazio de ideias, mesmo de ideias asnáticas, que nele costumam abundar; as minhas mãos trémulas, incapazes de alinhar meia dúzia de palavras; e a minha expressão fisionómica traduz, com inteira fidelidade, a estupidez sem fim que me possui. Tudo isto é tristíssimo!"[283]

[281] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 23 Jul. 1924.
[282] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 1 Out. 1924.
[283] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 30 Jul. 1924.

"Estou tristíssimo. Gostaria de ser um pouco mais frio, quero dizer, um pouco pior do que sou, para me deixar cair, lentamente, numa grande indiferença, numa profunda apatia. Os cínicos devem ser felizes. O meu feitio tortura-me. Sou exclusivamente uma vítima da minha maneira de ser. Sou assim. Todas as coisas me entristecem e nada, nada, nada! me alegra inteiramente. Estou há três quartos de hora sentado nesta cadeira, numa abstracção idiota. Mas, no fundo, há sempre o mesmo descontentamento, a mesma insatisfação horrorosa. São duas horas da manhã. Poderia escrever muito mais se porventura recorresse às minhas faculdades de baixo e vil literato. Mas não recorro. Não quero. Prefiro esperar pelo dia em que a vida me atire para uma mesa de redacção dum pasquim."[284]

"Tenho, às vezes, momentos de apreensões e dúvidas enormes, e crises de indizível desalento que se prolongam pelos dias afora, e que me enchem de pânico e terror. Tenho impressão, que é já de si um sintoma de desequilíbrio, de que tudo me hostiliza e magoa, e sinto, inevitavelmente, todos os dias, menos interesse pelas coisas e menos coragem e actividade para trabalhar."[285]

"O meu livro está, a bem dizer, pronto, e eu estou cada vez mais arrependido de o publicar. Cada vez me parecem piores os meus versos. Tenho movimentos de cólera e revolta contra a minha inconsciência (porventura vaidade?): é ela que me leva a comprometer o meu nome publicando livros desastrados. Suponho-me um homem perdido nesta feira de intrigas e vaidades que é o mundo em que vivemos. Se é certo que fui um *menino-prodígio*, é também certo que, todos os dias, vou deixando de o ser, sendo como homem desmedidamente imbecil. Vexa-me e tortura-me a esterilidade do meu viver. E se me quedo, às vezes, a cismar, são aéreos e vãos meus pensamentos. Nada há em mim. São inexplicáveis quase todas as minhas acções. Aos meus próprios olhos a minha vida aparece

[284] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 31 Jul. 1924.
[285] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 20 Ago. 1924.

confusa e misteriosa. Sou um homem meão de estatura: sou em todo o sentido meão de estatura.
[…] Tudo isto me mortifica. Sempre que estou só tenho estes pensamentos tétricos. Queria reagir de qualquer maneira. Mas estou contaminado de apatia, terrível doença comum. Sou um ocioso, vivo cansadíssimo, sou o mais vil e desgraçado de todos os mortais. Adeus. Não tenho a noção do que escrevi, mas tenho a impressão de que escrevi com verdade e sinceridade."[286]

"Mas, em verdade, tenho muita razão: para um mal-aventurado, condenado a viver numa cidade hedionda, entre a desmedida boçalidade de uns e a repugnante malvadez de outros; para o triste que cada vez se sente mais só, tanto entre pessoas conhecidas e amigas, como entre turbas azafamadas e ruidosas, escrever ou qualquer outro afazer que a vontade nos imponha representa uma tortura ou, pelo menos, uma contrariedade."[287]

"E não creio também nas tuas indisposições: são puramente imaginárias. Reais, dolorosamente verdadeiras, são as minhas, porque vivo neste horroroso e vil desterro que é Lisboa e porque esta vida de cidade me provoca crises de indizível neurastenia. O vácuo, à minha volta, é cada vez maior: todos me ferem e me magoam, a minha energia, a minha coragem e os meus próprios desejos esmorecem e morrem, subsistindo neste inferno apenas um: o de morrer!"[288]

Guilherme de Faria sente-se permanentemente muito cansado[289] e desoladoramente só: "Nunca supus a solidão o pior dos males: mas hoje, e com toda a razão, assim a considero. Porque realmente estou condenado a uma solidão

[286] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 21 Ago. 1924.
[287] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 7 Set. 1924.
[288] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 1 Out. 1924.
[289] "Estou, como é natural, muitíssimo cansado. Sinto o cansaço, a um tempo irritante e vexatório, dos que não fazem coisa alguma: é realmente o mais maçador de todos os cansaços" (*id.*, carta a Manuel de Castro, 10 Ago. 1924).

desoladora!"[290] Sofre frequentes crises de nervosismo[291] e fica alterado com alguma facilidade. Guilherme de Faria não era uma pessoa irascível, no entanto agredira um professor no Liceu Passos Manuel, em 1922, e era muito afectado por incidentes episódicos, conflitos ou discussões em que a realidade aparece deformada e enfatizada dramaticamente:

> "Acredita que a minha maior desgraça consiste em não ser de todo estúpido ou em não ser como tal considerado. O bandido que cuspiu sobre o meu nome a mais abjecta das calúnias, não a teria cuspido se me considerasse seu igual em inteligência e em sentimentos. E essa calúnia sem nome tem-me torturado horrorosamente. Tenho estado numa luta formidável comigo próprio: parece-me que não posso deixar de castigar tão grande vileza! Estou nervosíssimo. A minha indignação é infinita. Sinto, com mágoa, um fundo de revolta contra o próprio Deus que teve ânimo para criar tamanho facínora: eu, que não sou Deus, mas simples e modestamente sou o mais apagado dos mortais, era incapaz de cometer semelhante barbaridade. É um horror! Queria deixar de pensar no biltre que me cuspiu, mas nem durante um segundo me abandona o desejo de o esganar – grande e repugnantíssimo canalha!"[292]

---

[290] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 20 Ago. 1924. "Na solidão em que vivo, desisto de todos os meus desejos e empreendimentos" (*id.*, carta a Manuel de Castro, 20 Ago. 1924); "Há tantas coisas que tenho para te dizer! Quando virás quebrar o horror da minha solidão?" (*id.*, carta a Manuel de Castro, 20 Ago. 1924).

[291] "Ora, eu que ainda há pouco te escrevi debaixo de uma crise bem forte de nervosismo" (*id.*, carta a Manuel de Castro, 9 Ago. 1924); "Deixa-me mudar de assunto, porque estou muito nervoso. Quero dizer-te inúmeras coisas ao mesmo tempo mas vejo, com infinita desolação, que nada tenho para te dizer" (*id.*, carta a Manuel de Castro, 10 Ago. 1924).

[292] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 2 Set. 1924. O conteúdo desta carta lembra o de uma outra, de 29 de Julho de 1923. O incidente que relata terá sido certamente bem menos interessante do que a retórica e a comicidade do enfático discurso de Guilherme de Faria: "Tudo o que ontem ouviste foi imbecil. A pessoa que teve preponderância naquela cena irrisória foi, como sempre é e será, protervamente imbecil. Prodigiosa a imbecilidade daquele pigmeu petulante! Tão prodigiosa que conseguiu influir nos meus pensamentos e nas minhas palavras! E eu, havemos de convir, Manuel, sou muito menos imbecil do que o imbecil de que te falo. Pois imbecilizou-me durante algum tempo, o presunçoso idiota! E eu, imbecilizado, ouvi a sua arenga e, finda que foi, ainda o julguei um acanalhado malandrim, quando ele – miserável! – é simplesmente um inofensivo imbecil. Pois tudo o que ele disse foi, como era natural, imbecil. Falou imbecilmente. Mentiu, caluniou, deturpou, mas sempre imbecilmente. E, meu querido Manuel, repugna-me

Lisboa torna-se, com o tempo, um exílio menos tolerado: "Lisboa está, mais do que nunca, insuportável."[293] Escreve frequentemente sobre a "horrorosa vida de Lisboa", sobre a "atmosfera irrespirável de botequim, [...] que tortura e estupidifica e que é profundamente estúpida e desinteressante."[294] Nesta reacção contra a cidade há, implicitamente, uma expressão de 'aldeanismo', uma certa aquiescência em relação ao argumento de Alberto d'Oliveira, em *Palavras loucas*, que defendia que os poetas portugueses deviam emigrar para as aldeias[295]. Em Guilherme de Faria, a negação da cidade e a idealização do mundo rural são fundamentadas nas memórias da infância e no imaginário de tantos poetas, entre «O sentimento dum ocidental»[296] de Cesário Verde e a «Canção da Felicidade»[297] de António Nobre.

Por vezes, este sentimento assume um tom simultaneamente perturbador e comovente. Pela segunda vez, encontramos uma referência ao suicídio numa carta de Guilherme de Faria[298]:

> "Esta vida em Lisboa, tão estreita, tão mesquinha, enfastia-me cada vez mais. A impressão que tive, quando voltei daí, ao entrar na 'Babilónia portuguesa', foi das mais dolorosas de toda a minha vida. A mesquinhez, a grosseria, a fealdade, o ridículo de todo este 'progresso', de toda esta 'civilização' – indignaram-me e magoaram-me de tal modo que, enquanto dirigia meus passos para o carinhoso e

---

quebrar bruscamente a nossa amizade por via dos despautérios daquele pilharengo safardana que, por acaso, é muito mais grotesco e imbecil do que safardana… Que pobríssimo diabo! Eu não discuto nem refuto as imbecis afirmações do supra-citado imbecil. Se porventura lhe dás crédito e importância, é inevitável a alteração da nossa amizade. Suponho que procederás como eu. Um imbecil não merece que o discutamos. Eu ignoro-os – os imbecis. A este, continuarei a falar da mesma maneira. É indigno do meu desprezo, porquanto merece simplesmente a minha piedosa e discreta indiferença."

[293] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 13 Ago. 1924.
[294] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 20 Set. 1924.
[295] Alberto d'Oliveira, *op. cit.*, pp. 157-165.
[296] Cesário Verde, *op. cit.*, pp. 79-88.
[297] António Nobre, *Só*, pp. 77-78.
[298] A primeira referência ocorre numa carta de 22 de Agosto de 1923.

> acolhedor lar familiar, ia pensando romanticamente num suicídio, desejando-o com toda a alma, pedindo ao Senhor Deus que precipitasse a minha pobre alma de pecador nos abismos mais profundos, libertando-a assim – e finalmente! – da tristeza desta vida e da… hediondez desta cidade!"[299]

Dois anos depois de *Mais Poemas*, Guilherme publica *Sombra*, livro que sai das oficinas gráficas da Biblioteca Nacional no dia 30 de Agosto de 1924.

"Ler, conversar, falar de poetas, era o gosto singelo da sua existência"[300], por isso durante esses dois anos a sua cultura literária aumentou significativamente: Camões, Bernardim, Frei Agostinho da Cruz, Antero ou João de Deus foram companheiros de muitas horas de aparente ociosidade.

Tudo isso contribui para o amadurecimento da expressão poética de Guilherme de Faria em *Sombra*, cujos poemas continuam a guardar a mesma melancolia e desânimo que habitam os livros anteriores, as suas cartas, a sua vida. Como referiu Joaquim Manso: "Mostra-nos que a sua inspiração continua percorrendo, infatigavelmente, o seu ciclo de tristezas, se bem que uma nota de mais funda sinceridade acompanha agora as suas confidências."[301] Por seu lado, a poetisa Maria de Carvalho comenta que gostaria que, nos versos de *Sombra*, "houvesse um pouco mais de alegria juvenil"[302] e congratula-se com a ausência de sonetos, "o que nos repousa, tão numerosos eles aparecem na literatura actual". A perícia de Guilherme de Faria na redondilha é reconhecida por Eduardo Brasão: "Não há no género, nada, nestes últimos tempos, que se lhe compare, em técnica perfeita, em sentimento profundo."[303]

---

[299] Guilherme de Faria, carta a Manuel de Castro, 10 Ago. 1924.
[300] Joaquim Paço d'Arcos, *op. cit.*, p. 349.
[301] Joaquim Manso, *Diário de Lisboa*, 16 Out. 1924.
[302] Maria de Carvalho, *Correio da Manhã*, 10 Nov. 1924.
[303] Eduardo Brasão, *Diário de Lisboa*, 9 Fev. 1925.

Nos primeiros dias de Setembro, as cartas de Guilherme de Faria transmitem alguma tranquilidade e optimismo. Para além do entusiasmo esporádico que a actividade editorial por vezes lhe proporciona, há apenas duas cartas que denunciam esperança ou, pelo menos, algumas expectativas em relação ao futuro. Na primeira, datada de 5 de Setembro, Guilherme de Faria reafirma o carácter funesto e detestável de Lisboa e enfatiza a necessidade de terminar o curso liceal:

> "Esta Lisboa em que habito, cada vez me parece mais detestável. Sinto-me pouco à vontade, aqui tudo isto é muito feio, muito mau. Tenho a impressão de que já teria morrido se não tivesse a luz dum sonho a iluminar-me a todos os instantes: é um punhado de ambições, modestas, triviais, mas muito belas, que me vêm suavizando os horrores desta vida, incitando, animando o meu pobre espírito, tão precocemente avelhentado e abatido.
>
> Estou na disposição de me matricular num curso de explicações [...]. Vou estudar muito para completar, no próximo ano, o meu curso liceal. Sinto-me senhor duma vontade muito grande: pela primeira vez em toda a minha vida, estou certo de que vou reagir energicamente contra a inqualificável e inexplicável apatia em que, por desgraça minha, tenho vivido.
>
> Tu deves estudar também. Vamos concluir este ano o curso dos liceus! É uma coisa grandiosa, é um grande passo para um bom futuro a que incontestavelmente temos direito! E, creio bem, não nos deve ser difícil alcançar uma tão bela vitória.
>
> Esta vida em Lisboa não tem uma sombra de encanto ou sedução. E não está certo que nós, que não somos estúpidos, nos embrenhemos e afoguemos na mesquinhez e na estupidez de tudo isto, de toda esta vida de literas de meia-porta, de papo-secos imundos, de caixeirolas alvares e de aventureiros abjectos. Temos fatalmente que nos libertar desta vida: façamos uma vida de absoluto isolamento,

estudando com afã e com entusiasmo, e conversando depois nas horas livres. Estou cheio de confiança na nossa vida futura! Confio absolutamente em ti."[304]

No segundo documento, de 8 de Setembro, Guilherme de Faria apresenta enfaticamente as virtudes da vida rural, que inicialmente é descrita como um lenitivo para o seu sofrimento e que adquire um sentido soteriológico no decurso da carta:

"Tenho muitas saudades dos dias que passei convosco em Santo António. É cada vez maior o desejo que venho sentindo ultimamente: viver no campo, ser útil à terra que me viu nascer, cultivá-la com zelo e amor, e com vantagens para mim. Quero completar o curso liceal para depois viver longe das coisas bárbaras do mundo, nesse admirável Ribatejo que tão grandes encantos tem.

Meu deus! dá-me ao menos a graça de ver realizadas as minhas pobres ambições! Dá-me pela vida fora alimentação frugal para o corpo e serenidade e alegria para o espírito! Para desvanecer definitivamente as dúvidas que me entristecem e as sombras que me torturam, dá-me a luz clara e doce duns olhos negros de mulher! (criança que nem sabe que é mulher!) Dá-me a tua bênção, redime a minha pobre alma deste humano cativeiro, dá-me um pouco de ingenuidade e inconsciência, que nunca tive!, e deixa-me sonhar, e deixa-me viver!

Ouviste? É a oração patética e espontânea do teu muito amigo exilado neste infinito deserto onde, se faltam palmeiras, abundam pelo menos os dromedários."[305]

Mas, para desgosto de Guilherme de Faria, nem Manuel de Castro leva a sério as suas boas intenções e, em vez de valorizá-las, ridiculariza-as. Tendo recebido no dia 9 de Setembro a carta de Manuel de Castro, Guilherme de Faria responde-lhe prontamente, persistindo nos mesmos argumentos:

[304] Guilherme de Faria, carta a Manuel de Castro, 5 Set. 1924.
[305] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 8 Set. 1924.

"Desgostou-me muito a tua carta de hoje. É imensamente lastimável esse estado de apatia e cepticismo que a tua carta revela. Porque chamas sonho irrealizável ao meu veemente desejo de concluir o curso liceal? Porque razão atribuis ao álcool ou à sua influência as palavras serenas e reflectidas que escrevi?

Diz-me: que rumo seguirá a minha vida se eu não souber reagir decidida e energicamente ao vergonhoso torpor a que me venho abandonando? Se esse torpor e esse permanente cansaço derivam da inutilidade em que vivo, qual a maneira de reagir eficazmente? Trabalhar, estudar, longe da lama do Chiado e do lixo dos botequins. Eis a única solução!

Tu não podes deixar de concordar comigo, porque a tua situação é, a bem dizer, igual à minha.

Meu Pai está cheio de boa vontade para nos ajudar nos trabalhos editoriais, que havemos de realizar à margem do estudo. E depois, concluída a tarefa liceal, teremos novos horizontes abertos em vários campos. A ideia, também em teu entender utópica, de agricultarmos a terra, pode muito bem realizar-se então. Nossos pais, satisfeitos com os nossos triunfos escolásticos, não terão a menor hesitação em fazer de nós lavradores.

Eu serei lavrador e estudante, porque tenciono estudar todos os códigos à sombra amena duma velha árvore amiga… Meu Pai está realmente na disposição de comprar uma propriedade nas proximidades de Lisboa."[306]

A negação de Lisboa, as saudades dos dias passados na Quinta de Santo António e a projecção da «Canção da Felicidade»[307], dissimulam um outro aspecto que, sendo estrutural, passa desapercebido nas cartas de Guilherme de Faria: o amor por Emília Castro.

Tantos e tantos assuntos enchem as páginas de dezenas de cartas escritas em 1923 e 1924, mas apenas um doloroso silêncio: "dá-me a luz clara e doce duns olhos negros de mulher! (criança que nem sabe que é mulher!)" O seu nome só

[306] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 9 Set. 1924.
[307] António Nobre, *Só*, pp. 77-78.

uma vez aparece, numa carta de 22 de Agosto de 1923: "Muitas saudades para a Emilinha." Em Agosto de 1924, a interrogação: "Que é dELA?! (Assim perguntava o pobre Ónio[308].) ELA não existe! (Assim dizia o pobríssimo Guilherme.)"[309]

Alguns dias depois aparece formulado o paradoxo que transforma o sentimento de Guilherme de Faria num amor autista e doentio: "Quero dizer, com toda a alma, que ELA ainda existe e é cada vez mais bela e mais alta! Todavia – e nisso consiste a minha desventura – eu não sei dELA! Só tu me poderias dizer algumas palavras por que anseio. Mas não as digas, por Deus te peço!"[310] Guilherme insiste: "Diz-me se ela ainda existe! Em mim está presente e divina de graça!"[311] E persiste: "Que é dELA? Eu não sei dELA!"[312]

Não cremos que Manuel de Castro tenha alguma vez respondido a esta premente interrogação. Infelizmente, encontrámos apenas uma carta escrita por Manuel de Castro em 1924, datada de 21 de Setembro. Mas não nos parece que a dramática personalidade de Guilherme de Faria o preocupasse demasiadamente. Esse aparente desinteresse de Manuel de Castro não nega a amizade que certamente sentia por Guilherme de Faria, mas, por vezes, a sua evidência era para o poeta muito dolorosa:

> "Deixa-me falar com toda a franqueza que em mim existe. Recebi agora a tua carta, que muito agradeço: veio trazer-me uma grande alegria mas, ao mesmo tempo, entristeceu-me imenso. Porque não tens, na tua carta, nem uma palavra para as pobres cartas que, com tanto prazer, todos os dias te venho escrevendo? Não as tens recebido? Não é provável.
>
> A explicação é outra e bem dolorosa para mim: não falaste delas para marcar o desagrado e o fastio que te causam. Não suponhas, Manuel, que fico sentido:

[308] Refere-se a António Hartwich Nunes.
[309] Guilherme de Faria, carta a Manuel de Castro, 10 Ago. 1924.
[310] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 18 Ago. 1924.
[311] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 20 Ago. 1924.
[312] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 21 Ago. 1924.

compreendo muito bem e, em verdade, das minhas cartas não podia esperar outra coisa. Tu tens razão. Todavia, eu esperava um pouco de generosidade da tua parte. Mas o teu feitio é assim: não consentes numa mentira, ainda que a determinante dela seja um bom e nobre sentimento, como a generosidade, a caridade, a piedade.

E tu, Manuel, de tal modo quiseste marcar o teu desagrado, que nem de longe aludiste a alguns assuntos de que te venho falando e que, como muito bem sabes, me interessam vivamente. Fico muito mais triste do que supões. O meu destino é bem cruel! E eu que, sempre que te escrevia, apesar de ter pecha de literato, estava despido de todas as preocupações formais, exteriores! Nunca procurei as palavras: era uma voz interior que mas dizia.

Adeus. Até Outubro. Quando pensares no definitivo regresso, manda-me dizer num bilhete-postal. Perdoa todos os meus incómodos. Perdoa também esta carta, que é a última que te escreve o teu muito amigo."[313]

Mais uma vez, com mais ou menos motivos, Guilherme de Faria escreve uma carta dramática, desolada, excessiva. No dia seguinte, Manuel de Castro envia dois cabazes, um de pêras e outro de maçãs e, com um pedido de desculpas, tudo se resolve. Guilherme de Faria responde-lhe:

"Muito obrigado pela tua carta que hoje recebi! Não sei como dizer-te a alegria que me trouxe, porque, além do mais, veio dissipar uma dúvida horrível de que ontem, numa carta que te mandei, falava desoladamente. Essa carta de ontem é, por certo, um documento comprovativo da minha loucura. [...] Deves rasgar essa carta e, mais uma vez, perdoar a este pobre rapaz que te escreve. Comoveram-me as tuas boas palavras."[314]

[313] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 17 Ago. 1924.
[314] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 18 Ago. 1924.

Manuel de Castro continuava a ser a pessoa mais próxima de Guilherme de Faria, enquanto Emília continuava a ser a mais distante, habitando um brumoso e espiritual universo poético. Perto permaneciam os lupanares de Lisboa, que Guilherme frequentava numa excitação mórbida: "A minha febre só a carne acalma."[315]

Com efeito, aqui encontramos – como em Cesário Verde – uma certa ambiguidade entre os contrastes cidade/campo, mulher-erótica/mulher-angélica, morte/vida. A sexualização da cidade, através da mulher erótica que a habita, provoca transferências para outros níveis sémicos e corresponde à atracção da morte. Há inequivocamente uma relação intrínseca entre um sentido erótico e a referência à morte. Quando Guilherme de Faria evoca o campo, encontramos a nostalgia da harmonia primordial e telúrica, a vida, o sentido moral da existência, o amor esponsalício, Emília Castro. Quando Guilherme de Faria se entrega à cidade, deparamos com os botequins, a boémia, a degradação, os excessos, a morte entranhada nos lençóis de um prostíbulo.

Guilherme de Faria vive entre o pecado e a redenção, movido pela libido, mortificado pelo escrúpulo, vergado pela neurastenia. Escreve, numa carta de 22 de Agosto:

> "A influência, não sei se diga benéfica se maléfica, de algumas obras religiosas que ultimamente tenho lido (*Imitação de Cristo*, *Meditações*, etc.), fez-me viver, durante um período demasiado longo, debaixo de uma onda de transcendente e ardente misticismo. Desde há muito tempo que venho sendo uma espécie de anacoreta medieval, passando os dias embevecido na leitura de páginas de evangélico sabor, longe do mundo e das suas pecaminosas seduções.
>
> Pois bem: a essa vaga de forte misticismo que me dominou, atribuo agora a minha tremenda indisposição destes últimos dias, indisposição que, por certo, transparece nas últimas cartas que te escrevi.

[315] *Id.*, *Saudade Minha*, Lisboa, 1926, p. 29.

> Durante duas semanas consegui ser absolutamente casto. Por fim, sentia, frequentemente, perturbações horríveis, crises violentas a que se sucedia um desalento enorme, que tanto me vexava e torturava. Hoje, porém, quando acordei, senti-me capaz de arrostar com mil 'Imitações de Cristo': levantei-me de um salto, almocei cabalmente, bebi café e desci o Chiado, cheio de sol e de alegria.
> Depois, a tarde foi, toda ela, encantadora: foi, seguramente, uma das mais belas da minha vida. Queria dizer-te os infinitos encantos desta tarde, mas vejo bem que não posso. Dir-te-ei simplesmente que uma linda mulher é e será, pelos séculos dos séculos, a mais bela coisa que podemos encontrar neste mundo de provação e cativeiro!"[316]

Mas a bipolaridade de Guilherme de Faria tem sempre a última palavra. O entusiasmo delirante do elogio da beleza feminina tem, quatro dias depois, o desapaixonado epílogo: "Nas primeiras horas pareceu-me a noiva ideal que todos nós sonhamos… Minutos depois considerava-a a mais banal das colarejas."[317] Guilherme de Faria refere-se a Madame Lucie Castaigne, uma belga com uns 35 anos, que tinha supostamente "uma vivíssima simpatia por rapazes de 16".

Depois de uma estadia de quase um mês na Figueira da Foz, Lucie Castaigne regressa a Lisboa. No dia 20 de Setembro, Guilherme de Faria escreve a Manuel de Castro: "O dia de ontem foi para mim encantador. No dia de anteontem tive uma surpresa muito agradável e alguns minutos de alegria. Mas o dia de hoje é já duma tristeza desoladora. A única criatura que me interessava – pelo seu físico, pela sua linha fina e feminina, pela sua graça dominadora e pelos seus admiráveis olhos azuis – partiu esta manhã no rápido de Madrid."[318]

E Guilherme de Faria imerge novamente na tristeza desoladora do seu desterro em Lisboa. O epistolário confere aos seus poemas uma sinceridade trágica e

[316] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 22 Ago. 1924.
[317] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 26 Ago. 1924.
[318] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 20 Set. 1924.

iniludível. Percebemos que, em 1924, está já fundamentalmente definido o contexto que, no princípio de 1929, confere uma sinistra inteligibilidade ao seu suicídio; não como uma fatalidade inexorável, mas como condição ontológica de alguém que, na sua «Confissão», reconhece aquilo que insistentemente se lê nas suas cartas: "Mas quero viver, quero ser tudo,/ Só não quero, Senhor!, ser o que sou!"[319]

Em Fevereiro de 1925, Manuel de Castro e Guilherme de Faria apresentam três livros de Teixeira de Pascoaes: *Sonetos*, impresso nas oficinas gráficas da Biblioteca Nacional, *Londres* e *D. Carlos*, impressos na tipografia da Empresa do Anuário Comercial[320]. De *D. Carlos* fez-se uma tiragem de 155 exemplares em papel Japão, encadernados por Alexandrino, com ferros especiais, numerados e rubricados por Teixeira de Pascoaes.

Como vimos, desde meados de Agosto de 1924 que Guilherme de Faria, na intimidade das cartas que escrevia a Manuel de Castro, desconsiderava frequentemente Teixeira de Pascoaes. No entanto, publicamente, mantinha uma relação cordial com o poeta de Amarante que, fugindo aos rigores do Marão, passava o Inverno em Lisboa, na York House. No dia 24 de Fevereiro de 1925, já Pascoaes tinha regressado a Gatão, Guilherme de Faria comunica-lhe que os livros já estavam impressos e que faltava apenas a brochura.

Particularmente arrependido por se ter comprometido com a edição dos livros de Pascoaes[321], Guilherme de Faria consegue – naturalmente com o dinheiro do pai – imprimi-los e colocá-los nas livrarias em meados de Março. O esforço deste investimento, que certamente nunca terá sido compensado, acabará por sacrificar a edição da *História de Jesus* de Gomes Leal, assim como as

[319] *Id.*, *Sombra*, p. 34; SM[08], p. 38.
[320] Cf. Anexo 1, p. 51.
[321] Como se lê no *post-scriptum* da carta de 2 Out. 1924, a Manuel de Castro: "Foi um grande erro dizermos ao pobre tolo que dispúnhamos de avultados capitais. Não te parece?"

aspirações do jovem editor, que frequentemente acusava o desgaste causado por uma actividade mais prosaica do que poética.

Nos primeiros dias de Junho, Guilherme de Faria encontra numa carta de Pascoaes o motivo para a ruptura. A sua resposta, numa extensa carta datada de 9 de Junho de 1925, explica a situação:

> "Em Fevereiro ou Março do ano passado, falámos-lhe, pela primeira vez, do desejo que tínhamos de fundar uma casa editora; V. Ex.ª louvou os nossos propósitos [...] e com tal sinceridade e entusiasmo o fez que, nessa mesma ocasião, teve a gentileza, que jamais pude esquecer, de nos oferecer, para a nossa futura editora, toda a sua obra literária. [...]
>
> Como não podia deixar de ser, aceitámos com o maior alvoroço e reconhecimento a sua generosa oferta [...]. Falámos a V. Ex.ª na melhor forma de salvaguardar os seus direitos e perguntámos-lhe, lealmente, as condições que exigia. V. Ex.ª respondeu-nos simplesmente não desejar dinheiro algum, mas apenas que fôssemos felizes na nossa empresa, que classificou de admirável e benemerente. [...]
>
> Sem dúvida que esta sua resposta nos comoveu e muito nos impulsionou a realizar cabalmente os nossos projectos. [...] Compreendemos, sem grande dificuldade, a renúncia de um homem rico e poeta de afamado valor, mas limitado público, aos míseros vinténs dos seus direitos de autor. [...]
>
> Tudo isto estava admiravelmente bem e, sendo muito agradável para nós, creia V. Ex.ª que não nos era menos prejudicial. Porque a sua atitude, que a sua carta de hoje veio modificar completamente, levava-nos ao cumprimento integral da nossa palavra, à publicação de todas as suas obras. Tenha V. Ex.ª a certeza de que os dois rapazes a quem hoje revelou, da forma mais evidente e mais grosseira, a desconfiança que a sua honestidade lhe inspira, estavam firmemente dispostos aos máximos sacrifícios, para assim corresponderem à nobreza da atitude de V. Ex.ª, agora tão desairosamente desmentida! Os editores a quem agora, da sua longínqua propriedade de Gatão e só daí, porque em Lisboa não o ousou fazer,

vem magoar e ferir com exigências que envolvem o maior dos agravos, os seus editores, repito, estavam firmemente dispostos a levar a cabo a edição completa das suas obras que, por divinas em excesso, não interessam de forma alguma ao público de Portugal, que não as lê e muito menos as compra.

E a nós que, por gentileza, lhe não comunicamos o estrondoso fracasso do seu livro de maiores possibilidades de venda – o *D. Carlos* – de que ainda não conseguimos vender, em todo o país, oitocentos exemplares; a nós que lhe ocultamos também o estupendo insucesso dos *Sonetos* e de *Londres*, de que vendemos, ao fim de meses, muito menos de duzentos exemplares; [...] é a nós, Sr. Teixeira de Pascoaes [...], que V. Ex.ª vem exigir, como direitos de autor, 20 por cento sobre o preço dos seus livros!

Fique pois sabendo, Sr. Teixeira de Pascoaes, que os dois rapazes que, em má hora, se dispuseram a publicar os livros de V. Ex.ª, saberão cumprir os seus deveres até ao fim e, por hoje, perdoam e esquecem os ultrajes que lhes dirigiu, prevenindo-o, contudo, de que será melhor não lhes lembrar outra vez que foi o primeiro a pôr em dúvida, e duma forma tão grosseira, a integridade dos seus caracteres.

Sem mais, subscrevo-me, em nome dos seus ex-editores,

Guilherme de Faria"[322]

Assim termina a relação entre Guilherme de Faria e Teixeira de Pascoaes. Esta carta é suficientemente explícita. Os dois poetas conheceram-se na Brasileira do Chiado, em Fevereiro ou Março de 1924; Guilherme de Faria introduz alguns amigos no séquito de Pascoaes e apresenta-lhe o seu projecto editorial. Pascoaes, que tinha 46 anos e era já um dos mais reconhecidos poetas portugueses do seu tempo, com uma certa ingenuidade, oferece a sua obra literária a dois jovens editores com 16 anos; numa atitude própria de um poeta sem preocupações mundanas, renuncia aos direitos de autor e confia no entusiasmo dos dois rapazes. Guilherme de Faria, com apenas 16 anos, inicia-se como editor com

[322] *Id.*, carta a Teixeira de Pascoaes, 9 Jun. 1925.

um dos mais importantes autores da história da literatura portuguesa e sente que os livros de Pascoaes trariam prestígio e sucesso comercial. Afinal estavam ambos enganados. Nem Guilherme de Faria era, então, o editor que a obra literária de Pascoaes merecia, nem Pascoaes era o poeta que garantiria o sucesso comercial da editora.

Estamos convencidos de que existe uma relação entre o modo como Guilherme de Faria passou a desconsiderar Pascoaes, em meados de Agosto de 1924, e a sua amizade com Mário Beirão. Com efeito, Guilherme de Faria admirava profundamente Teixeira de Pascoaes e, dois dias depois de ter conhecido Mário Beirão, passou a referir-se ao poeta de Amarante de modo depreciativo, muitas vezes insultuoso.

Curiosamente, Guilherme de Faria tinha de certo modo previsto, um ano antes, esta situação de ruptura: "O Pascoaes é muito vil. Estou com sérios receios acerca das suas edições. Podemos amanhã ser vítimas duma perfídia desse réptil."[323] Por outro lado, a reacção de Pascoaes pode ter sido motivada pela desconsideração de Guilherme de Faria, ou seja, Pascoaes pode ter tido conhecimento da opinião tão depreciativa que Guilherme de Faria tinha de si e, numa atitude de auto-defesa, escreve ao jovem editor exigindo-lhe direitos de autor a que antes tinha renunciado.

Uma discussão entre Guilherme de Faria e Anrique Paço d'Arcos, no dia 8 de Maio de 1925, documentada numa carta pouco explícita, pode explicar esta situação. Com efeito, Guilherme de Faria escreve a Anrique: "Tive, de facto, razões para ficar sentido e desgostoso [...]. Por isso não sei nem posso desculpar-me de lhe haver revelado o meu desgosto, vindo apenas, com esta minha carta, pedir-lhe que me desculpe a rudeza excessiva com que lho revelei."[324]

Independentemente da relação provável, para Guilherme de Faria o seu desentendimento com Anrique Paço d'Arcos deve-se a Teixeira de Pascoaes.

[323] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 20 Ago. 1924.
[324] *Id.*, carta a Anrique Paço d'Arcos, 8 Maio 1925.

Num bilhete-postal já citado, escrito na Ericeira, no dia 8 de Novembro de 1928, e enviado ao seu irmão Miguel, Guilherme de Faria afirma: "Deu-me muito gosto a notícia que me dás do Anrique Paço d'Arcos se querer reconciliar comigo. [...] De resto, eu nunca fui seu inimigo e as duas ou três partidas que ele me fez, sempre as atribuí a Teixeira de Pascoaes."[325]

De certo modo, a carta de Pascoaes apenas precipitou a ruptura entre os dois poetas e deu um pretexto a Guilherme de Faria, que aproveitou para descartar-se duma responsabilidade que lhe pesava excessivamente.

Depois da ruptura, em Junho de 1925, os dois poetas encontrar-se-ão uma última vez no dia 2 de Janeiro de 1926, num episódio de algum modo caricato, narrado assim por Guilherme de Faria:

> "Ontem aconteceu-me uma coisa bem engraçada e inesperada: estive a tarde inteira de cavaco com o Bandarra de Amarante. O Costa Pinto convidara-me para aparecer em sua casa e falarmos aí de poesias e literaturas [...]. E eu fui; e qual a minha surpresa ao encontrar lá os líricos Américo Durão e Pascoaes. Ao primeiro, falei como conhecido que sou; ao segundo apresentou-me o Costa Pinto, que ignorava por completo o que entre nós se passou. O que é facto é que eu desempenhei lindamente o meu divertido papel: conversei com o pobre tolo como com pessoa que, pela primeira vez, tivesse conhecido. Ele sempre embaraçadíssimo e perplexo em assumir uma atitude definitiva. A certa altura, porém, o pobre Pascoaes aludiu, de qualquer forma, a cenas entre nós passadas; e eu fui então divino, fazendo-lhe saber, abertamente, que não era o Guilherme de Faria, ex-editor e poeta, que estava conversando na sua presença, mas tão-somente o Guilherme de Faria amigo do amável dono da casa, que a ambos nos convidara e apresentara. O homem ficou simplesmente passado depois desta minha explicação, dada num tom naturalíssimo e, ao mesmo tempo, categórico."[326]

[325] *Id.*, bilhete-postal a Miguel Leite de Faria, 8 Nov. 1928.
[326] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 3 Jan. 1926.

Na correspondência entre Raul Brandão e Teixeira de Pascoaes[327], encontrámos duas referências a Guilherme de Faria, ambas de carácter depreciativo. A primeira data de Julho de 1928. Raul Brandão escreve: "Ainda hoje me chegou às mãos um livro de versos – que não li nem lerei – *Distância*[328] do António Pedro, com um prefácio onde o Coelho de Carvalho[329] chama 'grande poeta' ao Guilherme de Faria."[330] A segunda foi escrita por Pascoaes apenas seis dias depois do suicídio de Guilherme, a 10 de Janeiro de 1929: "O Guilherme de Faria parece que se suicidou. O Pimenta faz-lhe um enorme elogio, na *Voz* – a ele e ao Visconde de Ameal! Sim, para aquele Camões só aquele Camilo! [...] Está tudo muito certo, neste País de navegadores do mar das Índias que demudaram em pescadores de águas turvas! Que pouca vergonha!"[331]

Em 1925, as cartas de Guilherme de Faria a Manuel de Castro diminuem significativamente. Isto deve-se fundamentalmente a ausências menos frequentes e menos prolongadas de Manuel de Castro. Mas as cartas mantêm e acentuam as mesmas tendências de sempre: a opressão da cidade, o sentimento de abandono e de solidão, o quotidiano de uma vida adiada:

> "Lamento que vejas em mim simbolizada a cidade que, afinal, detesto, com todos os seus vícios ordinários e com toda a sua civilização pífia. [...] Deverias pensar e

[327] Raul Brandão e Teixeira de Pascoaes, *Correspondência* (recolha, transcrição, actualização do texto, introdução e notas de António Mateus Vilhena e Maria Emília Marques Mano), Lisboa, Quetzal Editores, 1994.
[328] António Pedro, *Distância*, Lisboa, 1928.
[329] Joaquim José Coelho de Carvalho (1852-1934), jurista, foi sucessivamente sócio correspondente, efectivo, presidente e sócio emérito da Academia de Ciências de Lisboa, tendo ocupado igualmente o lugar de reitor da Universidade de Coimbra (1919) e desempenhado cargos diplomáticos em diversas ocasiões. Reflectiu e escreveu sobre temas variados, desde a história à prosódia e à ortografia, passando pela arte; traduziu algumas obras importantes da literatura europeia; cultivou a poesia e o teatro.
[330] Raul Brandão, *op. cit.*, p. 184.
[331] Teixeira de Pascoaes, *op. cit.*, p. 197. Nesta alusão mordaz está implícita a ideia de que Alfredo Pimenta, numa atitude caricata, comparara Guilherme de Faria a Camões e atribuíra à obra do Visconde de Ameal um fulgor semelhante à do novelista de Seide.

compreender que eu não sou a cidade, mas uma vítima dela que ardentemente deseja libertar-se da sua opressão e tem no espírito uma sede de vida e simplicidade bem rara nos tempos que vão correndo.

Tenho, felizmente, grande confiança no meu futuro. Mas agora, neste momento, estou ainda sob a impressão de abandono e solidão que a tua carta me deixou. [...] Tenciono ler alguns livros de Camilo e passear pelas ruas, enquanto não voltas. Passei hoje a tarde a procurá-la, àquela mulher divinamente linda que tanto me impressionou. [...] Procuro pelas ruas da cidade essa mulher tão pálida e tão linda, vaga sombra de amor, não é nem será toda a luz que me ilumina. É simplesmente, na solidão sem fim do meu viver, mais um clarão de amor, desejo ardente, mais um sorriso fútil de mulher."[332]

Por vezes, a sua tristeza toma proporções verdadeiramente dramáticas:

"Não posso deixar de te escrever. Nem tu supões como sou teu amigo! Estou hoje mais triste que de costume. Sinto que o meu futuro será bem pior do que o presente. E o presente é já tão desgraçado! Se tu pudesses calcular as desgraças que pesam sobre mim. Olha, afinal, nem sei porque venho escrevendo tudo isto. Compreendo muito bem que te enfades e zangues comigo. Pois eu não faço mais do que indispor-te e prender-te com as minhas conversas. [...] Mas que queres? Sinto-me triste, estou realmente muito abatido e não posso deixar de te escrever. Tenho a certeza que me hás-de perdoar e escrever muito breve. Deus queira que estejas muito feliz, muito alegre, muito contente! Deus queira que todos estejam, a esta hora e pela vida fora, muito felizes, alegres e contentes! Consola-me imenso a alegria, a felicidade dos outros. Que todos sejam muito felizes! [...] Tenho a ilusão de que todos os mortais são já felizes, por toda a eternidade! Tenho a ilusão de que tu e eu próprio somos felizes também e por toda a eternidade! Os outros talvez sejam felizes... E tu, Manuel, talvez também o sejas, se é que o não foste sempre... Mas a minha alma é triste até à morte!"[333]

[332] Guilherme de Faria, carta a Manuel de Castro, 23 Maio 1925.
[333] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 27 Maio 1925.

As cartas de Guilherme de Faria não se esgotam na condição de um extraordinário diário íntimo; com efeito, resultam muitas vezes em interessantes e idiossincráticos documentos históricos. No dia 29 de Maio, Guilherme de Faria escreve: "Tenho que acompanhar a minha Mãe à casa de família do grande actor Brasão que ontem morreu, pelas 11 horas e meia da noite. Senti muito a sua morte, como muito bem podes compreender, pela grande afeição que me merecia a sua boa alma. O Brasão era muito meu amigo e eu ainda 24 horas antes da sua morte, estive largo tempo a conversar com ele."[334] Na mesma carta poder ler-se: "Morreu também, ontem ou anteontem, o João Chagas, autor daquele livro que há dias compraste ali no alfarrabista de Santa Justa e de muitos outros livros bem interessantes, e que foi um dos grandes propagandistas desta república com que morreu, como é natural, profundamente desgostoso." No final impõe-se a dolorosa constatação: "Não há mais notícias, Manuel. Estas que te dou são todas fúnebres. Que tristeza de vida!"

Nesse mesmo dia 29 de Maio, numa segunda carta, aparece a confirmação da debilidade da saúde do poeta: fraqueza, dores de cabeça e cansaço. O diagnóstico de neurastenia é objectivamente reforçado: "Agora deixa-me dizer-te que tenho passado pouco bem de saúde. A minha pobre Mãe anda alarmada com a minha fraqueza e obriga-me a digerir alguma dúzia de remédios. Mas, apesar de tudo, não me sinto tão mal como ela me vê. As dores de cabeça têm sido menos frequentes, talvez pelo relativo sossego em que tenho vivido, mas o meu cansaço e aborrecimento são cada vez maiores."[335]

O interesse por uma prostituta de um qualquer lupanar de Lisboa acentua o drama moral de Guilherme de Faria e a sua angústia afectiva. No dia 29 de Maio escreve ao amigo: "Tenho andado, nos últimos dias, liricamente interessado por uma pobre e adorável rapariga que conheci num dos bordéis da capi-

[334] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 29 Maio 1925 [1].
[335] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 29 Maio 1925 [2].

tal. Parece-me tão boa, tão simpática, a linda criatura!"[336] Dois dias depois, acrescenta: "Num dos bordéis da capital e num lindo e apetitoso corpo, foi que eu encontrei essa alma formosíssima."[337] Mas o poeta não podia comprar essa "alma formosíssima" e a prostituta podia apenas vender-lhe o corpo, por um certo preço e durante um período circunscrito, como qualquer outra prostituta a qualquer outro homem.

No regresso a casa, uma lucidez desoladora proporciona um retrato comovente do poeta, apenas redimido nos seus versos:

> "Ah, como eu sinto a esta hora da noite a ausência dELA! Vejo em todas as coisas que me falta e sinto em toda a parte a sua falta [...]. Sou frio como a dor, a dor mais fria, e apenas tenho instintos de animal! Beijá-la e polui-la, eis o que eu queria. [...] Eu sou, ainda e sempre, um grande desgraçado, porque não tenho sabido enganar-me. [...] Ainda bem que às vezes faço versos que, embora desgraçados como eu, são todavia lembranças vivas do outro que eu deveria ser. Neles vive, luminosa e ardente, a Sua Alma, a alma dELA, que eu adoro e desejo intensamente e que, tanta e tanta vez, tenho afastado."[338]

Em Agosto, no *post-scriptum* de uma carta a Manuel de Castro, Guilherme de Faria escreve que faz tenções de estudar línguas – francês e inglês –, para depois seguir a vida diplomática[339]. Na mesma carta lê-se uma discreta referência a Emília Castro: "Pelo meu irmão António, que actualmente noiva na Granja, tive as melhores notícias da Emilinha. Segundo a sua expressão, ela faz as delícias da praia."

Trata-se de um período com alguma estabilidade, em que Guilherme de Faria procura distanciar-se do meio literário: "Aqui, em Lisboa, tenho passado os

[336] *Id.*, *ibid.*
[337] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 31 Maio 1925.
[338] *Id.*, *ibid.*
[339] Cf. *id.*, carta a Manuel de Castro, 25 Ago. 1925.

meus dias menos mal. Louvores a Deus. Não tenho visto os literas e repórteres infectos que por aí pululam, nem tenho passado pela latrina em que esses larvados se espojam: o botequim da Brasileira. Só este facto é suficiente para alegrar os meus dias."[340]

No princípio de Setembro passa uns dias em Lamego, na casa de Fausto Guedes Teixeira[341], onde encontra Carlos de Lemos[342]. Só voltamos a ter notícias de Guilherme numa carta de 28 de Dezembro, em que narra a sua estadia em Santo António na quadra do Natal:

> "Fui entusiasticamente aclamado como o poeta mais poeta de todos os poetas do mundo, como tal recitei, com largo gesto e retumbante voz, inúmeras poesias. [...] Nem calculas o efeito que tiveram no espírito de todos os meus versos de agora, tão exaltada e sentidamente amorosos! Todas aquelas almas vibraram enternecidas ao fogo do Céu que me anima e me redime, enfim, deste infernal cativeiro, e que é na minha vida o meu divino Amor! Não estranhes tu, Manuel, esta explosão estupenda de lirismo: só tu entendes todos os diabólicos desvarios do meu pobre sentimento."[343]

Num período em que Guilherme de Faria termina todas as cartas que escreve a Manuel de Castro com cumprimentos para a Emilinha, percebe-se algum entusiasmo que decorre do "pobre sentimento" que o poeta evoca na carta de 28 de Dezembro. Com efeito, nada faria supor que, no dia seguinte, esse entusiasmo pudesse ser substituído pelo desencanto destas palavras: "Que triste des-

[340] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 31 Ago. 1925.
[341] Cf. Anexo 1, p. 49.
[342] Cf. *id.*, carta a Manuel de Castro, 9 Set. 1925: "Estou em Lamego e muito feliz da minha vida. Que a vida aqui é cheia de encantos: o Fausto é gentilíssimo, um grande espírito e um grande poeta; e Lamego é, realmente, uma linda terra. [...] Vim encontrar aqui, em Casa do Fausto, o nosso amigo Carlos de Lemos que é verdadeiramente encantador."
[343] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 28 Dez. 1925.

tino o meu, que insiste em me roubar o melhor que tenho, e que faz da minha pobre vida toda uma imensa e lutuosa saudade."[344]

A sua surpreendente bipolaridade tem sempre a última palavra. Prostrado pela neurastenia, atraído por uma prostituta por quem liricamente se apaixona, desoladoramente ferido e vexado por ser infiel ao amor que sente por 'ELA', aclamado como "o poeta mais poeta de todos os poetas do mundo" e logo silenciado e abatido na mais contristada solidão, Guilherme de Faria deixa-nos um epistolário intenso e comovente: "Eu aqui estou, Manuel. E até quando? Saber-me-ás dizer até quando? Aqui é em Lisboa, em Guimarães ou em qualquer outro sítio; aqui é precisamente o sítio em que estou."[345]

Em Janeiro de 1926, regressado da Quinta de Santo António, Guilherme recupera os hábitos de sempre: "A minha vida, aqui em Lisboa, desde que voltei de Santo António, tem tido o seu quê de aventurosa e boémia mas, na realidade, só infinitos enfados me têm cansado. Tenho dormido pouco e cirandado muito por essas noites afora, ora com o Alberto, ora com o Lefevre ou com o Jorge Ferraz, que ultimamente têm aparecido bastante."[346]

Nesta mesma carta, de 3 de Janeiro, em *post-scriptum*, Guilherme de Faria pede a Manuel de Castro: "E eu, como estás aí no campo, peço-te que procures uma flor chamada 'Saudade' e que a desenhes ou peças à Emilinha o enorme favor de a desenhar, com o seu talento. Se ela algum dia se dispuser a fazer a capa do meu futuro livro, que faça um friso de 'saudades' estilizadas, ou de qualquer forma, que eu muito, e muito e muito lhe agradeço!"[347]

[344] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 29 Dez. 1925.
[345] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 28 Jul. 1925.
[346] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 3 Jan. 1926.
[347] *Id.*, *ibid.*

Com efeito, o livro *Saudade Minha*, impresso no dia 7 de Maio de 1926, tem na capa a 'flor da saudade' que passa então a ser o *ex-libris* do poeta[348], presente nas capas dos seus livros e no seu jazigo, no Cemitério dos Prazeres[349]. A 'flor da saudade' é muito comum em Portugal no século XIX, utilizada como elemento decorativo nos cemitérios. Na lombada e no frontispício de *Ilhas de Bruma* (1917)[350] de Afonso Lopes Vieira, encontramos a 'flor da saudade', reminiscência do sentimento de diáspora, promessa de reencontro.

Percebe-se que Guilherme pretende timidamente que seja Emília Castro a desenhar a 'flor da saudade', o que guarda um certo dramatismo: o poeta deseja que a mulher que ama desenhe o seu *ex-libris*, que tem iniludivelmente uma conotação fúnebre. Emília desenhou a 'flor da saudade'[351] e Guilherme, no exemplar de *Saudade Minha* que lhe dedica, escreve: "À Emilinha, com a maior simpatia e mil agradecimentos pela sua saudade que é o único e maravilhoso encanto deste livro."[352]

Num poema inédito de Junho de 1926, intitulado «Oração», percebemos que o sentimento do poeta aparece renovado, marcado por uma esperança rara e comovida:

> "Emilinha!
> Dona da minha Saudade,
> Alma da 'Saudade minha',
> Amor da minha ansiedade!
>
> Emilinha!

[348] Cf. Carlos Coimbra, «Guilherme de Faria», *in* Armando de Matos e A. de Gusmão Navarro (dir.), *Arquivo Nacional de Ex-Libris*, Lisboa, 1927-1934, pp. 114-115.
[349] Cf. Anexo 1, p. 29.
[350] Afonso Lopes Vieira, *Ilhas de Bruma*, Coimbra, F. França Amado, 1917. Cf. Anexo 1, p. 36.
[351] Encontrámos no espólio do poeta, na Rua da Horta Seca, um desenho a lápis com a 'flor da saudade' que cremos ser o desenho original. Cf. Anexo 1, p. 61.
[352] Joaquim Paço d'Arcos, *op. cit.*, p. 357.

Sonho d'amor, minha dor,
Alma da 'Saudade minha'
E minha Esperança em flor!

Vem ao meu amor e acende
Na noite dos olhos meus,
A luz divina que esplende
Na eterna graça dos teus!"[353]

Por outro lado, Guilherme de Faria encontra-se sitiado pela solidão e pela inércia. Sem interesse pelos estudos e sem motivação para a actividade editorial, sentado no Martinho da Arcada descreve o "ambiente pestilento", a "misérrima e cómica sociedade", a "atmosfera bafienta e a gente irrisória"[354] que o cerca. Mesmo na companhia de bons amigos, os dias terminam recorrentemente com expressões como esta: "Mas tudo isto é muito pouco, porque me sinto aborrecido e insatisfeito…"[355]

A ausência de Manuel de Castro no princípio de 1926 motiva sinceros desabafos como este: "Nem supões a falta que me tens feito! Algumas distracções tenho encontrado, algumas simpatias leais me têm sorrido carinhosamente; eu continuo a ter grandes motivos para me julgar feliz, […] mas todos os dias acordo e adormeço mais arreliado e aborrecido."[356]

No final de Janeiro, nem o convívio dos amigos, nem as diurnas ou nocturnas deambulações pela cidade, apaziguam o seu profundo mal-estar que, numa carta de 27 de Janeiro, aparece assim formulado:

[353] Guilherme de Faria, «Oração» (poema inédito), 15 Jun. 1926. Cf. Anexo 1, p. 61.
[354] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 12 Jan. 1926.
[355] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 20 Jan. 1926.
[356] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 24 Jan. 1926.

> "Eu estou para aqui imensamente aborrecido. [...] Atravesso, sem dúvida, uma das fases mais críticas da minha existência, ainda tão curta, mas já tão cansada e extravagante. Olha, as minhas crises nervosas têm-se agora, mais do que nunca, repetido e com pavorosa intensidade. Há dias, por conselho e ordem de meu Pai, fui consultar o Dr. Egas Moniz, um especialista afamado dessas complicações de nervos. E o ladrão, que aliás é gentilíssimo e tem um espírito muito interessante, mostrou-se alarmado comigo [...]. Tudo isto é muito triste, como vês. [...] Pressinto muitas vezes a morte próxima"[357].

A edição de *Saudade Minha* marca de um modo indelével o ano de 1926 e o seu crescimento como poeta. Mais uma vez, a crítica acolhe bem o livro de Guilherme de Faria. Outra vez Eduardo Brasão, no *Diário de Lisboa*, reserva para o amigo generosas palavras:

> "Assim, na *Saudade Minha*, entrevemos, e vivemos até, todo o glorioso esplendor da redenção duma alma que sabe amar e que é dum poeta e dum português [...], um poeta lusitaníssimo; em pleno século XX, é na sua obra de hoje, neste grande livro de verdadeira poesia, que vamos encontrar o puro sentido e a plena revivescência da verdadeira poesia portuguesa, de Camões, de Gil Vicente, de Frei Agostinho da Cruz e de Crisfal."[358]

Independentemente da dimensão literária – que oportunamente abordaremos – *Saudade Minha*, cujo título evoca o verso de Frei Agostinho da Cruz – "Ah, Saudade minha, luz divina!" –, é um livro que reconhece várias pessoas importantes na vida de Guilherme de Faria: António Hartwich Nunes é o autor da epígrafe do poema «Velha Cantiga»[359]; «Canção»[360] é uma composição dedi-

[357] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 27 Jan. 1926.
[358] Eduardo Brasão, *Diário de Lisboa*, 23 Jun. 1926.
[359] Guilherme de Faria, *Saudade Minha*, pp. 25-26.
[360] *Id.*, *ibid.* pp. 33-34; SM[08], p. 50.

cada a João da Câmara, «Balada do Fim do Mundo»[361] a Domingos Telles da Gama, «A uma Fonte»[362] a Emília Telles da Gama e Castro e «Cantiga»[363] é dedicada ao poeta Fausto Guedes Teixeira.

No dia 13 de Junho Guilherme de Faria publica uma plaquete intitulada *Oração a Santo António de Lisboa*[364]. Este parece ter sido um período de alguma estabilidade; os poemas de *Saudade Minha* são bem acolhidos na imprensa e Guilherme de Faria dedica-se ao seu quinto livro, *Destino*, que será impresso no princípio de 1927.

[361] *Id.*, *ibid.* pp. 41-44; SM[08], pp. 54-55
[362] *Id.*, *ibid.* pp. 59-63; SM[08], pp. 65-67
[363] *Id.*, *ibid.* pp. 65-67; SM[08], pp. 68-69 (na edição da antologia, com ou sem intencionalidade, a dedicatória a Fausto Guedes Teixeira é omitida).
[364] Cf. Anexo 1, p. 15, e Anexo 2, p. 122. Trata-se de uma plaquete parecida com *Ao Soldado Desconhecido* (1921) de Afonso Lopes Vieira, vendida "a favor de um órfão da guerra" (cf. Anexo 1, p. 35). A *Oração a Santo António de Lisboa* foi vendida a favor da instituição 'Florinhas da Rua', fundada em 1917.

2.3. *És a vida que vai, sonhando, para a morte* | 1927-1929

Foi no dia 7 de Janeiro de 1927 que *Destino* foi impresso. No fim de Março, Guilherme de Faria é entrevistado por Armando Boaventura para o jornal *A Ideia Nacional*:

> "Que pensam os novos da vida literária portuguesa? Eis aqui uma pergunta a que os novos poderão e deverão responder. Ouçamos pois, ao abrirmos esta secção – «vida literária» –, um dos mais jovens poetas, Guilherme de Faria, cujo último livro – *Destino* –, há pouco saído dos prelos, tão alto acaba de erguer o seu autor.
> – Julgo admirável a hora que passa para a literatura portuguesa – começou por nos dizer. E acrescentou: – Creio mesmo que esta renascença, que está latente, não engana. Cessaram de vez as torvas influências revolucionárias que, um século atrás, tanto prejudicaram e escureceram grandes espíritos. E, como era natural – dadas a sua origem e finalidade absolutamente estranhas ao sentimento e à verdade portuguesa –, à cessão destas influências correspondeu um movimento que foi de interesse e, hoje, é de amor verdadeiro pelas nossas coisas.
> – Portanto?...
> – Portanto, as modernas gerações estão, assim, com Gil Vicente, quando esse extraordinário poeta dizia: "As coisas de Portugal/ Todas têm grande valor…"
> – As modernas gerações?...
> – Basta citar-lhe a geração que deu o Integralismo: homens como António Sardinha, Luís de Almeida Braga[365] – grande prosador e poeta –, João do Amaral – grande jornalista moderno – e tantos outros em que, dentre os mais novos, se destacam nomes como Manuel Múrias, que se votam, com heróico valor e sacri-

[365] Luís de Almeida Braga (1886-1970) foi advogado, literato e político. Sob o comando de Paiva Couceiro, participou nas incursões monárquicas de 1911. Exilado na Bélgica, frequentou as Universidades de Bruxelas e Gand, onde fundou a revista *Alma Portuguesa* (1913) e na qual cunhou a expressão 'Integralismo Lusitano', para designar um movimento estético-filosófico de renascimento católico. Em 1914, a expressão 'Integralismo Lusitano' vem a designar um movimento político-cultural estabelecido em torno da revista *Nação Portuguesa*. Guilherme de Faria escreve numa carta a Manuel de Castro: "Luís de Almeida Braga é, como sabes, um belo e nobre Espírito: tenho por ele a mais viva simpatia e admiração" (8 Set. 1924). Cf. Anexo 1, p. 39.

fício, à momentosa construção da Casa Portuguesa! É essa uma geração a valer – a geração do Resgate –, porque os benefícios da sua acção são imensos. Falando com os rapazes de hoje, ainda com os mais novos, encontramos neles uma boa formação moral e nacionalista. Estas almas de radiosa esperança e mocidade foram já resgatadas, pela acção de portugueses como os que citei, de todas as mentiras que, durante tanto tempo, turbaram o espírito nacional.

– E agora?

– Agora é que é prosseguir. Vejo próxima a Restauração de Portugal, do Reino de Santa Isabel e de Nun'Álvares, do Encoberto e de Camões. E não pensem os últimos crentes da mentira, que em todos os campos nos ia perdendo, que é meramente regressiva a renascença que ora se esboça com tanto esplendor. Não, não o creiam, porque será essa a última prova de que não são os descendentes dos antigos Portugueses.

– Então?

– Então, convençam-se todos de que a nossa missão não é contemplativa nem regressiva, porque a um Passado, como o que temos e amamos, tão glorioso e tão grande, não basta contemplá-lo estaticamente. Ele próprio exige uma continuação condigna e até superior em heroísmo e glória.

– A renascença de que fala não é uma quimera?

– Não é uma quimera minha. É uma verdade nacional.

E, a propósito, Guilherme de Faria acrescentou:

– Este movimento militar parece-me já muito bem e só deverá continuar animado dos princípios nacionalistas que o gerara.

Voltando à literatura:

– E depois, principalmente, esta bela geração que desponta e já se afirma, é um sintoma magnífico, porque é sabido que ao apogeu de um povo corresponde uma era de esplendor da sua literatura. É ver o nosso século XVI…

Continuando:

– E agora temos, na moderna geração, além dos que já mencionei, escritores como António de Sèves[366], que será, publicados os livros que prepara, um dos nossos maiores; filósofos como Mário Saa[367]; dramaturgos como Vitoriano Braga que, ainda no outro dia, nos deu uma peça moderna e magistral, Alfredo Cortês, Correia d'Oliveira e Carlos Selvagem; artistas como Almada e Emmérico[368].

– E poetas?

– De poetas que nomes lhe direi se, aparte uma meia dúzia de literatos retóricos e falseadores da nossa saudade, todos têm, ao menos, uma quadra maravilhosa? E há-os em tão exuberante quantidade. Devemos pois voltar, em Poesia, às verdadeiras fontes do Lirismo Português: muita frescura e limpidez de sentimento, muita verdade íntima e nobreza de expressão, e nada de confusões palavrosas e de excessos de imagens e objectivismo.

A concluir:

– Enfim: na minha consciente e modesta pouquidade, sinto-me feliz de pertencer a esta geração. Continuarei pondo a minha pobre arte ao serviço do meu sentimento de humano e português, sem preocupações de escola, sem turbações de brumas, de metafísicas e saudosismos suspeitos, antes obedecendo só ao mando

---

[366] António de Sèves nasceu em Leomil, em 1895. Novelista, advogado, diplomata e doutrinador. Licenciou-se em Direito, na Universidade de Lisboa, e aderiu ao Integralismo Lusitano. Na condição de diplomata, António de Sèves passou pela Direcção Geral dos Negócios Políticos e Diplomáticos e pela Secretaria Portuguesa da Sociedade das Nações.

[367] Mário Saa nasceu em 1893, nas Caldas da Rainha. Em 1895, a família regressa ao concelho de Avis e o seu pai constrói, quatro anos depois, o Monte de Pero Viegas, onde Mário Saa residiu quase toda a vida. Estudou Ciências Matemáticas e Medicina na Universidade de Lisboa, não tendo, porém, concluído nenhuma das licenciaturas. A vida de Mário Saa dividiu-se entre a administração agrícola das suas propriedades e a investigação e produção literária. De acordo com o perfil dos intelectuais do seu tempo dedicou-se e interessou-se por temáticas distintas publicando várias obras e numerosos artigos em periódicos. Dedicou-se à filosofia, à genealogia, à geografia antiga, à poesia, à problemática camoniana, às investigações arqueológicas e mesmo à astrologia e à grafologia. O seu interesse pela arqueologia e a investigação que realizou sobre vias romanas resulta na obra de maior vulto e importância de Mário Saa. Os seis volumes de *As Grandes Vias da Lusitânia* são produto de mais de 20 anos de investigações e prospecções arqueológicas e constituem, ainda hoje, uma obra de referência para os investigadores. A par com a arqueologia, Mário Saa destacou-se, também, no panorama da poesia portuguesa das décadas de 20 e 30. Publicou com assiduidade na *Presença* e privou com os grandes poetas e intelectuais da época no âmbito da boémia literária da Brasileira do Chiado. Cf. Anexo 1, p. 42.

[368] Emmérico Hartwich Nunes (1888-1969), irmão de António Hartwich Nunes, foi um importante artista, que se notabilizou como ilustrador; foi um dos pioneiros da banda desenhada e do desenho humorístico em Portugal.

do ritmo interior, como na máxima famosa: 'Nada de regras, e viva a sinceridade!'"[369]

Nesta entrevista, Guilherme de Faria assume o princípio orientador de 'reaportuguesar Portugal', em torno do qual se tinham reunido, em 1914, um grupo de jovens monárquicos constituído, entre outros, por Hipólito Raposo, Luís de Almeida Braga, José Pequito Rebelo, António Sardinha e João do Amaral.

No que diz respeito à poesia portuguesa, sem se comprometer com nomes de poetas, demarca-se dos "literatos retóricos e falseadores da nossa saudade" e das turbações brumosas de "metafísicas e saudosismos suspeitos", e faz a apologia do rumo que já se percebia em *Saudade Minha*, mas que em *Destino* o poeta assume plenamente: "Devemos pois voltar, em Poesia, às verdadeiras fontes do Lirismo Português: muita frescura e limpidez de sentimento, muita verdade íntima e nobreza de expressão, e nada de confusões palavrosas e de excessos de imagens e objectivismo."

Em Abril, José Agostinho, que durante muitos anos manteve a secção de crítica literária no jornal *A Voz*, escreve sobre *Destino*: "O poeta, o patriota e o crente caminham par a par, e num plano tão elevado, que não só encontram o melhor do coração humano, como muito do que pode haver de divino nas trágicas jornadas terrenas. O verso foge, em geral, às torturas, como os arroios das pradarias floridas. É quase sempre fluente sem prosaísmo, vivo sem artifício, ingénuo sem trivialidade."[370]

Um dia depois, Carlos de Lemos[371] – poeta que fora seu professor no Liceu de Passos Manuel – escreve o artigo mais importante que por essa época a poesia

---

[369] Guilherme de Faria, «A nova geração e o ideal nacionalista» (entrevista), *in A Ideia Nacional*, 30 Mar. 1927.
[370] José Agostinho, *A Voz*, 13 Abril 1927.
[371] Carlos de Lemos (1867-1954) foi escritor, professor e jornalista. Formou-se em Direito na Universidade de Coimbra e foi, durante muitos anos, professor de liceu na província, antes de leccionar no Liceu Passos Manuel. Em 1893 publica *Miragens*, que abre com a secção «Anterianas», constituída por sonetos dedicados à memória de Antero de Quental. Cf. Anexo 1, p. 49.

de Guilherme de Faria inspira. Trata-se de um artigo extenso que acompanha a obra do poeta desde *Poemas* e *Mais Poemas*. A propósito de *Sombra* e *Saudade Minha*, escreve: "Já nos volumes posteriores brilhantemente se afirmava, é certo, o lirismo muito pessoal de Guilherme de Faria: mas com intermitências ainda, ainda com desfalecimentos, aqui e ali uma exaltação mórbida, o arrepio duma psicose hamlética…"[372] E reconhece, no final, a propósito de *Destino*: "É que o poeta paira, de facto, muito alto, na posse, finalmente, duma arte e duma poesia muito suas."[373]

No que diz respeito a tudo o resto, 1927 não traz novidades. Os livros que editara mal se vendem e o desânimo invade-o. Momentos de uma desoladora lucidez aparecem nas cartas que escreve a Manuel de Castro:

> "Ainda há bem pouco te escrevi uma carta, toda ela assuntos editoriais da máxima importância. Agora, porque é tarde e porque estou há algumas horas debaixo da mais completa das abstracções, querendo despertar dela, venho escrever-te novamente.
>
> Cessem por um momento as preocupações que me têm torturado nos últimos tempos! Esqueça o meu pensamento o grave e cada vez mais complexo *problema da vida* que, nesta hora que tão fastidiosa decorre, é o problema dos estudos e das edições… Abandonem a minha pobre cabeça e o meu alquebrado espírito as dúvidas e incertezas dolorosas e as poucas certezas que subsistem, bem mais dolorosas e funestas do que todas as dúvidas e incertezas! Tenha eu, ao menos, a doce impressão de que num pequeno passeio, estamos conversando um pouco…
>
> Nunca senti um vácuo tão grande à minha volta. Sinto-me horrivelmente só e o meu estado moral é, a um tempo, de abatimento e desvario.
>
> Numa furtiva hora de serenidade mental, compreendi tudo: sou um pobre, condenado a este viver desolador, sofrendo a mais cruel e vã melancolia.

[372] Carlos de Lemos, *Novidades*, 14 Abril 1927.
[373] *Id.*, *ibid.*

> Sou afinal um imbecil como tantos outros. Tive por certo ambições exageradas num período bem pouco distante, de absoluta inconsciência e natural infantilismo. Hoje, com uma certa maturidade de pensamento, veio a decepção fatal, a incerteza da impotência, da inanidade completa. E tudo são escombros. A minha vida é toda ela renúncia. E eu aqui estou, aqui fiquei, parado, inerte, sem uma centelha de energia, sem uma réstia de esperança, porque toda ela era infundada e ilusória."[374]

É neste contexto, com este estado de espírito, que Guilherme de Faria vai regressar a Guimarães. O seu pai, tendo sido convidado para participar no Congresso Eucarístico Diocesano que decorreu em Guimarães, entre 8 e 12 de Junho de 1927, e estando impossibilitado de comparecer, incumbe o filho de ler a sua comunicação no Congresso.

Essa semana constitui um lenitivo para o quotidiano do poeta em Lisboa, de onde partiu na companhia do Bispo de Trajanópolis, D. Henrique José Reed da Silva[375]. No dia 8 de Junho, escreve a Manuel de Castro de Guimarães, muito impressionado com o modo como foi acolhido. No dia seguinte, com mais calma, descreve a viagem e o modo como se encontra instalado:

> "A viagem foi muito bem passada com o Sr. D. Henrique, Bispo de Trajanópolis. Logo no Porto, estavam a esperar-nos muitas pessoas daqui. Depois, por todas essas estações fizeram manifestações esplêndidas de simplicidade e entusiasmo. O Coelho de Carvalho tem razão: esta gente do Norte, sobretudo de Entre-Douro-e-Minho é que é a gente portuguesa. Que simpatia, tudo isto!

---

[374] Guilherme de Faria, carta a Manuel de Castro. Esta carta não foi encontrada no espólio de Joaquim Paço d'Arcos, mas encontra-se citada em «Destino e Obra do Poeta Guilherme de Faria» (pp. 361-362), embora não se encontre datada.

[375] D. Henrique José Reed da Silva foi coadjutor do bispo de Goa e foi bispo de S. Tomé de Meliapor, na costa ocidental da Índia, entre 1886 e 1897, ano em que foi nomeado bispo de Trajanópolis e em que foi sucedido por D. António Barroso que, dois anos depois, seria nomeado bispo do Porto.

> Dentre as mulheres há uma percentagem estupenda de verdadeiras belezas, na gente do povo! Não fazes uma ideia! São de entusiasmar o apetite e de enternecer pela doce e fina feminilidade que, por aí, vai sendo tão rara por causa dos modernismos. Estou encantado.
>
> Na estação de Vizela, que é ao pé de Guimarães, apareceu muita gente e, entre ela, o Pedrinho de Barros, que nos convidou para sua Casa – aos Bispos de Trajanópolis e do Porto[376], e a mim. Ora a Casa de Vila Pouca é uma autêntica maravilha; é das mais lindas e melhores de Portugal. Estou aqui principescamente instalado. A mesa é um assombro! Tenciono aumentar meia-dúzia de quilos nestes dias. […]
>
> Mas a chegada a Guimarães é que foi extraordinária: milhares de pessoas que esperavam o Núncio e os Bispos, aclamaram-nos doidamente. Eu, sempre de automóvel, ao lado do Sr. D. Henrique, usufruía daquele entusiasmo todo dos manifestantes. A tropa, com o maior garbo, fazia guarda de honra.
>
> Enfim, ando sob a impressão de que estou diante do Império Clerical de que fala o Coelho de Carvalho.
>
> Depois falarei muito mais. Agora vou fazer o discurso."[377]

Por esses dias, Guilherme de Faria afeiçoa-se ao Bispo de Trajanópolis. Num *post-scriptum* da carta de 9 de Junho, escreve a Manuel de Castro: "O Sr. D. Henrique é um grande amigo meu e, indiscutivelmente, o mais simpático dos bispos. Diz que me quer casar e rezou a missa de hoje por mim… e pelo meu futuro."[378] No dia seguinte, um bilhete-postal confirma a consideração por D. Henrique José Reed da Silva e o modo como é tratado em Guimarães: "Ainda é alguma coisa, nestes sítios, ser-se considerado um grande poeta… É quase como ser Bispo."[379]

---

[376] Refere-se a D. António Barbosa Leão, Bispo do Porto entre 1919 e 1929.
[377] Guilherme de Faria, carta a Manuel de Castro, 9 Jun. 1927.
[378] *Id.*, *ibid.*
[379] *Id.*, bilhete-postal a Manuel de Castro, 10 Jun. 1927.

Como refere Joaquim Paço d'Arcos: "A ida ao Congresso Eucarístico, o carinho e consideração de que foi rodeado, as horas de intensa felicidade que viveu, até talvez o contágio da vibração religiosa, foram antídoto para o seu desalento e estímulo para a sua vontade."[380] Influenciado por esta circunstância, Guilherme de Faria escreve, uns dias após o seu regresso, um pequeno documento que entrega a Manuel de Castro:

> "Eu abaixo assinado declaro, sob minha honra, que hei-de esforçar-me por conseguir uma situação condigna com as minhas altas aspirações. Terei que trabalhar muito, é certo. Mas tenho um estímulo poderosíssimo; e já os latinos diziam que *Amor et Labor* se casam à maravilha. Há, pois, a contar com belas realizações dentro dum futuro mais ou menos próximo. Fiquem a aguardá-las, desde já, com calma segurança, as pessoas que me quiserem bem; e a Pátria não deixe de as aguardar também, porque todas virão em sua honra e exclusivo proveito."[381]

Este documento testemunha expressivamente o drama de Guilherme de Faria, dividido entre um conjunto de altas aspirações ou boas intenções inconsequentes, e o quotidiano em que a vida de botequim, a deambulação nocturna e os prostíbulos do Bairro Alto dão lugar à angústia, ao tédio, ao agastamento físico, psíquico e moral.

Em 1927, Guilherme de Faria "acha-se livre do recrutamento para o serviço militar", por 'Ressalva definitiva' de 16 de Setembro[382], onde lemos que o mancebo é estudante e mede um metro e sessenta centímetros. A sua impressão digital dá a este documento uma densidade humana particular, uma intimidade só comparável à que sentimos diante de certos manuscritos autógrafos ou objectos pessoais.

---

[380] Joaquim Paço d'Arcos, *op. cit.*, p. 367.
[381] Guilherme de Faria, manuscrito autógrafo entregue a Manuel de Castro, 19 Jun. 1927.
[382] Cf. Anexo 1, p. 19.

São, provavelmente, de 1927 uma série de três retratos da autoria de San Payo[383], os mais representativos de Guilherme de Faria[384]. Entre as décadas de 20 e 50, Silva Nogueira e Manuel Alves San Payo lideraram o retrato fotográfico como meio de construção da imagem pública e divulgação pessoal de todos os que dela dependiam para o seu reconhecimento social e profissional. Enquanto Silva Nogueira reinou no mundo do espectáculo, San Payo foi preferido pela alta sociedade, pelos políticos e pelos intelectuais[385].

Quando, em Outubro de 1927, celebra o vigésimo aniversário, Guilherme de Faria tinha uma vastíssima cultura literária e tinha reunido centenas de livros, muitos deles assinados e dedicados pelos mais importantes escritores do seu tempo; em cinco anos tinha publicado cinco livros de poesia e preparava a edição de *Manhã de Nevoeiro*. Ainda assim, a falência da pequena empresa editorial, "cujos prejuízos o Dr. Leite de Faria cobriu sem um queixume"[386], denuncia a sua inaptidão para os negócios e, independentemente de alguns momentos em que aflora um optimismo efémero, Guilherme de Faria sente-se a imergir: não revela vontade de prosseguir com os estudos, os sintomas da neurastenia agravam-se e torna-se mais difícil suportar a astenia física e psíquica, os estados depressivos, os distúrbios do sono, as frequentes perturbações do humor, a falta de apetite e as cefaleias. Guilherme de Faria sentia-se legitimamente mais perto do fim.

Num poema notável de *Manhã de Nevoeiro* – livro impresso no dia 7 de Dezembro de 1927, nas oficinas gráficas da Biblioteca Nacional –, intitulado «Fim», o poeta parece conformado com a sua condição:

"Alma, enfim descansa

[383] Sobre a vida e obra de San Payo (1890-1974), cf. *San Payo – Retratos fotográficos*, Lisboa, Instituto Português de Museus, 1995.
[384] Cf. Anexo 1, pp. 15, 16 e 25.
[385] Os pais e praticamente todos os irmãos de Guilherme de Faria foram retratados pelo notável fotógrafo (cf. Anexo 1, pp. 7-9).
[386] Joaquim Paço d'Arcos, *op. cit.*, p. 368.

Na desesperança.

Alma, esquece e passa:
Dorme, enfim segura
Dessa última graça
Que é toda a ventura.

E à Saudade em flor
Que o teu sonho lindo
Perfumou de amor,
Diz-lhe adeus, sorrindo…

Que Ela há-de escutar-te,
Pálida, a entender-te!
E, no espanto enorme,
Sonhando envolver-te,
Triste, há-de embalar-te
– «Dorme… dorme… dorme…» –
Como a adormecer-te."[387]

Algumas cartas de 1923 e 1924 continham indícios de um fim trágico para a vida de Guilherme de Faria. Durante cinco anos o poeta abeirou-se da morte com uma progressiva e assustadora intimidade. Com efeito, se juntarmos aos sintomas da neurastenia a permanente depreciação de si próprio, o temperamento elegíaco e nocturno, o sentimento de que não consegue mudar, o amor inconfessado ou não correspondido por Emília Castro, o exemplo de poetas suicidas e a dimensão catártica e poética do suicídio, se juntarmos por fim um invulgar desejo espiritual de ascensão – chamar-lhe-íamos 'saudade de Deus' –,

[387] Guilherme de Faria, *Manhã de Nevoeiro*, p. 35-36; SM[08], p. 161.

percebemos que a vida de Guilherme de Faria era, objectivamente, algo muito frágil e o seu suicídio um acontecimento de algum modo previsível.

A sua angústia prolonga-se e agrava-se ao longo de 1928. Dedica-se então ao seu último livro – *Desencanto* –, que será publicado postumamente e que terá como epígrafe a quadra de Frei Agostinho da Cruz: "Não foi culpa minha,/ Foi minha ventura/ Esperar brandura/ De quem não a tinha." O título e a epígrafe deste último livro de Guilherme de Faria denunciam um irremediável sentimento de abandono, que se nutre na desilusão amorosa ou, simplesmente, na consciência de que não consegue dar à sua vida um rumo, um sentido.

Num bilhete-postal enviado a João da Câmara, datado de 3 de Junho de 1928, o poeta escreve: "Estou há dias na Ericeira, onde vim convalescer da minha doença que, louvores a Deus, vai levada de vencida por este ar magnífico que me abriu o apetite e me dá sono regularmente, todas as noites."[388] Durante esta convalescença na Pensão Baptista, na Ericeira, sem notícias de Manuel de Castro, Guilherme de Faria escreve este desabafo a António Pedro: "Parece-me extraordinário. Saber ele o meu desgraçado estado, a horrível solidão que esmaga para sempre esta minha vida, de 20 anos somente! – e nem uma palavra! É porque, decerto, deixou de ser meu amigo. [...] Sim, se assim for, está certo. Uma liquidação sumária é que tinha sido bem! É o que ainda será bem!"[389]

Um desentendimento circunstancial ou, apenas a constatação – expressa de um modo claramente exagerado – de alguma insensibilidade por parte de Manuel de Castro. Ainda assim, depreende-se a gravidade do estado de Guilherme de Faria. Poucos dias depois, numa carta datada de 9 de Junho, pede desculpas a Manuel de Castro por se ter excedido.

Tendo regressado a Lisboa, retoma o quotidiano de sempre: "Aqui em Lisboa tenho feito a vida costumada: um horror em todo o sentido."[390] Em carta de 11

[388] *Id.*, bilhete-postal a João da Câmara, 3 Jun. 1928.
[389] *Id.*, carta a António Pedro, 4 Jun. 1928.
[390] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 11 Jul. 1928.

de Julho, Guilherme de Faria informa Manuel de Castro que passará uma temporada com António Pedro em Moledo do Minho. Nesse mesmo documento pode ler-se: "Escrevo-te com toda a pressa por causa da curiosidade que me fez um período misterioso da tua carta. De que se trata, Manuel? Qual o grave caso que me interessa muito? Responde-me imediatamente, por Deus te peço!"[391]

É possível que esse "grave caso" estivesse relacionado com Emília. É provável que Manuel de Castro tenha referido o propósito da irmã noivar com António Pereira Palha van Zeller. Sem a carta de Manuel de Castro, resta-nos a resposta que esta mereceu por parte de Guilherme de Faria. Essa extensa resposta do poeta não revela o segredo, mas sugere que o conteúdo da carta de Manuel de Castro o afectou gravemente, ainda que a ironia subjacente ao seu discurso consiga atenuar ou disfarçar essa impressão:

> "Agradeço a tua carta, mas nem por isso te estou agradecido por ela. Que tu pioras do teu juízo: essa insistência em querer ser ou parecer a pessoa mais áspera e mais seca, começou por me fazer sorrir, mas já conseguiu indispor-me contigo, depois de eu ler a tua carta. Cheguei mesmo a pensar: 'Não estou para isto. Ou o Manuel é meu amigo e me escreve com a afectuosa e natural amabilidade que sabe pôr no seu convívio comigo ou, então, que não me escreva.'
>
> Mas isto foi o que eu pensei. Agora o caso é outro: é a tua loucura que chegou a enternecer-me, de eu pensar uns momentos nela.
>
> Achei, então, a tua carta preciosa: porque, depois de melhor reparar na secura quase malcriada da sua expressão formal, vi, num segundo de reflexão, a sua essência, que é do mais cândido lirismo. Sim, querido Manuel, não voltes a escrever-me em tão grave estilo ou, se o fizeres, tem o cuidado de não revelares a pessoa admirável que és, fabuloso arqui-milionário da Simpatia Humana, que te interessas por tudo e quase adoras toda a gente. […]
>
> Adeus, pois, meu velho lírico. […] Com a maior pena minha, não poderei voltar à Ericeira. Gostava muito de te ver e assim, com a ida para Moledo, talvez não nos

[391] *Id., ibid.*

> vejamos mais. Tu pareces muito pouco meu amigo nestes últimos tempos. Mas se isso me desgosta imenso, também me assegura uma independência maior no futuro. Enfim, não sei mais que diga…"[392]

Como sempre, uma carta de Manuel de Castro, com um pedido de desculpas, devolve a Guilherme de Faria alguma serenidade. Num bilhete-postal de 27 de Julho, o poeta confessa: "não estou nada bem; Lisboa, este calor e esta poeira venenosíssima que o verão levanta nas cidades – tudo me tem feito um sério mal."[393]

No dia 1 de Agosto, Guilherme de Faria parte com António Pedro para Moledo do Minho. "Aí vive as últimas semanas felizes da vida que lhe restava, liberto de Lisboa e dos seus miasmas, longe dos cafés e dos lupanares."[394]

Vai até à Galiza por esses dias. Uma rara fotografia[395] – provavelmente tirada por António Pedro – revela o jovem poeta sorridente, descontraído, atitude que condiz com o conteúdo de uma carta de 16 de Agosto, em que escreve sobre a beleza de uma jovem galega com "uns olhos azuis formosíssimos"; em que cita versos de Rosalía de Castro e confessa as suas aventuras e desventuras em festas e romarias, comédias ao ar livre e touradas; em que constata o reconhecimento do seu nome e a admiração da sua obra, "que muita desta gente do Norte tem em alto grau…"[396]

Em Moledo do Minho, na companhia de António Pedro, o Verão de 1928 é um tempo de despreocupadas e "felizes asneiras", entre divertimentos e relações afectivas pouco consequentes. Mas nem as festas de aldeia, nem as agradáveis raparigas com quem convive, afastam o espectro da Saudade:

---

[392] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 14 Jul. 1928.
[393] *Id.*, bilhete-postal a Manuel de Castro, 27 Jul. 1928.
[394] Joaquim Paço d'Arcos, *op. cit.*, p. 370.
[395] Cf. Anexo 1, p. 26.
[396] Guilherme de Faria, carta a Manuel de Castro, 16 Ago. 1928.

> "Eu não posso complicar a minha vida que é e tem de ser tão simples como desgraçada: é o velho caso da 'Saudade Minha' – o único, o verdadeiro, o eterno. E eu sou, em presença dele, uma vontade inexistente em sentido reaccionário e uma vontade, uma força absoluta no sentido exclusivo e exclusivista da sua adoração mais apaixonada e constante. [...] E só sei e posso e quero crer na Esperança da Harmonia que Ela rasgou à minha pobre alma: só posso crer n'Ela. Desculpa, meu queridíssimo Manuel, este desabafo, mas é para que não te surpreendas com as maiores loucuras que eu possa fazer, porque eu, no fundo, sou sempre o mesmo. [...] Apesar de toda a nossa filosofia, devemos ser homens com sorte para mulheres; e para todas, menos para a Eleita, a filosofia é boa e sedutora arma..."[397]

Neste contexto, Guilherme de Faria utiliza o seu prestígio para fazer proselitismo político, como se lê numa carta de 3 de Setembro: "Tudo o que me dizes do Senhor D. Duarte me é agradabilíssimo; e a nossa Mensagem há-de recebê-la El-Rei com muitas e boas assinaturas. Quando for para Lisboa tratarei de tudo, com a vossa ajuda. Aqui em Moledo – podes dizê-lo ao Sr. D. João – arranjei dois bons rapazes que se vão inscrever no Partido: um é mesmo daqui, filho de um rico proprietário destes sítios; e o outro é estudante universitário em Coimbra e filho de um corifeu manuelista e católico, o Dr. Pinheiro Torres[398]. Este último é de enorme conveniência neste caso da mensagem, porque nos vai arranjar assinaturas no Porto e em Coimbra."[399]

---

[397] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 24 Ago. 1928.

[398] Alberto Pinheiro Torres (1874-1962). Formado em Direito na Universidade de Coimbra, desenvolveu a sua acção política no conturbado período político de 1908 a 1910, agravado pelo facto de ser o único representante do Partido Nacionalista no Parlamento e de ter que se confrontar sozinho com todas as outras composições parlamentares e com alguns dos mais fervorosos políticos da época. A perseguição político-religiosa levou-o ao exílio, entre 1911 e 1914. Após a revolução de 28 de Maio de 1926, Alberto Pinheiro Torres foi eleito novamente deputado da Nação, fazendo agora parte da primeira legislatura da Assembleia Nacional (cf. Joaquim da Silva Gomes, *Pinheiros Torres ilustres*, Braga, Casa do Professor, 2006).

[399] Guilherme de Faria, carta a Manuel de Castro, 3 Set. 1928.

Empenhado na vida política, Guilherme de Faria felicita Manuel de Castro por este se implicar em acções políticas concretas: "Podes crer, querido Manuel, o nacionalismo é uma bela fé e o amor e a exaltação do espírito da Pátria, um dos raros e puros bens que poderemos ter na solidão do nosso espírito."[400]

Nesta carta, o poeta revela ainda uma enorme amizade e admiração por Maria Teresa, irmã de António Pedro, e um particular fascínio por Usch Merch[401], uma luxemburguesa que Guilherme considera extraordinariamente simpática, esclarecida e inteligente, a quem dedica um poema – «Usch»[402] –, em *Desencanto*: "Temos conversado imenso e eu sinto que guardarei dela uma lembrança inesquecível."[403] No final, mais um presságio do trágico epílogo: "Grave só a minha vida, que de resto já considero perdida, e que tu conheces bem, em todas as suas derrotas…"[404]

O regresso a Lisboa interrompe a correspondência com Manuel de Castro. A carta de 3 de Setembro é o último documento desse precioso espólio que nos permitiu acompanhar, com tanta proximidade e intimidade, cinco anos da vida de Guilherme de Faria: amarguras, projectos, realizações e fracassos "do moço estudante, do jovem editor, do grande Poeta, do infeliz rapaz que tanto ambicionou na Vida, tanto lhe entregou em ingenuidade, em sonho, em inteligência e em arte, em consciência do erro e em orgulho da obra, tanto lhe confiou, tanto lhe pedia e tão pequeno quinhão recebeu do muito que esperava!"[405]

Em Outubro de 1928, Guilherme de Faria celebra o vigésimo primeiro aniversário. Por esses dias, já não parecia relevante o reconhecimento como orador nos meios integralistas, já não havia planos para voltar a estudar, a actividade de

---

[400] *Id*, *ibid.*
[401] Usch Merch era mestra de Maria Teresa Rego, prima afastada de Guilherme de Faria.
[402] Cf. Guilherme de Faria, *Desencanto*, Lisboa, 1929, pp. 41-43; SM[08], pp. 211-212.
[403] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 3 Set. 1928.
[404] *Id.*, *ibid.*
[405] Joaquim Paço d'Arcos, *op. cit.*, p. 372.

editor estava completamente posta de parte; restava-lhe a poesia, num período em que coligia os poemas de *Desencanto*.

À excepção de um ou outro encontro com mulheres diferenciadas, Guilherme de Faria coleccionara relações fugazes e inconsequentes; a figura de Emília Castro mantinha-se tão impositiva como distante. No verão, passado em Moledo do Minho, Guilherme conheceu a família Pinheiro Torres e, desse contacto, nasce o namoro com Isabel Maria Pinheiro Torres[406], que residia no Porto.

Existem duas cartas de Isabel, datadas de 24 de Outubro e 16 de Novembro de 1928, onde se depreende apenas o início de uma relação ainda muito formal – na segunda carta, Isabel agradece os retratos de Guilherme de Faria e um exemplar de *Destino*. No dia 24 de Novembro, Miguel Tobim – primo do poeta que trabalhava numa pensão do Porto – informa-o dos preços para uma estadia que não sabemos se chegou a concretizar-se.

No final de 1928, Alfredo Pimenta encontra Guilherme de Faria e esse último encontro, oito dias antes do suicídio, foi descrito neste interessante testemunho:

> "Eu estava na loja do Luís & Esteves. Já o empregado me barbeava, quando o Poeta entrou, com aquele ar de tímido e acanhado [...]. E como eu, por acaso de bom humor, o fizesse sorrir, Guilherme de Faria animou-se, falou-me das suas esperanças na aproximação de todos os integralistas em volta do Legitimismo e a sacudir a minha inércia e o meu desinteresse: – 'Venha para cá, Alfredo Pimenta, nós precisamos dos mais velhos...' Respondi-lhe: 'Já lá têm o meu filho... A minha hora passou, Guilherme; façam os senhores o que nós não soubemos fazer...'
>
> E Guilherme de Faria contou-me então que precisava de casar e, para isso, tinha que ir para a África, para o que recorreria à influência do seu 'grande amigo Filomeno da Câmara'.

[406] Isabel Maria de Figueiredo Cabral Pinheiro Torres nasceu no Porto, em 1910. Viria a casar com Manuel Júlio Martins da Rocha em 1944. Morreu em 1990.

– 'Para a África?', observei eu. 'Como deportado ou como turista?', perguntei a rir. 'Antes que me deportem, vou eu por minha vontade...' E sorria, e brincava.

E disse-lhe eu, então: 'Guilherme, você é um poeta. Nasceu para viver como poeta, no *dolce farniente* dos poetas amimados... Deixe lá a África que não se fez para os poetas...' 'É a tal coisa', interrompeu ele, 'a minha mãe também diz que eu não nasci para trabalhar'. 'Você nasceu para trabalhar, como poeta...', replico eu.

Eu estava preparado. Guilherme de Faria ainda me perguntou pelo meu livro futuro, de que disse uns três ou quatro versos – que os fixara, quando mos ouvira, há três anos, em minha casa – e despedimo-nos, como sempre..."[407]

Por esses dias, Manuel de Castro informa o amigo que a sua irmã ficara noiva e iria casar em breve. Guilherme escutou-o sombriamente. De acordo com Joaquim Paço d'Arcos: "A sua expressão reflectia uma dor cruciante. Manuel de Castro voltou com frequência, nos dias seguintes, últimos da vida do Poeta, ao tema do noivado da irmã, sem perceber os sulcos que rasgava na alma mortificada de Guilherme."[408] O anúncio do noivado e do casamento de Emília Castro com António Pereira Palha van Zeller[409] apagou a linha ténue que separava Guilherme de Faria do suicídio.

Nesses dias, tomou decisões importantes no que concerne à edição de *Desencanto* e à organização da antologia que intitulou *Saudade Minha (poesias escolhidas)* e que considerou o seu "livro definitivo". No que diz respeito ao suicídio, a decisão estava tomada; confessara ao irmão Miguel, na Brasileira do Rossio: "Daqui a oito dias já não sou vivo."[410]

---

[407] Alfredo Pimenta, «Quatro escritores vimaranenses. 1) O poeta Guilherme de Faria», pp. 39-40.

[408] Joaquim Paço d'Arcos, *op. cit.*, p. 374.

[409] Emília Castro e António Pereira Palha van Zeller casaram em Janeiro de 1930 e tiveram oito filhos, entre 1930 e 1947.

[410] Cf. Joaquim Paço d'Arcos, *op. cit.*, p. 378.

As duas últimas noites passou-as inteiras – a segunda inteiramente de pé – com Manuel de Castro, a discutir o suicídio. O amigo que nem sempre entendeu as proporções do sofrimento de Guilherme de Faria, a dramaticidade da sua condição, partilhada ao longo de cinco anos de convívio íntimo e descrita em dezenas de cartas desde 1923, não conseguiu demovê-lo do suicídio; demorou tanto tempo a entendê-lo, era tarde para impedi-lo.

Com efeito, ninguém ponderou a possibilidade deste desfecho, na medida em que a neurastenia e o distúrbio bipolar de que sofria Guilherme de Faria coincidiam com uma certa caracterização do mito do poeta romântico: por um lado, solitário, introvertido, imerso em estados de espírito melancólicos; por outro lado, excêntrico, passional, sensível. Os críticos literários questionaram ou relativizaram várias vezes a sinceridade da sua poesia, na medida em que seria difícil aceitar que um poeta tão jovem sentisse um tão profundo mal-estar ontológico e existencial, uma intimidade tão perturbadora com a morte, uma tão dolorosa saudade de si próprio, uma tão persistente saudade de Deus.

Se tivermos em consideração os sintomas mais frequentes do distúrbio bipolar, percebemos que na fase eufórica são recorrentes os sentimentos de grandiosidade, o entusiasmo, a necessidade de convivência social, a exaltação da criatividade e as alterações na libido que condicionam um aumento do desejo sexual. Na fase depressiva, predominam o abatimento, a quietação, a tristeza, a angústia, o cansaço, as alterações do sono e do apetite; aumenta a tendência para a baixa auto-estima, para o sentimento de inferioridade e de culpa, para sobrevalorização dos fracassos, para a irritabilidade, para os lamentos, para a autorecriminação; o suicídio é a consequência mais grave de um prolongado estado depressivo.

Visto isto, basta termos em consideração o conteúdo de dezenas de cartas, escritas a Manuel de Castro entre 1923 e 1928, para percebermos que, no princípio de 1929, o anúncio do noivado e do casamento de Emília Castro, junta-

mente com uma série de outros factores lentamente sedimentados, torna irreversível a decisão do suicídio.

No dia 4 de Janeiro de 1929, Guilherme de Faria apanhou o comboio para Cascais na Estação Ferroviária do Cais do Sodré. Escreveu dois bilhetes-postais que endereçou ao irmão José. Com uma caligrafia claramente alterada, dá indicações a José sobre a edição de *Desencanto* e da antologia *Saudade Minha (poesias Escolhidas)*. As últimas palavras do poeta:

> "Querido José
> Peço-lhe que trate da publicação do meu livro definitivo: os originais, até à *Saudade Minha* estão na mão do Duarte do Amaral, filho, Guimarães; e os outros, são os que os meus livros indicam; só no *Destino*, depois da «Carta a uma estrangeira», deve vir o livro «Saudades de Portugal», cujo índice o Vasconcelos (Manuel de Menezes) tem.
> Em vez da «Canção peregrina» do *Destino* deverá vir uma poesia que termina: 'Tal o «Era uma vez»/ Que ora e sempre existe/ E que é do meu triste/ Fado português'.
> Publique, pois, esse livro e pegue no recibo que eu deixei ao Alberto da Brasileira do Chiado e exija a publicação do meu último livro – *Desencanto* – na Imprensa Nacional. Junte ao meu livro definitivo esse livro. E se, um dia, conhecer uma menina Isabel Maria P. Torres, dê-lhe o último pensamento do seu irmão Guilherme.
> Peça desculpa à mãe e ao pai do meu merecido fim. Adeus, irmão amicíssimo. Tenha juízo."[411]

Colocou os bilhetes-postais no correio e seguiu, junto ao mar, até à Cidadela e depois pela Estrada da Boca[412] do Inferno. Foi um caminho sem retorno. Descalço e com um terço de rezar ao pescoço, com apenas 21 anos de idade, Gui-

[411] Guilherme de Faria, bilhetes-postais a José Leite de Faria, 4 Jan. 1929. Cf. Anexo 1, pp. 24-25.
[412] Cf. Anexo 1, p. 29.

lherme de Faria precipitou-se no mar. As fragas, a água fria e a violência das vagas reclamaram o seu corpo.

Tendo recebido os bilhetes-postais com o carimbo de Cascais, José inicia as buscas do corpo do irmão, desde a Boca do Inferno, pela volta da Guia, até à Praia do Peixe, onde foi encontrado o corpo de Guilherme de Faria.

O destino do poeta ficaria indissoluvelmente ligado ao destino de Portugal, como uma metáfora, do berço ao ataúde, da presença tutelar e antiga do Castelo de Guimarães a um desolado areal desta "ocidental praia Lusitana", num dia de inverno. Como mais tarde escreveu Alfredo Pimenta, Guilherme de Faria foi "o último Poeta português, que aos 21 anos se deixou enfeitiçar pelo marulho das ondas e no seio destas se foi cantar a sua última estrofe."[413]

Recolhido o corpo, a família velou-o com o sofrimento inerente à perda de alguém tão próximo e ao estigma moral e social do suicídio. Para agravar esta situação, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, então Arcebispo de Mitilene – pouco antes de ter sido nomeado Cardeal Patriarca de Lisboa –, recusou a Guilherme de Faria o funeral religioso[414].

---

[413] Alfredo Pimenta, dedicatória manuscrita na página de rosto do exemplar de *Saudade Minha (poesias escolhidas)* oferecido ao Dr. Ricardo Jorge, 18 Jun. 1935 (esse exemplar encontra-se na Biblioteca Municipal do Porto).

[414] A tradição da Igreja considera o suicídio como um pecado grave, na medida em que "é contrário ao justo amor de si mesmo e ao amor de Deus, e ofende o amor ao próximo" (*Catecismo da Igreja Católica*, n.º 2281). No Concílio de Arles, em 452, o suicídio é referido como o maior dos pecados e foi no Concílio de Orleães, em 533, que o funeral religioso de suicidas foi proibido. Esta atitude decorre, em parte, do desconhecimento de perturbações e doenças de natureza psíquica que actualmente nos permitem uma perspectiva diferente sobre o suicídio e os suicidas. Em 1918 o Papa Bento XV admitiu a possibilidade de ritos funerários nos casos de suicidas em que tivessem sido reconhecidas perturbações psíquicas ou arrependimento à hora da morte. O *Catecismo da Igreja Católica* (1993), mantendo a ideia de que o ser humano é administrador e não proprietário da vida que Deus lhe confiou, razão pela qual não pode dispor dela (CIC, n.º 2280), afirma que perturbações psíquicas graves, a angústia ou o temor grave duma provação, dum sofrimento ou da tortura, são circunstâncias que diminuem a responsabilidade do suicida (CIC, n.º 2282); não lhes nega a possibilidade de salvação e afirma que "a Igreja ora pelas pessoas que atentaram contra a própria vida" (CIC, n.º 2283).

Curiosamente, numa carta que o Cardeal D. Manuel Gonçalves Cerejeira escreveu a Joaquim Paço d'Arcos, em 1972, lê-se o seguinte desabafo: "O poeta Guilherme de Faria, que era para mim um mistério, e cujo destino e obra V. Ex.ª revelou com agudeza de análise e calor de coração, forçando-me reviver a dor então sofrida de lhe recusar o funeral religioso e hoje a dúvida se o devera ter feito."[415]

Em *O Mito de Sísifo*, Albert Camus afirma que "só há um problema filosófico verdadeiramente sério: é o suicídio."[416] Com efeito, Dietrich Bonhoeffer considera o suicídio "a última e extrema autojustificação do homem como homem."[417] Para o teólogo alemão, "a verdadeira causa do suicídio não é o desespero, em que quase sempre se realiza este acto, mas a liberdade do homem também a braços com o desespero de se autojustificar do modo mais elevado. Se o homem não consegue justificar-se mediante a felicidade e o êxito, pode ao menos fazê-lo no seu desespero."[418]

Para os familiares e amigos, o anúncio do noivado e casamento de Emília Castro constituiu o motivo do suicídio de Guilherme de Faria. Se, em certa medida, esta associação resulta de uma evidência, é certo que não deixa de ser redutora. Com efeito, o anúncio funcionou como pretexto para um suicídio que progressivamente se tornara previsível. Enumeramos os motivos:

a) Desde a infância, Guilherme de Faria revela um temperamento elegíaco e nocturno; e é evidente que a sua idiossincrática propensão para a poesia e o íntimo diálogo com a morte que daí resulta, condicionaram de um modo impressivo a

[415] Manuel Gonçalves Cerejeira, carta a Joaquim Paço d'Arcos, 2 Fev. 1972.
[416] Albert Camus, *O Mito de Sísifo*, Lisboa, Livros do Brasil, 2005, p. 15.
[417] Dietrich Bonhoeffer, *Ética*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2006, p. 166.
[418] *Id.*, *ibid.*, p. 166.

sua mundividência. Com efeito, a condição de poeta[419] redimensiona e enfatiza iniludivelmente uma certa dimensão catártica e poética do suicídio.

b) Guilherme de Faria revela sintomas específicos da doença maníaco-depressiva e de neurastenia; esses sintomas – apresentados em dezenas de cartas escritas entre 1923 e 1928 – agravam-se e ramificam-se, criando um novelo patológico muito complexo.

c) Destas duas dimensões resulta uma evidente inaptidão para a vida prática, uma baixa auto-estima e um persistente sentimento de que não consegue mudar; perduram os estados depressivos em que o sentimento de solidão e abandono chegam a ser agónicos.

d) Importa também ter em consideração o «Efeito de Werther»[420] que, no caso de Guilherme de Faria, resulta do exemplo de vários poetas suicidas[421], sendo paradigmático o caso de Antero de Quental ou uma certa obsessão suicida que perpassa no *Só* de António Nobre.

e) O amor inconfessado e/ou não correspondido por Emília Castro. É certo que Guilherme de Faria nunca confessou explicitamente o seu amor a Emília; é também certo que isso não implica que ela não soubesse do sentimento de Guilherme. Com efeito, parece evidente que Emília Castro não considerava amorosamente Guilherme de Faria, embora tivesse por ele a estima que se tem por um amigo. Num

---

[419] Existe a consciência generalizada de uma certa propensão dos poetas para o suicídio. Se essa afirmação resulta normalmente de uma generalização precipitada, importa referir que a percentagem esperada de suicídios para a população em geral é de 1%; no caso de poetas verifica-se uma taxa de suicídio de 18% (cf. Kay Redfield Jamison, *Tocados pelo fogo – A doença maníaco-depressiva e o temperamento artístico*, Colares, Pedra da Lua, 2006, p. 109).

[420] Em 1774, na novela *Die Lieden des jungen Werther*, Goethe deu vida àquele que viria a ser um herói romântico que se matou por amor. O jovem Werther, sentado à secretária, diante de um livro aberto, suicidou-se com um tiro de pistola. Nos anos seguintes, a quantidade de jovens que se suicidaram num cenário semelhante conduziu à proibição do livro em vários países europeus. Inspirando-se na provável onda de suicídios que se seguiu à publicação da novela de Goethe, David Phillips escreveu, em 1974, «The influence of suggestion on suicide; substantive and theoretical implications of the Werter effect» (cf. *American Sociological Review* 39, pp. 340-354), em que estuda a relação entre notícias de suicídios e actos de imitação. Cf. Olga Ordaz, «A Construção Social do Suicídio e os Média», *in* Bessa Peixoto, Carlos Braz Saraiva e Daniel Sampaio (coord.), *Comportamentos Suicidários em Portugal*, Lisboa, Sociedade Portuguesa de Suicidologia, 2006, p. 104.

[421] Apesar de não desenvolvermos aqui essa questão, importa referir o interesse de algumas analogias entre o caso de Mário de Sá-Carneiro – que se suicidou em 1916, com apenas 26 anos de idade – e o de Guilherme de Faria.

postal ilustrado de 17 de Janeiro de 1925, Emília agradece o telegrama de parabéns que Guilherme lhe enviara e escreve: "Tenho tido imensas saudades de Lisboa e das nossas idas ao Tivoli[422], agora quando será que lá tornaremos a ir?"[423] Num outro postal ilustrado, de 6 de Outubro de 1928, Emília refere que irá passar uns dias a Pancas[424] com o irmão e com os Palhas, família de António Pereira Palha van Zeller. Durante anos, num ensimesmamento perturbador, Guilherme de Faria alimentou com enlevo esse amor, que sobreviveu aos momentos de desengano e que transformou o anúncio do noivado e casamento de Emília Castro num presságio desapiedado e devastador para o poeta.

f) O escrúpulo. Guilherme de Faria, sentindo que não conseguia mudar, decide não aceitar um modo de vida que considera inadequado ao seu verdadeiro 'eu', de que sente irreprimível saudade. Guilherme de Faria vive saudoso de si mesmo: a sua existência não coincide com a sua auto-percepção ontológica. Afirmação de um evidente dualismo antropológico, o suicídio adquire neste contexto um sentido soteriológico, de redenção e libertação em relação a um corpo que o poeta não assume e a uma vida que definitivamente não aceita. O suicídio é, assim, o único caminho que permite que Guilherme de Faria recupere a sua história.

g) Finalmente, deveremos ter em consideração um invulgar desejo espiritual de ascensão; chamar-lhe-emos 'saudade de Deus' ou 'saudade do Céu'. Esta perspectiva tem, na sua vida e obra, uma dimensão escatológica: Guilherme de Faria põe termo a um exílio e projecta-se numa nova vida, que o poeta acreditava ser a sua verdadeira vida. É esta dimensão escatológica que permite que António Cândido Franco afirme que, de todos os saudosistas portugueses, Pascoaes incluído, Guilherme de Faria foi o mais radical, ou seja, "aquele que mais fundo levou o sentimento saudoso e elegíaco da existência; com ele um denso e inexorável véu de

[422] O Cinema Tivoli foi inaugurado em 30 de Novembro de 1924 e era uma das salas mais requintadas de Lisboa. A sociedade lisboeta revia-se nesta casa e vestia a rigor para os programas mais destacados.

[423] Emília Castro, postal ilustrado a Guilherme de Faria, 17 Jan. 1925.

[424] O Palácio Palha, Palácio van Zeller ou Palácio Pancas foi uma das muitas quintas de recreio que, na zona oriental, constituíam contraponto ao bulício da Lisboa quinhentista das Descobertas, que se desenvolvia naquela altura em Belém, na zona mais meridional da cidade. O Palácio terá sido construído no século XVI e a traça actual do palácio data do século XVII. No século XIX foi vendido à família Palha.

> sombra cobriu para sempre a Terra. Foi Guilherme de Faria que tirou inéditas consequências da ideia de saudade, em primeiro e derradeiro lugar aquela insatisfação essencial do ser dividido e separado, e por isso castigadamente saudoso, que só na Morte, uma Morte ainda assim iluminada pela poderosa e transcendente luz do Amor, vislumbra cautério para a sua cisão e saída para a sua miserável condição de bicho da terra tão pequeno."[425]

Com efeito, se relativizarmos particularidades contextuais, o suicídio de Guilherme de Faria sacramentaliza a sua necessidade de conferir um derradeiro sentido humano a uma vida tornada humanamente desprovida de sentido. Como escreveu Bonhoeffer, "o sentimento espontâneo de horror que se apossa de nós frente à realidade do suicídio não depende do carácter reprovável de semelhante acto, mas da sua tremenda solidão e liberdade."[426]

No dia 5 de Janeiro, os jornais despertam Lisboa com a notícia da morte de Guilherme de Faria. Lê-se no *Diário de Notícias*:

> "Ontem à tarde o nosso correspondente em Cascais comunicou-nos que o mar arrojara à praia o cadáver de um rapaz decentemente vestido, que aparentava ter pouco mais de 20 anos e cuja identidade se ignorava.
>
> O desditoso rapaz, cujo cadáver foi removido para a casa mortuária do Hospital da Misericórdia daquela vila, foi, à noite, identificado por um seu irmão, o Sr. José Leite de Faria. Tratava-se do jovem poeta e estudante de Direito Guilherme de Faria, rapaz muito conhecido nos meios intelectuais de Lisboa.
>
> Guilherme de Faria, que contava 21 anos, desde o princípio da sua mocidade que se dedicara às letras, fazendo versos, alguns dos quais de reconhecido valor e demonstrativos de um real talento. […]

[425] António Cândido Franco, «Guilherme de Faria – Biografia poética», *in Jornal de Letras* (7-20 Nov. 2007), p. 23.
[426] Dietrich Bonhoeffer, *op. cit.*, pp. 166-167.

> O infeliz rapaz [...] desapareceu há dois dias de casa, andando seus irmãos a procurá-lo activamente. Ignora-se ainda a causa da sua morte, parecendo tratar-se, porém, de um desastre."[427]

As primeiras notícias são imprecisas, referem-se a Guilherme de Faria como estudante de Direito e, como causa da morte, falam em "desastre" ou "desgraçado acidente", nas palavras de Manuel Múrias, num artigo publicado n'*A Voz*.

Nesse mesmo dia 5 de Janeiro, no *Diário de Lisboa*, Artur Portela assina um artigo impressivo e comovente:

> "Vemo-lo ainda: franzino, olhos negros, penetrantes, vivos, um grande sobretudo, com que ele se sentava, conversando entre amigos, numa voz apagada e enternecida. Guilherme de Faria, que ontem o mar, em Cascais, arrojou sobre as penedias, morreu como um poeta. Um poeta romântico que o sonho trespassou de realidade, a realidade que ele não soube ou não quis vencer. Os seus livros de versos, em cuja edição ele punha um cuidado quase feminino, cantavam como andorinhas surpreendidas pelo inverno da vida. E tinha vinte e um anos! Nos títulos das suas líricas havia já um vaticínio amargo, um destino a cumprir.
>
> *Sombra*, lágrima embaciada de tristeza, *Saudade Minha*, tão pungente e reflectida de serena dor, *Manhã de Nevoeiro*, recobrindo, fechando como a tampa de um sepulcro a beleza viva e alegre das coisas. Era um poeta íntimo, de uma fusão ardente e espontânea de sentimentos. Alma que procurava um rumo, talvez, no amor… muito longe ou inabitável no seu coração sincero, de formas puras.
>
> Guilherme de Faria morreu em plena mocidade, porque assim o quis. Não quis esperar pela hora do triunfo e, sobretudo, por aquela experiência quotidiana em que as nossas maiores tragédias, no rolar do tempo, se dissipam com ironia, indiferença ou, quando muito, numa vaga saudade, sem aspiração…
>
> Mas assim mesmo deixou uma obra escrita, com talento, estranhamente pessoal, sem ideias cansadas, nem harmonias já tingidas. Os seus versos são lindos, mes-

[427] *Diário de Notícias*, 5 Jan. 1929.

mo reflectindo a doçura de uma tristeza vencida. Como as flores dos cemitérios, fecundas, duma pompa forte e tumescente, eles bebiam no aniquilamento um encanto indizível, um aroma coalhado de essências peregrinas, falavam e nós ouvíamos a voz profunda do rio dos mortos, correndo na terra, sem tréguas nem descanso. Guilherme de Faria deixou-se fascinar por ele. É já uma folha arrastada pelo borbotar obscuro desse caudal imenso. Mas, antes, como um passarito, cantou. Viveu, cantando. Amou, cantando. Nas raras vezes que o sol da alegria agasalhou a sua alma, teve delicados carmes para o celebrar. Então, garganteios de criança subiam-lhe aos lábios. Não era feliz, mas compreendia a felicidade dos outros, sem inveja, apenas ferido que ela passasse distante sem o reconhecer.

Morreu como um poeta! Deixou um livro, um livro a publicar que, talvez, revela o que não nos quis dizer. Como se a morte no seu corpinho tenro pudesse apagar, estancar a ferida aberta do seu coração em chaga! Aos que o amaram e a seu pai, sua mãe e sua irmã, as rosas comovidas da nossa piedosa saudade."[428]

O funeral realizou-se no domingo 6 de Janeiro, às 13 horas e 54 minutos, saindo da Estação do Cais do Sodré, para o Cemitério dos Prazeres[429]. O corpo de Guilherme de Faria foi provisoriamente sepultado no jazigo do Consulado da Argentina, tendo sido trasladado para jazigo próprio no dia 28 de Dezembro de 1929[430].

No jornal *O Povo* é publicado um artigo num tom depreciativo, que considera o suicídio de Guilherme de Faria um acto cobarde e que descreve o poeta como um "moço doente, que a tuberculose minava e cujo espírito se distraía em

[428] Artur Portela, «A morte do Guilherme de Faria foi muito sentida», *Diário de Lisboa*, 5 Jan. 1929.
[429] O funeral de Guilherme de Faria foi anunciado pela família em todos os jornais de Lisboa, na manhã do dia 6 de Janeiro. No dia seguinte, *O Século* apresenta o nome de algumas pessoas que estiveram presentes no funeral do poeta; no dia 8 de Janeiro, *A Voz* publica um elenco de "individualidades" que apresentaram condolências ao pai de Guilherme de Faria.
[430] Cf. *Novidades*, 30 Dez. 1929.

estranhos e místicos lirismos, aguçando-lhe a sensibilidade e mostrando-lhe a vida como um antro, onde só uivam feras e se geram desilusões."[431]

No dia 9 de Janeiro, Alfredo Pimenta publica n'*A Voz* o texto que seria reeditado nas *Páginas Minhotas*[432], onde se lê: "Com Guilherme de Faria, desaparece, não uma esperança, mas uma certeza indiscutível. No vasto jardim da Poesia portuguesa, era ele, moço e menino, uma das flores mais belas, de mais suave aroma e de mais doce encanto. Morreu. Mas nos nossos ouvidos, e na alma portuguesa, ficarão para todo o sempre, como vozes sussurrantes de búzios adormecidos ou harmonias misteriosas de harpas eólias encantadas, os seus versos nimbados da glória pura da Beleza que não finda…"[433]

Também os jornais de Guimarães noticiam a morte de Guilherme de Faria com testemunhos condoídos, como é o caso de um artigo de A. F., publicado no dia 8 de Janeiro, no jornal *Ecos de Guimarães*:

> "Conheci este moço poeta ainda menino. Figurinha franzina, expressão diabolicamente irónica, nos lábios, no olhar, em todo o rosto. Assim se foi criando buliçoso, alegre, cheio de orgulho, casquinando gargalhadas do alto da sua pose a raiar uma centelha de tranquilidade franca, de consciência limpa, um coração de oiro, todo lídimo a inspirar confiança. E um dia, em aspirações de ventura, se foi de abalada até Lisboa. Vi-o por cá nos últimos tempos, assistindo às festas do Congresso Eucarístico. […] As ondas do mar roubaram e deram mortalha a um inspirado sentimentalista – faleceu Guilherme de Faria – está de luto a poesia… […] Certamente perpassaram-lhe pelo espírito sombras de tristeza, névoas de dor, deixando-se arrastar pelo pessimismo epidémico que caracteriza os novos,

[431] «Coisas da vida – Os fracos e os fortes», *O Povo*, 7 Jan. 1929. Junto ao recorte deste artigo, Miguel de Faria – irmão do poeta – escreveu: "Fui à redacção d'*O Povo* bater no autor disto no dia 9 de Janeiro de 1929."
[432] Cf. Alfredo Pimenta, *Páginas Minhotas*. Lisboa, Organizações Bloco, 1950, pp. 37-43.
[433] *Id.*, «Algumas palavras sobre o poeta Guilherme de Faria», *A Voz*, 9 Jan. 1929.

para quem não há auroras dealbantes de luz, mas crepúsculos tristes, de sombras sinistras."[434]

No *Comércio de Guimarães* lê-se: "De semblante triste e assaz concentrado, era possuidor de uma lúcida inteligência, dum austero carácter e de uma sensibilidade tocante. Se não era já um nome consagrado pela musa, era uma ridente esperança, sendo os seus livros muitíssimo apreciados. Trabalhador e activo, devia-lhe estar reservado um brilhante futuro."[435]

No dia 10 de Janeiro, João Botto de Carvalho publicou na revista *ABC* um comovido artigo sobre Guilherme de Faria[436]; passados três dias, Fernando de Pamplona publicou no *28 de Maio* mais um testemunho emocionado[437]. Sucederam-se artigos em que se lamentou a morte do poeta, em que se evocou a sua memória e em que se reflectiu sobre uma certa tristeza endémica, que nimba de uma fatalidade doentia a poesia portuguesa e, particularmente, a de Guilherme de Faria[438]. Lê-se num artigo de Fernando Campos: "Não esqueçamos nas nossas orações a alma deste 'cavaleiro' do Ideal, que aos vinte anos deixou a vida, tristemente. A glória do seu nome de poeta, essa, há-de resplandecer para a posteridade, como uma das maiores das nossas letras."[439]

Muitas destas homenagens procediam naturalmente dos meios literários ou integralistas, o que acentua o interesse deste artigo, publicado no jornal *República*:

---

[434] A. F., *Ecos de Guimarães*, 12 Jan. 1929.
[435] *O Comércio de Guimarães*, 8 Jan. 1929.
[436] Cf. João Botto de Carvalho, «Em memória dum poeta», *ABC*, 10 Jan. 1929.
[437] Cf. Fernando de Pamplona, «Um grande poeta que morreu», *28 de Maio*, 13 Jan. 1929.
[438] Cf. Gabriela Castelo Branco, «Vida – Alegria – Luz!», *Diário de Notícias*, 22 Jan. 1929; Joaquim Alves Correia, «Um livro póstumo: *Desencanto* – Versos de Guilherme de Faria, *Novidades*, 28 Fev. 1929.
[439] Fernando Campos, «Guilherme de Faria», *O Marcoense*, 19 Jan. 1929.

> "Vítima de um mal de coração – o mal dos Poetas, o pior de todos os males – suicidou-se, em Lisboa, Guilherme de Faria.
>
> Adversários intransigentes das ideias do autor dos *Poemas* e da *Sombra*, não vai tão longe a nossa intransigência que, à beira dum túmulo, não tenhamos a lealdade de confessar que em Guilherme de Faria perdeu a moderna geração um dos seus mais delicados poetas e, possivelmente, aquele que melhor soube aproximar-se das verdadeiras fontes do lirismo lusíada.
>
> Não há muito que a *República* teve amargas palavras de censura para Guilherme de Faria. Mas nessa hora, víamos apenas o adversário de ideias, o homem de combate, o Homem. Agora que o Homem desaparece [...], não podemos deixar de abater as nossas armas de combate para [...] deixarmos aqui, à maneira de coroa ou de epitáfio, o nosso adeus de homenagem ao Artista morto."[440]

No dia 4 de Fevereiro, um mês após a morte de Guilherme de Faria, é publicado *Desencanto*. Nos jornais, a sua morte continua a suscitar mais interesse do que a edição do seu último livro. Em Março de 1929, num tom de parábola, Frei Ambrósio Alves Correia escreve: "A biografia literária de Guilherme de Faria, e quem diz literária, diz real, porque o ritmo dos versos era o ritmo da vida, desfecha e resume-se neste caso tristíssimo e comovedor: um rouxinol enamorou-se de uma estrela longínqua e, sortilégio da ilusão, formosíssima; desvairando dos costumes e leis dos rouxinóis, rompeu da selva, pela noite fora, em voo heróico, com o fito ao ponto luminoso no mais alto firmamento… Rebentou-lhe o coração no esforço para a altura."[441]

Num intenso artigo de Hipólito Raposo, publicado na revista *Política*, órgão da Junta Escolar de Lisboa do Integralismo Lusitano, pode ler-se: "*Fiel à graça do amor*, o amor e a morte em sua alma viveram abraçados, para mais cedo e mais fortemente renegarem a vida, sepultando-lhe nas frias águas a coroa de

[440] *República*, 14 Jan. 1929.
[441] Frei Ambrósio Alves Correia, «Guilherme de Faria», *Boletim Mensal da Ordem Terceira e Missões Franciscanas Portuguesas*, Mar. 1929.

poeta e o coração ardente de português. Ficou de luto e amargurada a nossa família espiritual."[442]

No fim de Julho, foi publicada a antologia da poesia de Guilherme de Faria – *Saudade Minha (poesias escolhidas)* –, o seu "livro definitivo", editado de acordo com as indicações que detalhadamente deixou: índices, poemas manuscritos e os postais que escreveu a José Faria, pouco antes do suicídio.

Um soneto de Anrique Paço d'Arcos – «Na morte de Guilherme de Faria» – exprime a intensa comoção de quem escreve sobre a morte de um poeta e sente a dor da perda de um amigo:

> "Noite de Portugal, em que tão perto
> Somos do Céu! Envolta em luz do luar;
> A sombra de um Poeta anda a rondar,
> Perdidamente, pelo areal deserto.
>
> Manhã de nevoeiro… é um sonho o mar,
> E o sol, por entre as brumas, vaga, incerto…
> Como o espectro perdido do Encoberto
> O corpo dum poeta anda a boiar!
>
> Fria manhã de dor, manhã de bruma…
> Sobre a areia da praia, entre alva espuma,
> Sonha um Poeta, ainda olhando o Céu!
>
> Noite de Portugal, cheia de mágoas…
> Como o rasto da lua, à flor das águas,
> Voga a alma do Poeta que morreu!"[443]

[442] Hipólito Raposo, «O Poeta do Amor-Morte», *Política*, Ano I, Nº 1, 15 Abr. 1929, p. 13.

Em *El Cielo de Esmalte*, livro que o poeta venezuelano José Antonio Ramos Sucre (1890-1930) publicou em 1929, um ano antes do seu próprio suicídio, encontramos um poema impressivo – «Omega» –, como um rumor sob o silêncio imperturbado de Guilherme de Faria diante do mar e da morte:

> "Quando a morte acudir finalmente à minha súplica e os seus apelos me tornarem apto para a solitária viagem, eu invocarei um ser primaveril, com o fim de solicitar a assistência da harmonia da origem suprema, e uma paz infinita repousará no meu semblante. Minhas relíquias, ocultas no seio da escuridão e animadas de uma vida informe, responderão do seu desterro ao magnetismo de uma voz inquieta proferida num litoral desnudo. A recordação eloquente, a semelhança de uma lua exígua sobre o olhar de uma ave sonâmbula, perturbará o meu sonho até à hora de sumir-se com o meu nome, num esquecimento solene."[444]

[443] Anrique Paço d'Arcos, «Cidade morta», *in Poesias Completas*, p. 162
[444] José Antonio Ramos Sucre, «El Cielo de Esmalte», *in Obra Completa*, Caracas, Biblioteca Ayacucho, 1980, p. 265.

Capítulo 3

NO RASTO DA MEMÓRIA

3.1. *No desterro da saudade* | 1930-2000

Em Janeiro de 1930, o jornal *O Marcoense* apresenta um modesto *In memoriam* de Guilherme de Faria, com um poema inédito[445], um retrato da autoria de Arlindo Vicente[446] e textos de Alfredo Pimenta, João Ameal, Caetano Beirão e Fernando Campos. Apesar de um certo tom de circunstância nos textos de Alfredo Pimenta e João Ameal, as palavras de Caetano Beirão e Fernando Campos evocam interessantes recordações de Guilherme de Faria nos círculos monárquicos ou na Brasileira do Chiado[447].

Em Abril, Lopes Correia publica um emocionado artigo no *Correio de Coimbra*:

> "Fez já um ano que a morte arrebatou Guilherme de Faria, um dos novos poetas líricos que tinha um futuro brilhantemente traçado.
> Desde novo que começou a escrever artigos num jornal redigido unicamente por ele e onde defendia o governo do Dr. Sidónio Pais. Um ano depois veio de Guimarães, sua terra natal, para Lisboa, deixando de redigir naquela cidade nortenha o pequeno jornal *5 de Dezembro*, para vir colaborar na *Vanguarda*. Desta maneira tomava um rumo político que ia ganhando bases no seu juvenil espírito e que havia de conservar até ao fim da vida.

[445] Inédito sem título, em cujo primeiro verso lê-se: "Escutei a palavra de verdade", 7 Set. 1926; cf. Anexo 2, pp. 125-126.
[446] Cf. Anexo 1, p. 22.
[447] Cf. «*In memoriam* de Guilherme de Faria», *O Marcoense*, 25 Jan. 1930.

> Aos doze anos, na convalescença de uma febre tifóide, fez os primeiros versos, dedicando-se daí em diante à poesia.
>
> Das melhores poesias dos seus livros *Poemas*, *Mais Poemas*, *Sombra*, *Saudade Minha*, *Destino*, *Manhã de Nevoeiro* e *Desencanto*, foi no ano passado publicada uma antologia onde se poderá apreciar o talento do poeta que era grande admirador das poesias dos nossos cancioneiros, onde foi buscar a inspiração.
>
> A sua maneira de escrever, cheia de ritmo e beleza, cheia de simplicidade e ternura, continua a tradição da verdadeira poesia portuguesa. O seu lirismo encanta-nos pela maneira ingénua com que escrevia, pela fluidez do estilo e pela forma encantadora com que tratava os assuntos; os versos que saíam perfeitos logo à nascença são maleáveis e bem trabalhados, ficando por longo tempo a soar-nos aos ouvidos e nós aprendemo-los inconscientemente.
>
> Ele tinha já uma poderosa visão da arte, não manchando os seus poemas com a triste filosofia da realidade. Grande patriota, confiava no futuro de Portugal […].
>
> Pela sua desassombrada maneira de pensar e pela delicadeza com que a todos tratava, o prestígio que tinha entre os amigos era grande e facilmente captava as simpatias daqueles com quem pela primeira vez falava.
>
> À memória do simpático poeta que tão cedo nos deixou. Aqui deixo o preito da minha eterna saudade."[448]

O tempo foi lentamente impondo o esquecimento sobre a vida e a obra de Guilherme de Faria. Só em Janeiro de 1938, por ocasião do 9º aniversário da sua morte, aparece um artigo de imprensa com algum interesse, escrito por Luís Forjaz Trigueiros e publicado no *Diário de Lisboa*[449].

Em Agosto de 1941, o jornal *Novidades* anuncia a publicação de um inédito: "poesia que damos hoje a público pela primeira vez"[450]; mas na verdade, estas palavras são o reflexo de algum desinteresse e descuido editorial: esse mesmo

[448] Lopes Correia, «Guilherme de Faria», *Correio de Coimbra*, 5 Abr. 1930.
[449] Luís Forjaz Trigueiros, «O lirismo de Guilherme de Faria», *Diário de Lisboa*, 13 Jan. 1938.
[450] *Novidades*, 24 Ago. 1941.

poema – "Escutei a palavra de verdade"... – já tinha sido publicado em 1930[451] e em 1935[452].

Em 1941, o P. José Carlos Simões, que foi professor de Guilherme de Faria na Escola Académica, em Guimarães, publica «Um antigo aluno – O poeta Guilherme de Faria»[453].

Mas foi a conferência que Joaquim Manso proferiu na Sociedade Martins Sarmento, em Guimarães, no dia 2 de Março de 1943, que contrariou o esquecimento que se vinha impondo. Isso depreende-se dos artigos publicados na imprensa: "Guilherme de Faria seria, talvez, um esquecido, dentro de poucos anos, se Guimarães não o reclamasse como o seu poeta por excelência, dedicando enternecida fidelidade à sua memória"[454]; "Foi no meio da mais empolgante emoção que a conferência terminou, hora de espiritualidade que resgatou do esquecimento o autor da *Saudade Minha.*"[455]

Com efeito, com «O sonho inacabado de um Poeta»[456], Joaquim Manso possibilita que Guilherme de Faria regresse às páginas dos jornais, reflecte emotivamente sobre a sua poesia, sobre as leituras e as referências literárias, evoca os amigos e relembra alguns interessantes episódios da vida do poeta.

Em 1947, é editada a *Antologia de Poesias Religiosas* que Guilherme de Faria tinha organizado[457]. Trata-se de um edição com prefácio do Arcebispo de Évora, D. Manuel Mendes da Conceição Santos, que – como se lê na capa – reúne poesias "desde o século XV, que abre com a *Oração do Justo Juiz*, de El-Rei D.

---

[451] Cf. «Um inédito do malogrado Poeta», *O Marcoense*, 25 Jan. 1930.
[452] Cf. «Um inédito póstumo do poeta Guilherme de Faria», *Bandarra* 13, 8 Jun. 1935.
[453] Cf. *O liceu de Guimarães (boletim anual)*, Ano II, 1940-1941, pp. 69-81.
[454] *Diário de Lisboa*, 27 Fev. 1943.
[455] *Diário de Lisboa*, 3 Mar. 1943.
[456] Cf. *Revista de Guimarães*, 53 (1-2), Jan.-Jun. 1943, pp. 152-155.
[457] Guilherme de Faria (org.), *Antologia de Poesias Religiosas*, Lisboa, Edições Gama, 1947. Esta antologia seria reeditada na década de 90, com outro título e apresentação do P. António Costa Marques: *As mais belas poesias religiosas*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1996. Cf. Anexo 1, p. 26.

Duarte, até aos nossos tempos, incluindo romances e cantigas da tradição popular." Os editores decidiram incluir na *Antologia de Poesias Religiosas* três poemas de Guilherme de Faria.

As notícias da edição desta antologia exprimem a saudade que a memória do poeta, vinte anos após a sua morte, ainda suscita: "É com amarga saudade que evocamos esse delicado poeta, de tão fina sensibilidade, que parecia adivinhar a morte, ainda quando ela vinha longe. Eram tristes os seus olhos, como a sua musa, de tão íntimo sofrimento, onde brilhavam novas e fatídicas estrelas. Ao escrevermos o seu nome, o coração ainda se contrai, alanceado por uma fria e sombria dor."[458] No *Jornal do Comércio*, o mesmo tom comovido:

> "Aquele malogrado poeta Guilherme de Faria, que passou como chama viva e depressa se consumiu, tão intenso era o fogo que o abrasava, deixou em todos os que o conheceram uma saudade profunda. O seu ideal elevado, a sua maneira de dizer e exprimir os sentimentos que lhe iam na alma, criaram um lugar aparte na literatura portuguesa do século actual. Este sebastianista do nosso século, cantor da saudade e da névoa, é como as estrelas que nos dão luz ainda depois de se terem desfeito em pó."[459]

Em Setembro de 1948 aparece no *Diário Popular* a sugestão de dar o nome de Guilherme de Faria a uma das novas ruas do Bairro de Alvalade[460], o que veio a acontecer em Janeiro de 1950[461].

No dia 4 de Janeiro de 1951, 22 anos após a morte do poeta, Leitão de Barros – que fora seu professor no Liceu Passos Manuel – publica n'*O Século* um artigo que possibilita mais um comovente retrato de Guilherme de Faria:

---

[458] *Diário de Lisboa*, 18 Fev. 1948.
[459] *Jornal do Comércio*, 28 Fev. 1948.
[460] Cf. «Dê-se o nome do poeta Guilherme de Faria a uma das novas ruas do Bairro de Alvalade», *Diário Popular*, 22 Set. 1948.
[461] Cf. *O Século*, 29 Jan. 1950.

"Faz hoje precisamente vinte e dois anos que desapareceu da vida um poeta muito jovem de admirável talento – Guilherme de Faria. Nasceu em 1907 e, com 21 anos, numa crise doentia e longa, finou-se. Os seus volumes de versos contêm páginas da mais pura lírica portuguesa e a sua espantosa precocidade [...] ainda agora assombra quem folheia os seus *Poemas* ou *Sombra*, ou *Saudade Minha*. Quando morreu, estava no prelo o volume *Desencanto*, que foi o epitáfio dramático da sua curtíssima existência. Poucos se lembrarão desse rapaz magro e pequeno, de grandes óculos e trémulos olhos febris, alheio ao mundo real e vivendo a sua profunda ansiedade com uma nobreza dolorosa e recolhida. Era um tímido e um insatisfeito. Fui seu professor no Liceu Passos Manuel, em 1921. Destacava-se das outras crianças, pelos seus largos êxtases sombrios, pelos silêncios e ausências do seu pensamento em relação a tudo que o rodeava.

Deu-se com ele um incidente que recordo. Certa vez, apanhado distraído e a escrever, não respondeu a qualquer pergunta que lhe fora dirigida para a banca onde estava. Eu não o conhecia bem. E supus, ao pedir-lhe os papéis em que escrevia e que provocaram a sua distracção e desinteresse na lição, que rabiscasse desenhos ou escrevesse qualquer garotice vulgar. Foi para mim uma surpresa deslumbradora quando pude decifrar, na sua irregular caligrafia de colegial, e soletrar para mim algumas redondilhas. Nada lhe disse diante dos colegas. No fim das aulas o Guilherme veio, muito vexado e vermelho, pedir-me que lhe entregasse os papéis, e disse-me: – O Sr. Dr. tem razão; mas peço-lhe que, se quiser castigar-me de qualquer forma, não mostre esses papéis a ninguém!...

Os olhos estavam humedecidos e espelhavam uma lágrima contida por detrás dos óculos. Entreguei-lhe os papéis:

– Devia zangar-me contigo – disse-lhe. – Teu pai manda-te ao liceu para que aprendas alguma coisa…

E ele com o riso no olhar: – E não se zanga?

Respondi-lhe com outra pergunta:

– De quem são esses versos?

– De quem são? Sei lá… Talvez de alguém que não seja eu…

Fiquei a olhá-lo. Era um garoto de 14 anos. Tudo nele me parecia raro. Por fim declarei-lhe: – Estas redondilhas são muito belas e não é nada vulgar escreverem-se versos assim na tua idade. Mas porque não procuras, como os outros, jogar, correr, brincar, divertir-te… e estudar um pouco a matemática para que o teu pai não tenha uma desilusão este ano? Verás, mais tarde, que tenho razão…

Fez-se muito vermelho, balbuciou um 'desculpa' e nunca mais, nas minhas aulas, deixou de estar – ou de parecer – atento.

Mandou-me um livro, mais tarde, *Destino*. Talvez com isso quisesse ter respondido ao meu longínquo e amigo conselho.

Filho de uma família distinta cujo chefe, o Dr. Leite de Faria, toda a Lisboa respeita, irmão da destacada figura que é o Dr. António de Faria, o mais novo embaixador que Portugal tem tido no Brasil, o pobre e malogrado Guilherme de Faria não teve tempo para deixar essa corte que faz comemorações e relembra efemérides. Por isso, a passageira solidariedade que dão as carteiras de uma aula moveram estas linhas que são imprevistas para muitos.

São de Guilherme de Faria os seguintes versos:

'Oh Morte escura, nesta ansiedade,
Tão só no mundo, já sem o abrigo,
Dum vago sonho, duma saudade,
Sonho contigo.

Cheio de mágoas, apenas vejo
Mágoas e luto, por toda a parte...
– Ah, vem, oh morte, que, assim, desejo
Talvez, amar-te.

Vem! – que o meu sonho de primavera,
O amor, a graça que o céu me deu,
Em fria cinza de vã quimera,
Tudo morreu!

Ai, vida minha, luz dos meus olhos,
Não mais te quero sonhar, nem ver!
E vem, oh Morte, fechar-me os olhos,
Para esquecer.'

Pobre e esquecido poeta!
Na hora dos materialismos brutais, os teus doces e desgraçados queixumes parecem, vinte e dois anos volvidos, já antigos de século. Os poetas que ainda não morreram não conseguem ouvir-se a si próprios."[462]

Em 1953, no dia 4 de Janeiro, alguns jornais lembram o 24º aniversário da morte de Guilherme de Faria; é o caso do *Diário da Manhã*, do *Diário de Lisboa* ou d'*A Voz*, onde se lê: "Vinte e quatro anos é um longo espaço de tempo, A prova de como foi grande o poeta Guilherme de Faria está em que hoje ainda ele permanece tão vivo e tão presente como nos dias longínquos em que, entre os seus amigos, ele era a chama sempre erguida da Esperança. Tão vivo e tão presente hoje como pelos tempos fora, grande poeta, sempre, admirável cantor de Deus e de Portugal, da Saudade e do Amor."[463]

Na verdade, Guilherme de Faria já não estava tão presente como estas palavras sugerem, apesar de encontrarmos, em 1956, o seu retrato entre o de Camilo Pessanha e o de Fernando Pessoa na exposição «30 anos de Cultura Portuguesa – 1926-1956», em Lisboa, no Palácio da Foz.

Só em 1964, reencontramos Guilherme de Faria, no 35º aniversário da sua morte, num testemunho de João da Câmara, no programa de David Mourão Ferreira – «Hospital das Letras» –, na RTP:

[462] Leitão de Barros, «Morreu há vinte e dois anos Guilherme de Faria, um notável poeta esquecido», *O Século*, 4 Jan. 1951.
[463] *A Voz*, 4 Jan. 1953.

"Conheci Guilherme de Faria nos bancos da escola. Com ele convivi intimamente, como se fôssemos irmãos, durante os poucos anos que passaram desde que entrou para o liceu, até àquele dia em que a morte o levou em plena juventude.

Com 13 anos, apenas, o Guilherme, gesticulando largamente, empoleirado num dos marcos de pedra da cerca do liceu, recitava com voz forte, máscula, pouco natural em rapaz da sua idade, os seus primeiros versos. Cedo impôs, a todos nós, a sua superioridade indiscutível. Inteligente, irrequieto, vivendo permanentemente em exaltação de espírito, Guilherme de Faria procurava entre os amigos e companheiros aqueles que mais facilmente pudessem compreender ou sentir os seus poemas de amor e de saudade. […]

Seria para nós um mistério que um rapaz da nossa idade, naturalmente alegre, sempre disposto a rir e gracejar, pensasse assim. Mas o Guilherme era Poeta e a um Poeta tudo é permitido.

Aquele Amor manteve-se em saudade até ao fim da vida.

Numa noite – noite alta e escura – o Guilherme e eu conversávamos no jardim do Alto de Santa Catarina. Havia ali, apenas, um bico de gás. O Guilherme via mal e, com aquela luz fraca, não podia escrever. A «Canção»[464] que ele teve a amizade de me dedicar no seu livro *Saudade Minha*, escrevi-a eu[465].

'A noite é escura e deserta,
E o céu nublado e sombrio…
E, pela noite deserta,
Tenho frio.

Já tive sonhos e amores!
Mas, nesta noite, indiferente
A sonhos, mágoas e amores,

[464] Cf. Guilherme de Faria, *Saudade Minha*, pp. 33-34; SM[08], p. 50.

[465] Apesar de não termos encontrado esse manuscrito de João da Câmara, há um outro, datado de 10 de Setembro de 1926 – também no Alto de Santa Catarina, "às 2 da manhã, dadas neste instante na Torre das Chagas" –, com o poema «Noite alta», que seria publicado em *Destino* (pp. 79-80; SM[08], p. 136), provavelmente escrito nas mesmas circunstâncias. Cf. Anexo 1, p. 59.

Tenho frio simplesmente.

Tenho frio, e já não quero
Nem sei sofrer, ou chorar;
Se é vão o meu desespero,
Quero dormir e sonhar!

Oh noite imensa e tão escura,
Adormece a minha dor
Na infinita desventura
De mais um sonho de amor!'

A «Balada do fim do mundo» foi escrita numa tarde de Verão. O céu aparecera, de repente, intensamente vermelho. Parecia que um fogo imenso se encaminhava para a Terra. Alguém, perto de nós, gritou: 'Vai acabar o mundo!' Estávamos, nessa altura, no Chiado. O Guilherme, possuído de uma exaltação que até aí nunca lhe conhecera, disse-me apenas: 'Vem comigo!' E desatou a correr como um louco a caminho de casa, que era na Rua da Horta Seca. Segui-o, claro, e ambos subimos a correr os degraus da escada até ao segundo andar. Sentado à secretária, ofegante, o Guilherme lançou ao papel, sem hesitações nem emendas a «Balada do fim do mundo»[466].

Alguns poemas do Guilherme de Faria foram musicados pelo nosso comum amigo Afonso Correia Leite. Que saudades sinto dessas noites de verdadeiro convívio, convívio admirável, na minha casa – noites que se prolongavam até altas horas da madrugada – assistindo ao nascimento de obras-primas verdadeiras, de um grande músico sobre versos de um grande poeta.

Um dia saí de Lisboa com um grupo de amigos, para passar três ou quatro dias a caçar no Ribatejo. Quando voltei, ao chegar a casa, a minha mãe deu-me a triste notícia. Nunca mais veria o meu querido amigo Guilherme de Faria. O mar, aquele mar que ele cantara em poemas maravilhosos, quisera-o para si. Tomado

[466] Cf. Guilherme de Faria, *Saudade Minha*, pp. 41-44; SM[08], p. 54-55.

pela dor quis, logo a seguir, matar saudades dele. Reli os versos, muitos deles inéditos, que eu possuía, manuscritos. Só então dei conta que havia certas palavras que ele escrevia sempre com letra maiúscula: Mãe, Amor, Saudade, Mar e Morte. Teria eu conhecido bem, na verdade, o meu amigo? Creio que não. Doutra maneira eu teria, talvez, razões para esperar aquele fim trágico do Poeta, com pouco mais de 20 anos."

Em 1970 Guilherme de Faria permanecia praticamente esquecido como testemunha J. M. Pinto de Almeida: "Não tem havido silêncio tão longo como o que tem fechado, nos últimos anos, as arcas do tesouro do lirismo precioso de Guilherme de Faria, apenas quebrado por alguns dos seus amigos e contemporâneos, quando o lembram, mais no estremecimento da saudade do que para a determinação de um acto de consagração que, indesculpavelmente, ainda não tem sido feito em molde adequado."[467]

No dia 25 de Setembro de 1970, depois de ter sido descerrada uma lápide na fachada da casa onde o poeta nasceu[468], na Alameda Salazar, Joaquim Paço d'Arcos apresenta no Paço Ducal de Guimarães a conferência «Destino e Obra do Poeta Guilherme de Faria». Esta homenagem teve algum impacto na imprensa e a conferência foi publicada numa separata da revista *Ocidente*[469] e, mais tarde, recolhida no segundo volume de *Pedras à Beira da Estrada*[470].

Trata-se de um documento fundamental na redescoberta do poeta Guilherme de Faria, pelo seu conteúdo e pelo seu contexto. Em Outubro de 1968, pouco depois da morte de Manuel de Castro, Joaquim Paço d'Arcos hospeda-se no Hotel do Luso com o intuito de escrever a conferência «Destino e Obra do Poeta Guilherme de Faria». Numa carta escrita a Luís Forjaz Trigueiros, datada de

[467] J. M. Pinto de Almeida, «Guilherme de Faria», *Notícias de Guimarães*, 26 Set. 1970.
[468] Cf. Anexo 1, p. 30.
[469] Cf. Vol. LXXIX, Lisboa, 1970. Cf. Anexo 1, p. 54.
[470] Lisboa, Guimarães Editores, 1971, pp. 330-386. Cf. Anexo 1, p. 54.

16 de Outubro de 1968, Joaquim Paço d'Arcos situa a redescoberta de Guilherme de Faria:

> "Querido Luís:
> Estou aqui num hotel grande e deserto – quatro ou cinco hóspedes – num Outono elanguescente e muito calmo. Separámo-nos depois da nossa conversa, em seguida à missa pelo Manuel de Castro, em que nos encontrámos. E a propósito do Manuel de Castro e do trabalho que vim encetar aqui, deixe-me prolongar a conversa e falar-lhe da minha surpresa e descoberta.
> Eu fui companheiro do Manuel de Castro e do Guilherme de Faria na minha rápida passagem pelo 5º ano do Pedro Nunes, no ano lectivo de 22-23, após o meu regresso de Macau. Troquei, porém, o liceu pelo Banco Inglês e o Guilherme também não concluiu o 5º ano. Algum tempo decorrido fui para África, voltei dois anos depois de Moçambique para partir em seguida para o Brasil e foi lá que me surpreendeu, em Janeiro de 29, a notícia do suicídio do Guilherme. Quando regressei, em 30, o Guilherme era uma recordação para os amigos e um nome na Poesia portuguesa. Soube, vagamente, que um dos motivos que o haviam levado ao suicídio fora a sua paixão, não correspondida, pela Emilinha, irmã do Manuel de Castro. No meu juízo íntimo formou-se também a ideia de que outro motivo, poderoso, fora a sua inadaptação à vida de adulto, que exigia dele responsabilidades para as quais não tinha a menor preparação ou gosto, num meio onde ser Poeta não é profissão legítima e rendosa.
> Tornei a estreitar os meus laços com a família do Guilherme e o pai dele voltou a ser o meu médico, como fora entre 23 e 25 e entre a vinda de África e a ida para o Brasil.
> No decorrer desses quase quarenta anos continuei a ver de vez em quando o Manuel de Castro, convidei-o três ou quatro vezes para minha casa e jantei três vezes em casa dele: a primeira na Rua da Quintinha, com a mulher já enferma, mas ainda presente[471]; a segunda, quando era meu vizinho, na António Augusto

[471] Joaquim Paço d'Arcos refere-se a D. Maria José de Castro Pamplona (1908-1965), 9ª condessa de Resende, com quem Manuel de Castro casou em 1941.

de Aguiar; a mulher, muito doente, já não compareceu à mesa, mas ele debatia-se para não se isolar do mundo. A terceira vez, já estava ele casado com a senhora que deixou agora viúva[472], há cerca ou há mais de um ano, na sua casa na Calçada das Necessidades.

Eu já fora convidado para pronunciar em Guimarães a conferência sobre o Guilherme de Faria, talvez por ser escritor e ter sido amigo dele. E procurava reunir elementos para o trabalho. Sabia que o Manuel de Castro fora o maior amigo do Guilherme e nessa noite, em sua casa, referi-lhe até o boato da paixão infeliz deste pela Emilinha como causa possível do suicídio. Perguntei-lhe se não teria cartas do Guilherme. Ele foi buscar um pequeno baú castanho, de lata muito ferrugenta, e entregou-mo, pondo à minha disposição o seu conteúdo. Abri-o e verifiquei que continha maços de cartas e de envelopes envelhecidos. Trouxe-o para casa, como achega para o futuro trabalho.

Não tornei a ver o Manuel, nem soube da doença que o assaltou e minou durante meses, até à morte, há um mês, quando eu estava em Londres.

Fixara no começo deste mês a vinda para o Luso impreterivelmente para o dia 12, para começar neste sossego o trabalho há dois anos prometido sobre a vida e obra do Guilherme. E sei entretanto, há poucos dias, de surpresa, no acaso de uma conversa, que o Manuel de Castro morrera na minha ausência. E sou em seguida prevenido por si da Missa do 30º dia, mandada rezar pela viúva e pela Emilinha. A Emilinha, que eu não via há quarenta anos e que supunha ir encontrar na missa pelo irmão, na altura exacta em que ia encetar o estudo sobre a vida, obra e morte daquele que por ela se deixara afogar!

Impressionou-me a coincidência, que não se verificou aliás, por a Emilinha, doente, segundo me disseram, já não sair de casa. Mas outra coincidência ficou a impressionar-me o espírito: a da morte recente do Manuel e da missa por sua alma no dia exacto que fixara, após dois anos de adiamentos, para encetar o trabalho sobre o seu maior amigo, o nosso companheiro do Pedro Nunes de há quarenta e seis anos!

[472] Marie Louise Raphaelle Dumont, com quem Manuel de Castro casou em 1965.

Você deixou-me à porta de minha casa e pouco depois parti para aqui, trazendo na bagagem o recheio amarelecido do baú de lata ferrugenta. Havia mais de um ano que esse recheio estava em meu poder. Poderia ter tomado conhecimento dele ainda em plena vida do Manuel e, até, obter deste os conhecimentos complementares sobre as acções e o pensamento do Guilherme, que tão úteis seriam para o meu trabalho. Mas não, nunca no ano inteiro, esmagado por tantos afazeres, abrira sequer a tampa do baú. Só agora, com o Manuel morto, ia debruçar-me sobre aqueles papéis.

Quis o destino que a correspondência do Guilherme para o Manuel de Castro permanecesse quarenta anos – a última carta é de 3 de Setembro de 28 – guardada naquele baú, sem que ninguém a violasse, sem que o próprio Manuel, segundo quase depreendi da sua última conversa, a voltasse a ler. E quis o mesmo destino que só eu me inclinasse sobre ela quando um e outro – autor e destinatário – meus companheiros da mocidade, haviam já desaparecido, um há quarenta anos, o outro ainda não há quarenta dias!

E foi tão forte a impressão que recolhi da leitura daquelas cartas que não resisti ao ímpeto de prolongar a nossa conversa melancólica de há dias para lhe dizer que o Guilherme voltou à minha presença, quase meio século passado – são de 23 as primeiras páginas – mais vivo, mais humano, na sua infinita fraqueza e na alta inspiração, na imperfeição e no sonho, do que em toda a sua obra impressa de Poeta!

Pensar que o Manuel, a quem o Guilherme tão exaltadamente quis – como daquelas cartas transparece – talvez porque por detrás dele, Manuel, estava a Eleita, inatingível, estava ELA, com maiúsculas, por quem ele, Guilherme, pergunta nos *Post-Scriptum* – pensar que o Manuel guardou quarenta anos sepulto este legado extraordinário, interpretação a fogo da alma e da obra de um grande poeta, e o deixava esquecido se não fora a minha curiosidade; pensar que estas cartas me foram reveladas na altura em que fechou os olhos o amigo comum a quem foram dirigidas, não antes, nem depois, parece-me um daqueles caprichos do destino que tanto têm amarrado a minha obra às emoções duma vida vivida em amplitude e profundidade.

Mas, pensando bem, talvez só escrúpulo e pudor da grande amizade perdida, da fervente amizade perdida, tenha levado o Manuel de Castro a guardar, esquecidas e invioladas, as cartas do Guilherme. E tenha sido um gesto extraordinário de generosa elegância e apreço por mim a entrega confiada desse tesouro a quem dele ia fazer o que quisesse.

Estou certo de que o poderei revelar, honrando a memória do Guilherme, tacteante e amargurado, e a do Manuel, que em quarenta anos eu afinal não conheci! Mas isso levar-me-á muito longe, muito mais longe do que uma simples conferência. É assunto para conversarmos em Lisboa.

Até lá um abraço do velho amigo

Joaquim"[473]

Esta impressionante carta explica como Joaquim Paço d'Arcos reencontrou os dois companheiros de liceu num esquecido e amarelecido epistolário, e testemunha a comoção do reencontro, um certo sentido poético de temporalidade que o Outono e a morte acentuam.

Emília Castro morreu em 1971. Em 1979, morreram José Leite de Faria e Joaquim Paço d'Arcos. Os pais de Guilherme, António Baptista e Lúcia, ambos octogenários, tinham morrido em 1957 e em 1969, respectivamente; na década de 60, tinham morrido três irmãos: Margarida (1965), Leonor (1966) e Miguel (1969).

Entre 1980 e 2000 encontrámos apenas sete referências a Guilherme de Faria na imprensa. Luís morre em 1986, Francisco em 1995 e António, o irmão mais velho, morre com 96 anos em 2000.

Em Lisboa, na casa da Rua da Horta Seca, que António Baptista alugara em 1919 e onde vive ainda Maria Teresa Leite de Faria, irmã do poeta, permanecia uma parte do espólio: cartas, fotografias e alguns manuscritos autógrafos. Na posse de Frei Francisco Leite de Faria e após a sua morte, em 1995, outra parte

[473] Joaquim Paço d'Arcos, carta a Luís Forjaz Trigueiros, 16 Out. 1968 (cf. Joaquim Paço d'Arcos, *Correspondência e textos dispersos 1942-1979*, pp. 271-274).

do espólio – constituída fundamentalmente por manuscritos autógrafos do poeta – foi levada para a Biblioteca Provincial da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, no Porto. Outros documentos – livros da biblioteca do poeta, manuscritos autógrafos, fotografias, cartas, etc. – permaneciam com sobrinhos e sobrinhos-netos, com os descendentes de alguns dos amigos de Guilherme de Faria ou dispersos por livreiros e antiquários.

No final do século XX, o espólio fragmentado era um reflexo do esquecimento que se abatera sobre a vida e obra de Guilherme de Faria. Tinham já morrido todos os amigos que partilharam com o poeta a década de 20. As iniciativas a que se associaram Joaquim Manso (1943) e Joaquim Paço d'Arcos (1970) não tinham conseguido resgatar o poeta do esquecimento; e o desejo veementemente expresso por Duarte do Amaral[474] de reeditar a poesia de Guilherme de Faria não tinha sido concretizado.

[474] *Diário de Notícias*, 26 Set. 1970.

Obra

A curta existência de Guilherme de Faria é assinalada de um modo indelével pela condição de Poeta, que ele assume fatalmente até às últimas consequências, como impiedosa enfermidade e, simultaneamente, como processo de redenção. Dificilmente encontraremos na história da literatura portuguesa alguém que tenha assumido a condição de poeta tão intensamente como Guilherme de Faria, sem ponderar de um modo consequente qualquer outra forma de realização, tendo-se imolado, convencido do carácter inexorável desse destino.

José Carlos Simões falava de uma criança que lia os seus primeiros versos e, já nas suas primeiras composições, impressionava pela "precocidade doentia" e pelas "ideias tão fora da sua idade"[475]. Guilherme de Faria era essa criança que maravilhava Alfredo Pimenta com a maneira como dizia os seus versos e com os versos que lia[476], essa criança que Joaquim Paço d'Arcos recorda nos bancos do liceu, já afirmado como poeta[477], ou no Jardim da Estrela a recitar sonetos de Antero, poemas de Gomes Leal e poesias suas[478].

[475] José Carlos Simões, *op. cit.*, p. 71.
[476] Cf. Alfredo Pimenta, «Quatro escritores vimaranenses. 1) O poeta Guilherme de Faria», pp. 37-38.
[477] Joaquim Paço d'Arcos, *op. cit.*, p. 332.
[478] *Id.*, *Ibid.*

Capítulo 1

GUILHERME DE FARIA

POETA NEO-ROMÂNTICO LUSITANISTA

Após uma leitura da poesia de Guilherme de Faria, perdura o rumor das éclogas de Bernardim[479], das trovas de Crisfal[480], ou da lírica de Camões[481]. Nos seus poemas, ouve-se o murmúrio dos versos de Frei Agostinho da Cruz: "Mal se pode mudar tão triste estado;/ Pois para bem não pode haver mudança,/ E para maior mal não pode ser."[482] Na poesia de Guilherme de Faria escuta-se ao longe a voz enlevada e elegíaca dos Cancioneiros.

Mas não menos impressivas são as aparições da poesia de João de Deus ou Gomes Leal ou, mais intensamente ainda, de Antero de Quental – 'santo Antero' nas palavras de Eça de Queirós[483] –, que exerceu uma influência profunda na poesia de Guilherme de Faria e, particularmente, na sua condição de poeta e nas consequências inerentes à decisão de assumir essa condição.

Tal como Antero, Guilherme de Faria converteu-se no sujeito de um suicídio de olhos abertos[484]. E se dificilmente conseguimos esquecer o sentido retrospectivo que o suicídio acabou por conferir à obra de Antero, é também verdade que não é possível ler a poesia de Guilherme de Faria sem esse sentido retrospectivo que o suicídio lhe confere. Neste caso, existe uma intenção clara da parte do poeta, que se suicida entre a organização e a edição do seu "livro definitivo", assinalado pelos versos de Bandarra que lhe servem de epígrafe: "Em dois sítios

[479] Cf. Bernardim Ribeiro, *Éclogas*, Lisboa, 1923.
[480] Cf. *Trovas de Crisfal*, Lisboa, Livraria Portugal, 1965.
[481] Cf. Luís de Camões, *Lírica*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1984.
[482] Frei Agostinho da Cruz, *Poesias selectas*, Porto, Domingos Barreira Editor, 1941, p. 35.
[483] Cf. Nuno Júdice, *O Processo Poético*, Lisboa, IN-CM, 1992, pp. 50-51.
[484] Cf. *Id.*, *Ibid.*, p. 53.

me achareis,/ Por desgraça ou por ventura:/ Os ossos na sepultura,/ E a alma nestes papéis."

Para além das qualidades evidentes que os seus poemas revelam, para além da cultura literária que adquire, para além da condição de poeta assumida fatalisticamente, o caso de Guilherme de Faria adquire uma singularidade na história da poesia portuguesa por um aspecto particular: como nenhum outro poeta, ele identifica-se dramaticamente com as suas leituras, assume fragmentos da vida e da poesia de Antero de Quental, de António Nobre ou mesmo de José Duro, e confere-lhes uma vida nova, com uma densidade que assoma nos seus próprios poemas e nos desabafos que guardou em centenas de cartas íntimas.

Por isso, quando relemos «Nox»[485] – "Noite, vão para ti meus pensamentos" – ou «O palácio da ventura»[486] de Antero de Quental, percebemos o sentido e a dramaticidade da construção da personalidade literária de Guilherme de Faria, ele próprio esse "cavaleiro andante" que, dentro do "palácio da ventura", encontrou "só, cheio de dor,/ Silêncio e escuridão – e nada mais!"

Ao reler «Despondency»[487] – "Deixá-la ir, a nota desprendida/ Dum canto extremo… e a última esperança…/ E a vida… e o amor… deixá-la ir, a vida!" – ou «Sepultura romântica»[488] – "Com suas lutas, seu cansado anseio,/ Seu louco amor, dissolva-se no seio/ Desse infecundo, desse amargo mar!" – não encontramos apenas imagens de que Guilherme de Faria se apropria para a sua poesia ou para a construção da sua personalidade literária, encontramos, por vezes, porções da sua biografia, na medida em que a intensidade com que leu os seus poetas tutelares condicionou profundamente o seu carácter e as suas opções fundamentais.

---

[485] Antero de Quental, *Poesia Completa (1842-1891)*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2001, p. 286.
[486] *Id.*, *Ibid.*, p. 248.
[487] *Id.*, *Ibid.*, p. 251.
[488] *Id.*, *Ibid.*, pp. 255-256.

E é isso que nos permite reconhecer Guilherme de Faria em «O sentimento dum ocidental»[489] de Cesário Verde, deambulando por Lisboa ou sentado "à mesa dum café devasso", nessa "Babel tão velha e corruptora"[490]. Como nas cartas que escreveu a Manuel de Castro, imaginamo-lo abúlico, cismático, "doente, azedo, apoquentado"[491].

E quando relemos «Flores velhas»[492], percebemos que Guilherme de Faria assume os versos de Cesário Verde para interpretar um último diálogo com Emília Castro. Nesse sentido, Guilherme de Faria acredita que o seu suicídio afectará profundamente Emília e denunciará a sua indiferença. Trata-se, de certo modo, de um acto ressentido e, simultaneamente, uma dramática evocação do seu amor.

Na vida e na poesia de Guilherme de Faria acontece uma partilha de imaginário poético com uma rara densidade idiossincrática, de tal modo que sentimos nos versos de outros poetas a vibração da poesia, o frémito do sentimento de Guilherme de Faria. Com efeito, o poeta idealiza Emília Castro a partir dos versos de Cesário Verde: "Em tudo eu pude ver ainda a tua imagem,/ A imagem que inspirava os castos madrigais"[493]; e talvez não seja coincidência a presença subtil da 'flor da saudade': "Eu trouxe do jardim duas saudades roxas"[494].

Em Guilherme de Faria, é muito difícil separar aquilo que é do domínio da vida – o quotidiano, as relações, a formação, a actividade profissional, etc. –, daquilo que é especificamente do domínio da literatura. Isto acentua a condição

---

[489] Cesário Verde, *O Livro de Cesário Verde*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2004, pp. 79-88.
[490] *Id. ibid.*, p. 39.
[491] *Id. ibid.*, p. 96.
[492] *Id. ibid.*, p. 60. "Pois que, minha adorada, eu peço que não creias/ Que eu amo esta existência e não lhe queira um fim;/ Há tempos que não sinto o sangue pelas veias/ E a campa talvez seja afável para mim.// Portanto, eu, que não cedo às atracções do gozo,/ Sem custo hei-de deixar as mágoas deste mundo,/ E, ó pálida mulher, de longo olhar piedoso,/ Em breve te olharei calado e moribundo.// Mas quero só fugir das coisas e dos seres,/ Só quero abandonar a vida triste e má/ Na véspera do dia em que também morreres,/ Morreres de pesar, por eu não *viver* já!"
[493] *Id. ibid.*, p. 56.
[494] *Id. ibid.*, p. 60.

de 'poeta romântico' e a fatalidade de um comportamento tendencialmente mimético em que dificilmente se distingue o que é originariamente seu e o universo literário assimilado nas suas leituras e nas projecções que essas leituras lhe possibilitaram. Se isto é evidente em relação a Antero de Quental, é ainda mais intenso em relação a António Nobre. Mais do que aproximações de natureza semântica ou sintáctica à sua poesia, o comportamento mimético de Guilherme de Faria traduz-se idiossincraticamente no âmbito dos principais eixos temáticos do *Só*.

Para além das evidentes semelhanças, a que já aludimos, entre Emília Castro e a descrição de Margarida de Lucena por António Nobre, em «Purinha»[495], há duas curiosidades de natureza biográfica: no Liceu Pedro Nunes, no ano lectivo de 1922/23, Guilherme de Faria é companheiro de turma de Francisco de Lucena, sobrinho de Margarida de Lucena, e de Manuel de Castro, cuja família tinha sido íntima de António Nobre[496].

Mas o que liga Guilherme de Faria ao autor do *Só* é um sentimento poético profundo que possibilita o verso de *Mais Poemas*: "Oh meu pálido Irmão, tão pálido e tão doce!"[497] Com efeito, os dois poetas partilham uma intimidade per-

---

[495] António Nobre, *Só*, pp. 69-76

[496] A mãe de Manuel de Castro – Emília Teles da Gama – e os tios – Constança, Isabel, Vasco Sebastião e Domingos – conviveram com António Nobre com grande proximidade em 1898. São várias as referências – de Guilherme de Castilho ou de Feliciano Soares – e as fotografias que testemunham esta amizade (cf. Mário Cláudio, *António Nobre – fotobiografia*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2001, pp. 156-157). Importa salientar a camaradagem entre António Nobre e Domingos Teles da Gama – bem descrita e ilustrada (cf. Anexo 1, p. 60) – e o poema que Nobre dedica à mãe de Manuel de Castro em *Despedidas*: "Emília és, quer queiras, ou não queiras:/ Que lindo nome o teu, soante de brisas!/ É um nome de pastoras e moleiras,/ Loira morgada do solar dos Nisas!" (*Despedidas*, Porto, 1902, p. 22; trata-se de um poema de 20 de Novembro de 1889). Importa ainda referir que Guilherme de Faria, nas suas estadas na Quinta de Santo António, em Vila Franca de Xira, conviveu com Domingos Teles da Gama, a quem dedicou «Balada do fim do mundo» (*Saudade Minha*, pp. 41-44).

[497] Guilherme de Faria, *Mais Poemas*, p. 22. Relembramos o bilhete-postal com o retrato de António Nobre, onde Guilherme de Faria escreveu em 1922: "Oh meu divino irmão, tão pálido e tão doce" (cf. Anexo 1, p. 34).

turbadora com a morte, as paisagens outoniças e crepusculares, o mesmo modelo de idealização amorosa e a mesma vertigem de mar[498].

Em dois vectores fundamentais, António Nobre marca significativamente o contexto no qual Guilherme de Faria folheou as páginas do *Só*:

> "Enquanto decadentista, o lirismo de António Nobre dava expressão poética paradigmática à depressão nacional advinda da crise política e ao maremoto pessimista (e suicidário) que varre a elite intelectual e artística portuguesa; enquanto neo-romântico, o lirismo de António Nobre dava expressão paradigmática a uma poesia de regresso às fontes populares, de nostalgia histórica e de regeneração rural que, se não assegurava uma estratégia vitoriosa, oferecia uma diversão táctica para enfrentar justamente o fatalismo da decadência nacional e o fatalismo da onda angustiosa, neurasténica, ao mesmo tempo que garantia o conforto da diferenciação castiça perante a prosperidade e força estrangeiras."[499]

Tal como Guilherme de Faria, António Nobre fora um poeta precoce, a partir dos 15 anos, "uma ou outra vez revelando, em textos postumamente recolhidos nos *Primeiros Versos*[500], por que razão podia escrever num dos seus cadernos: 'Nasci poeta. Tive génio e, sem rebuço/ Juro que já senti segundos de Camões!'"[501] Com efeito, o sentimento de predestinação suscita nos dois poetas "um narcisismo agressivo e origina também, em natural complementaridade, o afastamento de uma optimista confrontação com a vida e a proximidade da sombra da morte"[502]. Tal como em António Nobre, existe em Guilherme de Faria uma tensão entre existência e mitogenia, entre a realidade e o sonho exaltante, entre o acutilante desengano e a crescente alucinação.

---

[498] Cf. Francisco Casado Gomes, *O Elemento Mar na obra de António Nobre*, Porto Alegre, 1958.
[499] José Carlos Seabra Pereira, *op. cit.*, p. 81.
[500] António Nobre, *Primeiros Versos*, Porto, A Tribuna, 1921.
[501] José Carlos Seabra Pereira, *op. cit.*, p. 65.
[502] *Id.*, *Ibid.*, p. 72.

A visão pessimista da vida e o abatimento perante a decadência de Portugal coexistem com a projecção evasiva de um mundo idílico e rural, uma cartografia poética que assinala os *loca sancta* da infância. Tudo isto encontramos nos poetas neo-românticos e, consequentemente, na poesia e nas cartas de Guilherme de Faria, onde se sente apenas a ausência da Coimbra elegíaca e tradicional que José Carlos Seabra Pereira define como "sítio da *peregrinatio* individual e da geografia sentimental de todo o Neo-Romantismo"[503].

Guilherme de Faria, na poesia e no epistolário, manifesta permanentemente o desejo de uma vida diferente da sua, o sentimento de que não pertence à realidade histórica que lhe fora imposta e que assumiu como um exílio, do qual se libertou pela morte. O universo alternativo que Guilherme de Faria idealiza é o mesmo que aparece descrito de um modo recorrente na poesia de António Nobre, particularmente na «Canção da Felicidade»[504]. Mas há uma impiedosa ironia neste processo: Guilherme de Faria idealiza uma idealização. Na verdade, não há nada no *Só* que lhe pudesse valer. E não é a alternativa dolorosa de engano e desengano que mais os afecta: "é a inalterada carência de interesse de que a existência se reveste, numa monotonia estagnante e mortífera. O *taedium vitae* é omnipresente."[505]

O *Só* é atravessado por alusões a figuras, preces e práticas do universo do Catolicismo, mas para além "desta intersecção estética do mundo religioso, há passos onde o poeta parece integrar-se nele, ao menos pela identificação ou vibração simpática com os que o rodeiam"[506]. Acontece o mesmo na poesia de Guilherme de Faria. Nos dois poetas encontramos, ocasionalmente, uma verdadeira profissão de fé e de plenitude espiritual, "mas estas, no próprio momento em que se afirmam, mancham-se com o parentesco da crendice e vêm a consen-

[503] *Id.*, *Ibid.*, p. 64.
[504] António Nobre, *Só*, pp. 77-78.
[505] José Carlos Seabra Pereira, *op. cit.*, p. 73.
[506] *Id.*, *Ibid.*, p. 74.

tir na sua impotência."[507] Em Guilherme de Faria, como em António Nobre, a "inconsistência desta religiosidade contrasta com o relevo da inquietação metafísica"[508] e, por desgraça, um e outro encontram aconchego na escuridão pacificadora da morte.

O *Só* de António Nobre exerce a sua sedução polidireccionada

> "graças a notáveis qualidades específicas de efeito real e de encantamento evasivo, de aderência ao genuinamente nacional e popular e de subliminares ironias integráveis na ironia maior do alcance profético de um discurso narcisista e do alcance cesáreo de um discurso infantilista e feminil – qualidades essas actualizadas graças a uma certeira exploração das virtualidades da língua e das suas variações, bem como a uma eficaz exploração dos subsistemas retórico-estilístico, técnico-compositivo e prosódico-versificatório. Daí resultam os traços inconfundíveis e o apelo irrecusável do seu estilo iterativo e evocativo, exclamativo e coloquial; daí resulta, por outro lado, que 'coisas literalmente mortas, como inversões frásicas exigidas pela rima, perífrases pedantes ou de necessidade versificatória, condução ainda discursiva e conceituosa do soneto, alusões culturais em moda, acotovelam-se com recursos mais vivazes, e todavia simples, de sintaxe exclamativa e dialogal, a-propósitos incisos, repetições e paralelismos no verso ou na estrofe – coisas que com uma candidez arrebatante conseguem diluir todos os grumos da banalidade ou pedantice num movimento maior de conjunto'[509]. Mas António Nobre não se tornou apenas o autor de uma obra modelar e o detentor de um *thesaurus* de temas e estilemas para a poesia anti-naturalista do fim-de-século e para a poesia neo-romântica do primeiro quartel do século XX. António Nobre, ou *Anto*, tornou-se também, e sobretudo, uma *dramatis persona* dessa poesia neo-romântica e um seu motivo importante; tornou-se, ele mesmo, um macrossigno literário, relevante no subsistema semântico-pragmático explo-

[507] *Id.*, *Ibid.*
[508] *Id.*, *Ibid.*
[509] Óscar Lopes, *Entre Fialho e Nemésio – Estudos de Literatura Portuguesa Contemporânea* (vol. 1), Lisboa, IN-CM, 1987, pp. 78-79.

> rado pela poesia neo-romântica e, ainda, representação mais lídima do 'Poeta' e do 'Poeta português', isto é, em termos de metalinguagem literária, metamorfose genuinamente nacional do bardo genial e maldito do Romantismo."[510]

Neste sentido, nenhum outro poeta neo-romântico foi tão influenciado por António Nobre como Guilherme de Faria. A experiência da leitura do *Só*, neste contexto, possibilita-nos um retrato dramático e expressionista desse poeta em que "a Dor, que morava com ele no peito,/ Com ele crescia…"[511] "Moço Lusíada! criança!"[512] Guilherme de Faria poderia ter sido o autor das palavras que António Nobre, alguns anos antes, tinha escrito: "Quero viver, eu sinto-o, mas não posso"[513]; nas páginas do *Só* encontra um caminho sem retorno: "Que fazer? Porque não nos suicidamos?"[514] "Estive já pra me matar…"[515]

E se Antero evoca o mar como «Sepultura romântica»[516], António Nobre é ainda mais explícito: "Quando eu morrer [...]/ Deitem-me ao Mar! [...] Irei indo de frágua em frágua,/ Até que, enfim, desfeito em água,/ Hei-de fazer parte do Mar!"[517]

Guilherme de Faria estabelece um diálogo perturbador com António Nobre. Diante do *Só*, ocorre-nos a interrogação: quantos dos seus versos lhe teriam servido de epitáfio?

Juntamente com Antero de Quental e António Nobre, Camilo Pessanha foi uma figura tutelar para Guilherme de Faria, que lhe dedica um artigo, publicado em Janeiro de 1927, n'*A Folha do Lado*:

---

[510] José Carlos Seabra Pereira, *op. cit.*, p. 82.
[511] António Nobre, *Só*, p. 40.
[512] *Id.*, *Ibid.*, p. 48.
[513] *Id.*, *Ibid.*, p. 177.
[514] *Id.*, *Ibid.*, p. 183.
[515] *Id.*, *Ibid.*, p. 40.
[516] Cf. Antero de Quental, *op. cit.*, pp. 255-256.
[517] António Nobre, *Só*, p. 43.

"Morreu, há meses, no seu exílio voluntário em Macau, o grande Poeta Camilo Pessanha. [...] Poeta, pela sensibilidade extraordinária e pela inspiração originalíssima, Camilo Pessanha até da sua geração literária foi ignorado ou, pelo menos, esquecido. Só Alberto Osório de Castro e Wenceslau de Moraes o lembraram, nas suas obras, com enternecidas palavras. [...] Para alguns, como eu, o aparecimento e leitura da *Clepsidra* foram motivo de imperecível consolação e gratíssimo orgulho. Cansado da má poesia que, por quase todas essas obras contemporâneas, ora se desmancha em deselegâncias afectadas, ora se conturba e escurece de nevoeiros 'saudosistas' que visam só falsear o puro sentimento português, eu tive a boa sorte de encontrar o livro de Camilo Pessanha.

Apesar de parente do Poeta, eu não tinha, em virtude da sua ausência, a ventura de o conhecer. E aos seus versos desconhecia-os também. Foi assim que os meus alvoroçados treze anos encontraram, perfumados e frescos da eterna graça portuguesa, estes poemas de *Clepsidra*; e ainda hoje, ao reler os versos de maravilha, neles encontro, viva, a angustiosa expressão do exílio [...]. E nesse livro bem-amado, foi-me dado encontrar de novo o puro sentido e o ledo e brando ritmo da Poesia portuguesa. Passando sobre todas as más influências e piores intenções da poesia revolucionária, e bem extremada das sombras bizantinas do simbolismo francês (porque Camilo Pessanha não é um simbolista de escola), enfim, depurada de tudo quanto é estranho e inferior na nossa poesia, a alma lírica dos Cancioneiros perpassa e plange, enamorada nos versos deste Poeta."[518]

Guilherme de Faria, de certo modo escrevendo sobre si próprio, demarca-se do Saudosismo e do Modernismo e situa-se na continuidade da poesia de Camilo Pessanha. Curiosamente, ao folhear a 1ª edição de *Clepsidra*[519], percebemos onde o jovem poeta foi buscar inspiração para a publicação dos seus *Poemas* e *Mais Poemas*, em 1922: o tipo de papel, o modo de apresentação dos títulos ou a disposição dos sonetos.

[518] Guilherme de Faria, «Um Poeta português», *A Folha do Lado*, 30 Jan. 1927.
[519] Lisboa, Edições Lusitânia, 1920.

Sobre o exemplar de *Clepsidra* que pertenceu a Guilherme de Faria, encontramos um interessante testemunho de José Gomes Ferreira, escrito no seu diário, no dia 7 de Junho de 1968:

> "Esta manhã, ao remexer nos livros da estante, encontrei a 1ª edição da *Clepsidra*, ou antes da *Clepsydra*, de 1920. Pertenceu a Guilherme de Faria (lê-se a assinatura bem nítida – letra tipo afonsolopesvieiresco – numa das folhas de guarda) e foi-me oferecida pelo Manuel Mendes, amigo íntimo do infeliz poeta de *Saudade Minha.*
>
> Folheie-o com lentidão de quem caminha num museu. Ou procura um rasto.
>
> Logo os primeiros quatro versos da *Inscripção* (assim mesmo com «p») – *Eu vi a luz de um paiz* (com «z») *perdido*, etc. – estão assinalados com uma chaveta a lápis.
>
> Adesão.
>
> Depois, começam os sonetos – ou melhor, os «sonetos» com acento circunflexo no «e».
>
> O primeiro – *Tatuagens complicadas do meu peito*, etc. – não tem qualquer traço a realçá-lo. Interessou pouco a Guilherme de Faria. (Em compensação, Américo Durão leu-o, por certo, apaixonado.)
>
> Já o segundo – *Cancei-me de tentar o teu segrêdo*, etc. – mereceu a honra de um risco contínuo de aprovação. Mas o terceiro – *Phonographo* (assim com todos estes *phs*) – só lhe impôs um verso: *Ante o seu corpo o sonho meu flutua…*
>
> O próximo – *Desce em folhedos tenros a collina* (com dois *ll*) – ostenta uma bela seta, levemente curva e vinda do alto, apontada à cabeça do soneto.
>
> E aqui temos agora o *Esvelta surge! Vem das aguas, nua*, etc. – convenientemente riscado com carinho aprovador. O seguinte – *Depois da lucta e depois da conquista*, etc. – passou despercebido. E encontramo-nos então diante de *Quem polluiu, quem rasgou os meus lençoes de linho.* (Dois *ll* em poluiu.)
>
> Entusiasmado no carregar do lápis e no «G» rabiscado no princípio do primeiro verso como que a dizer: Gostaria que este soneto fosse meu.

Entretanto volto a página e leio *Ó meu coração torna para traz*, etc., onde não descubro qualquer marca de adesão. Mas o entusiasmo suscitado pelo *Quem polluiu*, etc., não tem tempo para arrefecer, pois aparece logo o *Floriram por engano as rosas bravas* riscado de cima a baixo. Ao que se segue o soneto *E eis quanto resta do idyllio acabado/ – Primavera que durou um momento…* – só com esses dois versos destacados. (Aproveitamento nítido da voz alheia para uma confissão pessoal.)

Entramos então na parte do livro intitulada *Poesias*.

A primeira deve ter feito cócegas nas convicções monárquicas de Guilherme de Faria, porque não resistiu a chamar a atenção de si mesmo para estes versos de sabor heráldico:

E quando, ó Dôce Infanta Real,
Nos sorrirás do belveder?
– Magra figura de vitral,
Por quem nós fomos combater…

E surge o célebre poema *Não sei se isto é amor* com um «E» bem desenhado a lápis no alto da página – talvez a inicial do nome da mulher amada.

No final da poesia, como que a assinar aquela carta lírica à sua «E», o nome sincopado do poeta: *Guilhe* (imitação do «Anto»).

Voa depois, rápido, sobre o *Rufando apressado/ e bamboleando*, etc. e…

(Preparem-se para o grande choque imprevisto.) Na minha frente está uma poesia a que dois traços, na primeira e última quadra, dão um significado terrível.

E leio, *a compreender*:

Ao meu coração um peso de ferro
Eu hei-de prender na volta do mar.
Ao meu coração um peso de ferro…
Lançae-o ao mar.

A última quadra é esta:

A sete chaves, – a carta encantada!
E um lenço bordado… Esse hei-de-o levar,
Que é para o molhar na agua salgada
No dia em que enfim deixar de chorar

As restantes poesias já nem as li. Só uma, aliás, não estava marcada. Aquela, lindíssima:

De sob o cômoro quadrangular
Da terra fresca que me ha-de inhumar…

Mas a Guilherme de Faria não interessava a terra. (A terra de morrer.) Interessava sim o mar indicado neste volume da *Clepsydra* como o itinerário do seu suicídio:

Ao meu coração um peso de ferro…
Lançae-o ao mar.

Porque Guilherme de Faria afogou-se. A 4 de Janeiro de 1929. Talvez por amor a «E».
Conheci-o.
Sombra vaga.

Hei-de pedir aos meus filhos e aos filhos dos meus filhos que não se desfaçam desta primeira edição da *Clepsydra* de 1920… que a ausência de numeração, os *yy*, os *phs*, as letras dobradas e os acentos circunflexos, tornam os versos mais belos e estranhos.
Mas sobretudo porque esteve nas mãos dum pobre poeta malogrado que nele aprendeu a morte… Seguiu-a de verso em verso…

E, ainda hoje, as impressões digitais magoam o papel."[520]

Como se percebe neste testemunho de José Gomes Ferreira, o que une os dois poetas não é o parentesco, nem mesmo uma suposta reminiscência quinhentista nos versos de Camilo Pessanha; o que os une é uma identidade poética e ontológica profunda. Com efeito, não podemos deixar de pensar em Guilherme de Faria quando lemos a carta que Camilo Pessanha escreveu ao seu pai, quando chegou a Macau: "Minha infância, virtual, pois eu não me lembro de ter tido uma infância (há muitos cismáticos que nascem velhos)"[521]; não podemos deixar de pensar em Guilherme de Faria quando recordamos a amizade que Camilo Pessanha partilhava com Alberto Osório de Castro e o amor não correspondido pela irmã do amigo, Ana Osório de Castro[522]; não podemos deixar de pensar em Guilherme de Faria quando pensamos nas limitações pessoais de fragilidade física, na figura desinteressante de estrábico franzino, na nula sedução exercida sobre o sexo feminino, no tendencial desequilíbrio nervoso ou na instabilidade psicológica de Camilo Pessanha[523].

Por 1895 ou 1896, numa carta a Ana Osório de Castro, vítima de um doloroso drama psicológico-moral e de um contínuo processo de degradação íntima, Camilo Pessanha escreve: "Sabe que eu também ando por esses mares fora sempre a escolher o melhor lugar da minha sepultura."[524] Guilherme de Faria encontrá-la-ia no mar mais próximo.

Acentuando a dimensão disfórica da poesia de Camilo Pessanha, José Carlos Seabra Pereira evoca a atitude derrotista que se manifesta num cepticismo fenomenista que em tudo vê contingência, aparência e efemeridade; o fatalismo, a ausência de alternativa feliz para a sua condição, a expectativa da morte, a

[520] José Gomes Ferreira, *Dias Comuns V – Continuação do Sol*, Alfragide, D. Quixote, 2010, pp. 23-26.
[521] *Apud* José Carlos Seabra Pereira, *op. cit.*, p. 46.
[522] Cf. *id. ibid.*, p. 49.
[523] Cf. *id. ibid.*, p. 46.
[524] *Apud id. ibid.*, pp. 49-50.

aguda convicção da inconstância do mundo e da vida, a perecibilidade dos poderes e forças das criaturas, a fugacidade da ventura. Camilo Pessanha, como mais tarde Guilherme de Faria, "funde em múltiplos poemas, o desengano com a mundividência fatalista e pessimista, de par com os consequentes apelos à apatia."[525]

Com efeito, Guilherme de Faria escutou atentamente os "repetidos apelos de Camilo Pessanha para refrear a sensibilidade e para o sono abúlico e alheado."[526] É por isso que em Guilherme de Faria, como em António Nobre ou Camilo Pessanha, ganha particular coerência o tópico, frequente na lírica decadentista, da aspiração ao derradeiro adormecimento, a entrega a uma *mors liberatrix* que as dilectas imagens do ciclo rural ironicamente inculcam como continuidade natural da vida: "Porque o melhor, enfim,/ É não ouvir nem ver…/ Passarem sobre mim/ E nada me doer! [...] Passar o Estio, o Outono,/ A poda, a cava, e a redra,/ E eu dormindo um sono/ Debaixo duma pedra."[527]

---

[525] *Id. ibid.*, p. 60.

[526] *Id. ibid.*

[527] Camilo Pessanha, *op. cit.*, p. 171. Também no *Só* de António Nobre encontramos várias expressões que confirmam esse sentido da morte, enquanto sono ou adormecimento. Em «António» lê-se: "A Morte, agora, é a minha Ama/ Que bem que sabe acalentar! [...] À noite, quando estou na cama:/ 'Nana, nana, que a tua Ama/ Vem já, não tarda! foi cavar…'" (p. 46); em «O sono do João»: "'Na Vida que a Dor povoa,/ Há só uma coisa boa,/ Que é dormir, dormir, dormir…/ Tudo se vai sem se sentir'" (p. 166); em «Enterro de Ofélia»: "Morreu. Vai a dormir, vai a sonhar… Deixá-la!" (p. 199); na «Ladainha» (pp. 160-161) o mesmo cenário, que encontra a sua mais bela expressão no sono da morte nos «Males de Anto», particularmente em «Meses depois, num cemitério» (pp. 235-238). «Fala ao Coração» é muito mais do que um exemplo: "Meu Coração, não batas, pára!/ Meu Coração, vai-te deitar! [...] Meu Coração, vamos sonhar… [...] Não batas mais! vamos morrer… [...] Basta, por Deus! vamos dormir…" (p. 162). Poderíamos citar – no contexto deste registo – inúmeros poemas de Guilherme de Faria, como por exemplo: "Adormece, não queiras mais sonhar;/ Fecha os olhos, amor… A vida é assim…/ Deixa as sombras e os astros divagar,/ E esquece-te de mim!" (*Saudade Minha*, p. 31); "Morta, na vida, a esperança refloresce/ No céu… E a alma, cansada de sofrer,/ Na solidão das noites, adormece/ Para sonhar, enfim – para viver!" (*id. ibid.*, p. 47); "Tenho o leito da eterna sepultura,/ Para fechar os olhos e dormir?..." (*id. ibid.*, p. 50); ou "Dormir… dormir… dormir…/ Ah, deixem-me dormir!/ Dormir para esquecer/ E não mais acordar!" (*Desencanto*, p. 35). Mas talvez seja o poema «Fim» que melhor exprime esse sono abúlico e pacificador: "Alma, enfim descansa/ Na desesperança.// Alma, esquece e passa:/ Dorme, enfim segura/ Dessa última graça/ Que é toda a ventura. [...] Que Ela há-de escutar-te,/ Pálida, a entender-te!/ E, no espanto enorme,/ Sonhando envolver-te,/ Triste, há-de embalar-te/ – «Dorme… dorme… dorme…» –/ Como a adormecer-te." (*Manhã de Nevoeiro*, pp. 35-36).

José Duro morreu em 1899, com apenas 24 anos. Nos poemas e nas cartas de Guilherme de Faria escutamos insistentemente ecos do enfático pessimismo de *Fel*, em «O meu crepúsculo»[528], ou nos versos agónicos de «Doente»:

> "E amando doidamente as formas incompletas
> Que às vezes não consigo, enfim, realizar,
> Eu sinto-me banal ao pé dos mais poetas,
> E, achando-me incapaz, deixo de trabalhar…
>
> São filhos do meu tédio e duma dor qualquer
> Meus sonhos de nevrose horrivelmente histéricos.
> […]
>
> E é em vão que medito e é em vão que sonho!
> Meu coração morreu, minha alma é quase morta…
> Já sinto emurchecer no crânio a flor do Sonho,
> E ouço a Morte bater, sinistra, à minha porta…
>
> Estou farto de sofrer, o sofrimento cansa,
> E, por maior desgraça e por maior tormento,
> Chego a julgar que tenho – estúpida lembrança –
> Uma alma de poeta e um pouco de talento!
>
> […]
> Porém já não me importo, é bom morrer, deixá-lo!
> Que morrer – é dormir… dormir… sonhar talvez…
>
> Por isso irei sonhar debaixo dum cipreste,
> Alheio à sedução dos ideais perversos…

[528] José Duro, *Fel*, Lisboa, Guimarães Editores, 1971, p. 27.

O poeta nunca morre embora seja agreste
A sua inspiração e tristes os seus versos!"[529]

É este um dos aspectos mais fascinantes da vida e da poesia de Guilherme de Faria: quem melhor o retratou, quem mais eloquentemente o descreveu, não foram os literatos, depois da sua morte, mas os poetas que o precederam. Guilherme de Faria, que "antes de o ser, se fez saudade"[530], adequou a sua existência às suas leituras, escolheu habitar o passado e, por temperamento e assimilação, integrou no seu ténue presente a poesia de Antero de Quental, António Nobre, Camilo Pessanha, José Duro, entre outros poetas.

Guilherme de Faria é, assim, um caso paradigmático de existência literária. E se identificamos na sua poesia o rumor dos versos dos seus poetas tutelares, com mais intensidade identificamos nesses mesmos versos o próprio Guilherme de Faria, como em «O homem que se apaga», de João Lúcio:

"E tantas vezes, tantas, dolorido,
– No coração, chovendo, a dor escura –,
Mutilado o seu Sonho, que divaga –,
Ele sente, em horror arrependido,
A mísera ternura de ter sido,
No destino Daquela Criatura,
Tão tristemente –, o Homem que se apaga…"[531]

* * *

[529] *Id. ibid.*, pp. 81-83. Guilherme de Faria tinha a 2ª edição de *Fel*, de 1916.
[530] Guilherme de Faria, *Poemas*, p. 30.
[531] João Lúcio, *Poesias Completas*, Lisboa, IN-CM, 2002, p. 380. Trata-se de um poema de *Espalhando Fantasmas*, livro de 1921 (1ª edição) que Guilherme de Faria guardava na sua biblioteca.

Para além de dezenas de artigos de jornal, não se escreveu muito sobre a poesia de Guilherme de Faria. O primeiro documento que merece ser referido é um ensaio de António Pedro, publicado na *Nação Portuguesa* e intitulado: «Poesia – Os Contemporâneos I – Guilherme de Faria»[532], onde se lê:

> "O lirismo na sua expressão mais pura e transcendente – quer em sublime exaltação amorosa pela Eleita ou pela Pátria, quer em auto-análise, não dissecantemente filosófica, mas serenamente emotiva e quase sempre ausente – que de há séculos vive, apertado e contrafeito, em rigidez de escolas impossíveis, encontrou em Portugal um dos seus mais extraordinários poetas: Guilherme de Faria, poeta da Terra, que mais nos parece um poeta do Céu, vendo como Céu um além-mundo de beleza imperecível, que de forma alguma nos aparece concretizado, como na concepção católica."[533]

António Pedro reflecte sobre a presença de Deus na poesia de Guilherme de Faria, como manifestação da "sua sede de infinito", que se exprime saudosamente: "Porque o sentido vivo da saudade, encontrou-o ele, não apenas numa lembrança amarga e doce, mas também num desejo incorpóreo e vago: lembrança e desejo, em mansamente dolorosa conjuntura."[534]

Referindo-se a Roberto Mesquita, José Carlos Seabra Pereira nota que o poeta açoriano "vive mais intensamente a saudade metafísica [...]: 'essa saudade estranha/ que no meu coração morbidamente avulta', 'Saudade de um país mais vago do que um sonho/ E que eu nunca hei-de ver, nem sei onde se oculta'."[535] Com efeito, tanto em Roberto Mesquita como em Guilherme de Faria, a religio-

---

[532] António Pedro, «Poesia – Os Contemporâneos I – Guilherme de Faria», *in Nação Portuguesa*, Dez. 1928, Série V, Tomo I, Nº 6, pp. 437-448. Como oportunamente repara Joaquim Paço d'Arcos, ainda "o artigo de António Pedro estava húmido da máquina quando o corpo de Guilherme de Faria deu à Praia do Peixe, em Cascais" (Joaquim Paço d'Arcos, *op. cit.*, p. 378).
[533] *Id.*, *ibid.*, p. 437.
[534] *Id.*, *ibid.*
[535] José Carlos Seabra Pereira, *op. cit.*, pp. 94-95.

sidade aparece por vezes impregnada de uma tristeza doentia e sentimos que lhes resta apenas o escape psicologista da arqueologia da saudade e a evasão passadista[536].

Por isso, para António Pedro, a poesia de Guilherme de Faria – que ocasionalmente apresenta elementos de uma religiosidade de expressão ingénua e popular, como a que encontramos na poesia de Júlio Brandão –, é fundamentalmente assinalada pela saudade de Deus, em sentido metafísico e espiritual, o que resulta na "ausência de exterior absoluta e estranha, que faz da sua poesia, a partir da forma definitiva, um caso único de espiritualidade e de beleza imutável."[537]

Para Coelho de Carvalho, a poesia de Guilherme de Faria é mística, como se lê no prefácio que escreveu para *Distância*, de António Pedro: "A sua Arte, meu amigo, é caracterizadamente *ultrista*, como *ultrista* é também o fundo, a essencial psicose da do nosso Guilherme de Faria [...]. A poesia de Guilherme é *mística* mais do que *ultrista*. É S. Francisco de Assis e Frei Agostinho da Cruz."[538]

A natureza incorpórea de uma poesia tantas vezes ensimesmada no estremecimento da saudade de Deus, estende-se à expressão de um sentimento amoroso híbrido, que nunca sabemos se se consagra a uma mulher ou à saudade: "Pois sendo de amor quase toda a poesia deste trovador do século XX, é tão raro corporizar-se definidamente a sua eleita, como frequente a sua identificação com a própria saudade."[539]

António Pedro não se esquece da dimensão nacionalista da poesia de Guilherme de Faria: "Fá-lo vibrar o *espírito* da Pátria, na sua *ordem antiga*, e esta 'apagada e vil tristeza' em que ora se debate fez-lhe nascer *Saudades de Portugal*, florescidas na esperança do Desejado, que em sua crença de legitimista [...] se

[536] *Id.*, *ibid.*, pp. 93-94.
[537] António Pedro, «Poesia – Os Contemporâneos I – Guilherme de Faria», p. 438.
[538] Coelho de Carvalho, «Carta – Prefácio», *in* António Pedro, *Distância*, Lisboa, 1928, pp. I-IV.
[539] António Pedro, «Poesia – Os Contemporâneos I – Guilherme de Faria», p. 440.

transforma na esperança do regresso do Rei verdadeiro, Sua Majestade o Senhor D. Duarte II."[540]

Finalmente, considera Guilherme de Faria um 'mestre da redondilha', que para António Pedro é a mais natural expressão da língua portuguesa, "desde o terno sabor do sentimento popular ao movimento do drama e da tragédia, e à épica sonoridade das canções de gesta."[541]

A amizade entre Guilherme de Faria e António Pedro ficou bem documentada[542], como na dedicatória de *Os meus 7 pecados-capitais*[543], o primeiro livro de António Pedro, onde se lê: "Ao maior poeta da minha geração e um dos grandes poetas da dor de todos os tempos: Guilherme de Faria. Com um abraço de amigo e uma homenagem de admirador".

Com efeito, trata-se de uma amizade assinalada pela influência literária, como refere Garcia Domingues, em *A Poesia de António Pedro*:

> "Uma [influência] existe, porém, que importa distinguir pelo seu carácter de intimidade: a de Guilherme de Faria, de quem o poeta foi amigo, com quem privou durante muito tempo e de cuja inspiração lírica algumas das suas primeiras composições estão contagiadas, tanto pela simplicidade como pelo misticismo doce, medieval, ora duma cândida alvura, ora de pura expressão trovadoresca."[544]

Curiosamente, Jorge de Sena, escrevendo sobre António Pedro nos *Estudos de Literatura Portuguesa*, considera-o "íntimo amigo do admirável Guilherme

---

[540] *Id.*, *ibid.*, p. 442.
[541] *Id.*, *ibid.*, p. 444.
[542] Para além de alguns interessantes documentos de António Pedro no espólio de Guilherme de Faria (cf., por exemplo, Anexo 1, p. 21), na Biblioteca Nacional, no espólio de António Pedro (BNP Esp. E5), encontram-se nove documentos manuscritos autógrafos de Guilherme de Faria (114-120-B): sete cartas e dois poemas.
[543] António Pedro, *Os meus 7 pecados-capitais*, Coimbra, 1926; cf. Anexo 1, pp. 56-57.
[544] Garcia Domingues, *A Poesia de António Pedro*, Lisboa, Edições Revelação, 1936, p. 15.

de Faria, com cuja poesia a primeira de Pedro se identifica muito."[545] Para Jorge de Sena, António Pedro evoluiu rapidamente de um "discreto saudosismo esteticista à maneira do seu amigo de juventude Guilherme de Faria"[546] para uma poesia e atitudes de vanguarda e o seu modernismo é particularmente marcado por um "delicado sentimentalismo à Guilherme de Faria"[547]. Lê-se no primeiro volume dos *Estudos de Literatura Portuguesa*: "Reconheço que é extremamente aflitivo para os espíritos simples que um homem de vanguarda tenha, como António Pedro, ficado sempre tão fiel a um doce sentimentalismo saudosista e nacionalista que ele, na adolescência, partilhara com o malogrado Guilherme de Faria, seu amigo."[548]

Para Jorge de Sena a poesia de Guilherme de Faria "reflecte, com o que à italiana se diria 'crepuscularismo', mas em alto nível de inteligência sensível, a transformação da sensibilidade tradicional e saudosista, ao contacto com o primitivismo futurista que todavia pessoalmente o não tocou."[549]

Outros literatos escreveram breves apontamentos sobre Guilherme de Faria. É o caso de Albino Forjaz de Sampaio[550], ou José Régio, para quem o poeta, que a morte levou quase criança, deu "provas de uma superior sensibilidade"[551]. João Gaspar Simões acentua o "pessimismo doentio" e o "insidioso complexo de inferioridade" de Guilherme de Faria e considera que os seus versos "se revestem de uma característica que directamente os enfeuda ao género do sau-

[545] Jorge de Sena, *Estudos de Literatura Portuguesa* (vol. III), Lisboa, Edições 70, 1988, p. 252.
[546] *Id.*, *ibid.*, p. 120.
[547] *Id.*, *ibid.* (vol. II), p. 80.
[548] *Id.*, *ibid.* (vol. I), p. 257.
[549] *Id.*, *ibid.* (vol. III), pp. 117-118.
[550] Cf. Albino Forjaz de Sampaio, *História da Literatura Portuguesa Ilustrada* (vol. IV), Lisboa, Aillaud e Bertrand, 1942, p. 342.
[551] José Régio, *Pequena História da Moderna Poesia Portuguesa*, *in Crítica e Ensaio / 1*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, p. 186.

dosismo à Afonso Lopes Vieira"[552]. Para João Gaspar Simões, Guilherme de Faria vive esteticamente no passado, e os seus metros, o seu vocabulário, as suas imagens inspiram-se nos metros, no vocabulário e nas imagens dos nossos líricos de antanho: "poeta de uma feminina delicadeza e de dolorosa presença, em muitos dos seus aspectos mais parece glosa de motes e motivos alheios – os motes e os motivos da poesia quinhentista – do que a expressão de uma aventura humana liricamente vivida."[553]

António Cândido Franco, em «Poesia e Saudade em Anrique Paço d'Arcos»[554], não hesita em situar Guilherme de Faria entre os mais ilustres poetas portugueses[555]. E Hernâni Cidade, nas *Tendências do Lirismo Contemporâneo*, escreve este comovente apontamento:

> "Poeta que encontrou nos temas tradicionais do *amor* e da *saudade* os motivos quase exclusivos da sua lírica, esse singular Guilherme de Faria, tão precocemente acordado para a vida, como prematuramente dela evadido, segundo me informaram, por um suicídio de amor.
>
> A sua sinceridade não precisava de que tão fúnebre selo a garantisse. É ela que dá ao seu livro o poder insinuante da sua tristeza e o feiticeiro encanto daquela *saudade* em que se projectam místicas felicidades transcendentes,

---

[552] João Gaspar Simões, *Perspectiva Histórica na Poesia Portuguesa (dos Simbolistas aos Novíssimos)*, Porto, Brasília Editora, 1976, p. 160.

[553] *Id.*, *ibid.*, p. 161.

[554] António Cândido Franco, «Poesia e Saudade em Anrique Paço d'Arcos», *in* Anrique Paço d'Arcos, *Poesias Completas*, 1993, pp. 11-22.

[555] Esta questão surge no enquadramento da afirmação de que a poesia de Anrique Paço d'Arcos canta "todos os grandes temas da tradição lírica portuguesa, que, começando nos antiquíssimos cantares de amigo, desaguou, ou acabara de desaguar por esse tempo, nos altos e profundíssimos poemas de um João de Deus, de um Junqueiro, de um Gomes Leal, de um Cesário Verde, de um Eugénio de Castro, de um António Nobre, de um Camilo Pessanha, de um Teixeira de Pascoaes, de um Correia d'Oliveira, de um Afonso Lopes Vieira, de um João Lúcio, de um Fausto Guedes, de um Mário Beirão (com quem Anrique tem afinidades profundas), de um Afonso Duarte, de um Jaime Cortesão, de um Mário de Sá-Carneiro, de um Fernando Pessoa, de um Américo Durão, de uma Florbela Espanca, de um António Botto e, finalmente, de um Guilherme de Faria (companheiro liceal dos irmãos Paço d'Arcos e que aos catorze anos se estreara com *Poemas*, 1922, logo seguido de *Mais Poemas*)." *Id.*, *ibid.*, p. 12.

'Lembranças de não sei onde,
Saudades de não sei quando.'

> Notas como esta, de uma vida interior removida de angústias assim vagas, são no poeta espontâneas, como florescência hibernal de valezinho virginal fechado, onde são curtas e raras as horas de sol, demorada a luz dos astros nocturnos e infinitamente mais altos."[556]

Em 1937, Manuel Anselmo dedicou a Joaquim Paço d'Arcos um ensaio intitulado «Guilherme de Faria e o lirismo integral»[557], incluído na sua *Antologia Moderna*. Neste ensaio, as questões fundamentais suscitadas pela poesia de Guilherme de Faria são abordadas por Manuel Anselmo, ao longo de nove páginas.

Lê-se no início:

> "A poesia de Guilherme de Faria, em pleno século vinte português, é irmã gémea, em beleza e em inspiração, daquela trovadoresca e provençal que se guarda, através dos séculos, nos Cancioneiros. Ela nada deve à beleza formal ou rítmica, porque é integralmente lírica como a de D. Dinis ou, actualmente, a de António Correia d'Oliveira: e não se espelham nela dúvidas, angústias ou amarguras, antes uma resignada melancolia lusíada, cristianíssima e infantil."[558]

Com efeito, espanta-nos que Manuel Anselmo não encontre na poesia de Guilherme de Faria "dúvidas, angústias ou amarguras", e apenas reconheça uma "resignada melancolia". Seja como for, sem se afastar do que foi sendo escrito nas recensões publicadas nos jornais, Manuel Anselmo apresenta os aspectos fundamentais para uma caracterização da poesia de Guilherme de Faria, que

---

[556] Hernâni Cidade, *Tendências do Lirismo Contemporâneo*, Lisboa, Livraria Portugália, 1939, p. 63. No final, para a antologia, Hernâni Cidade escolheu a «Tristíssima canção» de Guilherme de Faria (cf. p. 112).
[557] Manuel Anselmo, «Guilherme de Faria e o lirismo integral», *in Antologia Moderna*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1937, pp. 159-167.
[558] *Id.*, *ibid.*, p. 159.

"canta, obstinadamente, através da sua obra, um triste, saudoso e resignado amor espiritual"[559].

No final do seu breve ensaio, considera Guilherme de Faria o último poeta romântico português: "Ele terá que ser mencionado, na história da literatura portuguesa, ao lado dos nossos maiores líricos. [...] Caso raro entre os poetas do seu tempo, Guilherme de Faria foi o último romântico da poesia portuguesa."[560]

José Gomes Ferreira, no dia 8 de Junho de 1968, escreve no seu diário um 'desabafo' desapaixonado sobre a poesia de Guilherme de Faria, com o exemplar de *Saudade Minha (poesias escolhidas)* nas mãos:

> "Entristeço-me. É assim que os livros ficam depois da morte? Cadáveres cobertos de palavras-vermes?
> Bem sei que Guilherme de Faria morreu muito jovem e não teve tempo para *envelhecer até à juventude* da poesia. Não passava de um repetidor *em pior* das vozes de Afonso Lopes Vieira e Pascoaes. Versos sem cor. As rimas do costume. E sobretudo as tolices monárquicas e saudosistas da época, *em grosso*, a cheirarem a frio.
> Poesias de aristocracia parrana dedicadas a nomes fidalgos – aos Menezes, aos Teles, aos Vasconcelos, aos Castros, aos Câmaras, aos Gamas [...]. Pifiezas deste tipo:
>
> *Portugal, livre de moiros,*
> *Vai outra vez reviver!*
>
> Esta mania dos moiros (os moiros eram os republicanos da 1ª República) foi introduzida por Afonso Lopes Vieira, juntamente com os búzios, as cruzes de Cristo e as saudades, adoptadas com fervor de epígono pelo pobre do Guilherme

[559] *Id.*, *ibid.*, p. 162.
[560] *Id.*, *ibid.*, p. 167.

de Faria. Além dos moiros, não faltavam o Encoberto, o Quinto Império, as naus e coisas deste mau gosto, assim:

É de estranhos e mações
A pátria de heróica fama
Que foi de Vasco da Gama,
Do Encoberto e de Camões!

Francamente, esta quadra lembra o Cravina.
Então, de vez em quando, para subir o tom, recorria a Pascoaes e a Mário Beirão: o *outro que já fui* (a rimar com dilui), a *humana escuridão*, a *treva nocturna do meu ser*,

Senhor!, eu não sou eu, sou a lembrança
Dum outro que não fui, mas sonhei ser… etc.

Mas tudo isto, ainda semi-vivo em Pascoaes, está irremediavelmente morto no triste Guilherme de Faria. (A poesia é mortal.)
Não. Não pode ser! É impossível não haver uma nota viva qualquer neste livro dum rapaz que se lançou por pureza ao terrível mar da morte.
Folheio a *Saudade Minha* e leio:

Alma, enfim descansa
Na desesperança."[561]

Trata-se de um comentário cru e um pouco azedo por parte de José Gomes Ferreira, que se concentra em aspectos circunstanciais da poesia de Guilherme

[561] José Gomes Ferreira, *op. cit.*, pp. 27-29.

de Faria, circunscritos fundamentalmente aos 14 poemas que constituem um dos capítulos de *Destino*: «Saudades de Portugal»[562].

De resto, em relação aos "nomes fidalgos" a quem Guilherme de Faria dedica poesias de "aristocracia parrana", importa referir que entre os 100 poemas escolhidos para a antologia, apenas sete são dedicados[563]. Seja como for, para encontrar essa "nota viva" que José Gomes Ferreira procurava no seu exemplar de *Saudade Minha (poesias escolhidas)*, talvez fosse preciso mais do que folheá-lo.

Curiosamente, no dia seguinte, José Gomes Ferreira escreve no diário: "A leitura de *Saudade Minha* sugeriu-me uma ideia para tratar um dia: o tema do *desterro* na literatura. [...] Sim, o desterro de todos nós. O de ontem e o de agora. E assim esqueci por momentos que faço hoje 68 anos. E diante de mim o caminho pedregoso para o Silêncio."[564]

No primeiro volume de *Entre Fialho e Nemésio – Estudos de Literatura Portuguesa Contemporânea*, Óscar Lopes integra Guilherme de Faria no 'Saudosismo integralista', onde também encontramos António Sardinha, José Bruges d'Oliveira ou Alberto Monsaraz.

Para Óscar Lopes, Guilherme de Faria merece algum destaque no contexto do 'Saudosismo integralista', apesar de pertencer a uma geração mais recente:

> "O seu tradicionalismo está assinalado pela exaltação do ramo dinástico miguelista, por um sonho heróico passadista e até pelo culto do mote glosado cortês à

[562] Cf. Guilherme de Faria, SM[29], pp. 147-191; SM[08], pp. 107-131.
[563] «Sinfonia» a António Pedro (SM[29], pp. 21-23; SM[08], pp. 28-29); «Eu» a Manuel de Castro (SM[29], pp. 29-32; SM[08], pp. 33-35); «Canção» a João da Câmara (SM[29], pp. 55-56; SM[08], p. 50); «Balada do fim do mundo» a Domingos Teles da Gama (SM[29], pp. 63-65; SM[08], pp. 54-55); «A uma fonte» a Emília Teles da Gama e Castro (SM[29], pp. 81-84; SM[08], pp. 65-67); «O novo príncipe» a D. Duarte II (SM[29], pp. 189-190; SM[08], p. 130; e «Esparsa» a Manuel de Menezes e Vasconcelos (SM[29], pp. 249-250; SM[08], p. 171). José Gomes Ferreira ao folhear as 376 páginas da antologia *Saudade Minha*, não reparou que esses "nomes fidalgos" eram, com a excepção de D. Duarte II, os nomes de alguns dos melhores amigos de Guilherme de Faria: António Pedro, Manuel de Castro, João da Câmara e Manuel de Menezes e Vasconcelos.
[564] José Gomes Ferreira, *op. cit.*, pp. 30-31.

maneira da *medida velha*, incluindo vários arcaísmos. No entanto, o que dele faz um poeta verdadeiramente notável é, sobretudo nos últimos quatro ou cinco volumes, um lirismo nocturno, elegíaco e doce, de um 'amor que antes de o ser, se fez saudade', e de um diálogo permanente com a *morte redentora*, onde parece ver (e onde realmente procurou pelo suicídio) a sua única realização possível. Estamos em presença de uma espécie de saudosismo, mas de si mesmo, mais vibrante que o de Anrique Paço d'Arcos e com alguns pontos de contacto com aquele que sondaremos também em Sá-Carneiro."[565]

Nos *Estudos de Literatura Portuguesa Contemporânea* de Óscar Lopes, os poetas integralistas são precedidos por Fausto Guedes Teixeira, Teixeira de Pascoaes, Afonso Lopes Vieira, António Correia d'Oliveira, Mário Beirão, Anrique Paço d'Arcos, entre outros. Com todos, Guilherme de Faria se relacionou, com mais ou menos proximidade, nos círculos integralistas ou na Brasileira do Chiado, com a amizade que a abundante correspondência com Fausto Guedes Teixeira testemunha ou com a admiração confessada por Mário Beirão[566], sobre quem Guilherme de Faria escreveu n'*A Bandeira*, em Dezembro de 1928:

"Falar de Poesia é falar da coisa mais séria que em Portugal existe – disse um ilustre contemporâneo. Falemos, pois, [...] do senhor Mário Beirão e da sua obra que é de si admirável em muitos sentidos, e que ainda tem a distingui-la e a enaltecê-la mais, o silêncio com que a chamada crítica o tem honrado.

Foi com *O Último Lusíada* que, em 1913, apareceu na literatura portuguesa o senhor Mário Beirão; e esta obra de estreia logo o impôs como um poeta maior, por ser em tudo felicíssima [...]. De seguida publicou Mário Beirão um outro livro – *Ausente* – que encerra algumas das mais belas páginas da lírica contem-

[565] Óscar Lopes, *Entre Fialho e Nemésio* (vol. 1), pp. 333-334.

[566] Lê-se numa carta a Manuel de Castro, de 20 de Agosto de 1924: "É um grande poeta, este Mário Beirão. Tenho conversado com ele e, em verdade, merece-me grande simpatia." E numa carta de 5 de Setembro: "Fui há bocado despedir-me do Mário Beirão, que vai para o Norte. Gosto imenso dele. É um grande poeta, sem dúvida o maior poeta contemporâneo e é, ao mesmo tempo, um dos mais nobres caracteres que eu conheço."

porânea. *Lusitânia*, vinda a lume tempos depois, é um poema nacional de que muito haveria a dizer e que os Portugueses deveriam verdadeiramente estimar.

Pastorais é uma outra obra do senhor Mário Beirão, que ainda há pouco relemos, enlevados; e ao fechar o livro peregrino, sentimos que ele deixava em nós, com uma impressão viva de encanto, a sugestão a um tempo vaga e funda, dum coral alentejano entoado por muitas vozes, à distância, lá na extática planura do Alentejo, de que Beirão é o místico cantor.

Mas, com a publicação de *A Noite Humana*, atingiu este poeta a sua altura mais alta. Sobre esta obra e o seu valor e significado, haverá de proclamar-se largamente a História literária. Quanto a nós, afigura-se-nos como certo que o conflito de uma alma exacerbada da mais viva aspiração de renúncia e de virtude [...], ninguém no-lo deu, em toda a Poesia portuguesa, como o senhor Mário Beirão em *A Noite Humana*.

Aconselhamos, pois, aos nossos Portugueses, a leitura deste livro e de toda esta obra, e aconselhamo-lo cheios da grata certeza de que a sermos ouvidos, demorará em seus espíritos a mais formosa e consoladora impressão da poesia de Mário Beirão, que tanto se impõe pela puríssima espiritualidade que a inspira, como pelos primores da sua forma, e demais belezas e maravilhas de paisagem, de ritmo e de música."[567]

O que liga Guilherme de Faria a Mário Beirão não é apenas a consciência de que se trata de um grande poeta. Com efeito, ambos partilham a mesma ânsia religiosa duma pátria transcendente, assim como o dolorismo, a geografia sentimental, a evasão pitoresca ou passadista, aspectos que os unem no subsistema neo-romântico lusitanista[568].

Na poesia de Guilherme de Faria reconhecemos o diálogo intertextual que se estabelece com a poesia de Mário Beirão, um diálogo que revela um profundo sentimento de identidade e admiração. É evidente que Guilherme de Faria se

[567] Guilherme de Faria, «Mário Beirão», *in A Bandeira*, 15 Dez. 1928.
[568] Cf. José Carlos Seabra Pereira, *op. cit.*, p. 301.

reconhece nesse 'último lusíada', peregrino que escreve, "em seu tristíssimo abandono":

> "Deixo correr perdidamente o pranto:
> Um suave olor de Além meu ser invade,
> Um suave olor de misterioso encanto…
>
> Vivo para chorar minha saudade!"[569]

Percebemos a influência poética e doutrinadora que, para Guilherme de Faria, tiveram Teixeira de Pascoaes, Afonso Lopes Vieira ou António Sardinha; a proximidade estética com a poesia de João de Deus, Fausto Guedes Teixeira e António Correia d'Oliveira e Mário Beirão; a presença tutelar e impressiva dos espectros de Antero de Quental, António Nobre, Camilo Pessanha e José Duro. Guilherme de Faria foi um poeta 'em relação'; criou um universo poético autónomo, idiossincrático, mas povoado de reminiscências de uma literatura que arrumou cuidadosamente na sua biblioteca e integrou programaticamente na sua vida.

Como vimos, a relação com Teixeira de Pascoaes degradou-se irremediavelmente em 1925, mas estamos certos de que Pascoaes foi muito considerado por Guilherme de Faria, como poeta e como filósofo. Com efeito, existem vinte livros de Pascoaes na biblioteca de Guilherme de Faria e podemos imaginar o modo como o terá afectado a leitura de *Terra Proibida* ou d'*O génio português na sua expressão filosófica, poética e religiosa*. Porém, no meio literário, as questões pessoais sobrepõem-se muitas vezes às questões que são especificamente do domínio da literatura e do pensamento. Por isso, ao ler o único manuscrito de Guilherme de Faria com considerações sobre outros poetas – provavelmente

[569] Mário Beirão, *Poesias Completas*, Lisboa, IN – CM, 1996, p. 99. Poema de *O Último Lusíada* (1913), livro oferecido e dedicado por Mário Beirão a Guilherme de Faria.

datado de 1928 –, não estranhamos que só Teixeira de Pascoaes mereça um comentário depreciativo:

> "Julgo a obra de Pascoaes uma pura mistificação literária, pois nela, além da expressão formal, sempre grosseira e confusa, jamais me foi dado visionar o poeta. [...] Herdeiro dos mais inferiores vícios e defeitos de Junqueiro, quis Pascoaes criar e proclamar uma nova identidade poética portuguesa, desenhando torvas sombras e visões (revivescências do profetismo hebreu), e procurando escurecer assim a puríssima espiritualidade da nossa Alma e os seus mais nobres sentimentos e criações. António Sardinha e Manuel Múrias denunciaram este escritor que, turvando sempre as suas águas, consegue por vezes que elas pareçam profundas".

Entre os poetas comentados por Guilherme de Faria neste manuscrito de quatro páginas, o primeiro é António Correia d'Oliveira, considerado um "poeta admirável", sobretudo nos seus primeiros livros:

> "Depois a sua inspiração, sempre fecundíssima, encaminhou-se no sentido das névoas panteístas [...]. A última e definitiva fase deste poeta é a mais acentuadamente nacionalista e caracteriza-se também pelo regresso do seu espírito ao catolicismo. [...] Distingue e valoriza ainda a vastíssima obra de Correia d'Oliveira, uma sinceridade nobilíssima que sempre se impõe nos seus inspirados cânticos e louvores a Deus e à Natureza".

Guilherme de Faria prossegue, reflectindo sobre Afonso Lopes Vieira – "menos poeta que Correia d'Oliveira, mas artista bem mais fino [...] e nobre arauto do Lirismo português" –, Eugénio de Castro[570], Fausto Guedes Teixei-

[570] "Junqueiro definiu Eugénio de Castro nesta frase: 'Um joalheiro que trabalha em vidros'. E eu penso ser esta a justa definição do talentoso autor de *Salomé*."

ra[571], Augusto Gil[572], Afonso Duarte[573], Mário Beirão[574] e António Pedro, que Guilherme de Faria considera

> "um formidável temperamento e que, apesar de muito novo, consegue, no seu género, uma nobreza de expressão perfeita. [...] Eu, sinceramente o confesso, considero António Pedro um dos nossos poetas mais originais e entendo que ele é o que todos os modernistas ou futuristas têm querido ser. Dentro da nossa literatura poética, a poesia de António Pedro tem um único precursor: o altíssimo e espantoso poeta Camilo Pessanha."

É óbvio que Guilherme de Faria tinha opinião formada sobre a poesia portuguesa e a sua argumentação é fundamentada, mesmo que este manuscrito constitua apenas um rascunho, provavelmente para um artigo de jornal. Com efeito, dos autores referidos neste manuscrito, Guilherme de Faria tinha mais de cem livros na sua biblioteca, tinha sido amigo e editor de Pascoaes, tinha uma relação próxima com António Correia d'Oliveira, Afonso Lopes Vieira e Mário Beirão, e era amigo íntimo de Fausto Guedes Teixeira e de António Pedro.

Apesar de aceitarmos que Guilherme de Faria seja considerado no âmbito de um 'Saudosismo integralista', como propõe Óscar Lopes[575], preferimos considerá-lo no âmbito do Neo-Romantismo lusitanista, de acordo com a perspectiva de José Carlos Seabra Pereira[576].

---

[571] Fausto Guedes Teixeira "parece-me um discípulo de Musset vestido à andaluza: poeta do amor, ardente e arrebatado quase sempre, é sempre ou quase sempre terrena e, mais do que terrena, carnal, a causa e a finalidade do seu ardoroso arrebatamento. Neste ponto afasta-se o poeta da sublime espiritualidade do lirismo português."
[572] Augusto Gil, "notável parnasiano, é sempre mais frio e intelectual".
[573] Afonso Duarte, "um dos nossos mais puros e fortes temperamentos de lírico".
[574] Mário Beirão, "que é impecável na forma, é o poeta católico por excelência".
[575] Cf. Óscar Lopes, *op. cit.*, pp. 329-334.
[576] Cf. José Carlos Seabra Pereira, *op. cit.*, pp. 315-339.

Com efeito, a estética neo-romântica conduz a uma "prosódia popularista, de redondilha à maneira de Correia d'Oliveira"[577] que, como no caso do Neo-Romantismo lusitanista de Guilherme de Faria, assume um cariz madrigalesco e medievalizante. Aqui importa reconhecer a extraordinária importância da influência de Alberto d'Oliveira, que está na primeira linha da renovação literária finissecular e que é "o paladino e o arauto retumbante, entre 1892 e 1894, de uma das correntes do Neo-Romantismo lusitanista, que baptiza de neogarrettista."[578]

Trata-se de uma corrente antiesteticista e anticosmopolita, nacionalista e tradicionalista, hesitante entre o rumo antidecadentista e um persistente pessimismo. Com efeito, o Neo-Romantismo lusitanista assenta num ideal erótico realizado no amor esponsalício, na fantasia historicista, na vibração patriótica e no etnografismo literário que Alberto d'Oliveira propõe na última década do século XIX.

Como refere José Carlos Seabra Pereira, o alargamento do espectro neo-romântico não fica a dever-se apenas à reformulação da tradição expressivista, sentimental e evasiva,

> "antes revela também tentativas de instauração, sobre esse mesmo fundo sub-romântico, de novas eloquências líricas tributárias do sedutor perfil de poetas do Romantismo nacional ou europeu. Carlos de Lemos protagoniza, talvez, o caso mais evidente dessas tentativas, enquanto pretenso discípulo poético de Antero de Quental e enquanto promotor crítico de um 'Musset português' (Fausto Guedes Teixeira)."[579]

O Neo-Romantismo domina o primeiro quartel do século XX e apesar de deter uma hegemonia incontestável sobre um período de entre dois a três decé-

[577] *Id. ibid.*, p. 122.
[578] *Id. ibid.*, p. 131.
[579] José Carlos Seabra Pereira, *op. cit.*, p. 145.

nios da literatura portuguesa, a história literária conferiu-lhe um carácter intervalar: "dinâmica reversiva em relação aos esteticismos finisseculares, pólo negativo da provocação modernista, legado subalterno na síntese presencista"[580]. Seja como for, o Neo-Romantismo é um curioso fenómeno periodológico

> "de um estilo de época sistemicamente definível por determinadas convergências de poética, de mundividência, de estilística, mas actualizado na diferenciação ideotemática e estilístico-formal de três variedades, veiculadas por outras tantas correntes que se foram sucedendo na hegemonia da vida literária. Assim, sobre o horizonte comum da mitificação do Poeta inspirado e profético, da criação poética expressivista, da função ético-social e da função evasiva da literatura, sobre a prevalência do modo lírico relativamente à ficção narrativa e dramática [...], sobre o conservadorismo de linguagem e o estilo enfático e oratório, sobre o ímpeto da *Sehnsucht* e o húmus do *Volksgeist*, sobre o optimismo antropológico, a aspiração heróica e a generosidade solidarista, vão-se constituindo em sucessivas dominantes de subperíodos um Neo-Romantismo vitalista, um Neo-Romantismo saudosista, um Neo-Romantismo lusitanista."[581]

O Neo-Romantismo saudosista polariza-se num núcleo bem definido no círculo do movimento da Renascença Portuguesa e elabora-se pelo cruzamento das especulações poético-filosóficas de Teixeira de Pascoaes[582] e do importante contributo de Leonardo Coimbra[583].

---

[580] *Id. ibid.*, p. 207.
[581] *Id. ibid.*
[582] Para Afonso Botelho, Teixeira de Pascoaes criou "a *Mitologia da Saudade* (no *Maranos*); interpretou poeticamente a sua Teologia (no *Regresso ao Paraíso*); pensou por aforismos a Filosofia da Saudade (no *Verbo Escuro*); descreveu a sua História (nos *Poetas Lusíadas*); espalhou os seus ensinamentos na *Pedagogia da Saudade* ou na *Arte de ser Português*; e derramou em toda a sua obra a *Poética da Saudade Lusíada*" (Afonso Botelho, «Saudosismo como Movimento», *in* Dalila Pereira da Costa e Pinharanda Gomes [org.], *Introdução à Saudade*, Porto, Lello & Irmão Editores, 1976, p. 70).
[583] Cf. Leonardo Coimbra, «Sobre a Saudade», *in* Afonso Botelho e António Braz Teixeira (org.), *Filosofia da Saudade*, Lisboa, IN-CM, 1986, pp. 174-197.

Importa, neste contexto, perceber a razão pela qual Guilherme de Faria é um poeta neo-romântico lusitanista e não saudosista, quando a saudade constitui o eixo estrutural da sua poesia.

A este respeito, António Cândido Franco refere que a poesia de Guilherme de Faria é, por escolha própria, uma poesia saudosista, com parentesco com as de Teixeira de Pascoaes e Mário Beirão, "dois autores imediatamente anteriores que alguma importância tiveram na formação da sua voz. Assim como assim, a saudade cantada por Guilherme de Faria é uma saudade nova, cujo perfil não se encontra nem em Pascoaes nem em Beirão."[584]

Fernando Guimarães repara que "o lirismo dominante que perpassa ao longo da obra de Guilherme de Faria não acompanha o panteísmo transcendentalista do Saudosismo, tão marcado pelo alegorismo onde se desenvolve um conjunto de imagens que vivem sobretudo das correspondências estabelecidas expressamente entre o homem e a natureza."[585]

A interrogação metafísica na poesia de Guilherme de Faria é fundamentalmente saudosa, mas não saudosista[586], revela uma matriz evasiva, nostálgica, irmanada com a tradição lírica da poesia portuguesa e com as aflorações saudosas de António Nobre. Com efeito, distingue-se e aparta-se intencionalmente do saudosismo de Teixeira de Pascoaes, porque Guilherme de Faria se demarca de

---

[584] António Cândido Franco, «Guilherme de Faria – Biografia poética», p. 22.

[585] Fernando Guimarães, «Guilherme de Faria ou a outra saudade», p. 53.

[586] Como observa José Carlos Seabra Pereira: "A interrogação metafísica revela-se fundação placentária do Neo-Romantismo saudosista. Alimentada ora pela inspiração cósmica, ora pela introspecção visionária, de ambos os modos dá voz a um processo de tensão contemplativa e de intuicionismo noético. Os saudosistas intentam a alusão universal e intemporal a partir do egótico e do lusitano, do local e do circunstancial. A atmosfera mental que se respira no âmbito de Neo-Romantismo saudosista é informada pelo espiritualismo e, quase sempre, também pela religiosidade. Só que ambos se distanciam da ortodoxia católica e da vivência tradicional. Mesmo marginalizando as expressões mais individualizadas (como a teoria ateoteística de Pascoaes), o que caracteriza sumamente a atmosfera mental dos textos programáticos e criativos dos saudosistas é a manifestação mutável de um conglomerado ideológico decididamente antipositivista e anti-racionalista, de fundo evolucionista mas sincrético, com alternância ou convivência de posições filosófico-religiosas neoplatonizantes e gnósticas ou de monismo panteísta, ou ainda, por preocupação de fidelidade ao fundo étnico, de panteísmo pelágico-prisciliânico" (cf. José Carlos Seabra Pereira, *op. cit.*, p. 213).

uma poesia que, na sua opinião, "se conturba e escurece de nevoeiros 'saudosistas' que visam só falsear o puro sentimento português"[587].

Como observa Óscar Lopes, estamos em presença de uma espécie de saudosismo, mas de si mesmo[588], desse outro que foi e com o qual não se identifica a sua condição presente, como escreve em *Desencanto*: "Que eu sou… eu fui, decerto,/ Um místico, poeta e cavaleiro! [...] E eis que ao olhar-me, assim,/ Inquietamente,/ Eu não me vejo a mim,/ Que estou ausente!"[589]

A poesia de Guilherme de Faria, assim como a sua expressão da saudade, habita o âmago do Neo-Romantismo lusitanista, que explora as condições mais propícias do meio e do momento, implicando depois a expressão literária de núcleos ideológico-culturais bem definidos, como o do Integralismo Lusitano. Como repara José Carlos Seabra Pereira: "O Neo-Romantismo lusitanista tem uma gestação paralela ao avanço na erudição, na pesquisa filológica, etnográfica e histórica, à disparidade crescente entre o quotidiano citadino e a ruralidade presente, entre a cidade moderna e a província em vias de anacronização."[590]

Na sua forma mais característica, o Neo-Romantismo lusitanista é cultivado prioritariamente por autores doutrinados, oriundos da aristocracia ou da burguesia provincial, como é o caso de Guilherme de Faria.

> "Além dos contributos de sobreviventes do fim-do-século, nomeadamente de Luís de Magalhães, de Queirós Ribeiro e de certo Jaime de Magalhães Lima, o Neo-Romantismo lusitanista chama a si as obras da maturidade de Correia d'Oliveira, Afonso Lopes Vieira e Mário Beirão; e impõe-se pelas obras de António Sardinha e Alberto Monsaraz, de Oliva Guerra e de Branca de Gonta Colaço, de Francisco Belize, Augusto de Santa-Rita, de Guilherme de Faria e José Bruges, de

[587] Guilherme de Faria, «Um Poeta português», *in A Folha do Lado*, 30 Jan. 1927.
[588] Cf. Óscar Lopes, *op. cit.*, p. 334.
[589] Guilherme de Faria, *Desencanto*, pp. 62 e 64.
[590] José Carlos Seabra Pereira, *op. cit.*, p. 210.

A. Alves Martins e Silva Tavares, de Santiago Prezado e Joaquim de Almeara, de certo Américo Durão e de certo Cortês Pinto, dos jovens Cabral do Nascimento e Carlos Lobo de Oliveira, etc."[591]

José Carlos Seabra Pereira, na sua caracterização do Neo-Romantismo lusitanista, possibilita-nos uma perspectiva do universo poético de Guilherme de Faria, que desperta à sombra do Castelo de Guimarães e adormece nesse mesmo mar que, como escreveu em *Poemas*, anda a rezar os seus "versos de luz que ainda estão por escrever…"[592] Nestes parágrafos, que descrevem a paisagem neo-romântica lusitanista, encontramos o contexto vital da poesia e do imaginário de Guilherme de Faria:

"Bem mais do que o enlevo com as belezas da paisagem, o ruralismo cruza-se com a nostalgia de determinados grupos sociais pelo patriarcalismo; e, então, à sociedade da metrópole moderna (poluída, mórbida, agitada, tensa, injusta) e às classes dirigentes da Nação (decadentes, doentes, estrangeiradas...), o campo e a província oferecem a panaceia do ambiente são e tranquilo, da harmonia social, das virtudes antigas e da unção cristã, revestida de condimentos sedutores: invulgaridade pitoresca e (para-)anacrónica, casticismo de modos de vida e de tradições culturais, vernaculidade linguística.

Estas seduções rurais e patriarcais conhecem a sua vertente bucólica – embora contribuam apenas para a motivação do ambiente e dos tipos de afloramentos eglogais do Neo-Romantismo lusitanista, pois nessa motivação convergem, ao mesmo tempo que lhe transmitem a estrutura formal, o cuidado de reintegração na tradição literária genuinamente nacional e uma das transposições revivalistas, que era designada por 'quinhentismo'. […]

De entre as três correntes do Neo-Romantismo, a lusitanista é sem dúvida aquela que mais se permite a procura de meios de evasão ao confronto activo e comba-

[591] *Id. ibid.*, p. 211.
[592] Guilherme de Faria, *Poemas*, p. 40.

tivo com as realidades circundantes: o devaneio melancólico, a evocação nostálgica (bálsamo de saudades, não metafísica da Saudade), a recuperação fictícia de estádios volvidos do tempo colectivo (passadismo, face não catalisante do historicismo) ou do tempo pessoal (retorno à inocência, irresponsabilidade e conforto da meninice, em lugar da valorização ôntica e gnoseológica da infância), as compensações da fantasia (não as projecções da imaginação criadora) e da *rêverie* (não as emergências do sonho carreador de iluminações subconscientes), a neutralização da consciência crítica pelo abandono às impressões do contorno luarento ou idílico, o exotismo livresco, etc. [...]

O pitoresco vem inserir-se numa preocupação mais vasta: a do casticismo, isto é, aquela perspectiva que, visando ao mesmo tempo a língua, a história e o folclore, encara o povo como museu natural. O etnografismo tem quota considerável na configuração do imaginário lusitanista, como o tem genericamente o ruralismo ou, mais particularmente, o idílio campestre. A seu lado, o historicismo nacionalista conduz a uma poética da milícia, da Cavalaria, da navegação e descoberta, o que equivale a um imaginário de espada e elmo, de castelo e nau, de padrão e caravela, etc.

A idealização lusitanista repõe o amor tradicional – conseguido ou inviabilizado, conducente ao lar português ou impedido por um 'caso singular' – contra a óptica de tensão fatal, inconsumação e morte do Decadentismo e contra a óptica de inefabilidade ou distanciamento sacral do Simbolismo; a idealização lusitanista reinventa a sublimação tradicional do desejo, à margem do amor sublime ou etéreo dos neo-românticos saudosistas e com repulsa pelo tónus sensual e hedonista dos neo-românticos vitalistas.

O amor conhece no Neo-Romantismo lusitanista uma vertente passional com matriz na novela camiliana (cuja mundividência bipolar se vê unidimensionalizada) e uma vertente dulçorosa e elegíaca, que inspira frouxos textos de lírica sentimental (também propiciados pela poética expressivista, sincerista, popularizante). A matriz desta segunda vertente é João de Deus; mas sob o impulso bucólico e quinhentista evidencia-se por vezes a variante bernardiniana, assim como os antecedentes finisseculares e favorecem um forte ascendente de António

> Nobre. Aliás, o mito de Anto e Purinha, por um lado, e as revivescências medievicas e quinhentistas, por outro, integram o rol dos factores (outros serão o imaginário histórico e rural, a nostalgia aristocrática) que determinam toda uma teoria de estereótipos da relação amorosa [...].
>
> Sumamente característico do Neo-Romantismo lusitanista é que a atitude amorosa traduzida através destes vários esquemas seja tida como manifestação do génio autóctone, do espírito nacional, da idiossincrasia portuguesa. Essa convicção torna-se objecto de congeminações doutrinárias e tema de composições líricas.
>
> Se, enquanto fonte de inspiração temática (lendas e superstições, tradições e costumes, devoções e festejos, trajos e artefactos, utensílios e processos dos mesteres e da lavoura, etc.), o etnografismo se liga à valorização do irracional, ao ruralismo, ao passadismo e à evasão pelo pitoresco, pelo menos enquanto fonte de inspiração estilístico-formal essa componente etnográfica do Neo-Romantismo lusitanista liga-se à doutrina do popularismo estético. Na dependência ou não da defesa explícita do princípio do inigualável poder criativo da espontaneidade popular (ao nível individual ou colectivo), os lusitanistas lançam-se no enaltecimento da poesia ou da literatura popular, procedem à sua recolha, legitimam a sua 'afinação' (termo usado por Trindade Coelho). Outras modalidades do popularismo estético são o aproveitamento de elementos e textos, a assimilação de estilo, linguagem e formas da poesia popular; daí o primado da redondilha e a voga de 'cantigas', 'cantares', 'trovas', 'quadras'".[593]

No Neo-Romantismo lusitanista, a religiosidade é encaminhada para a concentração no teísmo cristão e no catolicismo tradicional; o quadro mental da literatura lusitanista completa-se com o moralismo, muitas vezes de pronunciamento convencional, e com o psicologismo, que sustenta uma prática desini-

[593] José Carlos Seabra Pereira, *op. cit.*, pp. 217-218.

bida da lírica sentimental e confidente, ao mesmo tempo que é responsável pela redução egótica do épico e do drama histórico[594].

São recuperados não só mitos e 'velhos temas' – como Ourique ou o Encoberto –, mas também os 'mestres' da literatura nacional: Camões, Bernardim, Garrett ou João de Deus. Neste contexto, particularmente como reacção à problemática da decadência nacional, na poesia de Guilherme de Faria assomam ocasionalmente a vibração patriótica e a exaltação histórica; com efeito, mais do que o ruralismo, é o historicismo patriótico e heróico que nutre o seu nacionalismo tradicionalista e monárquico.

Como observa José Carlos Seabra Pereira, em Guilherme de Faria "chega a hora em que «Cantar, rezar», se desdobra em «cantar, lutar» pela restauração monárquica, num compromisso que se quer empolgável até pela inspiração sebástica."[595] Por seu lado, António Quadros acentua que o poeta escreve sobre "uma amargura patriótica decadentista e um sentimento monárquico frustrado que só o visionarismo sebástico parece ter aliviado."[596]

Na verdade, não nos parece que Guilherme de Faria supere o sentimento de decadência nacional com a consciência que determina a expressão de poemas circunstanciais, como «Na morte d'El Rei D. Miguel II»[597], ou «O novo príncipe»[598], nem sequer com os muito citados «Expiação»[599] e «El-Rei»[600].

O historicismo patriótico e heróico que nutre o nacionalismo tradicionalista de Guilherme de Faria é algo anterior, uma paisagem cénica, mítica, de abstracção historicista, que possibilita ao poeta a evasão passadista, elemento funda-

---

[594] Cf. *id. ibid.*, p. 216.
[595] José Carlos Seabra Pereira, *O tempo republicano na Literatura Portuguesa*, Colóquio/Letras 175 [separata], Set.-Dez. 2010, p. 40.
[596] António Quadros, *Poesia e filosofia do mito sebastianista*, Lisboa, Guimarães Editores, 2001, p. 106.
[597] *Manhã de Nevoeiro*, pp. 67-69; SM[08], pp. 128-129.
[598] *Id.*, *ibid.*, pp. 71-72; SM[08], p. 130.
[599] *Id.*, *ibid.*, pp. 59-61; SM[08], p. 116.
[600] *Destino*, pp. 55-56; SM[08], p. 118. Estes dois poemas são citados na antologia organizada por Petrus (pseudónimo de Pedro Veiga): Fernando Pessoa e outros lusíadas, *Regresso ao Sebastianismo*, Porto, s/d, pp. 55 e 69; e por António Quadros (*op. cit.*, pp. 106-107).

mental na composição de um imaginário onde, como repara António Quadros, a "saudade, a melancolia, o sentimento religioso e até místico exprimiram o essencial de uma obra densa e de muita qualidade."[601]

Uma última pergunta interpela-nos acerca da originalidade da poesia de Guilherme de Faria, no sentido de percebermos claramente o seu lugar na história da literatura portuguesa, a novidade que representa no seu contexto, dentro e fora dos enredos do Neo-Romantismo lusitanista ou do Saudosismo integralista.

Com efeito, como afirma José Carlos Seabra Pereira em *O tempo republicano da Literatura Portuguesa*, vários escritores neo-românticos aceitaram "correr os riscos de regressão na poética e de empobrecida previsibilidade, se não de trivialização estereotipada, dos mitemas, dos motivemas e dos estilemas"[602]. Guilherme de Faria corre, efectivamente, estes riscos, o que condiciona a afirmação da sua originalidade, seja numa primeira fase, muito marcada pela poesia e pela construção das personagens poéticas de Antero de Quental ou António Nobre, seja numa segunda fase, explicitamente neo-romântica lusitanista, mais próxima da poesia de António Correia d'Oliveira ou Afonso Lopes Vieira.

O contexto de Guilherme de Faria está bem definido: marcado por vectores cruzados dos neo-romantismos saudosista e vitalista, o autor de *Saudade Minha* é um neo-romântico lusitanista, que se afirma no contexto literário e ideológico do Integralismo Lusitano, num tempo que, como repara José Carlos Seabra Pereira, se não foi de elevada qualidade estética, foi "pelo menos de supremacia lusitanista na produção e na difusão de textos líricos, na captação de novos poetas e nos favores dos periódicos"[603].

[601] António Quadros, *op. cit.*, pp. 106.
[602] José Carlos Seabra Pereira, *O tempo republicano na Literatura Portuguesa*, p. 4.
[603] *Id.*, *ibid.*, p. 43.

O que distingue Guilherme de Faria dos poetas do seu tempo? O que é que o distingue dos seus poetas tutelares, de Correia d'Oliveira, de Afonso Lopes Vieira, de Mário Beirão, ou dos integralistas António Sardinha e Alberto Monsaraz?

Guilherme de Faria tem, à partida, um conjunto de circunstâncias que condicionam profundamente a afirmação da sua originalidade, seja por se tratar de um poeta que morreu com apenas 21 anos – idade em que a generalidade dos mais reconhecidos poetas nem sequer estabeleceu o universo conceptual para um modelo de criação poética –, seja por se encontrar excessivamente contextualizado nos buliçosos anos 20, período de definições e redefinições, de complexas continuidades e descontinuidades, em que se movem saudosistas e futuristas, entre a *Seara Nova* de Raul Proença e a 2.ª Série da *Nação Portuguesa* de António Sardinha, entre o aparecimento de tantos auspiciosos jovens autores e a maturidade literária de alguns dos mais notáveis poetas portugueses; tudo isto numa conjuntura de profunda instabilidade política em que se sucederam 23 ministérios entre 1920 e a Revolução de 28 de Maio de 1926.

O que distingue Guilherme de Faria como poeta neste contexto literário, cultural, socioeconómico e político? Em primeiro lugar, a dimensão biográfica: parece-nos determinante o seu contexto familiar e a mudança de Guimarães para Lisboa, naquilo que profundamente representa cada um dos espaços na construção de um imaginário nacional, na bipolaridade cidade/campo e na perspectiva idiossincrática de um poeta que, por um lado, potencia o *volksgeist* na sua expressão nacionalista e monárquica/integralista; e, por outro, assume a sua partida para Lisboa como um desterro, que o distancia dos *loca sancta* da sua infância. Este enquadramento biográfico possibilita uma personalidade poética raro, nimbado por uma certa dramaticidade, a que juntamos os contactos, as relações no meio literário da década de 20, em Lisboa, e as circunstâncias que condicionaram o suicídio e que acabaram por redimensionar as implicações da sua precocidade.

Mas ainda não é isto que distingue Guilherme de Faria como poeta. Estamos na presença de um personagem complexo, profundamente idiossincrático, que estabeleceu, numa primeira fase, um diálogo perturbadoramente íntimo com Antero e, sobretudo, com António Nobre. Numa segunda fase, que discretamente assoma em *Sombra* e *Saudade Minha*, Guilherme de Faria desapega-se vagamente de um imaginário de artifícios simbolistas e assume-se claramente no enquadramento do Neo-Romantismo lusitanista. Entre meados de 1926 e o final de 1928, escreve três livros – *Destino*, *Manhã de Nevoeiro* e *Desencanto* – que não só se adequam exemplarmente à expressão poética do Neo-Romantismo lusitanista, como a purificam. Guilherme de Faria, não só é um dos poetas que melhor se adequa ao paradigma neo-romântico lusitanista, como também contribui significativamente para a definição do paradigma, tendo-se tornado – mesmo com uma obra apenas constituída por juvenília – o poeta neo-romântico lusitanista com um lirismo mais puro e uma expressão saudosa mais intensa.

Com efeito, se há algumas características marcadamente neo-românticas lusitanistas que não encontramos explicitadas na poesia de Guilherme de Faria, encontrá-las-emos nas suas cartas. Assim, se a nostalgia da paisagem rural é um elemento presente no epistolário, nos seus poemas encontramos o 'quinhentismo', como transposição revivalista e tentativa de reintegração da sua poesia na tradição literária que considera genuinamente nacional; dispersos pelas cartas e pelos poemas, encontramos a propensão para a melancolia e a evasão, a recuperação fictícia dos estádios volvidos do tempo, as compensações da fantasia, o casticismo e o imaginário histórico, heróico, patriarcal.

Percebemos a opção pelo popularismo estético, a valorização da espontaneidade e autenticidade que Guilherme de Faria reconhece na poesia popular, que utiliza como epígrafes ou motes, ou através da assimilação do seu estilo ou da sua linguagem, da valorização da redondilha e da multiplicação de cantigas, trovas e quadras, formas poéticas cultivadas no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende.

A poesia de Guilherme de Faria é ainda marcada pela presença obsessiva do amor, pela sublimação tradicional do desejo, por um sentimento amoroso doce e elegíaco, que se desvela numa lírica sentimental, numa poética expressivista, entre a novela camiliana e a poesia de João de Deus, sob o impulso bucólico e quinhentista de Bernardim e o ascendente de António Nobre.

E, de certo modo, já é isto que distingue a poesia de Guilherme de Faria, mais do que a inspiração sebástica, mais do que a marca integralista, trata-se da construção de uma personalidade literária e de uma subjectividade expressa através de um lirismo nocturno, elegíaco, que dialoga intimamente com a morte e que integra o amor e a saudade de um modo singular, seja pela intensidade idiossincrática, seja pela evidente qualidade de algumas composições que, integradas na matriz neo-romântica, permitem que Guilherme de Faria supere o contexto histórico, cultural e literário em que normalmente é enquadrado.

Com efeito, encontramos na sua poesia inevitáveis fragilidades, próprias de um poeta que, com apenas 15 anos, já tinha dois livros publicados e que se suicida passados seis anos, deixando uma obra que – sendo toda ela juvenília – constitui uma referência no contexto do Neo-Romantismo lusitanista. Apesar de muitas composições denunciarem alguma previsibilidade, alguma anuência com os estereótipos, ou algum compromisso de circunstância, Guilherme de Faria consegue superar o seu contexto geracional, aquilo que seria expectável de um poeta tão jovem e tão situado ideologicamente, e constrói não só uma obra profundamente representativa do Neo-Romantismo lusitanista, no âmbito da expressão integralista, mas também um personagem poético extraordinário, excessivo, passional, em que a vida e a obra são perturbadoramente coerentes, em que o desfecho trágico da sua vida é verdadeiramente consequente com os seus primeiros

versos, que falavam de um "Amor que, antes de o ser, se fez saudade"[604], e desse mar onde já rezavam os seus "versos de luz que ainda estão por escrever"[605].

Aí radica a singularidade de Guilherme de Faria, entre o poeta que foi e o poeta que nunca chegou a ser, entre a intensidade existencial da sua poesia e a projecção literária da sua existência, entre a adequação exemplar ao universo conceptual da expressão poética do Neo-Romantismo lusitanista e uma poesia que ocasionalmente transcende um modelo mais ou menos circunscrito de contextualização, entre a herança cultural e poética de uma nação – que, simbolicamente, também nasce em Guimarães e se esvaece no Atlântico – e uma elegia profundamente idiossincrática, melopeia em que assomam o amor, a morte e a saudade.

Se existe algum estranhamento no contacto com os poemas de Guilherme de Faria, esse estranhamento resulta de um certo efeito anacrónico e regressivo, simultaneamente evasivo e intimista, que revela um poeta ontologicamente ferido e saudoso de si mesmo; esse estranhamento resulta de uma expressão vagamente escatológica, neo-platónica, entre a saudade de Deus e a iminência da morte.

[604] Guilherme de Faria, *Poemas*, p. 28.
[605] *Id.*, *ibid*, p. 38.

Capítulo 2

LEITURA E ESCRITA

BIBLIOTECA E INFLUÊNCIAS DOUTRINÁRIAS E POÉTICAS

Guilherme de Faria publicou seis livros de poesia entre 1922 e 1927; postumamente, em 1929, foram publicados dois livros: *Desencanto* e a antologia *Saudade Minha (poesias escolhidas)*, de acordo com as indicações precisas do poeta. A sua obra poética é acompanhada, ao longo da década de 20, por uma profunda cultura literária, testemunhada eloquentemente por uma biblioteca que reunia centenas de livros.

Apesar de termos recuperado alguns desses livros[606], é um catálogo[607] manuscrito por Guilherme de Faria que nos permite conhecer os autores e os títulos que constituíam a sua biblioteca. Trata-se de dois cadernos em quadriculado, com capa preta, datados de 1924 e 1926; Miguel de Faria reuniu os dois cadernos numa encadernação cuidada e anotou na página 34 do segundo volume, depois da referência a *No sertão d'África* de Manuel Kopke: "É este o último

[606] Entre os quais, destacam-se: *Frei Luís de Sousa* (5ª ed., 1883) de Almeida Garrett; *O Brasil e as Colónias Portuguesas* (5ª ed., 1920) de Oliveira Martins; *Poesias Dispersas* (1920), *Vitória da França* (2ª ed., 1905), *O Século – I. Baptismo de Amor* (4ª ed., s/d), *Oração à Luz* (3ª ed., s/d), *Oração ao Pão* (3ª ed., s/d), *Caminho do Céu* (1925), *Prometeu libertado* (1926) de Guerra Junqueiro; *Hervas* (1884) de Coelho de Carvalho; *Os Pobres* (1906) de Raul Brandão; *Despedidas* de António Nobre; *O Desafio à Debandada – I. O Pesadelo* (1912) *O Desafio à Debandada – II. Cheque ao Rei* (1912) de Carlos Malheiro Dias; *O Génio Português na sua expressão filosófica, Poética e Religiosa* (1913) e *D. Carlos* (1924) de Teixeira de Pascoaes; *Ao Soldado Desconhecido* (1921) e o *Romance de Amadis* (1922) de Afonso Lopes Vieira; *A Criação – I. Vida e História da Árvore* (1913) e *Auto das Quatro Estações* (2ª ed., 1928) de António Correia d'Oliveira; *Sombra de Príncipes* (1920) e *O Livro da Minha Saudade* (1923) de Alfredo Pimenta; *O Último Lusíada* (1913), *Ausente* (1915), *Lusitânia* (1917) e *Pastorais* (1923) de Mário Beirão; *Telas* (1925) de Eduardo Brasão; *Os meus 7 pecados-capitais* (1926), *Sol Morto* (manuscrito inédito, 1926) e *Distância* (1928) de António Pedro. Em Novembro de 2009, tentámos sem êxito adquirir em leilão o exemplar de *Pierrot e Arlequim* (1924) que Almada Negreiros ofereceu e dedicou a Guilherme de Faria.

[607] O catálogo foi-nos cedido por Gonçalo Leite de Faria, sobrinho do poeta.

livro inscrito neste catálogo. Foi comprado em Junho de 1927 e, de então até Janeiro de 1929, em que faleceu, Guilherme de Faria comprou muitos mais, que aqui não figuram".

Este último livro do catálogo corresponde à entrada 861. Com efeito, à data da morte de Guilherme de Faria, de acordo com o testemunho do seu irmão, a biblioteca terá reunido mais de 900 livros. Tendo apenas em consideração os 861 títulos catalogados, estão representados 319 autores, dos quais mais de 200 têm relevância literária, política e histórico-cultural[608].

Guilherme de Faria tinha uma vasta cultura literária. O seu interesse por literatura, assim como por história ou política, contrastava com o manifesto desinteresse pela generalidade das matérias escolares, o que comprometeu necessariamente a possibilidade de estudos académicos. Porém, esse desinteresse não era específico da experiência escolar; com efeito, devido ao seu temperamento ou a quaisquer disfunções, Guilherme de Faria revelava evidentes dificuldades em persistir num qualquer projecto que implicasse uma dedicação sistemática e comprometida. No caso da experiência editorial, Guilherme de Faria estava preparado para a dimensão literária inerente à condição de editor, mas revelou-se incapaz de assumir as implicações empresariais. Curiosamente, não encontramos nas suas cartas qualquer expectativa em relação a uma carreira académica ou o desejo de uma profissão que a implicasse[609]. Associada à intenção que o pai tinha de comprar uma propriedade rural nos arredores de Lisboa, Guilherme de Faria revela ocasionalmente a vontade de ser lavrador e, no último período da sua vida, pondera a possibilidade de ir para África.

[608] Apresentamos um índice de autores com importância literária e histórico-cultural representados na biblioteca de Guilherme de Faria. Junto a cada nome aparece a referência ao volume e à página em que aparecem documentados no catálogo da biblioteca (cf. pp. 341-346).
[609] Há apenas o *post-scriptum* de uma carta a Manuel de Castro, em que Guilherme de Faria escreve que faz tenções de estudar línguas – francês e inglês –, para depois seguir a vida diplomática (25 Ago. 1925).

Seja como for, mesmo sem interesse pelos estudos, testemunhos como o de Joaquim Paço d'Arcos[610], assim como a correspondência, comprovam não apenas a cultura literária de Guilherme de Faria, mas também o seu interesse por política e história. O catálogo da biblioteca do poeta corrobora significativamente estes interesses.

Importa, então, salientar que Guilherme de Faria, entre 1919 e 1928, reuniu cerca de 900 livros na sua biblioteca pessoal, na qual identificámos cerca de 200 autores com importância literária, histórico-cultural e política. Cerca de 15% dos autores em questão situam-se cronologicamente entre os séculos XV e XVIII; aparecem assim os nomes de poetas, cronistas, dramaturgos ou humanistas, como é o caso de Gil Vicente, Sá de Miranda, João de Barros, Garcia de Orta, Camões, António Ferreira, Diogo Bernardes, Agostinho da Cruz, Francisco Manuel de Melo, António Vieira, Manuel Bernardes, Nicolau Tolentino de Almeida ou Bocage; não faltam, na biblioteca de Guilherme de Faria, o *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, as *Trovas* do Bandarra ou as *Cartas de Amor* de Soror Mariana Alcoforado. Na primeira página do catálogo da biblioteca encontramos a obra de Camões e o *Cancioneiro Geral.*

No que diz respeito a autores nascidos no século XIX, considerando ainda Almeida Garrett – que nasceu em 1799 –, entre poetas, ficcionistas, dramaturgos, artistas, filósofos, literatos, políticos e ideólogos, destacamos os nomes de Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco, João de Deus, Antero de Quental, Eça de Queirós, Gomes Leal, Guerra Junqueiro, João da Câmara, Cesário Verde, Manuel da Silva Gaio, António Nobre, Camilo Pessanha, Eugénio de Castro, Alberto d'Oliveira, Augusto Gil, José Duro, João Lúcio ou Florbela Espanca[611]; assim como autores que Guilherme de Faria conheceu pessoalmen-

[610] Cf. Joaquim Paço d'Arcos, *op. cit.*, p. 332.

[611] Podemos ainda destacar os nomes de António Feliciano de Castilho, Tomás Ribeiro, Ramalho Ortigão, João Penha, Teófilo Braga, Oliveira Martins, Carolina Michaëlis de Vasconcelos, António Cândido, Wenceslau de Moraes, João Lúcio de Azevedo, Coelho de Carvalho, Fialho de Almeida, Sampaio Bruno, António Feijó, Basílio Teles, Alberto Osório de Castro, Carlos

te: Raul Brandão, Fausto Guedes Teixeira, Teixeira de Pascoaes, Afonso Lopes Vieira, António Correia d'Oliveira, Alfredo Pimenta, Raul Leal, Carlos de Lemos, Mário Beirão, Mário Saa, Almada Negreiros, António Botto, José Bruges d'Oliveira, entre outros.

Encontramos na biblioteca de Guilherme de Faria importantes documentos de Teófilo Braga e Oliveira Martins, assim como *A Ideia de Deus* e *O Encoberto* de Sampaio Bruno. No que diz respeito a livros de carácter político e ideológico, títulos de João Franco, Henrique de Paiva Couceiro, Sidónio Pais, Homem Cristo Filho ou Rolão Preto, juntam-se aos principais documentos do Integralismo Lusitano.

Com algum destaque, nas primeiras páginas do catálogo, depois da obra de Camões e do *Cancioneiro Geral*, encontramos os *Sonetos* de Antero, inúmeros títulos de Teixeira de Pascoaes e de Gomes Leal, *O Livro de Cesário Verde*, *Só* de António Nobre e *Clepsidra* de Camilo Pessanha[612].

E se a presença doutrinadora de Teixeira de Pascoaes, Afonso Lopes Vieira ou Mário Saa é incontornável, importa destacar os principais autores integralistas: Hipólito Raposo, Luís de Almeida Braga, António Sardinha, Alberto Monsaraz e José Pequito Rebelo. A presença de tradicionalistas, companheiros dos meios do Integralismo Lusitano, reforça a importância dos exemplares de *Canções* ou *Sodoma divinizada*, oferecidos e dedicados a Guilherme de Faria por António Botto e Raul Leal, respectivamente; ou o exemplar de *Pierrot e Arlequim*, oferecido e dedicado por Almada Negreiros.

Malheiro Dias, Júlio Dantas, António Patrício, Branca de Gonta Colaço, António Sérgio, Afonso Duarte, Albino Forjaz de Sampaio, Trindade Coelho, Aquilino Ribeiro, Vitoriano Braga, António Ferro e Tomás Ribeiro Colaço.

[612] Entre os autores mais representados na biblioteca de Guilherme de Faria, destacamos Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco, Antero de Quental, Eça de Queirós, Gomes Leal, Guerra Junqueiro, João da Câmara, Coelho de Carvalho, Fialho de Almeida, Raul Brandão, Eugénio de Castro, Carlos Malheiro Dias, Teixeira de Pascoaes, Afonso Lopes Vieira, António Correia d'Oliveira, Alfredo Pimenta e António Sardinha.

Esta pluralidade testemunha um dos aspectos mais interessantes da sua biografia: entre os 15 e os 21 anos, idade com que pôs termo à sua vida, Guilherme de Faria estabeleceu relações de amizade e simpatia, correspondeu-se ou contactou de um modo mais ou menos íntimo com algumas das mais importantes figuras da cultura portuguesa da década de 20, ligadas aos meios literário, artístico, académico e político, independentemente das facções ideológicas, das questões doutrinais ou dos movimentos estéticos. Tudo isto resulta na mais interessante particularidade da sua biblioteca: cerca de 75% dos autores contemporâneos de Guilherme de Faria ofereceram-lhe e dedicaram-lhe os seus livros.

Nas 164 páginas do catálogo, entre mais de 300 autores, encontram-se alguns nascidos no século XX, como é o caso de Manuel Múrias, Tito Arantes, José Gomes Ferreira, João Ameal, Anrique Paço d'Arcos, Eduardo Brasão, Adolfo Simões Müller ou António Pedro, alguns deles amigos íntimos de Guilherme de Faria.

No que diz respeito a autores franceses, Guilherme de Faria leu, entre outros, Chateaubriand, Victor Hugo, Georges Sand, Musset, Baudelaire, Alphonse Daudet, Émile Zola, Verlaine e Francis Jammes; na sua biblioteca encontramos ainda livros de Voltaire, Montesquieu, Renan, assim como as *Memórias de um suicida* de Maxime du Camp. Em espanhol, Guilherme de Faria leu a poesia de José de Espronceda, Rámon de Campoamor, Bécquer, Rosalía de Castro ou Rubén Darío. Encontramos ainda obras de Shakespeare e Chesterton, assim como de alguns poetas brasileiros: Machado de Assis, Cruz e Sousa, Coelho Neto ou Olavo Bilac.

Na biblioteca de Guilherme de Faria não faltavam a Bíblia, a *Cartilha Monárquica* ou a edição de José Joaquim Nunes das *Cantigas d'amigo dos trovadores galego-portugueses*. Entre as antologias, encontramos *Os melhores sonetos brasileiros*, *Os eternos sonetos de Portugal* ou *As mais lindas quadras populares*; Gui-

lherme de Faria leu *Las cien mejores poesías líricas de la lengua castellana*, edição organizada por Marcelino Menéndez Pelayo, e *Les cent meilleures poèmes lyriques de la langue française*, edição organizada por Auguste Dorchain.

Por outro lado, importa referir algumas ausências no catálogo da biblioteca de Guilherme de Faria: Júlio Brandão, Roberto Mesquita, Judith Teixeira, Jaime Cortesão, Fernando Pessoa[613] ou Mário de Sá-Carneiro. Seja como for, de acordo com o testemunho do irmão, Guilherme de Faria continuou a comprar livros entre Junho de 1927 – data do último livro catalogado – e o suicídio, no princípio de 1929. Ainda assim, se a presença de um livro não prova a sua leitura, a ausência de um autor não prova o seu desconhecimento.

Este catálogo testemunha a presença e a importância de inúmeros autores na vida e obra de Guilherme de Faria; e confirma as influências e os diálogos intertextuais e paratextuais que o poeta estabelece desde o seu primeiro livro.

Seja como for, a questão das influências necessita de uma fundamentação que tenha em consideração alguns pressupostos. Com efeito, mesmo nos poetas que encobrem ou negam as suas influências, no sentido de uma filiação mais ou menos evidente em relação à obra de um autor ou a um movimento estético, existe a tendência de afirmar uma relação de inerência entre a leitura e a escrita, ou seja, mesmo que um bom leitor de poesia não resulte necessariamente num bom poeta, é aceite com alguma facilidade que um bom poeta tenha começado por ser um bom leitor de poesia. Esta pode ser uma consideração interessante no sentido do estímulo à leitura, mas resulta fundamentalmente num lugar-comum.

Com efeito, os poetas não começaram por ser bons leitores de poesia que, depois, decidiram exprimir-se poeticamente. Os bons poetas – ou "poetas for-

[613] Fernando Pessoa é identificado na segunda página do caderno de 1926: a entrada n.º 715 refere-se ao livro *A voz do silêncio* de Helena Blavatsky, traduzido por Fernando Pessoa em 1921.

tes"[614], na expressão de Harold Bloom –, antes de o serem reconhecidamente, são normalmente poetas medíocres, no sentido do processo de amadurecimento associado à fase de juvenília, no qual tendem a arriscar uma voz própria, através de experiências que resultam geralmente em composições frágeis, mas que vão estabelecendo e sedimentando um universo poético, um modelo particular, um modo específico de interpretar poeticamente a realidade. Com efeito, como afirma Harold Bloom, "os poetas fortes fazem a história lendo-se mal uns aos outros, de modo a desobstruir um espaço de imaginação para si próprios"[615].

Mesmo sem evocar o ideal de poeta romântico, importa referir que estes são geralmente poetas precoces, pessoas que muito cedo reconhecem em si próprias a condição de poeta; o que os motiva para a leitura de poesia é o mesmo estremecimento, a mesma necessidade de se exprimirem poeticamente; por isso, cedo acumulam poemas em cadernos ou em papéis dispersos. O processo de amadurecimento implica normalmente a recusa das composições ou das edições de juvenília, e a originalidade da sua voz poética não é comprometida com as leituras que progressivamente condicionam o sentido da sua obra, como repara Harold Bloom: "a influência poética não faz necessariamente poetas menos originais; frequentemente, fá-los mais originais, ainda que não necessariamente melhores."[616]

No caso de Guilherme de Faria, a condição de poeta, a leitura de poesia e a necessidade de se exprimir poeticamente são processos simultâneos ou constituem partes do mesmo processo. Em Guimarães ou em Lisboa, os primeiros poemas partilham o mesmo contexto das primeiras leituras, entre 1919 e 1920: João de Deus, Antero de Quental ou Gomes Leal. Quando leu *O Livro de Cesário Verde*, *Só* de António Nobre, *Salomé e outros Poemas* de Eugénio de Castro,

[614] Cf. Harold Bloom, *A Angústia da Influência*, Lisboa, Livros Cotovia, 1991, p. 17.
[615] *Id.*, *ibid.*
[616] *Id.*, *ibid.*, p. 19.

Fel de José Duro ou *Clepsidra* de Camilo Pessanha, provavelmente em meados de 1921, Guilherme de Faria já tinha assumido a condição de poeta, condição que encorpa e amadurece com o contacto com a poesia de Teixeira de Pascoaes, Afonso Lopes Vieira, António Correia d'Oliveira, António Sardinha ou Mário Beirão.

"As profundezas da influência poética não podem ser reduzidas ao estudo das fontes, à história das ideias, à feitura de imagens. A influência poética [...] é necessariamente o estudo do ciclo vital do poeta-enquanto-poeta."[617] Tendo em consideração estas palavras de Harold Bloom, é esse poeta-enquanto-poeta que nos importa reconhecer na tessitura da sua obra, na complexa rede intertextual em que assume um compromisso estético com a tradição lírica da poesia portuguesa, no âmbito da sua expressão neo-romântica lusitanista; essa complexa rede intertextual e em que, fundamentalmente, Guilherme de Faria escolhe viver e morrer como poeta.

[617] *Id., ibid.*

Capítulo 3

A POESIA DE GUILHERME DE FARIA

3.1. *Poemas* | 1922

Poemas foi, como vimos, o primeiro livro de Guilherme de Faria, impresso no dia 28 de Abril de 1922[618], tinha o poeta ainda 14 anos. Trata-se de um livro com 44 páginas não numeradas[619] e oito poemas.

De certo modo, podemos considerar juvenília toda a obra de um autor que morre com 21 anos; ainda assim, no caso de Guilherme de Faria, esta questão tem que ser repensada, na medida em que estamos na presença de inúmeros factores: a precocidade poética do autor, o facto de ter publicado sete livros e uma antologia da sua poesia num período de sete anos, a intensidade do seu amadurecimento e a tragicidade de uma vida tão efémera. Desse modo, e tendo tudo isto em consideração, talvez só possamos considerar juvenília os dois primeiros livros de Guilherme de Faria: *Poemas* e *Mais Poemas*, ambos de 1922.

Relembramos as palavras de Alfredo Pimenta, sobre a tarde de 1921 em que o jovem poeta submeteu ao seu juízo um conjunto de poemas:

> "Foi na redacção do *Correio da Manhã* do saudoso e bem querido Aníbal Soares, que o Guilherme de Faria me procurou, para submeter ao meu juízo o original

[618] "Acabou de se imprimir este livro na Imprensa de Manuel Lucas Torres, em Lisboa, na Rua do Diário de Notícias, 57 a 61, aos 28 de Abril de 1922."
[619] Formato 135 x 200 mm (conhecem-se alguns exemplares no formato 180 x 250 mm). Cf. Anexo 1, p. 14.

> do seu primeiro livro. De calção e peúga, aquela criança maravilhara-me com a maneira como dizia os seus versos e com os versos que me lia. Perfeitos? Não. Aconselhei toques, supressões, demonstrando-lhe a razão do meu proceder, e acabei por lhe dizer: 'feito isso, publique, porque é melhor do que muitos livros que por aí andam louvados e exaltados'. E desde esse momento, o Guilherme de Faria ficou sendo, para mim, o Poeta. Publicou o seu livro – *Poemas*, e sentiu-se acarinhado."[620]

Na capa deste livro, o poeta assina 'Guilherme de Faria', mas no frontispício e na assinatura da epígrafe, que é de sua autoria[621], aparece excepcionalmente 'Guilherme Leite de Faria'.

O livro é marcado, logo no princípio, por duas epígrafes – «Inscrições»[622] –, uma de António Nobre – "Lúgubre outono, no mês de Abril!" – e outra do próprio Guilherme de Faria: "Na minha alma precoce e complicada/ Que ainda hoje não posso compreender,/ Passeia, dolorosa e magoada,/ A sombra triste do meu próprio ser." Com efeito, as duas epígrafes revelam programaticamente o rumo deste primeiro livro de Guilherme de Faria. Por um lado, a presença de António Nobre não é ingénua ou casual: não basta afirmar que o autor do *Só* é uma figura tutelar, proeminente, predominante ou prevalecente na vida e obra de Guilherme de Faria; António Nobre e o seu *Só* afectam e condicionam fatalmente a identidade do jovem poeta. Por outro lado, a epígrafe em questão deve ser contextualizada no início de «Lusitânia no Bairro Latino»: "Só!// Ai do Lusíada, coitado,/ Que vem de tão longe, coberto de pó,/ Que não ama nem é amado,/ Lúgubre Outono, no mês de Abril!"[623] É evidente que Guilherme de Faria se identifica profundamente com este "Lusíada" que em Abril, no vigor e na florescência da Primavera, é tragicamente um "Lúgubre Outono". É isso que

[620] Alfredo Pimenta, «Quatro escritores vimaranenses. 1) O poeta Guilherme de Faria», pp. 37-38.
[621] Cf. *Poemas*, p. 7.
[622] *Id.*, *ibid.*, pp. 5-7; cf. Anexo 2, p. 71.
[623] António Nobre, *Só*, p. 53.

o jovem autor de *Poemas* corrobora na segunda epígrafe, evocando a sua precocidade e complexidade, e admitindo com alguma resignação a "sombra triste" do seu próprio ser.

No primeiro poema deste livro – «Soneto da minha tragédia»[624] – aparecem algumas tendências da poesia de Guilherme de Faria: a evocação pouco consequente de elementos do universo religioso cristão[625]; uma certa tragicidade bem expressa nestes exemplos e reforçada pela precocidade e complexidade do poeta ou pela "singular tragédia" da sua vida; finalmente, à evocação da 'Dor' e da 'Morte', junta-se a mesma incapacidade ou impossibilidade de amar do "Lusíada, coitado": "Sem alma, sem amor, sem crença e luz"[626], "A ninguém, neste mundo tenho amor!"[627]

Em «Soneto»[628] aparecem os principais espectros da poesia de Guilherme de Faria: o mar, o crepúsculo, a hora saudosa e triste, o desejo da morte. Juntamente com António Nobre, Antero de Quental constitui para Guilherme de Faria uma referência indeclinável, evidência impressa neste soneto: "Choram, dentro de mim, versos de Antero."[629] E se a tristeza, a mágoa e a nostalgia conferem à composição uma dramaticidade profunda, são os tons crepusculares, diante do mar, que possibilitam ao poeta uma das expressões mais impressivas da sua poesia: "Impassível, o Sol vai esmorecer…/ – Quem me dera, meu Deus, também morrer,/ Para, amanhã, no azul – ressuscitar!"[630] As circunstâncias do suicídio do poeta tornam mais autênticas, comoventes e perturbadoras as palavras da criança de 14 anos. Com efeito, logo no primeiro livro, Guilherme de Faria

[624] *Poemas*, pp. 9-11; cf. Anexo 2, p. 72.
[625] "E, como Cristo, eu tenho a minha cruz" (p. 10), "Meu coração, também como Jesus,/ Num calvário de dúvidas – morreu!" (p. 10) ou "Aperto ao peito a cruz da minha Dor!" (p. 11).
[626] *Id.*, *ibid.*, p. 10.
[627] *Id.*, *ibid.*, p. 11.
[628] *Id.*, *ibid.*, pp. 13-15. «Soneto» foi impresso em *Saudade Minha (poesias escolhidas)* com significativas alterações e com outro título: «Crepuscular» (cf. SM[29], pp. 11-12; SM[08], p. 23); cf. Anexo 2, p. 73.
[629] *Id.*, *ibid.*, p. 15.
[630] *Id.*, *ibid.*

formula o desejo de morrer e ressuscitar. Alguns críticos literários e leitores consideraram que uma poesia tão elegíaca e nocturna, escrita por um rapaz tão novo, resultava de um artifício literário, era uma expressão estética sem sinceridade; na verdade, reconhecemos hoje a perturbadora coerência que existe entre a vida e a poesia de Guilherme de Faria.

A terceira composição de *Poemas* – «Crepuscular»[631] – impõe a paisagem brumosa e marítima. O Poeta identifica-se intimamente com a hora crepuscular: "– Esta hora tão triste/ É minha irmã…/ Hora da cor da minha própria cor"[632]; a sua atitude é contemplativa, imersa num comprazimento elanguescente com a tristeza. São abundantes os elementos de natureza religiosa e a evocação de uma mundividência cristã popular. A hora crepuscular é, assim, "Sagrada, macerada,/ Tristíssima, cristã!", evocação do dolorismo cristão[633], tendência que coincide com o ambiente lúgubre de grande parte das igrejas portuguesas que Guilherme de Faria possa ter conhecido, decoradas com estatuária reverente e lutuosa, com paramentos roxos e talha dourada.

Em «Soneto ao Mar»[634] lê-se: "Oh Mar! a tua água/ É gémea e fria[635] irmã da minha mágoa!"[636] Esta identificação com o mar é progressivamente mais íntima e mais intensa, como se comprova em «A carta do Mar»[637]: "E eu sinto o Mar, o Mar! Profundo e majestoso,/ Ele vive em meu peito, desigual,/ Formidável,

---

[631] *Id.*, *ibid.*, pp. 17-20; cf. Anexo 2, p. 74.
[632] *Id.*, *ibid.*, p. 20.
[633] Sobre o dolorismo cristão na poesia portuguesa neo-romântica, cf. José Carlos Seabra Pereira, «Neo-Romantismo Lusitanista», *in História da Literatura Portuguesa, do Simbolismo ao Modernismo* (vol. 6), Mem Martins, Publicações Alfa, 2003, p. 320.
[634] *Poemas*, pp. 21-23; cf. Anexo 2, p. 75.
[635] Na edição de *Poemas* de 1922, em vez de "fria", lê-se "qu'rida": "É gémea e qu'rida irmã da minha mágoa!" Porém, Guilherme de Faria, no exemplar que lhe pertenceu, riscou "qu'rida" e acrescentou "fria", pelo que aqui apresentamos a versão que cremos ser mais fiel à vontade do poeta.
[636] *Poemas*, p. 23.
[637] *Id.*, *ibid.*, pp. 25-30. «A Carta do Mar» foi impresso em *Saudade Minha (poesias escolhidas)* com significativas alterações e com o título: «Carta do Mar» (cf. SM[29], pp. 13-16; SM[08], pp. 24-25); cf. Anexo 2, pp. 76-78.

solene e doloroso!/ E eu choro ao ver o Mar…/ Que o Mar é um vitral/ Da minha Dor eterna, heráldica, sombria!"[638]

«A Carta do Mar» é um poema claramente inspirado em «Carta a Manuel»[639], de António Nobre, onde se lê: "Manuel, tens razão. Venho tarde. Desculpa."[640] Por seu lado, o poema de Guilherme de Faria principia assim: "Manuel[641], vou-te escrever…// – O Sol lá vai no Mar, quase a morrer,/ E aqui, junto ao Mar,/ Vivo a morrer, também…"[642] Trata-se de uma composição muito interessante, com os mesmos tons outonais e crepusculares dos poemas anteriores, com a evocação retórica da dor e do desespero, e com um suave enlevo amoroso por uma menina de 14 anos – Maria Teresa Sepúlveda[643] –, que o poema formula numa recordação: "Recordo o meu Amor…/ Amor que, antes de o ser, se fez saudade"[644]. Foi sempre este o processo de relação conceptual e de experiência existencial que Guilherme de Faria estabeleceu com a realidade: a saudade não é apenas, nas palavras de Sophia, "a tristeza que fica em nós quando as coisas de que gostamos se vão embora"[645], mas pré-existe ontologicamente a todas as coisas. Como escreve António Cândido Franco, trata-se de "uma saudade de raiz,

---

[638] *Id.*, *ibid.*, p. 27.
[639] António Nobre, *Só*, pp. 85-93.
[640] *Id.*, *ibid.*, p. 85.
[641] A propósito da identidade do destinatário de «A Carta do Mar», foi encontrada no espólio de Joaquim Paço d'Arcos uma nota manuscrita de 21 de Outubro de 1968, onde se lê: "Este não é o Manuel de Castro, mas sim um Manuel Miranda, professor do Liceu de Bragança e cunhado do Dr. Pires Quintela (irmão do Paulo Quintela). O Guilherme de Faria tinha 13 anos quando esteve algum tempo em Bragança, em casa de uma tia Sequeira Braga. [...] Demasiado sisudo para a idade, acompanhava quase sempre com pessoas mais velhas, em especial esse Manuel Miranda, aliás nessa altura um jovem com 25 ou 30 anos."
[642] *Poemas*, p. 26.
[643] Sobre a identidade de Maria Teresa Sepúlveda, Joaquim Paço d'Arcos escreve, na mesma nota manuscrita de 21 de Outubro de 1968: "Guilherme de Faria tinha 13 anos quando esteve algum tempo em Bragança, em casa de uma tia Sequeira Braga. Foi aí que conheceu Maria Teresa Sepúlveda (14 anos) – a quem se refere nos versos. [...] Esta informação foi dada pela própria Maria Teresa Sepúlveda." Finalmente, Joaquim Paço d'Arcos refere que Guilherme de Faria ofereceu a Maria Teresa, com uma primeira carta, um exemplar de *Luar de Janeiro* de Augusto Gil e, depois, enviou-lhe um exemplar de *Poemas*.
[644] *Poemas*, p. 28.
[645] Sophia de Mello Breyner Andresen, *A Menina do Mar*, Porto, Livraria Figueirinhas, 1997, p. 25.

radicalmente pessimista, que condena tudo o que terrenamente existe à impossibilidade de ser o que é."[646]

Mas se isto se pode depreender de um verso escrito por uma criança de 14 anos, também é evidente, neste mesmo poema, a sua irreprimível tendência para a bipolaridade. Com efeito, tendo em consideração as cartas que Guilherme de Faria escreveu a Manuel de Castro, em que ao entusiasmo e à euforia sucedem subitamente o abatimento, a apatia, a tristeza e a angústia; e tendo presente, na poesia, a sua prevalecente voz elegíaca, melancólica, crepuscular ou nocturna, é interessante descobrir a bipolaridade de Guilherme de Faria na expressão poética: "E sinto-me febril! Meu Deus, o desespero/ Atinge o céu! E, aflito e desvairado, quero/ Cantar, rezar, subir, viver! A minha Ânsia/ É indomável, feroz, dorida, insuportável!"[647] E a este arrebatamento incontido e extasiado sucede subitamente um outro estado de espírito: "Mas ao ver o Sol entrar na hora da agonia,/ Chove doçura… E vai a esmorecer o dia,/ Agora! – Hora triste e serena!/ Hora suave, outonal e vesperal e amena!"[648]

Importa referir que neste livro, e particularmente neste poema, há uma intensa dramaticidade religiosa. Com efeito, trata-se de uma religiosidade formal, vazia de conteúdo, essencialmente cénica, ornamental. É certo que um poeta tão jovem não podia escrever uma poesia com densidade teológica; ainda assim, para Joaquim Paço d'Arcos, a religiosidade que assoma na poesia de Guilherme de Faria resulta mais de elementos de composição literária, do que da expressão de uma fé que era nele muito débil[649].

A sexta composição de *Poemas* é novamente um «Soneto»[650], em que Guilherme de Faria retoma as epígrafes. Primeiro, uma evocação do verso de Antó-

[646] António Cândido Franco, «Guilherme de Faria, biografia poética», p. 22.
[647] *Poemas*, p. 27.
[648] *Id.*, *ibid.*, p. 28.
[649] Cf. Joaquim Paço d'Arcos, *op. cit.*, p. 364.
[650] *Poemas*, pp. 31-33. Trata-se de um poema datado: 13 Abr. 1921; cf. Anexo 2, p. 79.

nio Nobre: "Ainda no bizarro mês de Abril,/ E já o outono aqui, no coração!"[651] Predomina um certo desengano distanciado e trágico: "E enquanto tudo ri, primaveril!/ Aos outros como eu – doce ilusão! –/ A vida é para mim – ainda em Abril! –/ Só nocturna e soturna escuridão!"[652] No final, num auto-retrato comovente, Guilherme de Faria recorda o conteúdo dos seus versos escolhidos para a epígrafe : "Há só sombras em mim… E, abandonado/ Vou passando na vida, desgraçado,/ Sem jamais me poder compreender!"[653]

«Poema»[654] é o título da penúltima composição deste livro. Guilherme de Faria persiste no processo de identificação com os elementos que encorpam o *leitmotiv* da sua poesia: "Sinto a noite sinistra e macerada/ Sou a noite de morte e de horror!"[655] E é neste ambiente nocturno que o jovem poeta evoca os espectros tutelares de Antero de Quental e António Nobre: "– Oh meu divino Antero!/ O teu olhar de luz, tristíssimo e severo,/ É chama, é luz e Amor!"[656]; "Enlevecido de sofrer, [...]/ Eu ouço bem,/ Também,/ (Meu pálido Anto!)/ A tua voz de além/ A chorar"[657].

Curiosamente, percebe-se neste poema que a noite e as trevas têm uma expressão soteriológica na poesia de Guilherme de Faria e possibilitam um sentido ascensional: "E a treva/ Exalta, deifica! Eleva/ A minha alma até Deus!/ – E eu sinto Deus!"[658] Por outro lado, é significativa a presença de um universo fantasmático que nos lembra, por exemplo, *A Mulher de Luto* de Gomes Leal[659]: o vento que ulule e geme, os gritos da viúva, a chuva, as trevas de horror e desespero, os mortos a gritar.

---

[651] *Id.*, *ibid.*, p. 32.
[652] *Id.*, *ibid.*
[653] *Id.*, *ibid.*, p. 33.
[654] *Id.*, *ibid.*, pp. 35-38; cf. Anexo 2, p. 80-81.
[655] *Id.*, *ibid.*, p. 36.
[656] *Id.*, *ibid.*, p. 37.
[657] *Id.*, *ibid.*
[658] *Id.*, *ibid.*
[659] Gomes Leal, *A Mulher de Luto*, Lisboa, Livraria Central, 1902. Curiosamente, Guilherme de Faria tinha na sua biblioteca a 1ª (1902) e a 2ª edição (1924) deste livro de Gomes Leal.

No final do poema, um "Hierático e divino amanhecer!", que antecede os versos mais impressivos deste livro: "E o Mar/ Anda a rezar/ Os meus versos de luz que ainda estão por escrever…"[660] Quando o poeta, com apenas 21 anos, põe termo à sua vida no mar, abandona o seu corpo, integra essa oração, entrega-se a esses versos de luz que só a morte redentora lhe possibilitaria.

O primeiro livro de Guilherme de Faria termina com o «Soneto da minha ânsia»[661], uma composição febril e de sentido ascensional, em que o poeta exprime o desejo de subir: "Subir! Subir! Subir! – Eis o ideal/ Único desta vida"[662]; em que sente "às vezes, dourada e triunfal,/ Uma luz singular!"[663] Guilherme de Faria associa frequentemente a condição de poeta a um sentimento de desgraça e fatalidade. Porém, tal como no poema anterior – "Mas sinto em mim/ Arder,/ Cantar/ Um orgulho sem fim!"[664] –, esse sentimento projecta-se numa consciência de superação da fatalidade, assumindo uma expressão de génio e adquirindo um sentido ascensional: "Hei-de subir!/ Que, em minha alma, Senhor!, 'stou já a sentir/ Uma sombra de génio a perpassar!"[665]

Identificámos 16 referências à edição de *Poemas* na imprensa. Pode dizer-se que o livro de Guilherme de Faria foi bem acolhido, apesar do tom jocoso ou irónico de uma ou outra crítica. A nota dominante é a precocidade do poeta e a estranheza que provoca a natureza nocturna e elegíaca da sua poesia.

Joaquim Manso escreve no *Diário de Lisboa*:

> "Guilherme de Faria fez agora a sua estreia com um livrinho de líricas a que pôs o título de *Poemas*. É um poeta de catorze anos que já interroga a vida e tenta

[660] *Poemas*, p. 38.
[661] *Id.*, *ibid.*, p. 39-41. «Soneto da minha ânsia» foi impresso em *Saudade Minha (poesias escolhidas)* com algumas alterações e com o título: «Subir!» (cf. SM[29], pp. 25-26; SM[08], p. 30); cf. Anexo 2, p. 82.
[662] *Id.*, *ibid.*, p. 41.
[663] *Id.*, *ibid.*
[664] *Id.*, *ibid.*, p. 38.
[665] *Id.*, *ibid.*, p. 41.

compreender as palpitações do seu coração. Não se compraz na alegria, porque a dor se lhe afigura companheira inseparável dos seus desejos e esperanças. Esperamos que se engane pois, neste mundo, há alguns caminhos onde florescem idílios e bucólicas. Para se dar com eles, basta ser simples como as crianças. Porque a não busca? Entretanto, aceite o mais novo dos poetas portugueses os nossos cumprimentos."[666]

António de Menezes, com o pseudónimo 'Ruy de Veras', escreve n'*O Tempo*:

"Guilherme de Faria só tem catorze anos de idade e esse facto torna estranho o carácter nostálgico e vencido da sua poesia. Mas garanto que se trata de um autêntico poeta, de constituição, e não dum pseudo-poeta, dum poeta frusto, dum intoxicado literário ou dum afectado. Os seus *Poemas*, mostrados por mim a várias autoridades na técnica poética e a muitas pessoas de gosto, foram motivo do máximo interesse. A poetisa Fernanda de Castro, cuja exigência nos versos alheios é conhecida como a maior, a da certeza que usa nos seus, e a do mais puro lirismo, exclamou a respeito do novo poeta, e ao ler os primeiros poemas do livro: 'Já o acho melhor do que quase todos!' […]

Por querer citar uma das suas composições, não preciso de enumerar uma a uma as altas qualidades dos seus versos, a dolência calma dos seus ritmos, a voluptuosidade triste das suas rimas, a desolação resignada dos seus acordes. Não é em vão que evoca António Nobre e que recorda Antero."[667]

No *Correio da Manhã* de 15 de Maio de 1922, Guilherme de Faria é saudado e acolhido como um poeta cuja "musa tem recursos que só os muito habituados a versejar possuem"; a sua sensibilidade e qualidades técnicas são aspectos que se destacam nas referências que lhe são feitas na imprensa.

[666] Joaquim Manso, *Diário de Lisboa*, 2 Maio 1922.
[667] Ruy de Veras (António de Menezes), *O Tempo*, 6 Maio 1922.

Para António de Menezes, na *Ilustração Portuguesa*, se o talento de Guilherme de Faria "se desenvolver, como é natural, não será aventuroso louvor que muito brevemente se poderá aproximar do *Só*"[668]. Fernando do Amaral Leiro considera que Guilherme de Faria é, "sem contestação, um grande temperamento poético e não decorrerão muitos anos que ele não seja contado entre os melhores, pois destes, dos actuais, muitos principiaram por produções inferiores."[669]

Na edição da noite d'*O Século* de 20 de Maio de 1922, pode ler-se este interessante apontamento de César Frias:

> "Este livrinho, desacompanhado de qualquer nota especial, seria já uma formosa estreia, documentadora dum temperamento poético de escol. Com a confidência de que o seu autor tem apenas catorze anos, é um livro que nos deixa surpresos e comovidos.
>
> Bem diz o juvenil poeta: 'Na minha alma precoce e complicada.' Precocidade no talento, precocidade na dor. [...] Confrange esse pessimismo, chegamos mesmo a desconfiar da sua sinceridade. Verdadeiro não será o pessimismo, mas o estro do poeta é que é dos mais lídimos. Os seus deslizes, as suas incertezas, são mesmo já em pequeno número. [...] Nenhum poema deste livro se desaproveita. Até nisto o autor marca superioridade sobre muito poeta dos de idade adulta, cujos livros nem sempre se recomendam pela unidade de valor.
>
> O que é de desejar é que o moço vate despoje o seu espírito da negra túnica que o envolve. Desnudo, em contacto com a luz clara e vibrante da vida, há-de então vê-lo subir, subir tanto e tão alto como aspira no soneto final do livro. Essa ascensão é possível dentro da vida. É-o de certeza. Dentro da morte é que não a garante ninguém."[670]

[668] *Id.*, *Ilustração Portuguesa*, 13 Maio 1922.
[669] Fernando do Amaral Leiro, *O Circo*, 18 Junho 1922.
[670] César de Frias, *O Século*, 20 Maio 1922 (edição da noite).

Num tom jocoso, Câmara Lima, no *Correio da Manhã*, depois de elogiar as evidentes qualidades técnicas do jovem poeta, critica o que considera artifício literário despojado de sinceridade e interpela Guilherme de Faria:

> "Cante a sua alma viva, o seu coração vivo, a sua crença viva, enfim, todas aquelas coisas a que o sr. passa certidão de óbito antes do tempo. [...] Contentar-me-ei com ouvi-lo trovejar:
>
> ... minha alma anseia
> por um alto bife com batatas fritas!
>
> Será natural, sincero – e eu talvez o acompanhe na realização da ânsia.
> Deus permita todos estes milagres."[671]

Mas o que prevalece é ainda o característico lirismo impregnado de tristeza da poesia de Guilherme de Faria. Antes de citar o «Soneto da minha tragédia», num tom bem diferente do de Câmara Lima, Maria Teresa escreve:

> "Que lutas, que mórbidas tragédias se passam no íntimo do seu ser, para nesta idade se produzir este soneto, que qualquer poeta consagrado se não envergonharia de subscrever?
> Quem lê os *Poemas* vê que está em face de um poeta cujo merecimento fora do vulgar faz prever futuros trabalhos que hão-de, certamente, marcar um brilhante lugar na literatura do nosso tempo.
> Influências de António Nobre e Antero de Quental? Mas não acham que já não é pouco, aos quinze anos, poder denunciar-se a influência de tão grandes Mestres?"[672]

[671] Câmara Lima, *Correio da Manhã*, 9 Junho 1922.
[672] Maria Teresa, *Acção* (Viseu), 15 Junho 1922.

No *Jornal da Europa*, Emília de Sousa Costa considera Guilherme de Faria "um dos nossos maiores poetas do futuro", mas reage à "sua simpatia pelos poetas elegíacos, que lhe cumpre respeitar, mas não seguir", desejando que o jovem poeta se oriente "numa ordem de ideias sadias, exuberantes de vigor varonil"[673].

No *Diário de Notícias* de 8 de Setembro de 1922, é publicado um pequeno texto não assinado onde se lê:

> "Este pequeno volume constitui as primícias dum poeta que é ainda quase criança. Mas tão alta é a sua inspiração e tão correctos são já o seu ritmo e a sua técnica, que conquistou de assalto louvores e admirações, que só são devidos aos grandes artistas. Todos os críticos foram unânimes em saudar a aparição dos *Poemas* como um dos mais raros exemplos de precocidade artística e uma das promessas de maior valor de quantos têm surgido nos últimos anos na literatura portuguesa."[674]

Neste texto, depois de reflectir sobre a sinceridade da poesia de Guilherme de Faria e admitir algumas fragilidades, o autor acrescenta: "Mas tudo isso é largamente compensado pela largueza da inspiração, pela propriedade e brilho das imagens, pelo sopro de talento que perpassa em cada um dos seus versos, e que dão à estreia de Guilherme Leite de Faria as proporções da revelação dum artista excepcional e destinado decerto ao mais glorioso futuro."

Em reacção a este texto, é publicada n'*O Baionense* uma crónica intitulada «Bibliografia alegre», que explora num tom satírico a imagem do «menino-prodígio»: "Versos assim, se não foi a mamã que lhos guisou [...], são o índice mais manifesto da super-mentalidade do *catraio*, que ou traz o génio poético agarrado nos cueiros ou se lhe ferrou na pessoa a alma inspirada de qualquer Petrarca ou Byron, para prova provada da teoria da metempsicose. Como quer

[673] Emília de Sousa Costa, *Jornal da Europa*, 1 Agosto 1922.
[674] *Diário de Notícias*, 8 Setembro 1922.

que seja, temos curiosidade em saber o que fará o Faria por volta dos 60 anos, fazendo o que faz aos treze, ainda de bibe e calção."[675]

Em Setembro de 1922 é publicado um artigo mais extenso sobre a edição de *Poemas* no *Pro Vimarane*. O autor deste texto recorda: "Guilherme de Faria, aquele *moço* que muitas vezes vira em Guimarães, caminhando sempre a passos largos, olhando por cima dos seus óculos com o intuito de fitar toda e qualquer pessoa que junto de si passasse, está hoje incorporado na galeria dos Poetas de Portugal. Era um romântico: nascera para ser poeta!"[676] Adiante, depois de uma série de considerações sobre a poesia de Guilherme de Faria, destaca a influência de José Duro, António Nobre e Antero de Quental.

Entre Maio e Setembro de 1922, a imprensa destaca a precocidade de Guilherme de Faria, assim como a sua sensibilidade e invulgares qualidades técnicas de composição. Entre augúrios e interrogações, os críticos e os leitores de *Poemas* sentiram alguma inquietação em relação ao poeta que Guilherme de Faria seria com o passar do tempo e com o natural processo de amadurecimento que afecta necessariamente todos os poetas. Mas a principal questão com que Guilherme de Faria era então confrontado, prendia-se com a sinceridade da sua poesia. Uma carta de Tito Arantes ajuda-nos a situá-la:

> "Há neles [*Poemas*] um tão precoce desalento e um tão arreigado pessimismo, que se eu não soubesse que você era quase dez anos mais novo do que eu, julgaria, só de os ler, que estava em frente de um poeta já vivido – tanto mais que a correcção da forma e algumas vezes a profundeza da ideia corroboravam essa suposição.
> Não serei eu daqueles que procuram descobrir entre a sua fresca mocidade e a sua musa sombria uma contradição, ou uma falta de sinceridade na obra produzida.
> Sem me querer alvorar em psicólogo, das duas vezes que tive o prazer de estar uns momentos consigo, quis-me parecer que você é tal qual se pinta nos seus versos. E

[675] «Bibliografia alegre», *O Baionense*, 15 Setembro 1922.
[676] N.R., «Guilherme de Faria: o jovem Poeta de Guimarães», *Pro Vimarane*, Setembro 1922.

se isto, abonando a espontaneidade e a verdade da sua Poesia, me faz em que o felicite, faz-me ao mesmo tempo com que o lamente pela tristeza com que encara a vida e se refere a ela quando ainda mal começou a vivê-la…"[677]

Cremos que esta é a abordagem mais correcta. A vida e a correspondência de Guilherme de Faria testemunham do modo mais dramático a sinceridade da sua poesia.

[677] Tito Arantes, carta a Guilherme de Faria, 13 Jun. 1922.

3.2. *Mais Poemas* | 1922

No dia 8 de Novembro de 1922, cerca de seis meses depois da publicação de *Poemas*, Guilherme de Faria apresenta *Mais Poemas*[678]. Trata-se de um livro com 64 páginas[679] e onze composições.

Mais Poemas é dedicado a Alfredo Pimenta, o que revela a gratidão de Guilherme de Faria e a importância tutelar do poeta vimaranense que, de certo modo, apadrinhou a sua estreia literária. Relembramos as palavras de Alfredo Pimenta a propósito da edição do segundo livro de Guilherme de Faria: "Passados tempos, voltou com novo original. Depois de algumas observações, disse-lhe: 'e, agora, não precisa de consultar ninguém; tem asas magníficas; voe à sua vontade!' E saiu o seu segundo livro – *Mais Poemas*, que me é consagrado. Desvaneceu-me profundamente o facto, porque nenhum outro livro seu tem consagração pessoal."[680]

A epígrafe – «Inscrição»[681] – escolhida por Guilherme de Faria para este livro retoma o mesmo sentimento de desajuste ontológico e existencial. Se em *Poemas* o verso de António Nobre evocava um "Lúgubre outono, no mês de Abril!", em *Mais Poemas* lê-se um verso de Eugénio de Castro que enfatiza o mesmo paradoxo: "A minha mocidade tem cabelos brancos."

A primeira composição deste livro, «Poema de súplica»[682], é dedicada à "Virgem Santíssima, cheia de Graça, Mãe de Misericórdia". Trata-se de um poema que revela uma religiosidade expressiva, fundamentalmente cénica, que reintroduz os elementos 'mar', 'noite' e 'saudade': "Oh Mar! meu irmão!/ Foi a tua

---

[678] "Acabou de se imprimir este livro na Imprensa de Manuel Lucas Torres, em Lisboa, na Rua do Diário de Notícias, 57 a 61, aos 8 de Novembro de 1922."
[679] Formato 135 x 200 mm. Cf. Anexo 1, p. 14.
[680] Alfredo Pimenta, «Quatro escritores vimaranenses. 1) O poeta Guilherme de Faria», p. 38.
[681] *Mais Poemas*, p. 11; cf. Anexo 2, p. 83.
[682] *Id.*, *ibid.*, pp. 13-18. «Poema de súplica» foi impresso em *Saudade Minha (poesias escolhidas)* com significativas alterações e com o título: «Súplica» (cf. SM[29], pp. 17-20; SM[08], pp. 26-27); cf. Anexo 2, pp. 84-86.

voz dolorosa/ A voz magoada e primeira/ Que veio embalar, saudosa,/ Na viuvez da minha infância,/ Meu berço de mágoas, triste!"[683]

Como em muitos outros autores românticos e neo-românticos, a poesia de Guilherme de Faria resvala em certas ocasiões para uma configuração devocional e litânica, própria da expressão literária da religiosidade popular. Naturalmente, é difícil perscrutar na poesia de um autor de 15 anos uma reflexão consequente sobre a condição humana ou o sentido de inquietação inerente a um poeta que se situa diante do mistério de Deus, que se interroga sobre o sentido da vida e enfrenta a ininteligibilidade da morte, ou que interpreta a experiência humana na definição e ordenação de princípios éticos e estéticos. Ainda assim, diante do *Só* – "Poiso os meus olhos tristes e castanhos/ Neste Livro de sombra e elegia."[684] –, no poema «Anto»[685], é esse jovem poeta de 15 anos que dialoga com António Nobre – "Oh meu pálido Irmão, tão pálido e tão doce!"[686] –; é esse jovem poeta de 15 anos que, em «Poema»[687], recorda o sentimento de perda da inocência, assunto que o perturba intensamente até ao suicídio e que aqui aparece assim formulado: "E, nos meus olhos fundos e castanhos,/ – Olhos virgens, saudosos! –/ Gritavam e ardiam desejos estranhos/ E rubros, luciferinos, venenosos!"[688]

Em «Lírios de sangue»[689], poema dedicado ao amigo António Hartwich Nunes[690], numa evocação dos versos do seu primeiro livro – "Impassível, o Sol vai esmorecer…/ – Quem me dera, meu Deus, também morrer,/ Para, amanhã,

[683] *Id.*, *ibid.*, p. 16.
[684] *Id.*, *ibid.*, p. 20.
[685] *Id.*, *ibid.*, pp. 19-22; cf. Anexo 2, p. 87.
[686] *Id.*, *ibid.*, p. 22. Num bilhete-postal com o retrato de António Nobre encontrado no espólio de Guilherme de Faria, na Rua da Horta Seca, o jovem poeta escreveu em 1922, com a caligrafia típica desse período e uma tinta muito característica: "Oh meu divino irmão, tão pálido e tão doce!" (cf. Anexo 1, p. 34).
[687] *Id.*, *ibid.*, pp. 23-26; cf. Anexo 2, p. 88.
[688] *Id.*, *ibid.*, p. 25.
[689] *Id.*, *ibid.*, pp. 27-29; cf. Anexo 2, p. 89.
[690] Presumivelmente por humor, lê-se: "A António etc. Nunes".

no azul – ressuscitar!"[691] –, Guilherme de Faria escreve: "Quero beber! beber! quero beber!/ Quero beber até me embriagar!/ E depois, meu Irmão!... quero morrer,/ Para, amanhã, no azul – ressuscitar!"[692]

São recorrentes neste poema os lírios, o sangue, uma certa atmosfera crepuscular, com matizes simbolistas, que associamos ao universo conceptual da estética decadentista. Em «Tragédia lirial»[693], enquanto entardece, o poeta 'perde' os olhos no mar; sente-se na sua poesia uma certa sensualidade lânguida, mórbida, que se compraz na distância, na ausência e na morte: "E os meus lábios no teu rosto/ Saudosamente a rezar"[694]; "Eram pálidos e frios, [...] lívidos e mortos/ Os lírios do Meu Amor…"[695] Recordamos António José Saraiva, quando evoca uma certa "religião do amor em Portugal" que é, entre nós, "quase uma forma de misticismo, mas de um misticismo que não logra despegar-se inteiramente da carne"[696].

Neste sentido, a saudade que assoma na poesia de Guilherme de Faria traduz o rumor do canto metafísico de Pascoaes, mas situa-se preferencialmente no âmbito da matriz evasiva e nostálgica de António Nobre[697]. Em *Mais Poemas* percebe-se que, no universo poético de Guilherme de Faria, a saudade permanecerá vagamente ligada ao apego que se criou aos sítios, aos tempos e às pessoas que ficaram distantes; manifestar-se-á como uma expressão de um 'amor à portuguesa' que parece comprazer-se na evasão e na nostalgia.

Como afirma António José Saraiva, "o amor é um tema extraordinariamente obsessivo na literatura portuguesa"[698]; trata-se em geral do amor-paixão que se compraz na ausência, na impossibilidade de realização, na autodestruição. A

[691] *Poemas*, p. 17.
[692] *Mais Poemas*, p. 29.
[693] *Id.*, *ibid.*, pp. 31-34; cf. Anexo 2, p. 90.
[694] *Id.*, *ibid.*, p. 33.
[695] *Id.*, *ibid.*, pp. 33-34.
[696] António José Saraiva, *A cultura em Portugal: Teoria e História* (vol. I), Lisboa, Gradiva, 1996, p. 85.
[697] Cf. José Carlos Seabra Pereira, *op. cit.*, p. 264.
[698] António José Saraiva, *op. cit.*, p. 84.

poesia de Guilherme de Faria, particularmente nesta primeira fase, é habitada por esse sentimento em que uma sensualidade insatisfeita e uma certa espiritualidade impura se temperam mutuamente.

Nos poemas que se seguem – «Canção»[699], «Poema»[700] e «Aos lenços»[701] –, encontram-se alguns aspectos relevantes na caracterização da poesia de Guilherme de Faria. Veja-se, por exemplo, o modo como António Cândido Franco considera a saudade neste contexto particular: "Trata-se de uma saudade de raiz, radicalmente pessimista, que condena tudo o que terrenamente existe à impossibilidade de ser o que é. [...] Daí a insatisfação radical, com a ideia de que nascer é ficar fatalmente desterrado."[702] Nesse sentido, António Cândido Franco cita o poema «Rimance das Águas»[703], de *Manhã de Nevoeiro*: "A chuva lenta caía;/ E lentamente a cair,/ Fria, fria,/ Parecia já sentir/ Saudades donde caía."[704] Este mesmo 'estado de espírito' que Guilherme de Faria empresta à chuva, aparece em *Mais Poemas* emprestado a uma pedra – "pedra que choras, na rua,/ Tu choras, de além…"[705] –, como se de uma carência ontológica se tratasse, como se tudo – até mesmo a chuva ou uma pedra – pudesse lamentar a sua condição e desejar uma reintegração de natureza protológica e escatológica, em que o princípio de todos os seres coincide com o seu fim último.

E se em «Aos lenços» reconhecemos uma toada popular, que caracteriza muitas das composições de Guilherme de Faria, «Poema» evoca uma experiência partilhada com o amigo António Hartwich Nunes: "Ónio ouvia os gritos na azinhaga!/ Guilhe sentia os gritos na alameda!"[706] Essa experiência suscitou o poema de Guilherme de Faria e um curioso desenho de António Hartwich

[699] *Mais Poemas*, pp. 35-37; cf. Anexo 2, p. 91.
[700] *Id.*, *ibid.*, pp. 39-41; cf. Anexo 2, p. 92.
[701] *Id.*, *ibid.*, pp. 43-45; cf. Anexo 2, p. 93.
[702] António Cândido Franco, «Guilherme de Faria – Biografia poética», pp. 22-23.
[703] *Manhã de* Nevoeiro, pp. 51-52.
[704] *Id.*, *ibid.*, p. 51.
[705] *Mais Poemas*, p. 37.
[706] *Id.*, *ibid.*, p. 40.

Nunes, datado de Janeiro de 1923, com a legenda: "Eram sombras, aos gritos, na azinhaga!/ Eram sombras, aos gritos, na alameda!"[707]

A antepenúltima composição de *Mais Poemas*, também intitulada «Poema»[708], persiste na "paisagem aquática e lunar"[709] e introduz elementos passadistas que revelam um gosto incontido pelo medievalismo romântico, em que o poeta se projecta: "Sonham meus olhos, nómadas e tristes"[710].

Em «Sombra»[711], tal como em «Tragédia lirial», uma certa inconsistência do discurso desvela um imaginário simbolista frágil, a fragmentação inusitada de certas imagens, uma idêntica experiência de perda, o mesmo tom esmaecido em que as rosas aparecem esfolhadas e negros os lírios.

O livro termina com o «Poema de exaltação»[712], um canto sebastianista em que Guilherme de Faria se assume como monárquico, num discurso que nos ajuda a situá-lo na condição de reconhecido orador entre os jovens afectos ao Integralismo Lusitano. Assim o poeta anuncia: "No silêncio estelar da noite luarenta,/ Amanheceu a Voz azul e branca! [...] Vem dos longes de Alcácer?... – Nem eu sei!/ Mas diz, e canta, e grita, azul e branca:/ – Viva El Rei! Viva El Rei!"[713] A certa altura sente-se o entusiasmo do poeta: "Ó Moços! vós, também,/ Vinde ouvir, vinde sentir/ Aquela Voz que vem dos areais de Além,/ Dos longes brumosos de Alcácer-Quibir. [...] Vamos cantar, lutar,/ – Ó Moços! meus irmãos –/ Que El Rei há-de voltar!"[714] Em *Mais Poemas* aflora já uma indefinida esperança sebastianista.

---

[707] *Id.*, *ibid.*; cf. Anexo 1, p. 58.
[708] *Id.*, *ibid.*, pp. 47-50. «Poema» foi impresso em *Saudade Minha (poesias escolhidas)* com algumas alterações e com o título: «Sinfonia» (cf. SM[29], pp. 21-23; SM[08], pp. 28-29); cf. Anexo 2, pp. 94-95.
[709] *Id.*, *ibid.*, p. 48.
[710] *Id.*, *ibid.*, p. 50.
[711] *Id.*, *ibid.*, pp. 51-54; cf. Anexo 2, p. 96.
[712] *Id.*, *ibid.*, pp. 55-58; cf. Anexo 2, p. 97.
[713] *Id.*, *ibid.*, p. 56.
[714] *Id.*, *ibid.*, pp. 57-58.

A edição de *Mais Poemas* não tem muito a acrescentar à edição de *Poemas*, apresentada meio ano antes. Em certos aspectos, representa um empobrecimento do universo poético revelado no primeiro livro. Isto condiciona inevitavelmente o acolhimento de *Mais Poemas* por parte da imprensa, desta vez bem menos entusiasta[715].

Mais uma vez, é Joaquim Manso o primeiro a fazer referência à edição do novo livro de Guilherme de Faria, no *Diário de Lisboa*[716]. Um artigo publicado no *Correio da Manhã* repete as questões que a edição de *Poemas* já tinha suscitado:

> "Guilherme de Faria é ainda uma criança. A sua precocidade é notável, porque a técnica dos seus poemas desafia o confronto com a de muitos dos mais adestrados no lavor do verso. Evidentemente que revela, de vez em quando, influências e sugestões de leituras que o tivessem impressionado. Não admira, tratando-se, como se trata, de um espírito ainda em formação. Mas mesmo nessas composições em que se descortina influência estranha, até mesmo nessas, o poeta dá provas eloquentes da sua sensibilidade artística."[717]

E se João Ameal se refere, no *Primeiro de Janeiro*, a "uma série de trechos curiosamente musicados, cheios de nervosismo e de ascensão"[718], Câmara Lima, limita-se a transcrever o poema «Lírios de sangue»[719], acrescentado jocosamente no final: "Muito estimo as melhoras do enfermo e que isto não seja coisa de cuidado."[720]

---

[715] Entre Maio de 1922 e Agosto de 1923, encontrámos na imprensa 16 referências à edição de *Poemas* e apenas oito referências à edição de *Mais Poemas*.
[716] Joaquim Manso, *Diário de Lisboa*, 21 Nov. 1922.
[717] *Correio da Manhã*, 23 Nov. 1922
[718] João Ameal, *O Primeiro de Janeiro*, 12 Dez. 1922.
[719] *Mais Poemas*, pp. 27-29.
[720] Câmara Lima, *Correio da Manhã*, 11 Dez. 1922.

Numa crítica de circunstância, publicada nos *Ecos de Guimarães*, Guilherme de Faria é elogiado como sincero crente e exaltado patriota[721], mas tanto n'*O Dia* como no *Diário de Notícias*, são apontadas mais fragilidades do que louvores a este segundo livro de Guilherme de Faria. N'*O Dia*, João Claro considera pouco feliz a escolha do título e nem o reconhecimento das "acentuadas tendências coloristas" atenua a crítica a um 'pessoalismo', "cuja generalização vai entrando no domínio das coisas imitadas"[722]. No *Diário de Notícias* pode ler-se:

> "Este jovem poeta alcançou um grande triunfo com os seus primeiros poemas, publicados no ano passado. Os aplausos que então recebeu deslumbraram-no e teve o desejo, que bem se compreende, de publicar um novo volume. Este, porém, não tem nem a espontaneidade, nem a elevação do anterior. O poeta, apesar de se encontrar no princípio da mocidade, teima em se descrever um desiludido, um descrente de toda a possível ventura, cantando exclusivamente a dor. [...] Guilherme de Faria, espírito original e criador, prefere com exagero os metros desiguais e menos usados e repete, com estranha insistência, as rimas nas mesmas palavras, o que poderia dar a impressão de uma deplorável pobreza de estro, se não tivesse já dado provas tão raras do seu valor."[723]

Mais do que o tom jocoso de Câmara Lima, o que terá incomodado seriamente Guilherme de Faria é a denúncia de alguma ingenuidade ou imaturidade. Deslumbrado pelos aplausos que a edição de *Poemas* mereceu, o poeta apressou-se a publicar um segundo livro, a que falta, evidentemente, a espontaneidade do primeiro; por outro lado, Guilherme de Faria não vê aprovada a sua opção pelos metros desiguais e pelas rimas nas mesmas palavras, nem a sua persistência numa toada nocturna, lutuosa e elegíaca.

---

[721] Cf. *Ecos de Guimarães*, 06 Maio 1923.
[722] *O Dia*, 14 Mar. 1924.
[723] *Diário de Notícias*, 13 Ago. 1923.

É verdade que estas críticas perderiam alguma da sua pertinência se as 19 composições reunidas em *Poemas* e *Mais Poemas* tivessem sido apresentados num único volume. Também é verdade que, apesar destas críticas, Guilherme de Faria, com apenas 15 anos, tinha dois livros de poesia publicados, os quais foram, de um modo geral, bem acolhidos por uma imprensa que percebeu a sua extraordinária precocidade e permitiu que o jovem poeta fosse reconhecido e acolhido no meio literário que, entre 1923 e 1924, passou a frequentar, particularmente no contexto da Brasileira do Chiado.

3.3. *Sombra* | 1924

No dia 30 de Agosto de 1924, tinham passado quase dois anos sobre a publicação de *Mais Poemas*, Guilherme de Faria apresenta *Sombra*[724]. Trata-se de um livro com 48 páginas[725] e nove composições.

A edição de *Sombra* representa uma importante etapa no processo de amadurecimento da poesia de Guilherme de Faria. Mantendo as principais características que constituem o seu universo poético e que reconhecemos nos dois primeiros livros, Guilherme de Faria apresenta um conjunto de poemas muito interessantes, assinalados por uma reflexão mais consequente e profunda. A sinceridade dos seus poemas é agora intensamente testemunhada pela correspondência íntima.

O livro abre com «Sombra»[726], poema que nos possibilita uma perspectiva privilegiada do modo como Guilherme de Faria entendia e assumia a condição humana. Com efeito, prevalece o sentimento de que o desejo de viver esbarra com uma desoladora incapacidade de reter a vida no presente: "Quero viver! – E a vida vai passando/ Sem eu a ver passar"[727]. Esta é uma questão estrutural, com sérias implicações de natureza ontológica e existencial: Guilherme de Faria nunca se identificou consigo próprio, com a sua condição presente, com a sua vida concreta; habitou as projecções de um tempo mítico, passado ou futuro, brumoso como «O Encoberto»[728] de Afonso Lopes Vieira, idílico como a «Canção da Felicidade»[729] de António Nobre.

---

[724] "Acabou de se imprimir este livro aos trinta de Agosto de mil novecentos e vinte e quatro, nas Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional de Lisboa."
[725] Formato 120 x 180 mm. Cf. Anexo 1, p. 14.
[726] *Sombra*, pp. 9-13; cf. Anexo 2, pp. 99-100.
[727] *Id.*, *ibid.*, p. 9.
[728] Afonso Lopes Vieira, *Ilhas de Bruma*, Coimbra, F. França Amado, 1917, pp. 37-39
[729] António Nobre, *Só*, p.77-78.

Guilherme de Faria persistiu em ser o que não tinha sido e o que não chegou a ser: "Eu vivo, na tortura e na desgraça/ Eterna de *não ser*."[730] Desenganado, reconhece as decepções, admite que é inútil o empenho pessoal, arrepende-se de ter sido ingénuo, percebe que apenas entrevê a vida "através as ruínas da memória"[731]. O poeta sente-se só e escuta a voz de Deus: "O mal é a raiz que prende o homem à terra!/ A vida é maldição!"[732]

Há interrogações que Guilherme de Faria repetirá dolorosamente até ao dia em que pôs termo à sua vida: "Sinto-me triste. Mas, acaso, existe/ A dor que me tortura?/ E, se existe, meu Deus, em que consiste/ A minha desventura?"[733] Com efeito, em 1924, Guilherme de Faria sentia-se "Cansado de viver – sem nunca ter vivido"[734]: "Vai perdida nas brumas do passado,/ A sombra do meu ser…/ Vou passando, no mundo, abandonado,/ Sem jamais me poder compreender!"[735]

O segundo poema de *Sombra* – «Crepuscular»[736] – parte de uma composição de 1922, com o mesmo título, publicada em *Poemas*[737]. Encontramos a mesma paisagem brumosa e marítima, e a hora crepuscular: "Nesta hora, meu amor, eu sinto bem/ O teu olhar de além,/ Beijando com amor,/ Na tarde muda e calma,/ Penumbras ourescentes do sol-pôr,/ Doloridas paisagens da minha alma…"[738]

Em «Carta do meu amor»[739], Guilherme de Faria recupera o imaginário simbolista e decadentista de alguns poemas de 1922. Com efeito, as imagens, os recursos e os meios de que Guilherme de Faria dispõe em 1924 são significativamente diferentes dos que dispunha dois anos antes. Persiste um amor com-

[730] *Sombra*, p. 10.
[731] *Id.*, *ibid.*, p. 9.
[732] *Id.*, *ibid.*, p. 10.
[733] *Id.*, *ibid.*, p. 11.
[734] *Id.*, *ibid.*, p. 13.
[735] *Id.*, *ibid.* Reencontramos aqui os versos de *Poemas*: epígrafe (p. 7) e «Soneto» (p. 33).
[736] *Id.*, *ibid.*, pp. 15-16; cf. Anexo 2, p. 101.
[737] Cf. *Poemas*, pp. 17-20.
[738] *Sombra*, p. 16.
[739] *Id.*, *ibid.*, pp. 17-19; cf. Anexo 2, p. 102.

prazido na distância, enlevado na noite, redimido na morte: "E sinto a voz do mar./ E sinto, em meu olhar, bênçãos de Deus…// – Olha-me bem, meu bem! A luz do teu olhar,/ O teu olhar de amor – no meu olhar! – Adeus…"[740]

Guilherme de Faria, reflectindo sobre a temporalidade, em «Do tempo»[741], vai estabelecendo um modelo conceptual de amor saudoso e espiritualizado, no qual a figura de Emília Castro se tornará progressivamente mais definida: "Vai passando a sombria claridade/ Das tardes a morrer, brumosas e sem cor./ E sinto perpassar, nos longes da saudade,/ O vulto espiritual do meu Amor."[742]

Dedicado a Manuel de Castro, aparece em *Sombra* um dos poemas mais representativos da obra de Guilherme de Faria: «Eu»[743]. Trata-se de um poema em redondilha maior, em que a estrutura anafórica, as antíteses e a irregularidade estrófica acentuam a expressividade deste auto-retrato, exercício egótico, tanto mais perturbador quanto mais coerente com a vida e a morte do poeta.

"Eu não me lembro de mim.
Não me lembro de ninguém.
– Sou a lembrança de mim?
Sou a lembrança de alguém?
Sou uma sombra delida
Vivendo um sonho de vida?
Eu, afinal, o que sou?
Qual o caminho em que vou?
Meus passos onde vão dar?
Vou devagar? Vou depressa?
Vou depressa ou devagar?

[…]

[740] *Id.*, *ibid.*, p. 19.
[741] *Id.*, *ibid.*, pp. 21-22; cf. Anexo 2, p. 103.
[742] *Id.*, *ibid.*, p. 21.
[743] *Id.*, *ibid.*, pp. 23-26; SM[08], pp. 33-35.

Em sonho, fui luz de aurora,
No esplendor da Eternidade!
Mas, hoje, a minha alma chora,
No desterro da saudade…

E eu, afinal, o que sou?
Qual o caminho em que vou?

Sou noite? Sou alvorada?
Vou ascender ou cair?

– Eu, afinal, não sei nada,
Eu sei apenas sorrir…"[744]

Guilherme de Faria reconhece-se como uma lembrança de si próprio ou de outro; identifica-se com a sombra, mas em sonho foi luz da aurora; admite que nada lhe interessa e interroga-se acerca do caminho; o seu sorriso traduz a expressão triste de quem se sente no desterro da saudade.

Nos seus primeiros livros percebemos que estes versos estão iminentes: "E vendo, nos céus, a brilhar/ Os astros, fico a chorar,/ Como saudoso de mim"; mas temos que esperar pela edição de *Sombra* para reconhecermos que Guilherme de Faria é fundamentalmente um poeta saudoso de si próprio.

O sentimento de exílio, de desterro, associado a uma saudade marcadamente ontológica, tornar-se-á progressivamente mais presente na poesia de Guilherme de Faria. É o caso de «Trova»[745], em que se lê: "A vida passa por mim,/ E nem ao menos a vejo…/ Vaga lembrança de mim,/ Sombra morta dum desejo…"[746] E, a

[744] Aqui apresentamos a versão de «Eu» de acordo com as alterações manuscritas por Guilherme de Faria no exemplar que lhe pertenceu (cf. Anexo 2, pp. 104-107). Essas alterações mantiveram-se na edição da antologia (cf. SM[29], pp. 31-32; SM[08], pp. 33-35).
[745] *Sombra*, p. 27; cf. Anexo 2, p. 108.
[746] *Id.*, *ibid.*

outro passo: "Ando no mundo exilado"[747]. Guilherme de Faria enuncia pela primeira vez neste poema o *leitmotiv* do amor não correspondido: "Eu quero a quem não me quer"[748], que assumirá proporções trágicas na sua vida.

O poema que Guilherme de Faria dedica ao irmão que em 1923, com apenas 3 anos, fica cego – «A meu irmão Nuno»[749] –, é um bom exemplo do modo como o poeta tinha amadurecido e dos recursos que esse amadurecimento lhe possibilitou: "A luz do teu olhar anoiteceu…// Quando as nuvens, extensas e esmaiadas,/ Alagam todo o azul diáfano do céu,/ E há sombras a ondular, nocturnas, desoladas,/ A luz do teu olhar, na sombra, se perdeu!"[750] Lê-se no final deste notável poema: "Mas sinto, em mim, a eterna e fria Dor/ Que anoiteceu, no mundo, a luz do teu olhar/ E acendeu mais, em mim, a luz do teu Amor!"[751]

Na sua «Confissão»[752], com epígrafe de Antero de Quental – "Noite, vão para ti os meus pensamentos…" –, Guilherme de Faria evoca a noite: "Tu és a treva eterna e misteriosa,/ E eu sou a luz jamais amanhecida,/ Sombra de horror, sonâmbula e saudosa/ Da luz duma outra vida."[753] Torna-se assim consistente a consciência duma vida por realizar: "– És a irmã da minha alma, ó pobre, erma roseira/ Que Deus soube criar, mas não deixou florir!"[754] Guilherme de Faria é, então, capaz de uma descrição perturbadoramente precisa de si próprio, da sua condição: "Ser a névoa dum sonho, a errar, longe de tudo…/ Ser a voz da oração, a ânsia dum voo…/ – Mas eu quero viver, quero ser tudo!/ Só não quero, Senhor!, ser o que sou!"[755] O suicídio de Guilherme de Faria é o resultado natural deste sentimento de desajuste ontológico, agravado por disfunções e circunstâncias. Teixeira de Pascoaes escreveu em *Regresso ao Paraíso*: "A esperança é a

---

[747] *Id.*, *ibid.*
[748] *Id.*, *ibid.*
[749] *Id.*, *ibid.*, pp. 29-30; SM[08], p. 36; cf. Anexo 2, pp. 109-110.
[750] *Id.*, *ibid.*, p. 29.
[751] *Id.*, *ibid.*, p. 30.
[752] *Id.*, *ibid.*, pp. 31-34; SM[08], pp. 37-38; cf. Anexo 2, pp. 111-113.
[753] *Id.*, *ibid.*, p. 31.
[754] *Id.*, *ibid.*, p. 32.
[755] *Id.*, *ibid.*, p. 34.

saudade do futuro,/ A saudade é a esperança do passado..."[756] Neste idêntico processo de entendimento da condição temporal, Guilherme de Faria negou a sua condição presente, porque nela não identificou esse outro 'eu' projectado na esperança do passado e na saudade do futuro.

O terceiro livro de Guilherme de Faria termina com um poema dedicado a Luís de Almeida Braga: «Nocturno»[757]. Persistem a noite, as sombras, os lírios… O conhecimento das circunstâncias do suicídio do poeta, em 1929, torna perturbadora a leitura destes versos premonitórios de 1924: "A minha alma – noite morta –/ Crucificada nas ondas,/ Morreu nas ondas do Mar…"[758]

Nas cartas que Guilherme de Faria escreveu a Manuel de Castro no Verão de 1924, encontrámos algumas referências à edição de *Sombra*, que o poeta considera o seu "mal-aventurado livro"[759]. Mas é em *Sombra* que Guilherme de Faria se afirma como poeta, superando as fragilidades mais evidentes dos dois primeiros livros e dando consistência ao seu universo poético. Ainda assim, escreve a Manuel de Castro:

> "O meu livro está, a bem dizer, pronto, e eu estou cada vez mais arrependido de o publicar. Cada vez me parecem piores os meus versos. Tenho movimentos de cólera e revolta contra a minha inconsciência (porventura vaidade?): é ela que me leva a comprometer o meu nome, publicando livros desastrados. Suponho-me um homem perdido nesta feira de intrigas e vaidades que é o mundo em que vivemos. Se é certo que fui um *menino-prodígio*, é também certo que, todos os dias, vou deixando de o ser, sendo como homem desmedidamente imbecil. Vexa-me e tortura-me a esterilidade do meu viver. E se me quedo, às vezes, a cismar, são aéreos e vãos meus pensamentos. Nada há em mim. São inexplicáveis quase todas as minhas acções. Aos meus próprios olhos a minha vida aparece

[756] Teixeira de Pascoaes, *Regresso ao Paraíso*, Lisboa, Livraria Bertrand, s.d., p. 121.
[757] *Sombra*, pp. 35-38; cf. Anexo 2, pp. 114-115.
[758] *Id.*, *ibid.*, p. 38.
[759] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 10 Ago. 1924.

> confusa e misteriosa. Sou um homem meão de estatura: sou em todo o sentido meão de estatura."[760]

Percebemos, pelo conteúdo desta carta, que Guilherme de Faria não terá divulgado este livro com o entusiasmo com que divulgou os anteriores. Mais uma vez é Joaquim Manso que escreve um apontamento sobre a edição de *Sombra* no *Diário de Lisboa*: "Guilherme de Faria, no seu novo livro – *Sombra*, que marca um largo avanço sobre os seus primeiros versos –, mostra-nos que a sua inspiração continua percorrendo, infatigavelmente, o seu ciclo de tristezas, se bem que uma nota de mais funda sinceridade acompanhe agora as suas confidências."[761]

No dia 30 de Outubro, são transcritos no *Diário de Lisboa* os poemas «Sombra», «Crepuscular» e «Carta do meu amor». No dia 10 de Novembro, num tom coloquial carregado de diminutivos, Maria de Carvalho elogia as qualidades técnicas de composição de Guilherme de Faria e congratula-se com a ausência de sonetos – "o que nos repousa, tão numerosos sonetos aparecem na literatura actual"[762].

No princípio de Dezembro, no *Correio da Noite*, é publicada uma recensão que reflecte sobre o pessimismo e o desalento que assomam nos poemas de *Sombra*: "Este novo livro, muito superior a todos os outros de Guilherme de Faria, contém belezas através de todo o seu pessimismo dissolvente"[763].

Mas nenhuma recensão foi tão entusiasta como a que Eduardo Brasão publicou no *Diário de Lisboa*, no dia 9 de Fevereiro de 1925:

> "*Sombra* é uma legítima e verdadeira consagração de Guilherme de Faria, [...] que é o orgulho da minha geração, o grande poeta do futuro, sendo já o do pre-

[760] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 21 Ago. 1924.
[761] Joaquim Manso, *Diário de Lisboa*, 16 Out. 1924.
[762] Maria de Carvalho, *Correio da Manhã*, 10 Nov. 1924.
[763] *Correio da Noite*, 2 Dez. 1924.

> sente! *Sombra* não é um livro, é a alma do poeta [...]. Guilherme de Faria que já nos seus livros anteriores nos tinha mostrado as brilhantes e inúmeras facetas do seu talento, na *Sombra* traça-nos mais viva e filosoficamente a sua grande alma, alma e talento demasiados para uns 17 anos! [...] A poesia «Eu» consagra-o; nada há no género, nada há nestes últimos tempos que se compare em técnica perfeita, em sentimento profundo e em filosofia inigualável. [...] E ao reler a *Sombra* eu penso para comigo: o que escreveriam os críticos, o que diria o público, se estes versos em vez de serem assinados por Guilherme de Faria, viessem intercalados na obra dos maiores vultos da nossa poesia?"[764]

Importa referir que, em meados de 1924, ainda com 16 anos, Guilherme de Faria contactou pessoalmente com Raul Brandão, Teixeira de Pascoaes, Afonso Lopes Vieira, António Correia d'Oliveira, Jaime Cortesão, Raul Proença ou Mário Beirão; enquanto preparava a edição de *Sombra*, publicou a *Elegia do Amor* de Teixeira de Pascoaes e deixou um epistolário impressionante, que ilumina e se deixa iluminar por uma poesia que, não raras vezes, se despega das suas circunstâncias, das fragilidades próprias dos escritos de juvenília, e nos revela um 'rapaz raro' em que a vida e a obra se tornam dimensões complementares e inseparáveis.

Com apenas 16 anos e três livros de poesia publicados, Guilherme de Faria assume intensamente a tradição lírica e elegíaca da poesia portuguesa, e interpreta a realidade através de um sentimento saudoso evasivo e triste, do qual emerge uma incontida saudade de si próprio.

[764] Eduardo Brasão, *Diário de Lisboa*, 9 Fev. 1925.

3.4. *Saudade Minha* | 1926

No dia 7 de Maio de 1926, tinham passado quase dois anos sobre a publicação de *Sombra*, Guilherme de Faria apresenta *Saudade Minha*[765]. Trata-se de um livro com 92 páginas[766] e 22 poemas apresentados em quatro partes: «Sombras d'Amor», «Vida escura», «Saudade Minha» e «Redenção». Guilherme de Faria utiliza na capa desta edição, pela primeira vez, a 'flor da saudade', *ex-libris* desenhado por Emília Castro[767].

Duas epígrafes introduzem a poesia de *Saudade Minha*: um verso de Guilherme de Faria – "Amor que, antes de o ser, se fez saudade!"[768] – e outro de Frei Agostinho da Cruz: "Ah, Saudade minha, luz divina!"

Este quarto livro, tal como tinha acontecido com *Sombra*, representa um significativo amadurecimento da poesia de Guilherme de Faria. Com 18 anos, em *Saudade Minha*, Guilherme de Faria define claramente as estruturas semânticas e sistematiza as áreas temáticas do seu universo poético. Afasta-se progressivamente do imaginário simbolista e decadentista e afirma-se claramente no contexto da poesia neo-romântica lusitanista.

Em «Exaltação»[769] reaparece a apatia e o cansaço existencial que o epistolário do poeta exaustivamente testemunha. Numa carta de 1924, Guilherme de Faria

---

[765] "Acabou-se de imprimir este livro, aos sete de Maio de mil novecentos e vinte e seis, na Tipografia de Alfredo Torres, ao Largo do Terreirinho, 35, em Lisboa."
[766] Formato 120 x 180 mm. Cf. Anexo 1, p. 16.
[767] Recordamos que foi numa carta de 3 de Janeiro de 1926 que Guilherme de Faria, em *postscriptum*, pede a Manuel de Castro: "E eu, como estás aí no campo, peço-te que procures uma flor chamada 'Saudade' e que a desenhes ou peças à Emilinha o enorme favor de a desenhar, com o seu talento. Se ela algum dia se dispuser a fazer a capa do meu futuro livro, que faça um friso de 'saudades' estilizadas, ou de qualquer forma, que eu muito, e muito e muito lhe agradeço!" Com efeito, o livro *Saudade Minha*, impresso no dia 7 de Maio de 1926, tem na capa a 'flor da saudade' que passa então a ser o *ex-libris* do poeta, presente nas capas dos seus livros e no seu jazigo, no Cemitério dos Prazeres.
[768] Trata-se de um verso de «A carta do mar» (cf. *Poemas*, p. 28; SM[08], p. 24).
[769] *Saudade Minha*, pp. 11-13; SM[08], pp. 39-40.

escrevia a Manuel de Castro: "Queria reagir de qualquer maneira. Mas estou contaminado de apatia, terrível doença comum. Sou um ocioso, vivo cansadíssimo."[770] Neste poema de 1926 pode ler-se: "Nestas horas de apática indolência,/ Cansado de viver, esqueço a vida"[771].

Em *Saudade Minha*, Guilherme de Faria colige fragmentos para uma definição pessoal de saudade – "bênção de Deus, que exalta e que redime"[772] – e dá-lhe uma certa fisionomia onírica e fantasmática: "E, altas horas da noite, quando cismo,/ Longe de mim, na minha solidão,/ Vejo surgir, da sombra em que me abismo,/ A tua graça ideal de Aparição."[773] Guilherme de Faria dialoga com a saudade e assume a sua presença entre o princípio – "Vejo, no teu olhar, a luz anoitecida/ Na sombra do meu berço!"[774] – e o fim do caminho:

> "Quem és, Visão de há tanto amada e pressentida,
> Como um astro, sorrindo à minha escura sorte?
> – És, num sonho de amor, a eterna luz da vida;
> És a vida que vai, sonhando, para a morte."[775]

Percebemos, em *Saudade Minha*, que esse 'outro' de que o poeta sente saudade e que é ele próprio, mas não na sua condição presente, aproxima-se da formulação de Mário de Sá-Carneiro: "Eu não sou eu nem sou o outro,/ Sou qualquer coisa de intermédio:/ Pilar da ponte de tédio/ Que vai de mim para o Outro."[776] Em «Exaltação», Guilherme de Faria escreve: "absorto num outro que já fui"[777]; e em «Saudade»[778]: "Senhor! eu não sou eu, sou a lembrança/ Dum

[770] *Id.*, carta a Manuel de Castro, 21 Ago. 1924.
[771] *Saudade Minha*, p. 11.
[772] *Id.*, *ibid.*, p. 13.
[773] *Id.*, *ibid.*, p. 12.
[774] *Id.*, *ibid.*
[775] *Id.*, *ibid.*, p. 13.
[776] Mário de Sá-Carneiro, *Poemas Completos*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1996, p. 80.
[777] *Saudade Minha*, p. 11.
[778] *Id.*, *ibid.*, pp. 15-18; SM[08], pp. 47-48.

outro que não fui, mas sonhei ser"[779]. Na verdade, Guilherme de Faria não é ele próprio nem o outro, a incompatibilidade entre o 'eu-real' e o 'eu-ideal' é de natureza ontológica e temporal.

Percebe-se que o sentimento por Emília Castro aflora em poemas em que Guilherme de Faria associa, em idílio, a formosura da amada, o amor espiritualizado, a ausência ou a distância que a saudade interpreta e a esperança redime. Encontramos este *leitmotiv* em poemas como «Maria»[780], «Êxtase»[781], ou «Trova»[782].

Mas, tal como no epistolário, fruto da sua bipolaridade, a uma melancolia suave, própria de um certo comprazimento saudoso dos poetas líricos, sucede o desengano, a omnipresença da morte, num tom elegíaco – como em «Velha cantiga»[783]: "Apenas, saudoso, encaro/ A noite imensa da morte…"[784] – e progressivamente mais sombrio, como em «Desencanto»[785] – "Tu não existes, meu amor… Na vida,/ Onde passei inutilmente a amar,/ Toda a ilusão é morta e desmentida…"[786] – ou em «De noite»[787]:

> "Não sonhes mais de amor…
> Deixa os astros, na sombra, a cintilar,
> Que, para nós, é vão o seu fulgor,
> E deixa de sonhar.
>
> Adormece, não queiras mais sonhar;
> Fecha os olhos, amor… A vida é assim…

[779] *Id.*, *ibid.*, p. 15.
[780] *Id.*, *ibid.*, pp. 19-20; cf. Anexo 2, p. 117.
[781] *Id.*, *ibid.*, pp. 21-22; cf. Anexo 2, p. 118.
[782] *Id.*, *ibid.*, p. 23; cf. Anexo 2, p. 119.
[783] *Id.*, *ibid.*, pp. 25-26; cf. Anexo 2, p. 120.
[784] *Id.*, *ibid.*, p. 26.
[785] *Id.*, *ibid.*, pp. 27-29; cf. Anexo 2, p. 121.
[786] *Id.*, *ibid.*, p. 28.
[787] *Id.*, *ibid.*, pp. 31-32; SM[08], p. 49.

Deixa as sombras e os astros divagar,
E esquece-te de mim!

A vida não é um sonho de ansiedade
Inútil de sofrer,
Que, para além da vida, há uma verdade
– E temos de morrer!

[…]

Não desejes o sol que reverbera:
– Olha, no poente, a fulva luz da aurora…
E fiquemos assim, eternamente à espera
Da morte redentora!"[788]

Persistem, na poesia de Guilherme de Faria, breves alusões ao amor sensual: "Ah, se a tua alma é estranha e dolorosa,/ Quero o teu corpo voluptuoso e lindo!// A minha febre só a carne acalma."[789] Mas, no final, na poesia como na vida, predomina um desolador desengano e conformismo, como em «Não vale a pena»[790]: "Viver na febre intensa dos desejos/ E sonhos da luxúria, que envenena/ As almas, ao calor de falsos beijos,/ – Não vale a pena…" Este desengano era, frequentemente, agravado pelo conflito entre a pulsão sexual e o escrúpulo.

Na poesia de Guilherme de Faria, persiste a noite – como em «Canção»[791], «Vida escura»[792] ou «Nocturno»[793] –, por vezes iluminada por uma vaga esperança. Um sentimento amoroso ingénuo em toada popular, o sonho, a solidão,

[788] *Id.*, *ibid.*
[789] *Id.*, *ibid.*, p. 29.
[790] *Id.*, *ibid.*, 49-50; SM[08], p. 58.
[791] *Id.*, *ibid.*, pp. 33-34; SM[08], p. 50.
[792] *Id.*, *ibid.*, pp. 37-39; SM[08], p. 53.
[793] *Id.*, *ibid.*, pp. 71-74; SM[08], pp. 71-72.

as sombras e o desencanto povoam poemas como «Destino»[794], «A uma mulher»[795], «Canção»[796], «A uma fonte»[797], «Cantiga»[798] ou «Eternidade»[799]. Encontramos uma ou outra composição claramente descontextualizada, como é o caso de «Balada do fim do mundo»[800].

Porventura, «Não vale a pena» é o poema que melhor ilustra o estado de espírito de Guilherme de Faria em 1926. Com efeito, não são apenas os "sonhos da luxúria" ou a "febre intensa dos desejos" que não valem a pena; para Guilherme de Faria, nem o "fogo ardente/ Da mais alta ambição", nem viver "cantando, d'alma leda e pura", nem sequer viver para o seu amor, "Vida e Doçura! –/ Doce mulher cheia de graça, plena/ Do mais divino amor e formosura"… nada vale a pena. Guilherme de Faria, agastado pela neurastenia, sente-se muitas vezes incapaz de reagir e conforma-se com o sentimento de que nada realmente importa.

Dois poemas – «Oração»[801] e «Redenção»[802] – retomam a temática religiosa, de um modo mais autêntico do que nos livros anteriores e possibilitam esta expressão comovida:

"Sonha! vive do amor que pressentiste

---

[794] *Id.*, *ibid.*, 45-46; SM[08], p. 56.
[795] *Id.*, *ibid.*, 47-48; SM[08], p. 57.
[796] *Id.*, *ibid.*, 55-57; SM[08], pp. 63-64.
[797] *Id.*, *ibid.*, 59-63; SM[08], pp. 65-67.
[798] *Id.*, *ibid.*, 65-67; SM[08], pp. 68-69.
[799] *Id.*, *ibid.*, 69-70; SM[08], p. 70.
[800] *Id.*, *ibid.*, pp. 41-44; SM[08], pp. 54-55. Sobre este poema é interessante o testemunho de João da Câmara, em 1964, no programa de David Mourão Ferreira – «Hospital das Letras» –, na RTP: "A «Balada do fim do mundo» foi escrita numa tarde de Verão. O céu aparecera, de repente, intensamente vermelho. Parecia que um fogo imenso se encaminhava para a Terra. Alguém, perto de nós, gritou: 'Vai acabar o mundo!' Estávamos, nessa altura, no Chiado. O Guilherme, possuído de uma exaltação que até aí nunca lhe conhecera, disse-me apenas: 'Vem comigo!' E desatou a correr como um louco a caminho de casa, que era na Rua da Horta Seca. Segui-o, claro, e ambos subimos a quatro e quatro os degraus da escada até ao segundo andar. Sentado à secretária, ofegante, o Guilherme lançou ao papel, sem hesitações nem emendas a «Balada do fim do mundo»."
[801] *Id.*, *ibid.*, pp. 51-52; SM[08], p. 59.
[802] *Id.*, *ibid.*, pp. 83-84; SM[08], p. 81.

Sorrindo à imperfeição de que descende
A dor do meu viver e, em mim, ascende
A fé do eterno bem que em Deus existe!

– Porque essa luz divina que entrevejo
No céu que, para além desta amargura,
Eu pressinto, e que surge ao meu desejo

Como bênção de Deus – no seu esplendor
Que é um sorriso de encanto e de ternura,
Só pode ser, Amor, o teu amor!"[803]

Com efeito, a verdade da relação de Guilherme de Faria com Deus assenta, fundamentalmente, na ideia da redenção. Talvez a sua fé não fosse tão débil como pensava Joaquim Paço d'Arcos[804]; talvez diante de uma vida que não reconhecia como sua e que suportava como um exílio, Guilherme de Faria só pudesse desejar a morte e esperar o perdão de Deus. Na verdade, tendo em consideração a sua vida e a sua poesia, o suicídio de Guilherme de Faria não é apenas um sintoma de resignação, mas também uma poderosa expressão de fé na misericórdia de Deus e um profundo desejo de redenção:

"E quando a vida escura e dolorosa
Passar, desfeita em névoas de ilusão,
Na hora fatal da morte misteriosa,

– Oh piedosa e sagrada Aparição! –
Doira a minha alma com a luz radiosa

[803] *Id.*, *ibid.*
[804] Cf. Joaquim Paço d'Arcos, *op. cit.*, p. 364.

Do teu olhar de bênção e perdão!"[805]

Em última análise, como se depreende em «Elegia»[806], é a "infinita desgraça" de ter nascido e o pressentimento da morte que incendeiam no poeta as saudades do Céu.

Em Janeiro de 1929, espalhou-se o boato que dizia que o amor de Guilherme de Faria por Emília Castro tinha sido o motivo do seu suicídio, mas há poemas em que sentimos que foi esse amor que o manteve vivo por mais alguns anos:

"E assim eu vivo de amar-te,
E é tudo um deslumbramento!
Sonho ver em toda a parte,
A luz duns olhos imersos
Em saudade e sentimento
Que são a alma dos meus versos…

Olhos de amor, rasos de água
E de amorosa tristura
Pela minha desventura,
[…]
E assim eu vivo, e me iludo!

– Mas que me importam as penas
De amor, que me tornam louco
– Se a vida é tudo, e só tudo,
O que, nas horas serenas,
Nos parece ser tão pouco?..."[807]

[805] *Saudade Minha*, p. 52.
[806] *Id.*, *ibid.*, pp. 75-79; SM[08], pp. 73-75.
[807] *Id.*, *ibid.*, pp. 78-79.

Na imprensa, sem surpresas, aparece a notícia da edição de *Saudade Minha*, seja na província – como n'*O Povo de Angeja*[808] – ou na capital, como no *Diário de Lisboa*[809], pela mão de Joaquim Manso.

Alberto de Cabedo, na *Acção Realista*, escreve sobre o livro de Guilherme de Faria nestes termos: "é uma saudade imensa, é o sentimento de uma alma de verdadeiro poeta, a reviver através desses versos, admiráveis de harmonia."[810] Para Alberto de Cabedo, *Saudade Minha* constitui "uma prova, uma afirmação certa dessa alma profundamente poética, sentimentalista e sonhadora" de Guilherme de Faria, que bebe "nas fontes onde a água é pura, e não naquelas em que o limo escorregadio e verde da fatuidade moderna pretende refrescar-se."

No *Comércio do Porto*, Eduardo Salgueiro refere-se elogiosamente a *Saudade Minha*: "inspiração fecunda e boas imagens, aqui e além nimbadas ora pelo saudosismo de Pascoaes ora pelo negro desalento do pessimismo de Antero."[811] Este artigo apresenta a questão do primeiro título que Anrique Paço d'Arcos escolhera para *Mors-Amor*[812]. Eduardo Salgueiro narra o episódio nestes termos:

> "Há talvez mais de seis meses, o poeta Anrique Paço d'Arcos, em palestra amiga, deu-nos a boa nova de que tinha pronto um novo trabalho, a que dera o título de *Saudade Minha*, título colhido, segundo sua própria confissão, no verso de Frei Agostinho, 'Ah, saudade minha, luz divina!', com o qual abriria a primeira folha do seu livro, porque todo ele havia sido escrito sob aquele estado de alma, segundo nos fora permitido constatar pela rápida leitura de alguns versos.

[808] *O Povo de Angeja*, 15 Jul. 1926.
[809] *Diário de Lisboa*, 3 Jun. 1926.
[810] Alberto de Cabedo, *Acção Realista*, 7 Jun. 1926.
[811] Eduardo Salgueiro, *Comércio do Porto*, 8 Jun. 1926.
[812] "Chamava-se inicialmente *Saudade Minha*. Qual não foi o meu espanto e desgosto quando, ao descer uma noite o Chiado, vejo na montra da Bertrand o livro *Saudade Minha* do Guilherme de Faria" (Anrique Paço d'Arcos, «Voz nua e descoberta», p. 267).

> Hoje, o talentoso autor de *Sombra* publica um volume com o mesmo título e abre o texto com o mesmo verso que o brilhantíssimo autor da *Divina Tristeza* escolhera para o volume que tencionava publicar no inverno próximo.
> Mera coincidência, ou quê?"

Guilherme de Faria reagiu apressadamente à suspeita implícita neste artigo, escrevendo para o *Comércio do Porto* no sentido de clarificar esta situação:

> "O caso a que alude, de o Sr. Anrique Paço d'Arcos pensar, há já seis meses, na publicação duma obra com o título do meu último livro, obriga-me a fazer-lhe meia dúzia de necessárias explicações: o Sr. Anrique Paço d'Arcos manteve, durante largo tempo, as mais afectuosas relações de estreita camaradagem comigo; mas a partir do meu rompimento, há muitos meses, com o Sr. Teixeira de Pascoaes, essas relações, pela parte do Sr. Paço d'Arcos, foram esfriando pouco a pouco, até ao rompimento [...]. Por tudo isso, vê V. Ex.ª não haver possibilidade de sugestão do Sr. Anrique Paço d'Arcos na minha escolha de 'Saudade Minha' para título do meu livro. [...] Era, de resto, velha tenção minha, e já há muito conhecida de vários amigos meus, como D. Manuel de Castro, Alberto de Cabedo ou António Pedro, pelo menos, dar a este meu livro o título que dei e que não é um título de acaso, mas o único que o sentido e a verdade dos meus versos exigiam e comportavam. A citação do admirável Frei Agostinho da Cruz está perfeitamente nos meus casos: ampliando divinamente o sentido amoroso do verso meu que a precede[813], é a pura síntese do meu livro."[814]

No final de Junho, no *Diário de Lisboa*, encontramos um extenso artigo de Eduardo Brasão, onde se reproduzem dois poemas de *Saudade Minha* e onde se lê:

[813] "Amor que, antes de o ser, se fez saudade!" (*Poemas*, p. 28; SM[08], p. 24).
[814] Guilherme de Faria, carta a Eduardo Salgueiro, 13 Jun. 1926.

"'Temos enfim um grande poeta!' disse um dia Oliveira Martins ao escrever a António Nobre, felicitando-o entusiasmado pelo seu livro *Só*. 'Temos enfim um grande poeta!' diria hoje também Oliveira Martins se pudesse ler o último livro de Guilherme de Faria – *Saudade Minha*. [...]

Na *Saudade Minha* nós pressentimos, através da melopeia lírica de algumas das suas redondilhas, a voz distante de Gil Vicente e de Camões. Através os seus versos apaixonados, cheios de Amor, quantas vezes não passou por nós a sombra de Crisfal? Através os seus versos místicos, que se elevam como uma prece para Deus, quantas vezes não vimos o sorrir bondoso de Frei Agostinho da Cruz? *Saudade Minha* é um livro que rescende ao passado, passado esse que foi esquecido por muitos, mas que Guilherme de Faria vem relembrar nas suas maravilhosas redondilhas, nos seus versos apaixonados, nas suas preces [...].

Ele é o poeta do amor – mas, como tal, não macula os seus versos o tom a pastiche oleosa e piegas de quase todos os poetas amorosos e, bem pelo contrário, há em todas as suas poesias alta expressão lírica, humaníssima e sempre varonil. [...]

Assim, na *Saudade Minha* entrevemos e vivemos até todo o glorioso esplendor da redenção duma alma que sabe amar e que é dum poeta e dum português – 'pela graça imortal do sentimento'. Sim! Porque Guilherme de Faria é, no meio da burlesca confusão e incompreensível inconsciência dos nossos dias, um poeta lusitaníssimo: em pleno século XX, é na sua obra de hoje, neste grande livro de verdadeira poesia, que vamos encontrar o puro sentido e a plena revivescência da verdadeira poesia portuguesa, de Camões, de Gil Vicente, de Frei Agostinho da Cruz e de Crisfal."[815]

Num tom menos entusiasmado, Álvaro Maia escreve sobre *Saudade Minha* na *Ilustração*, chamando a atenção para o suave lirismo e sincera melancolia que se escutam na poesia de Guilherme de Faria: "As líricas de que se compõe ressumbram uma tristeza tão despida de artifício que, francamente, a análise

[815] Eduardo Brasão Filho, *Diário de Lisboa*, 23 Jun. 1926.

crítica se recusa a intervir."[816] Pode ainda ler-se neste artigo de Álvaro Maia: "Quero acreditar que Guilherme de Faria tenha passado para o papel a asa de melancolia que se agita no seu sonho, desprezando a obediência a sosismos que já passaram de moda. Quero mesmo crer que a doce tristeza de Bernardim tenha encontrado ecos sonoros no seu espírito…"

[816] Álvaro Maia, *Ilustração*, 1 Ago. 1926.

3.5. *Destino* | 1927

No dia 7 de Janeiro de 1927, Guilherme de Faria publica *Destino*[817]. Trata-se de um livro com 96 páginas[818] e 19 poemas apresentados em cinco partes: «Menina e moça», «Carta a uma estrangeira», «Saudades de Portugal», «Alma triste» e «Eternidade».

Para a epígrafe de *Destino*, Guilherme de Faria escolheu os versos de Crisfal: "Sempre será meu amor/ Como a sombra, enquanto eu for:/ Quanto vai sendo mais tarde,/ Tanto vai sendo maior." Nesta toada principia este livro, na sequência de *Saudade Minha*, com cantigas e vilancetes, expressivas reminiscências dos Cancioneiros.

Guilherme de Faria revelou, desde a edição de *Poemas*, um lirismo impregnado de tristeza, assinalado por uma morbidez de inspiração simbolista e por uma imagética outonal, crepuscular e marítima; introduziu nos seus poemas fragmentos do imaginário poético de Antero de Quental, Gomes Leal, Cesário Verde, António Nobre, Camilo Pessanha, Eugénio de Castro; escolheu um tom elegíaco e nocturno para a sua poesia, habitada pela saudade na sua expressão ontológica e soteriológica, e coloriu a sua obra com um sebastianismo de inspiração integralista. Em *Destino*, Guilherme de Faria – íntimo de saudosistas e modernistas –, assume plenamente uma expressão neo-romântica lusitanista, mais próximo de Afonso Lopes Vieira e António Correia d'Oliveira, um lirismo de matiz quinhentista, inspirado no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, e a condição de 'trovador'.

Assim se explica que em «Cântico»[819], num livro publicado em 1927 por um poeta de 19 anos, se possa ler: "Não entendeis meu amor,/ E só por vós, vida

[817] "Acabou-se de imprimir este livro, aos sete de Janeiro de mil novecentos e vinte e sete, nas oficinas gráficas da Biblioteca Nacional de Lisboa."
[818] Formato 120 x 175 mm. Cf. Anexo 1, p. 17.
[819] *Destino*, pp. 11-14; SM[08], pp. 89-91.

minha,/ Não vai minha alma sozinha/ Pelo mundo, em sua dor."[820] O mesmo tom persiste na «Canção das lembranças de amor»[821] ou na «Cantiga da saudade»[822], onde se lê: "E, no silêncio profundo,/ Sobem ao céu minhas trovas/ E a tudo eu falo, na dor/ Desta ausência, à noite, ao mundo,/ Aos astros e seu esplendor:/ – Dizei-me se sabeis novas,/ Ai novas do meu Amor?"[823]

Tal como em *Saudade Minha*, encontramos em *Destino* um amor condescendente com a ausência e a distância, comprazido na saudade, que se exprime numa vaga esperança, como em «Carta perdida»[824], ou «Cantiga»[825]:

> "*Olhos que me olhais a mim,*
> *Que me estais enlouquecendo*
> *De amor por vós, em vos vendo...*
>
> Nos longes tempos em que era
> Ainda moço e menino,
> Tive um sonho peregrino;
> E, na graça de quimera
> Desse sonho que eu criara,
> Corria-me a infância assim
> Leda como vós, e clara,
> *Olhos que me olhais a mim.*
>
> Era-me a vida suave
> E tão formosa a sonhava
> Que, nem por sombras, cuidava
> Que em seu bem fosse mudave;

[820] *Id.*, *ibid.*, p. 11.
[821] *Id.*, *ibid.*, pp. 15-17; SM[08], pp. 92-93.
[822] *Id.*, *ibid.*, pp. 19-20; SM[08], pp. 94.
[823] *Id.*, *ibid.*, p. 20.
[824] *Id.*, *ibid.*, pp. 21-23; SM[08], pp. 95-96.
[825] *Id.*, *ibid.*, pp. 25-27; SM[08], pp. 97-98.

E via em tudo a luz pura
Que eu sonhava e que era assim
Como a luz que em vós fulgura
Olhos que me olhais a mim.

Mas, depois… depois – nem sei!
Com o tempo os sonhos voaram
E sozinho me deixaram!
Quando, sozinho, acordei,
Só, de longe, na lembrança,
Uma luz brilhava assim
Como em vós, de pura esperança,
Olhos que me olhais a mim.

Só quando vi, com espanto,
Nos vossos olhos, Senhora,
A luz do sonho de outrora,
Que eu amara tanto e tanto,
Entendi o meu amor
Que por vós era sem fim,
E é maior, sempre maior,
Pois que me olhastes a mim." [826]

Em «Olhos cegos»[827], ou em «Canção»[828], encontramos o mesmo *leitmotiv*, a mesma tendência para a melopeia, para a lírica de inspiração medieval e renascentista, para o espasmo amoroso e para uma saudade trágica, inusitada. Nesse sentido, o poema «Última graça»[829] pode ser interpretado como um presságio:

[826] *Id.*, *ibid.*
[827] *Id.*, *ibid.*, pp. 29-31; SM[08], p. 99.
[828] *Id.*, *ibid.*, pp. 33-35; SM[08], pp. 100-101.
[829] *Id.*, *ibid.*, pp. 37-38; SM[08], p. 102.

"E oh pura graça da minha alma triste,
Oh sempre amada e linda, se eu morrer
Longe, lembra a paixão que sempre viste,
Por ti, nestes meus olhos, a esplender.

E vai, lembrança enternecida e bela,
Vai e procura pelo céu ideal
O lume brando duma nova estrela
Alvorecendo sobre Portugal…"[830]

Passados mais de 80 anos sobre o suicídio de Guilherme de Faria, podemos imaginar o modo como, nesse contexto, Emília Castro terá lido este poema ou «Carta a uma estrangeira»[831], onde se escuta a profissão de fé num amor que se tornara para Guilherme de Faria uma obsessão poética, configuradora da própria condição de poeta romântico:

"Pois não entendereis esta alma inquieta,
Que eu, por graça de Deus, sou Português:
Vendo este céu, senti-me logo poeta
E, toda a vida, amei uma só vez.

Amei a flor mais nobre desta Raça
– Menina e Moça, um dia, aparecida,
Por milagre de Deus, cheia de graça,
A abençoar de amor a minha vida.

E assim eu vivo a amá-la; e é clara e linda

[830] *Id.*, *ibid.*, p. 38.
[831] *Id.*, *ibid.*, pp. 41-44; SM[08], pp. 105-106. Poema com epígrafe de Camilo Pessanha: "Eu sou estrangeiro!"

A minha vida, à luz do seu amor;
E amando-a sempre, amá-la mais ainda
É o meu ideal de perfeição maior."[832]

Estamos, evidentemente, muito próximos da formulação de António Nobre, em «Viagens na minha terra»: "Meu pobre Infante, em que cismavas/ Porque é que os olhos profundavas/ No Céu sem par do teu País?/ Ias, talvez, moço troveiro,/ A cismar num amor primeiro:/ Por primeiro, logo infeliz…"[833]

Na terceira parte de *Destino* – intitulada «Saudades de Portugal» –, uma epígrafe de Camões – "Esta é a ditosa pátria minha amada." – introduz um conjunto de poemas de carácter fundamentalmente nacionalista.

«Nesta austera, apagada e vil tristeza…»[834] é um poema que lamenta a condição de exílio, de desterro. Para Guilherme de Faria, os portugueses vivem simbolicamente desterrados de Portugal, do seu passado histórico glorioso concebido mitologicamente, esses "Sonhos bons d'outrora" donde irrompe a voz da saudade, voz que "Vem dos Cancioneiros, [...] Voz saudosa e linda/ Da canção de Inês"[835], que "é a voz do Encoberto": "Voz de Deus, sagrando/ A alma de Camões!//

Voz que ao céu subiste,
Num sonho imortal,
Da alma pura e triste
Do pastor Crisfal!

Voz de Bernardim
E Soror Mariana!

[832] *Id.*, *ibid.*, p. 43.
[833] António Nobre, *Só*, p. 102.
[834] *Destino*, pp. 47-54; SM[08], pp. 110-114.
[835] *Id.*, *ibid.*, p. 50.

Oh, tristeza humana
A chorar, sem fim...

Frio desespero,
E êxtase dos céus:
Voz de Santo Antero,
Voz de João de Deus!

Voz de ledo encanto,
Voz de sonho ideal,
Voz desfeita em pranto,
Voz de Portugal!"[836]

Neste contexto, Guilherme de Faria assume um tom profético: "Ah, Canção, desperta/ Do letargo fundo,/ A graça encoberta/ Que doirou o mundo!"[837] É nesse sentido mais perceptível o poema sebastianista «El-Rei»[838]: "Vem a nós, Rei peregrino,/ [...] Senhor do nosso Destino,/ Capitão de Portugal!"[839] Ou «Endechas ao mar português»[840], um longo poema em que Guilherme de Faria retoma um passadismo nostálgico: "Só a voz, perdida/ A chorar, segreda/ Lembranças da vida/ Passada, e mais leda// Da verde planura,/ E a vaga distância,/ A voz remurmura/ Saudades da infância."[841]

Em «O fado»[842], encontramos um imaginário típico que é, desde o século XIX, entendido como a alma do povo português[843], um elemento estrutural da nossa cultura e uma marca indelével da paisagem psicológica de Lisboa: os fadistas

[836] *Id.*, *ibid.*, pp. 51-52.
[837] *Id.*, *ibid.*, p. 53.
[838] *Id.*, *ibid.*, pp. 55-56; SM[08], p. 118.
[839] *Id.*, *ibid.*, p. 56.
[840] *Id.*, *ibid.*, pp. 57-62; SM[08], pp. 119-121.
[841] *Id.*, *ibid.*, pp. 59-60.
[842] *Id.*, *ibid.*, pp. 63-65; SM[08], pp. 122-123.
[843] Cf. Maria Luísa Guerra, *Fado – Alma de um Povo (origem histórica)*, Lisboa, IN-CM, 2003.

trajados de negro, como que enlutados, o silêncio da noite, um certo mistério híbrido e orgânico, simultaneamente castiço e exótico, ou o sentimento de que as guitarras choram, enquanto a poesia evoca a saudade, o passado, o amor distante e ausente, a noite, as sombras, o destino, as misérias da nossa condição. O fado e a poesia de Guilherme de Faria partilham fundamentalmente os mesmos núcleos temáticos, a mesma tradição cultural e poética, o mesmo Bairro Alto:

> "Assim, à noite, escutando,
> Entre guitarras plangendo,
> A voz do fado subindo,
> O Povo, triste e sonhando,
> Vai seu mal adormecendo,
> Num sonho distante e lindo..."[844]

Numa experiência onírica, em «Canção»[845], ou no soneto «Destino português»[846], aparece a saudade como reminiscência, um canto vago ou as vozes do passado:

> "Quem sois, oh vozes de encanto,
> Da escura noite subindo
> Aos astros que, em doce espanto,
> Se quedam todos ouvindo?
>
> E as vozes sobem mais alto,
> E o mistério se desvenda;
> E em pura glória me exalto,
> Ouvindo as vozes da Lenda!

[844] *Destino*, p. 65.
[845] *Id.*, *ibid.*, pp. 67-69; SM[08], pp. 125-126.
[846] *Id.*, *ibid.*, pp. 71-72; SM[08], p. 124.

– Ao longe, nos Cancioneiros,
A voz del-rei trovador...
Oiço cantar os troveiros
Cantares de gesta e de amor!

[…]

E oiço a voz de D. Dinis
Na bruma do seu pinhal;
Oiço avenas pastoris
De Bernardim e Crisfal...

E a branda voz, tão formosa,
Subindo em trovas, canções,
– Fúria grande e sonorosa
Na Epopeia de Camões –;
Esta canção que não finda,
Que foi prece, alta ventura,
Dor e pranto tanta vez,
Rasgando as sombras, ainda
Vem beijar, saudosa e pura,
O meu sonho português!"[847]

«Alma triste» é, talvez, a parte mais impressiva de *Destino*, seja pelo desengano incontido, pela beleza formal das composições, pela intensidade dramática dos seus conteúdos ou pela perturbadora consciência da sua condição. Em «Canção peregrina»[848] e em «Noite alta»[849], assomam a solidão e o cansaço, a condição de peregrino/desterrado, a perda da infância, a expressão comovida da

[847] *Id.*, *ibid.*, pp. 68-69.
[848] *Id.*, *ibid.*, pp. 75-77; cf. Anexo 2, p. 123.
[849] *Id.*, *ibid.*, pp. 79-80; SM[08], p. 136.

tristeza e do amor, uma certa nostalgia crepuscular como pressentimento do fim: "Vai, sombra perdida,/ Pois que a minha sorte/ Foi sonhar a vida/ E acordar na morte."[850]

Num poema intitulado «Desolação»[851], Guilherme de Faria escreve:

> "Oh Morte escura, nesta ansiedade,
> Tão só no mundo, já sem o abrigo,
> Dum vago sonho, duma saudade,
> Sonho contigo.
>
> Cheio de mágoas, apenas vejo
> Mágoas e luto, por toda a parte...
> – Ah, vem, oh morte, que, assim, desejo
> Talvez, amar-te.
>
> Vem! – que o meu sonho de primavera,
> O amor, a graça que o céu me deu,
> Em fria cinza de vã quimera,
> Tudo morreu!
>
> Ai, vida minha, luz dos meus olhos,
> Não mais te quero sonhar, nem ver!
> E vem, oh Morte, fechar-me os olhos,
> Para esquecer."

Este livro, impresso no princípio de 1927, termina com «Fogo do lar»[852], um longo poema em que Guilherme de Faria se retrata como peregrino, o desterra-

[850] *Id.*, *ibid.*, p. 80.
[851] *Id.*, *ibid.*, pp. 81-82; SM[08], p. 137.
[852] *Id.*, *ibid.*, pp. 85-90; SM[08], pp. 141-143.

do[853] que se recolhe junto à lareira e enfim descansa das agruras do caminho e se protege do frio e das trevas nocturnas. A lareira, como um lenitivo, traz a memória saudosa do amor e o consolo da presença de Deus.

Em Dezembro de 1926, dois poemas de *Destino*, então inéditos, foram publicados n'*A Folha do Lado*[854], jornal de Alcácer do Sal onde, nos primeiros meses de 1927, serão impressos poemas de *Sombra*[855], *Saudade Minha*[856] e *Destino*[857].

Mais uma vez, Joaquim Manso acolhe o livro de Guilherme de Faria num breve apontamento publicado no *Diário de Lisboa*[858]. No jornal monárquico *A Voz*, que apareceu no princípio de 1927, José Agostinho escreve: "O poeta, o patriota e o crente caminham sempre a par e num plano tão elevado que não só encontram o melhor do coração humano, como muito do que pode haver de divino nas trágicas jornadas terrenas." [859] E a outro passo: "O verso foge, em geral, às torturas, como aos arroios das pradarias floridas. É quase sempre fluente sem prosaísmos, vivo sem artifício, ingénuo sem trivialidade. [...] As rimas pretensiosas estão ausentes. A ourivesaria simbolista, tão frívola e martelada, não emerge nem sequer a título de natural repouso do coração."

O carácter nacionalista dos "versos que são teias de amor urdidas em louvor da Pátria"[860] é o aspecto central da recensão publicada no jornal *Novidades*, no dia 22 de Março. No mesmo jornal, no dia 11 de Abril, Joaquim Alves Correia escreve:

---

[853] Podemos aqui evocar o *Desterrado* (1872), escultura de Soares dos Reis (1847-1889) com uma assinalável intensidade romântica, da qual Guilherme de Faria muitas vezes se aproxima na sua expressão poética.
[854] Cf. *A Folha do Lado*, 5 e 19 Dez. 1926.
[855] 6 Mar. 1927.
[856] 1 Jan. 1927.
[857] 27 Mar. 1927.
[858] Joaquim Manso, *Diário de Lisboa*, 15 Mar. 1927.
[859] José Agostinho, *A Voz*, 13 Abr. 1927.
[860] *Novidades*, 22 Mar. 1927.

> "Guilherme de Faria, por ora, é rapaz. Não se afunda em concepções geniais da vida, nem tem uma originalidade ideológica por aí além. Mas os assuntos batidos de saudade, de amor jovem, de patriotismo, tradu-los em ritmo suave, fácil e corredio, galvanizado sempre num entusiasmo sincero e quente.
> Uma feição que sobressai nos versos do *Destino* é aquela espécie de mimetismo literário de quem lê os clássicos e larga a falar e a cantar como eles, até nos deixar a ilusão da identidade. Quem lê o «Cântico», primeira poesia do *Destino*, julga que está saboreando uma pastoril de Bernardim Ribeiro…"[861]

No dia 12 de Abril de 1927, juntamente com a transcrição de cinco poemas, pode ler-se no *Diário de Lisboa*: "Guilherme de Faria é um poeta de preclaras qualidades. É um romântico [...]. O seu último livro – *Destino*, atinge um notável passo na sua carreira. A forma do poeta atinge nesta obra a sua plenitude."[862]

No dia 14 de Abril, no jornal *Novidades*, o poeta Carlos de Lemos, por ter sido professor de Guilherme de Faria no Liceu Passos Manuel, possibilita-nos mais uma interessante descrição do poeta: "Ele era então um mocinho quase criança, de corpo reduzido em que destacava a cabeça e nela os grandes olhos míopes, em cuja pretidão luminosa [...] se reflectia a candidez ofélica de uma alma em êxtase, assombrada de Infinito…"[863] Carlos de Lemos exalta a precocidade de Guilherme de Faria, considerando que *Poemas* e *Mais Poemas* são livros mais interessantes do que a juvenília de Almeida Garrett, Teófilo Braga ou Guerra Junqueiro:

> "Certo é que esses primeiros versos de Guilherme de Faria, contagiados nos «Males de Anto», tinham muito sensíveis ressonâncias da mórbida toada do *Só*: não marcavam bem uma personalidade. Esse o seu senão. Valem e muito valerão, sobretudo para os vindouros, como elementos de estudo da idiossincrasia do

[861] Joaquim Alves Correia, *Novidades*, 11 Abr. 1927.
[862] *Diário de Lisboa*, 12 Abr. 1927.
[863] Carlos de Lemos, *Novidades*, 14 Abr. 1927.

autor: por isso é natural que um dia surjam numa edição integral. Para o quanto possível perfeito conhecimento dum poeta, muito ajuda saber-se qual o guia dos seus hesitantes passos, das entranhas da *Sombra* para a estrela que lhe marca o *Destino*."

Depois reflecte sobre a autenticidade, beleza e simplicidade dos poemas que Guilherme de Faria reuniu em *Destino*: "nos seus versos não encontramos aquelas 'inanidades sonoras', de que fala Mallarmé. Nada de requinte ou de ineditismo: tudo só do que há de mais simples e natural e espontâneo. [...] Assim o seu livro é uma bela obra de arte, e da melhor, da mais pura poesia."

Ainda sobre a edição de *Destino*, em Novembro de 1927, é publicado no *Diário de Notícias* um pequeno artigo carregado de elogios:

"Este poeta, que é ainda muito novo, começou a revelar as suas excepcionais faculdades há muitos anos já, era ainda uma criança. O seu primeiro livro – *Poemas* – foi uma verdadeira revelação e a crítica rendeu, sem a mais leve nota de discordância, os mais encomiásticos louvores a esse predestinado da arte, compondo versos da técnica mais perfeita e da mais larga inspiração na idade em que o maior número cursa ainda nas escolas primárias. Desde então, em todos os seus livros, Guilherme de Faria tem evidenciado, cada vez mais, os dotes de poeta de excepção. Alguns deles estão esgotados e constituem hoje raridades bibliográficas.

O que publica agora é dos mais formosos que a sua musa tem produzido. Nele conseguiu o admirável artista modernizar os mais lindos moldes da velha poesia portuguesa. Em admiráveis redondilhas compôs endechas, cantigas e canções da mais bela e pura inspiração.

A forma é impecável. Os pensamentos são sempre dos mais elevados e dos que melhor se ajustam à alma portuguesa, às suas tradições e sentimentos. Um profundo lirismo e um sagrado amor pela nossa terra perpassam em todas as suas páginas. No *Destino*, o admirável poeta, a quem encontramos muitos pontos de

analogia com Eugénio de Castro, apesar de possuir uma individualidade própria e inconfundível, continua a gloriosa carreira que inaugurou com os *Poemas*. As bibliotecas mais escolhidas devem guardar com amor esta linda obra."[864]

[864] Elcay, *Diário de Notícias*, 12 Nov. 1927.

3.6. *Manhã de Nevoeiro* | 1927

No dia 7 de Janeiro de 1927, Guilherme de Faria publicou *Destino*, no dia 7 de Dezembro do mesmo ano publicou *Manhã de Nevoeiro*[865]. Trata-se de um livro com 108 páginas[866] e 29 poemas apresentados em seis partes: «Horas», «Triste história», «Esparsa», «Rimance das águas», «Saudades de Portugal» e «Manhã de nevoeiro».

Para a epígrafe de *Manhã de Nevoeiro*, Guilherme de Faria persistiu nos versos de Crisfal: "Sempre será meu amor/ Como a sombra, enquanto eu for:/ Quanto vai sendo mais tarde,/ Tanto vai sendo maior." Serão estes versos a legenda coerente para o *ex-libris* do poeta, a 'flor da saudade'.

Manhã de Nevoeiro é um livro mais inteligível à luz de *Saudade Minha* e *Destino*. Logo nos primeiros poemas de «Horas» – assinalados pela epígrafe de Camões: "Erros meus, má fortuna, amor ardente…" –, vemos reafirmados os principais tópicos dos livros anteriores. Assim, no seu exemplar «Ex-libris»[867], Guilherme de Faria confessa ter amado uma só vez – como em «Carta a uma estrangeira»[868] – e que ter nascido em Portugal constitui simultaneamente a sua glória e a sua desgraça:

> "Nasci em Portugal,
> E, graças ao Senhor,
> Nasci bem português;
> Assim, d'alma leal,
> Num sonho sempre em flor,
> Amei uma só vez.

[865] "Acabou-se de imprimir este livro, aos sete de Dezembro de mil novecentos e vinte e sete, nas oficinas gráficas da Biblioteca Nacional de Lisboa."
[866] Formato 120 x 175 mm. Cf. Anexo 1, p. 17.
[867] *Manhã de Nevoeiro*, p. 11; SM[08], p. 149.
[868] *Destino*, pp. 41-44; SM[08], pp. 105-106.

É esta a minha glória
E a causa do meu mal…
Eis toda a minha história:
Nasci em Portugal!"

Em «Poeta»[869], Guilherme de Faria enfatiza a condição de trovador como uma experiência catártica e doadora de sentido – "Sentimento cristalino/ Que floresces em meu mal/ E ergueste o meu destino:/ Trovador de Portugal!"[870] –, como um processo de recusa do presente e legitimação de um passadismo utópico que é, como em muitos outros poetas neo-românticos lusitanistas, a projecção de um Portugal medievo, concebido miticamente.

Em «Canção perdida»[871] e «Triste canção»[872], o poeta ressente-se do amor não correspondido – "Amei e não fui amado…"[873] –, da indiferença, descrença e fadiga[874]; lamenta ter nascido[875] e denuncia a presença obsessiva da morte: "Se despertar é morrer,/ Quero morrer a sonhar!"[876] A inspiração quinhentista de Guilherme de Faria atenua a expressão do pessimismo e a morbidez, revela uma tristeza mais intimista, contemplativa e condescendente com a morte, possibilita a graciosidade comovente da melopeia, situa as suas composições na melhor tradição lírica e elegíaca da poesia portuguesa:

"Vai, na asa do vento,
Canção suspirosa
Vai aonde Ela for,

[869] *Manhã de Nevoeiro*, pp. 13-16; SM[08], pp. 150-151.
[870] *Id.*, *ibid.*, p. 14.
[871] *Id.*, *ibid.*, pp. 17-19; SM[08], pp. 152-153.
[872] *Id.*, *ibid.*, pp. 21-22; SM[08], p. 154.
[873] *Id.*, *ibid.*, p. 22.
[874] *Id.*, *ibid.*
[875] *Id.*, *ibid.*, p. 21.
[876] *Id.*, *ibid.*, p. 16.

E diz-lhe, saudosa,
Que eu morro de amor."[877]

O natural processo de amadurecimento da poesia de Guilherme de Faria e as suas evidentes qualidades técnicas, permitem-lhe traduzir de um modo progressivamente mais rigoroso aquilo que sente, a expressão sincera do seu pensamento, da vida que assoma dramaticamente na sua correspondência íntima. Esse rigor de expressão não compromete a 'toada de cancioneiro' que se escuta em «Trova»[878]:

"Não, minha Mãe, não entendo
Esta canção peregrina
Que fala à minha desgraça
Duma ventura divina.

E embora eu não as entenda,
Vão-me a esperança embalando
Lembranças de não sei onde,
Saudades de não sei quando…"[879]

Com efeito, Guilherme de Faria é exactamente alguém cuja frágil esperança foi sendo embalada durante anos por estas lembranças e saudades, resistindo dificilmente à devastação provocada por um desengano que foi, por vezes, acutilante. O amor de Guilherme de Faria por Emília Castro e a projecção passadista – "alma que eu tive/ Nos tempos de outrora"[880] – possibilitaram que essa

[877] *Id.*, *ibid.*, p. 19.
[878] *Id.*, *ibid.*, pp. 23-24; SM[08], p. 155.
[879] *Id.*, *ibid.*, p. 24.
[880] *Id.*, *ibid.*, p. 30.

volúvel esperança e esse difuso sentimento saudoso se exprimissem em poemas como «Velha cantiga»[881], «Rimance»[882] ou nesta notável «Cantiga de amigo»[883]:

"– Não mais, peregrino
Troveiro – não mais
Teu canto de encanto!
E esquece o meu pranto,
Não oiças meus ais.

Não mais, peregrino
Troveiro – não mais
Não mais o alvoroço,
E a mágoa, o quebranto
Que eu sinto, quando ouço
A voz do teu canto!

Que a voz do teu canto
Tão alto e profundo,
E o teu ar de espanto
– Não são deste mundo!

E a ouvir-te, encantada,
Senhor!, quem sou eu
Que sinto, nesta alma,
Saudades do Céu?

E a noite da Morte
De estrelas se alumbra,

[881] *Id.*, *ibid.*, pp. 25-27; SM[08], pp. 156-157.
[882] *Id.*, *ibid.*, pp. 29-30; SM[08], p. 158.
[883] *Id.*, *ibid.*, pp. 31-33; SM[08], pp. 159-160.

De eterno esplendor…
E eu morro, sonhando
Que a Morte deslumbra,
Eu morro de amor…

Mas, não! Peregrino
Troveiro – não mais
Teu canto de encanto!
E esquece o meu pranto,
Não oiças meus ais.

Que a voz do teu canto
Tão alto e profundo,
E o teu ar de espanto
– Não são deste mundo!"

Esta primeira parte de *Manhã de Nevoeiro* termina com um poema comovente e impressivo: «Fim»[884], que é mais do que um pressentimento; trata-se da expressão poética de uma vida que se situa conscientemente diante da morte. Em 1927, o suicídio de Guilherme de Faria é um acontecimento iminente; na verdade, o seu suicídio é um acontecimento iminente pelo menos desde meados de 1924, o que torna a sua vida e a sua obra ainda mais marcantes. Neste poema, Guilherme de Faria pacifica-se na desesperança e desposa a Saudade, certo de que ela há-de escutá-lo, entendê-lo e embalá-lo na morte:

"Alma, enfim descansa
Na desesperança.

Alma, esquece e passa:

[884] *Id.*, *ibid.*, pp. 35-36; SM[08], p. 161.

Dorme, enfim segura
Dessa última graça
Que é toda a ventura.

E à Saudade em flor
Que o teu sonho lindo
Perfumou de amor,
Diz-lhe adeus, sorrindo…

Que Ela há-de escutar-te,
Pálida, a entender-te!
E, no espanto enorme,
Sonhando envolver-te,
Triste, há-de embalar-te
– «Dorme… dorme… dorme…» –
Como a adormecer-te."

O livro prossegue, com a melopeia de «Triste história»[885] ou com outra «Cantiga de amigo»[886], com «Esparsa»[887] – dedicada a Manuel de Menezes e Vasconcelos – e com «Rimance das águas»[888]:

"A chuva, lenta, caía;
E lentamente a cair,
Fria, fria,
Parecia já sentir
Saudades de onde caía.

[885] *Id.*, *ibid.*, pp. 39-41; SM[08], pp. 165-166.
[886] *Id.*, *ibid.*, p. 43; SM[08], p. 167.
[887] *Id.*, *ibid.*, pp. 47-48; SM[08], p. 171.
[888] *Id.*, *ibid.*, pp. 51-52; SM[08], p. 175.

A água clara e ribeirinha
Que vem de longe, correndo,
E para o rio caminha,
Parece que vem dizendo
A suspirar: – «Também eu,
Tão cansada e pobrezinha,
Tenho saudades do céu!» –

E o rio, mais fundo e largo,
Que ainda corre, doce e brando,
Eis que fica, mal entrando
No mar, alteroso e amargo.

E o mar imenso, ondulando,
Marulhando longamente,
Na confusão das lembranças
Também, saudoso, se perde;
E diz, pela voz das ondas
Que vêm, de longe, rolando,
Areias mortas beijar;
– «Tenho saudades de quando
Não era mar.» –"

Uma epígrafe de Gil Vicente – "Terra que foi de cristãos/ Moiros no-la têm roubada." – introduz a quinta parte de *Manhã de Nevoeiro*, em que Guilherme de Faria – em poemas como «Saudades de Portugal»[889], «Exaltação»[890], «Expiação»[891], «Português de hoje»[892], «Canção de gesta»[893] ou «Final»[894] – retoma um

[889] *Id.*, *ibid.*, p. 55; SM[08], p. 109.
[890] *Id.*, *ibid.*, pp. 57-58; SM[08], p. 115.
[891] *Id.*, *ibid.*, pp. 59-61; SM[08], p. 116.
[892] *Id.*, *ibid.*, pp. 63-64; SM[08], p. 117.
[893] *Id.*, *ibid.*, pp. 65-66; SM[08], p. 127.

discurso sebastianista no qual são recorrentes as referências à sua condição de troveiro do "Reino do Ocidente", do "Quinto Império"; troveiro de "olhar peregrino" que exprime saudosamente o sentimento de exílio, a "misteriosa Ausência", que canta a esperança do "antigo *Encoberto* – Lohengrin do Ocidente"[895].

Em dois poemas circunstanciais – «Na morte d'El Rei D. Miguel II»[896] e «O novo príncipe»[897], dedicado a Duarte Nuno de Bragança –, Guilherme de Faria celebra a memória de D. Miguel II, que morreu no dia 11 de Outubro de 1927, e exalta D. Duarte Nuno de Bragança[898] como o "Rei Desejado".

Uma epígrafe de Camões – "Aquela triste e leda madrugada…" – introduz a última parte de *Manhã de Nevoeiro*, na qual Guilherme de Faria recria os contextos estruturais do seu universo poético, como em «Canção»[899], em que o poeta admite: "Só tenho os versos em que estou vivo/ – Meus pobres loiros…"[900] No final do poema, aparece mais uma profissão de fé na Saudade: "és toda a graça que me acarinha/ E refloresce na Eternidade:/ Saudade minha,/ Minha Saudade!"[901]

Em «Cantiga»[902], poema que evoca a passagem do tempo e que guarda um certo sentido ascensional, reencontramos o poeta diante da morte[903], quase como uma reminiscência da «Hora final»[904] de Teixeira de Pascoaes. Reencontramos ainda o sentimento de que ainda não tinha vivido, tantas vezes expresso

---

[894] *Id.*, *ibid.*, p. 73; SM[08], p. 131.
[895] *Id.*, *ibid.*, p. 60.
[896] *Id.*, *ibid.*, pp. 67-69; SM[08], pp. 128-129.
[897] *Id.*, *ibid.*, pp. 71-72; SM[08], p. 130.
[898] D. Duarte Nuno de Bragança nasceu no dia 23 de Setembro de 1907, poucos dias antes de Guilherme de Faria; cf. Anexo 1, p. 40.
[899] *Manhã de Nevoeiro*, p. 77-79; SM[08], pp. 179-180.
[900] *Id.*, *ibid.*, p. 78.
[901] *Id.*, *ibid.*, p. 79.
[902] *Id.*, *ibid.*, pp. 81-83; SM[08], pp. 181-182.
[903] "E assim, para a Morte,/ Inquieto, caminho…/ Morrer – não me importa!/ Mas devagarinho…" *Id.*, *ibid.*, p. 82.
[904] "Morrer, quase a sorrir, devagarinho." Teixeira de Pascoaes, *Terra Proibida*, in *Obras Completas de Teixeira de Pascoaes* (I Volume), Lisboa, Livraria Bertrand, s.d. [1965], p. 320.

nas cartas a Manuel de Castro: "Que pena, Senhor!,/ Morrer consumido/ De pena, somente/ Por não ter vivido!"[905]

Em poemas como «A tua voz»[906], «Longe da vista»[907], «O teu nome»[908], «Cantiga»[909] ou «Última canção»[910], reencontramos a perturbadora relação entre o amor e a morte, um certo idílio que interage organicamente com o carácter nocturno e elegíaco da poesia de Guilherme de Faria, uma tristeza urdida em redondilha que, por vezes, nos permite sentir que folheamos os Cancioneiros.

No final, a consciência de que a sua condição de poeta coincide com o seu pecado, com o mal ontológico de que se sente enfermo, uma certa fatalidade que lhe permite escrever: "É este – o meu pecado./ – Certo, o expiarei. –// Dele me arrependo:/ Só por mal cantei…// Ai, que bem que andara/ Se jamais cantara!"[911]

Em Janeiro de 1928, aparecem na imprensa as primeiras notícias da edição de *Manhã de Nevoeiro*[912]. Nelas se evoca a poesia de Guilherme de Faria como expressão da Saudade, do Amor e da Fé, na toada dos velhos Cancioneiros. Na *Ilustração* pode ler-se: "elo da cadeia lírica que, através dos séculos, vem desde os nossos primeiros troveiros e, passando por Bernardim e Crisfal e Camões e João de Deus, no moço poeta perpetua o mesmo eco da sensibilidade portuguesa."[913]

No *Jornal da Europa* é acentuado o passadismo e uma certa ingenuidade no registo poético de Guilherme de Faria: "A sua forma é simples e serena como as suas ideias, revelando uma clara ascendência clássica em seus pergaminhos de

[905] *Manhã de Nevoeiro*, p. 82.
[906] *Id.*, *ibid.*, pp. 85-88; SM[08], pp. 184-185.
[907] *Id.*, *ibid.*, pp. 89-90; SM[08], p. 186.
[908] *Id.*, *ibid.*, pp. 91-92; SM[08], p. 187.
[909] *Id.*, *ibid.*, pp. 93-94 e 95-96; SM[08], p. 188 e 189.
[910] *Id.*, *ibid.*, pp. 97-99; SM[08], p. 190.
[911] *Id.*, *ibid.*, pp. 98-99.
[912] Cf. *Voga*, 15 Jan. 1928; *A Tradição*, 28 Jan. 1928.
[913] *Ilustração*, 1 Mar. 1928.

lirismo. Dir-se-ia que as sombras de Crisfal e Bernardes isolam o autor do ambiente actual, criando-lhe o desconhecimento do que é novo, para nelas desenvolverem o culto pelo que é eterno."[914]

Num artigo um pouco mais extenso, publicado n'*O Marcoense*, Fernando Campos considera Guilherme de Faria "um verdadeiro intérprete de uma sensibilidade portuguesa, [...] arauto do autêntico lirismo nacional"[915]. Adiante pode ler-se: "Porque nasceu bem português, não teve Guilherme de Faria que forçar a sua expressão para se conformar com aquele preceito que António Sardinha formulava, superiormente, ao escrever que: 'é preciso identificar-nos com os fundamentos profundos da nossa personalidade e sermos em Arte os clarificadores das vozes indistintas e tumultuosas que o Passado e os Mortos gritam dentro das nossas veias'." Fernando Campos destaca a implicação de Guilherme de Faria no Integralismo Lusitano, considerando-o "um dos mais espontâneos e talentosos oradores das novas gerações".

No jornal *A Bandeira*, António Bossa reflecte acerca da influência que os poetas dos Cancioneiros, Camões e Crisfal, exerceram sobre Guilherme de Faria, que "vive num mundo de sonho, que as nossas lendas amorosas e heróicas alimentam."[916]

No dia 1 de Janeiro de 1929, apenas três dias antes do suicídio de Guilherme de Faria, *A Voz* exalta a edição de *Manhã de Nevoeiro*, evoca *Distância* de António Pedro e lamenta a "influência desoladora" que Teixeira de Pascoaes exerce nos poemas de *Mors-Amor* de Anrique Paço d'Arcos[917].

[914] *Jornal da Europa*, 23 Abr. 1928.
[915] Fernando Campos, *O Marcoense*, 21 Jul. 1928.
[916] António Bossa, *A Bandeira*, 1 Dez. 1928.
[917] *A Voz*, 1 Jan. 1929.

3.7. *Desencanto* | 1929

No dia 4 de Fevereiro de 1929, um mês depois do suicídio de Guilherme de Faria, é publicado *Desencanto*[918], o último livro do poeta, com 96 páginas[919] e 25 poemas apresentados em seis partes: «Desencanto», «Usch», «Cantigas», «À alma de Rosalía», «Vita nuova» e «Final».

Para a epígrafe de *Desencanto*, Guilherme de Faria persistiu nos versos de Crisfal: "Sempre será meu amor/ Como a sombra, enquanto eu for:/ Quanto vai sendo mais tarde,/ Tanto vai sendo maior." Porém, como epígrafe da primeira parte de *Desencanto*, aparecem os versos de Frei Agostinho da Cruz: "Não foi culpa minha,/ Foi minha ventura,/ Esperar brandura/ De quem a não tinha."

Uma esperança desenganada, iluminada pela saudade, aparece em «Canção»[920], poema que antecede a «Tristíssima canção»[921], onde nem uma esperança desenganada assoma. Em *Desencanto* Guilherme de Faria retrata-se desoladoramente «Só»[922], num ensimesmamento que nega a própria realidade exterior: "Nem existe o mundo/ Onde existo, assim,/ Morto para tudo,/ Vivo para mim."[923]

Guilherme de Faria evoca a passagem do tempo, um esquecimento anestésico, as «Horas»[924] em que a sua alma descansa, "Enamorada e suspensa/ Do bem da desesperança,/ Da calma da indiferença..."[925] Em «Solidão»[926], «Amor primeiro»[927] e «Cantiga»[928], três poemas compostos por duas quadras, o poeta persiste

---

[918] "Este livro foi composto na escola tipográfica da Imprensa Nacional de Lisboa e acabou-se de imprimir nos prelos da mesma Imprensa aos quatro de Fevereiro de mil novecentos e vinte e nove, um mês depois da morte do seu autor."
[919] Formato 120 x 175 mm. Cf. Anexo 1, p. 25.
[920] *Desencanto*, pp. 11-12; SM[08], p. 195.
[921] *Id.*, *ibid.*, pp. 13-14; SM[08], p. 196.
[922] *Id.*, *ibid.*, p. 15; SM[08], p. 197.
[923] *Id.*, *ibid.*, p. 15.
[924] *Id.*, *ibid.*, pp. 17-18; SM[08], p. 198.
[925] *Id.*, *ibid.*, p. 18.
[926] *Id.*, *ibid.*, p. 19; SM[08], p. 199.
[927] *Id.*, *ibid.*, p. 21; SM[08], p. 200.

na dolorosa expressão da solidão e do "amor desgraçado"; mas é em «Canção»[929] que sentimos o estremecimento de um presságio:

> "Ondas marinhas,
> Ondas, dizei-me,
> Saudosamente,
> Saudades minhas, do meu bem ausente...
>
> E adormecei-me
> Na pura graça
> De sonho e morte.
>
> Quero esquecer-me... Quero esquecer-me...
> – Saudades minhas,
> Vinde, saudosas, adormecer-me.
>
> Quero esquecer-me,
> Na vossa graça,
> Desta ansiedade que me trespassa!
> Quero esquecer-me da humana sorte,
> Dos seus reveses, dos seus horrores!
>
> – Saudades minhas... Sonho de Morte...
> – Oh meus amores!..."

A morte de Guilherme de Faria condiciona profundamente a leitura deste poema, que seria interpretado como um agouro se ignorássemos que o suicídio do poeta era, efectivamente, um acontecimento expectável ou se não soubésse-

---

[928] *Id.*, *ibid.*, p. 23; SM[08], p. 201.
[929] *Id.*, *ibid.*, pp. 25-26; SM[08], p. 202.

mos que ele seria consequente com a vertigem de mar que habita a seu imaginário poético desde os primeiros versos.

Há neste último livro uma indiferença mais despojada, um progressivo abandono da vida que prepara o suicídio, como em «Serenamente»[930]:

> "Serenamente, lembro o meu passado:
> Das suas esperanças nada espero,
> E sorrio ao seu mal desesperado
> Como ao bem das promessas, que não quero.
>
> Que hoje, da vida, só desejo a calma
> Da indiferença, num sorriso aberto…
> E na certeza de que tudo é incerto,
> Descansa as tuas dúvidas, pobre alma!
>
> Do teu cansaço e tua dor, descansa!
> É neste brando enlevo que eu te quero,
> Sorrindo ao fumo duma nova esperança
> Como à ilusão dum novo desespero."

Em poemas como «Louvor»[931] ou «Cantiga»[932], destaca-se o mesmo sentimento de solidão e ensimesmamento; um amor recentrado em si, mais ressentido, desencantado; a imagem de Emília Castro perpassa os poemas deste livro como um fantasma, tão ausente como sempre estivera, mas já não a ilumina a esperança ingénua do poeta, que se lamenta do "frio desamor" de todos os que

[930] *Id.*, *ibid.*, pp. 27-28; SM[08], p. 203.
[931] *Id.*, *ibid.*, pp. 29-31; SM[08], pp. 204-205.
[932] *Id.*, *ibid.*, pp. 33-34; SM[08], p. 206.

amou[933] e pergunta: "Onde te escondeste,/ Graça leda e triste?// Acaso morreste/ Ou nunca exististe?"[934]

Guilherme de Faria, vítima de prolongados estados depressivos e muito desgastado pela neurastenia, sentia-se em 1928 profundamente cansado, abandonado, desiludido. Esse cansaço condiciona um certo desapego macerado, rendido, como se lê em «Esparsa»[935]:

> "– Dormir… dormir… dormir…
> Eu quero só dormir…
>
> – Não mais sonhar e amar!
> Não mais sentir, sofrer
> A pena de esperar!
> Não mais, sequer, erguer,
> Num vago e triste olhar,
> A última esperança
> Ao ermo azul dos céus…
>
> – Na Morte, enfim, descansa,
> Oh dúvida de Deus!"[936]

A segunda parte de *Desencanto* é constituída apenas por um poema – «Usch»[937] –, dedicado a Usch Merch, uma luxemburguesa que era mestra de Maria Teresa Rego, prima afastada de Guilherme de Faria.

---

[933] Cf. *Id.*, *ibid.*, p. 29.
[934] *Id.*, *ibid.*, p. 34.
[935] *Id.*, *ibid.*, pp. 35-37; SM[08], pp. 207-208.
[936] *Id.*, *ibid.*, pp. 36-37.
[937] *Id.*, *ibid.*, pp. 41-43; SM[08], pp. 211-212.

Dezasseis quadras em toada popular – «Cantigas»[938] – constituem a terceira parte deste livro. Nelas se percebe que é tão intenso o desejo de esquecer Emília Castro, como a expressão da sua presença:

> "Quis esquecer-te na hora
> Em que esquecido me vi;
> E a pensar que me esqueceste,
> Ainda me lembro de ti.
>
> […]
>
> Eu dava o céu, se o tivesse,
> O céu e os mundos sem fim,
> Se uma hora só esquecesse
> Que te esqueceste de mim."[939]

Um poema dedicado a Rosalía de Castro – «À alma de Rosalía»[940], escrito no contexto da visita à Galiza no Verão de 1928, na companhia de António Pedro – antecede a última parte de *Desencanto*: «Vita nuova», introduzida por este notável poema, intitulado «Manhã de nevoeiro»[941]:

> "Manhã de Nevoeiro… A névoa apaga
> E cega o meu olhar…
>
> Mas, doce, a minha voz rompe a cantar,
> E sobe, da toada branda e vaga,
> À exaltação da profecia:

[938] *Id.*, *ibid.*, pp. 47-52; SM[08], pp. 215-218.
[939] *Id.*, *ibid.*, pp. 50-52.
[940] *Id.*, *ibid.*, pp. 55-56; SM[08], p. 221.
[941] *Id.*, *ibid.*, p. 59; SM[08], p. 225.

A névoa apaga e cega o meu olhar…
Mas, para além, é o sol dum novo Dia."

Em «Cântico»[942], Guilherme de Faria retoma a temática da saudade de si mesmo, desse outro que sente que foi e com o qual não se identifica a sua condição presente: "Que eu sou… eu fui, decerto,/ Um místico, poeta e cavaleiro! […] E eis que ao olhar-me, assim,/ Inquietamente,/ Eu não me vejo a mim,/ Que estou ausente!"[943] A mitografia nacional que resulta do processo de reaportuguesamento de Portugal, permitiu a Guilherme de Faria, por diferentes vectores, a composição de um personagem complexo, no qual o poeta saudosamente se projectava, o 'eu-ideal' com o qual o 'eu-real' não se identificava: a sua figura, o seu quotidiano, enfim, a sua vida.

Depois das líricas «Cantiga»[944] e «Cantiga de embalar»[945], Guilherme de Faria exprime em «Paz»[946] o seu profundo e comovente desencanto, um desencanto pacificado, resignado, condoído consigo mesmo; revela um poeta consciente e conformado:

"Oh meu sonho antigo
De horas mais serenas:
Sonho meu, que eu vivo,
Em desejo apenas…

Desta vida inquieta
Do tumulto estranho,
És o bem que eu tenho
– Sonho de poeta!

[942] *Id.*, *ibid.*, pp. 61-65; SM[08], pp. 226-228.
[943] *Id.*, *ibid.*, pp. 62 e 64.
[944] *Id.*, *ibid.*, p. 67; SM[08], p. 229.
[945] *Id.*, *ibid.*, pp. 69-70; SM[08], p. 230.
[946] *Id.*, *ibid.*, pp. 71-73; SM[08], pp. 231-232.

[…]

– Onde existes, graça
Da mais linda sorte?
– És, talvez, mentira!
Mas esta alma ansiosa
Que por ti suspira,

Pois que soube amar-te,
Quer desencantar-te,
E é por ti que vive,
Morta de ansiedade,
E é por ti que morre,
Louca de temor!

– Ai, Saudade minha,
Paz consoladora,
És talvez a Morte,
Mas jamais o Amor!"

Em «Noites do meu não dormir…»[947], «Cantar»[948] e «Canção»[949], encontramos a noite, a "vaga névoa saudosa", a contemplação demorada do céu nocturno, a desolação, um poeta que "pelas sombras cismava/ Na Morte e no seu mistério"[950] e que escreveu em «Destino»[951]:

"Lembranças minhas,

[947] *Id.*, *ibid.*, pp. 75-76; SM[08], p. 233.
[948] *Id.*, *ibid.*, p. 77; SM[08], p. 234.
[949] *Id.*, *ibid.*, pp. 79-81; SM[08], pp. 235-236.
[950] *Id.*, *ibid.*, p. 80.
[951] *Id.*, *ibid.*, pp. 83-84; SM[08], p. 237.

Desoladoras lembranças minhas,
– Que me quereis?
[…]

Das minhas penas de hoje – a minha glória! –
O culpado fui eu!,
O culpado sou eu!,
Mesquinho como fui e como sou,
Que um dia ergui os olhos para o céu
E vi no céu a luz que me cegou."

Com «Final»[952] termina *Desencanto*, o livro póstumo de um poeta que, um mês antes, pusera fim à sua vida, tendo deixado uma obra significativa, constituída por sete livros de poesia, publicados entre 1922 e o princípio de 1929.

Na imprensa, os motivos literários inerentes à edição de *Desencanto*, perderam relevância diante do suicídio do poeta. É novamente Joaquim Manso quem, no *Diário de Lisboa*, acolhe o livro póstumo de Guilherme de Faria[953], mas são as palavras de Manuel Múrias que melhor exprimem o sentimento geral que a leitura deste livro provoca: "Tem versos maravilhosos, de uma ternura triste, triste, de um lirismo tão íntimo, tão puro, em linguagem de tamanha lucidez, que não podemos fechar o livro sem que se nos marejem os olhos de lágrimas."[954]

Num longo artigo de Pedro Paço d'Arcos, datado de 7 de Abril de 1929, encontramos um percurso pela poesia de Guilherme de Faria, desde o intenso pessimismo de Antero e António Nobre que se encontrava nas primeiras composições, até aos últimos livros do poeta, que permitem estas considerações: "As

[952] *Id.*, *ibid.*, pp. 87-88; SM[08], p. 241.
[953] Cf. Joaquim Manso, *Diário de Lisboa*, 25 Fev. 1929.
[954] Manuel Múrias, *A Voz*, 28 Fev. 1929.

suas origens poéticas ascendem aos Cancioneiros, a sua árvore genealógica tem no século de quinhentos a sua floração máxima em Bernardim Ribeiro e Crisfal, e depois de um ocaso de trezentos anos, em que a poesia portuguesa só consegue erguer-se do seu sono letárgico em Francisco Rodrigues Lobo, Bocage e Garrett, ressurge no século XIX em João de Deus e, modernamente, em Afonso Lopes Vieira."[955]

Entre os muitos artigos suscitados pela edição de *Desencanto*, encontramos interessantes recensões de José Agostinho[956] ou Fernando de Pamplona[957]. Para Guilherme de Ayala Monteiro:

> "Nunca se escreveu com tanta exactidão, como tratando-se de Guilherme de Faria, que é no lirismo que a alma portuguesa encontra a sua expressão mais alta e sublimada. [...] Guilherme de Faria é um poeta sem par em todo o prodigioso ciclo da poesia portuguesa. Dos antigos, pode comparar-se a Crisfal pela suavidade enternecida dos seus versos, é, no entanto, menos objectivo, não é paisagista como o cantor das éclogas; a sua saudade é mais incurável, mais amarga, mais doentia do que a de Bernardim. E, dos modernos, não encontro em nenhum tamanha simplicidade de expressão aliada a um misticismo lusíada tão caracterizadamente português pela claridade branca e absoluta, isenta de nebulosidades, em que a palavra tem transparências de gota de água e irisações doloridas de lágrimas."[958]

Carlos Queirós escreveu na revista *Solução Editora*: "Poderemos dizer, é certo, do mais precoce de todos os nossos Poetas, que à história da nossa literatura acrescentou uma obra profundamente lírica, notavelmente sincera e puramente

[955] Pedro Paço d'Arcos, «O livro de um poeta morto: *Desencanto* (obra póstuma de Guilherme de Faria)», *Novidades*, 7 Abr. 1929.
[956] Cf. José Agostinho, *A Voz*, 7 Abr. 1929.
[957] Cf. Fernando de Pamplona, *28 de Maio*, 20 Maio 1929.
[958] Guilherme de Ayala Monteiro, «O poeta Guilherme de Faria», *Jornal da Europa*, 31 Mar. 1929.

portuguesa."[959] Durão Alves publica na *Brotéria* um artigo em que afirma que a poesia de Guilherme de Faria é "característica de uma alma saudosa [...]. O ritmo embalador desses versos traz à memória o *Elogio da neve* e a *Dança do vento* de Afonso Lopes Vieira."[960]

[959] Carlos Queirós, «Desencanto – Poemas de Guilherme de Faria», *Solução Editora* 4, 1929.
[960] Durão Alves, «Pelo mundo das letras – Guilherme de Faria», *Brotéria*, Vol. IX, Fasc. I, Jul. 1929.

3.8. *Saudade Minha (poesias escolhidas)* | 1929

No dia 31 de Julho de 1929, é publicada a antologia *Saudade Minha (poesias escolhidas)*[961], com 376 páginas[962] e 100 poemas apresentados em seis partes, que correspondem aos livros publicados por Guilherme de Faria: «Poemas e Mais Poemas», «Sombra», «Saudade Minha», «Destino», «Manhã de Nevoeiro» e «Desencanto».

Numa nota final pode ler-se: "A escolha e disposição das poesias deste livro foi feita segundo indicações deixadas pelo seu autor"[963]. Com efeito, as últimas palavras de Guilherme de Faria dão indicações precisas ao seu irmão José para a edição de *Desencanto* e desta antologia:

> "Peço-lhe que trate da publicação do meu livro definitivo: os originais, até à *Saudade Minha* estão na mão do Duarte do Amaral, filho, Guimarães; e os outros, são os que os meus livros indicam; só no *Destino*, depois da «Carta a uma estrangeira», deve vir o livro «Saudades de Portugal», cujo índice o Vasconcelos (Manuel de Menezes) tem.
>
> Em vez da «Canção peregrina» do *Destino* deverá vir uma poesia que termina: 'Tal o «Era uma vez»/ Que ora e sempre existe/ E que é do meu triste/ Fado português'.
>
> Publique, pois, esse livro e pegue no recibo que eu deixei ao Alberto da Brasileira do Chiado e exija a publicação do meu último livro – *Desencanto* – na Imprensa Nacional. Junte ao meu livro definitivo esse livro."[964]

---

[961] "Este livro foi composto na escola tipográfica da Imprensa Nacional de Lisboa e acabou-se de imprimir nos prelos da mesma Imprensa aos trinta e um de Julho de mil novecentos e vinte e nove."
[962] Formato 120 x 175 mm. Cf. Anexo 1, p. 25.
[963] SM[29], p. 371.
[964] Guilherme de Faria, bilhetes-postais a José Leite de Faria, 4 Jan. 1929.

Com efeito, tivemos acesso aos "originais, até à *Saudade Minha*" que estavam com Duarte do Amaral[965], e confirmámos que as indicações do poeta foram cuidadosamente respeitadas.

Para a antologia da sua poesia, Guilherme de Faria escolhe três composições de *Poemas*: «Soneto»[966], «A carta do mar»[967] e «Soneto da minha ânsia»[968], que reedita com significativas alterações e novos títulos: «Crepuscular»[969], «Carta do mar»[970] e «Subir!»[971], respectivamente. De *Mais Poemas*, escolhe apenas duas composições: «Poema de súplica»[972] e «Poema»[973], também com alterações e títulos diferentes: «Súplica»[974] e «Sinfonia»[975], respectivamente.

De *Sombra*, Guilherme de Faria opta por integrar na antologia três poemas: «Eu»[976], «A meu irmão Nuno»[977] e «Confissão»[978]; nestes casos as alterações são menos significativas e mantém os títulos. Na organização da antologia, o primeiro poema de *Saudade Minha* – «Exaltação»[979] – passa para o final de *Sombra*.

Assim, para a edição de *Saudade Minha (poesias escolhidas)*, Guilherme de Faria escolhe apenas oito poemas dos seus três primeiros livros. São estes três livros – *Poemas*, *Mais Poemas* e *Sombra* – os menos representados na antologia

---

[965] Duarte Freitas do Amaral nasceu em Guimarães, a 13 de Novembro de 1909. Frequentou o liceu Martins Sarmento e licenciou-se em Engenharia Civil na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. Entre muitas outras funções, prestou serviços na extinta Direcção Geral dos Caminhos-de-ferro e no Ministério das Finanças, e foi como Deputado da Nação. Duarte do Amaral faleceu em Lisboa, a 16 de Julho de 1979.
[966] *Poemas*, pp. 13-15; SM[08], p. 23.
[967] *Id.*, *ibid.*, pp. 25-30; SM[08], pp. 24-15.
[968] *Id.*, *ibid.*, pp. 39-41; SM[08], p. 30.
[969] SM[29], pp. 11-12; SM[08], p. 23.
[970] *Id.*, *ibid.*, pp. 13-16; SM[08], pp. 24-15.
[971] *Id.*, *ibid.*, pp. 25-26. ; SM[08], p. 30.
[972] *Mais Poemas*, pp. 13-18; SM[08], pp. 26-27.
[973] *Id.*, *ibid.*, pp. 47-50; SM[08], pp. 28-29.
[974] SM[29], pp. 17-20; SM[08], pp. 26-27.
[975] *Id.*, *ibid.*, pp. 21-23; SM[08], pp. 26-27. Na antologia, este poema é dedicado a António Pedro.
[976] *Sombra*, pp. 23-26; SM[29], pp. 29-32; SM[08], pp. 33-35.
[977] *Id.*, *ibid.*, pp. 29-30; SM[29], pp. 33-34; SM[08], p. 36.
[978] *Id.*, *ibid.*, pp. 31-34; SM[29], pp. 35-38; SM[08], pp. 37-38.
[979] *Saudade Minha*, pp. 11-13; SM[29], pp. 39-41; SM[08], pp. 39-40.

e são os seus poemas os que sofrem mais alterações em relação às versões de 1922 e 1924. Com efeito, se em certos casos essas alterações passam pela substituição de palavras ou versos, noutros casos afectam significativamente a estrutura dos poemas. No que diz respeito às composições dos livros de 1922, como vimos, Guilherme de Faria escolhe novos títulos.

Da edição de *Saudade Minha*, Guilherme de Faria escolhe dezassete poemas e exclui cinco: «Maria»[980], «Êxtase»[981], «Trova»[982], «Velha cantiga»[983] e «Desencanto»[984]. «Destino»[985] passa a intitular-se «Desolação»[986] e é acrescentado o inédito «Destino»[987].

Tendo em consideração que *Desencanto* é integrado no final da antologia sem qualquer alteração, resta-nos registar o que muda na estrutura de *Destino* e *Manhã de Nevoeiro*: os oito poemas da quinta parte de *Manhã de Nevoeiro* – «Saudades de Portugal» – passam a integrar a terceira parte de *Destino* – também intitulada «Saudades de Portugal» –; desse modo, o livro *Manhã de Nevoeiro* fica com cinco partes, em vez das seis com que fora estruturada a edição de 1927; um inédito – «Cantiga»[988] – substitui «Canção peregrina»[989], na quarta parte de *Destino*; e outro inédito – «Louvor»[990] – é acrescentado na quinta parte de *Manhã de Nevoeiro*.

Além dos postais que Guilherme de Faria escreveu a José no dia 4 de Janeiro de 1929, o poeta deixou índices, apontamentos e alterações manuscritas nos seus exemplares; pediu que os seus poemas manuscritos fossem revistos por Manuel de Castro, Manuel de Vasconcelos e António Pedro; revelou um cuida-

[980] *Id.*, *ibid.*, pp. 19-20; cf. Anexo 2, p. 117.
[981] *Id.*, *ibid.*, pp. 21-22; cf. Anexo 2, p. 118.
[982] *Id.*, *ibid.*, p. 23; cf. Anexo 2, p. 1119.
[983] *Id.*, *ibid.*, pp. 25-26; cf. Anexo 2, p. 120.
[984] *Id.*, *ibid.*, pp. 27-29; cf. Anexo 2, p. 121.
[985] *Id.*, *ibid.*, pp. 45-46.
[986] SM[29], pp. 67-68; SM[08], p. 56.
[987] SM[29], pp. 101-103; SM[08], p. 76.
[988] SM[29], pp. 195-196; SM[08], p. 135.
[989] *Destino*, pp. 75-77; cf. Anexo 2, p. 123.
[990] SM[29], pp. 265-266; SM[08], p. 183.

do com a edição do seu "livro definitivo" que é comovente e perturbador, na medida em que já tinha decidido suicidar-se e cuida desta edição como uma herança, como o seu legado poético, a expressão comovida e sincera da sua condição de poeta.

Sabemos que Guilherme de Faria ponderou outro título para este livro, porventura mais intenso e dramático, se tivermos em consideração as circunstâncias da sua vida e morte, e o carácter "definitivo" da antologia: *O Livro de Guilherme de Faria.* Prevaleceu o título *Saudade Minha (poesias escolhidas)*, mas talvez o primeiro fosse mais coerente com o que esta antologia representa.

Numa nota biobibliográfica, publicada em 1936, encontrámos outro elemento importante para a compreensão do carácter "definitivo" de *Saudade Minha (poesias escolhidas)*: "De todos os seus livros é este o único que, segundo o seu expresso desejo, poderá ser reimpresso."[991]

A antologia *Saudade Minha (poesias escolhidas)* foi publicada em Julho de 1929, mas só foi apresentada no final de Outubro. Na imprensa, mais do que considerações literárias, encontramos leituras da obra à luz da vida e da morte do poeta. Esta antologia é assim considerada o "testamento sentimental e literário" de Guilherme de Faria, onde se pode encontrar "o lirismo puro de João de Deus" ou "a fantasia doirada dos nossos Cancioneiros"[992], a "nobreza da expressão camoniana"[993] ou "a voz evocadora das longínquas e sonhadas paragens onde cada um de nós sabe que existe o segredo da sua vida e a revelação do seu mistério."[994]

Para João de Sousa Fonseca, Guilherme de Faria foi um dos nossos mais extraordinários poetas líricos: "É neste livro de poesias escolhidas [...] que essa verdade incontestável ressalta mais nitidamente, com mais luminosidade. Gui-

[991] «Guilherme de Faria», *Civilização*, Jan. 1936.
[992] *A Voz*, 30 Out. 1929.
[993] *Diário de Notícias*, 4 Nov. 1929.
[994] *Diário de Lisboa*, 15 Nov. 1929.

lherme de Faria foi, talvez, o mais inspirado e veemente dos líricos da nossa época e, deambulando pelas idades passadas da nossa poesia, raro se encontrará quem se avantaje em doce emoção, em humana ternura, em arrebatamento passional."[995]

Entre inúmeros artigos de imprensa, destacamos este curioso apontamento publicado no jornal *Novidades*: "Esta colectânea é um interessante e valioso documento psicológico que bem merecia um largo e profundo estudo, para compreender-se claramente o drama íntimo do mal-aventurado poeta."[996] Ou um artigo publicado no *Boletim Mensal da Ordem Terceira e Missões Franciscanas*:

> "Fosse que, ao organizar a presente colectânea, estivesse ele ferrado na intenção funérea de fazer o seu testamento poético, ou fosse que, arrebatado do propósito heróico de *maiora canamus*, pensasse em arrumar o passado na edição *juvenilia*, porque a morte veio, *Saudade Minha* ficou sendo o livro de seus livros, o cântico de seus cânticos. Porque a morte veio… ficaram verdadeiros os quatro versos de Bandarra que Guilherme de Faria escrevera no princípio deste livro, acertando-os ao seu destino:
>
> *Em dois sítios me achareis,*
> *Por desgraça ou por ventura:*
> *Os ossos na sepultura,*
> *E a alma nestes papéis.*"[997]

Por seu lado, na *Brotéria*, Durão Alves caracteriza com rigor a poesia de Guilherme de Faria, a propósito da leitura de *Saudade Minha (poesias escolhidas)*: "A sentida emoção com que traduz a melancolia pessimista da sua alma doente;

---

[995] João de Sousa Fonseca, *A Ilustração*, 1 Dez. 1929.
[996] *Novidades*, 29 Nov. 1929.
[997] *Boletim Mensal da Ordem Terceira e Missões Franciscanas*, Dez. 1929.

a penetrante simpatia com que toma e remoça pensamentos e maneiras poéticos de antigos tempos; o ritmo doce dos seus versos; a técnica perfeita e por vezes reveladora de grande intuição artística."[998]

Passados 41 anos da edição de *Saudade Minha (poesias escolhidas)*, em 1970, por ocasião da homenagem da cidade de Guimarães a Guilherme de Faria, Duarte do Amaral disse: "Só nos poderemos considerar inteiramente desobrigados – todos nós: amigos, admiradores, família – quando por nossa iniciativa surgir, nos escaparates de poesia deste país, a reedição integral da obra de Guilherme de Faria."[999]

[998] Durão Alves «Guilherme de Faria – *Saudade Minha (poesias escolhidas)*», *Brotéria*, Vol. X, Fasc. I, Jan. 1929.
[999] *Diário de Notícias*, 26 Set. 1970.

Conclusão

Guilherme de Faria nasceu e cresceu à sombra do castelo de Guimarães. A sua infância é marcada por um contexto católico e tradicional no 'berço' mítico da pátria. O imaginário passadista, em que Guilherme de Faria sonhou ser cavaleiro ou troveiro medievo, foi o seu presente, num velho Portugal que se 'reaportuguesava' à luz dos seus mitos reinventados, particularmente desde o terceiro centenário da morte de Camões, em 1880. Guilherme de Faria não precisou da propensão para a deriva alucinada dos poetas românticos; bastou-lhe ser criança e viver em Guimarães.

Ainda assim, Guilherme de Faria era um rapaz diferente, tinha iniludivelmente propensão para a deriva alucinada dos poetas românticos. A criança com 10 anos, bem formada pelos padres jesuítas, escrevia com uma correcção e uma eloquência impressionantes, tinha uma retórica irrepreensível para alguém com a sua idade, o que lhe valeu a atenção e o respeito dos companheiros, e certamente o espanto dos adultos que o viram dirigir, entre 1918 e 1919, o jornal *5 de Dezembro*, quinzenário defensor da causa sidonista.

O rapaz irrequieto, nervoso, que os seus contemporâneos descrevem com grandes olhos negros a arder na face iluminada, despede-se de Guimarães e parte para Lisboa no Outono de 1919.

Guilherme de Faria era uma criança desconcertante. Não era só a sua precocidade que era exagerada, tudo nele era excessivo e passional: uma amizade ou uma contenda, o amor ou o desprezo, a compaixão ou a ironia. Tendo descoberto muito cedo a poesia e a condição de poeta, só poderia assumi-la excessivamente, fatalisticamente.

Em 1923, com 16 anos, Guilherme de Faria era um rapaz franzino, de baixa estatura. Imaginamo-lo a descer, apressado, do 2º andar onde vivia até à porta que dá para a Rua da Horta Seca: à sua esquerda o Bairro Alto, o fado, as tabernas, os prostíbulos; à sua direita o Chiado, a Brasileira, a Bertrand; por todo o lado, a 'babilónica' Lisboa dos anos 20.

Guilherme de Faria, que comovidamente chorara a morte de Sidónio Pais, encontrou no Integralismo Lusitano a tradução coerente do seu temperamento tradicionalista e das suas convicções monárquicas. Nesse contexto, sentiu-se ele próprio um 'reaportuguesador' e foi nessa condição que emprestou circunstancialmente a sua poesia a esse propósito político, social e moral de restituir a Portugal a sua história, a glória do seu passado heróico.

No entanto, não foi essa vaga esperança sebastianista de inspiração integralista que fez de Guilherme de Faria um poeta notável. Entre 1922 e 1929, publicou sete livros de poesia, onde concebeu um raro universo poético, profundamente idiossincrático e, simultaneamente, povoado por espectros do imaginário de Antero de Quental, António Nobre e Camilo Pessanha, mas também de João de Deus, Gomes Leal, Eugénio de Castro e José Duro. Assim, a poesia que apresentou nos primeiros livros é particularmente nocturna, revela uma tristeza mórbida, em que predominam as paisagens marítimas, outoniças e crepusculares, assim como o sentimento de prematuro envelhecimento.

Nesses primeiros livros, encontramos uma poesia egótica, de feição neoplatónica, sentimental e pouco imagética; enquanto dialoga com a morte, adquire ocasionalmente um sentido ascensional, como se dentro do poeta ardesse uma ontológica saudade de Deus. Entre a expressão do *taedium vitae*, do desterro e da saudade de si mesmo, o complexo processo de construção de uma identidade poética produz uma existência literária, um mundo no qual Guilherme de Faria vive e fora do qual já não sabe viver.

A partir de *Saudade Minha*, a inspiração medieval e quinhentista de Guilherme de Faria atenua progressivamente a expressão do pessimismo e da morbidez dos primeiros livros; aflora, então, na sua poesia uma mais fremente saudade de si mesmo, um sentimento amoroso elegíaco e doce, como uma melopeia, e uma tristeza mais intimista, resignada e condescendente com a morte. A sua poesia demarca-se claramente do saudosismo e liberta-se progressivamente da denunciada influência dos românticos decadentistas. Por opção, Guilherme de Faria busca a voz dos Cancioneiros, num lirismo mais próximo de Afonso Lopes Vieira, António Correia d'Oliveira e Mário Beirão, e assume-se declaradamente no contexto do Neo-Romantismo lusitanista.

Com efeito, se nos seus primeiros livros estabelece predominantemente um diálogo intertextual com poetas como Antero de Quental, António Nobre, Camilo Pessanha ou Eugénio de Castro – testemunhado por inúmeros elementos paratextuais –, esse diálogo estabelece-se, a partir da edição de *Saudade Minha*, em 1926, preferencialmente com Bernardim Ribeiro, Crisfal, Camões ou Frei Agostinho da Cruz. Os títulos e as epígrafes que Guilherme de Faria escolhe para as edições de *Saudade Minha*, *Destino*, *Manhã de Nevoeiro* e *Desencanto*, denunciam claramente esta nova intertextualidade, tão característica da poesia neo-romântica lusitanista.

Guilherme de Faria não é apenas um dos mais notáveis e esquecidos poetas neo-românticos lusitanistas, mas um poeta que, tendo morrido com apenas 21 anos, deixou uma obra que se situa na melhor tradição lírica e elegíaca da poesia portuguesa.

E se isso não é pouco, Guilherme de Faria não foi apenas isso. Entre o Chiado e o Bairro Alto, o jovem poeta contactou, com mais ou menos proximidade, com as principais figuras das letras e das artes do seu tempo. Com 21 anos, Gui-

lherme de Faria tinha uma biblioteca com centenas de livros, muitos dos quais oferecidos e dedicados por importantes homens das letras e das artes[1000].

Guilherme de Faria, que começou a escrever poesia com 12 anos – permanecem inéditos inúmeros poemas em manuscritos autógrafos de 1920 e 1921 –, publicou o primeiro livro com 14 anos e o sétimo livro, já póstumo, sete anos mais tarde. Por vezes, ao reler *Saudade Minha* ou *Manhã de Nevoeiro*, pensamos no que grandes poetas, como António Nobre, Teixeira de Pascoaes, Fernando Pessoa ou Mário de Sá Carneiro, escreveram até aos 21 anos e interrogamo-nos acerca do poeta que Guilherme de Faria teria sido se não tivesse posto fim à sua vida.

Mas tudo isso – a poesia, as relações, a precocidade – é ainda iluminado por um epistolário humaníssimo e comovente, e pelo testemunho dos seus contemporâneos. Esse epistolário tem uma intensidade dramática e revela um ser humano intrinsecamente poético, inteligente e sonhador, dócil e só, irascível e resignado, sensível e entediado, excessivo e silente, bipolar, desgastado pela neurastenia, cansadíssimo de não ser ele nem ser o outro e de resistir à vertigem suicidária.

Ocorre-nos o desabafo de Manuel Laranjeira, numa carta de 1908 a Miguel de Unamuno: "Crer...! Em Portugal, a única crença ainda digna de respeito é a crença na morte libertadora."[1001] Ou as palavras de Teixeira de Pascoaes: "Em parte alguma, como em Portugal, há tantos suicídios por amor. [...] Há muitos sepulcros nos cemitérios portugueses que são tálamos nupciais."[1002]

[1000] Entre os quais destacam-se António Cândido, Coelho de Carvalho, Raul Brandão, Fausto Guedes Teixeira, Teixeira de Pascoaes, Afonso Lopes Vieira, António Correia d'Oliveira, Joaquim Manso, Alfredo Pimenta, Raul Leal, Luís de Almeida Braga, Carlos de Lemos, Vitoriano Braga, Mário Beirão, Mário Saa, Almada Negreiros, António Botto, José Bruges d'Oliveira, António Pedro, entre tantos outros.

[1001] Miguel de Unamuno, «Un pueblo suicida», *in Por tierras de Portugal y de España*, *in Obras completas* (vol. I), Madrid, Escelier, 1966, p. 244.

[1002] Teixeira de Pascoaes, *Os Poetas Lusíadas*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1987, p. 145.

Ocorre-nos ainda *O Jardim da Morte* de Júlio Brandão, a mesma imagem da mulher, o mesmo desgosto do sonho de união desfeito, o mesmo pessimismo que a ilusão ocasionalmente mascara. "Contudo, há algo que mais autenticamente surge no final das alternâncias da paixão amorosa, no final da evasão tentada e no final da amargura de existir, quando desnudadamente enfrentada: é a morte. [...] O amor, já algures estigmatizado pelo distanciamento inumano da mulher, afoga-se sempre na morte, imposição decisiva pela impossibilidade de completamente o realizar. [...] Mas não é só o amor que a morte domina. Antes de chegar, ela já está a encher a alma e a vida do poeta."[1003]

Em 1923, nas primeiras cartas que Guilherme de Faria escreve a Manuel de Castro, percebemos que há qualquer coisa inexorável, sombria ou redentora, um sentimento vago, saudoso, que na sua expressão poética pode ser confundido com um artifício literário pouco sincero, mas que numa carta íntima adquire uma verdade perturbadora e insofismável: "Tenho saudades de mim! Sinto-me farto deste exílio. Vou regressar ao meu Reino! Quero viver!"[1004] E não se trata de algo fortuito, isolado, um capricho de pretenso poeta romântico; é algo muito denso, intenso, um amor maior, alucinado, ensimesmado, idiossincrático. Há um dia em que já nada pode valer a Guilherme de Faria, nem a evasão passadista, nem a «Canção da Felicidade» de António Nobre.

É qualquer coisa inexorável, sombria ou redentora, a mulher, a saudade, a morte:

> "Ela há-de escutar-te,
> Pálida, a entender-te!
> E, no espanto enorme,
> Sonhando envolver-te,
> Triste, há-de embalar-te

[1003] José Carlos Seabra Pereira, *op. cit.*, pp. 119-120.
[1004] Guilherme de Faria, carta a Manuel de Castro, 8 Out. 1923.

– «Dorme… dorme… dorme…» –
Como a adormecer-te." [1005]

Franzino, irrequieto, de grandes olhos negros a arder na face iluminada, Guilherme de Faria foi um 'rapaz raro' que escolheu adormecer nas brumas do Encoberto e que foi, nas palavras de Alfredo Pimenta, "o último Poeta português, que aos 21 anos se deixou enfeitiçar pelo marulho das ondas e no seio destas se foi cantar a sua última estrofe."[1006]

Um último pensamento sobre a vida e a poesia de Guilherme de Faria detém-nos nas palavras de Eduardo Lourenço. Há nelas a verdade comovente e impressiva do Poeta para sempre adormecido, mas de pé, diante do mar:

> "Contrariamente à lenda, o povo português, ferido, como tantos outros, por tragédias reais na sua vida colectiva, não é um povo trágico. Está aquém ou além da tragédia. A sua maneira espontânea de se voltar para o passado em geral, e para o seu em particular, não é nostálgica e ainda menos melancólica. É simplesmente *saudosa*, enraizada com uma tal intensidade no que ama, isto é, no que é, que um olhar para o passado no que isso supõe de verdadeiro afastamento de si, numa adesão efectiva ao presente como sua condição, é mais da ordem do sonho que do real. É esse lugar de sonho, esse lugar ao abrigo do sonho, esse passado-presente, que a 'alma portuguesa' não quer abandonar. Para o não abandonar [...], Portugal, imerso com doçura no mundo, natural e sobrenaturalmente maravilhoso, converteu-se em ilha-saudade. Um lugar sem exterior onde lhe fosse possível distinguir a realidade do sonho, um porto de onde não se sai para defrontar os monstros e a traição dos elementos – mesmo se nenhum povo os afrontou com maior afoiteza –, mas para tentar recuar até aos limites o momento

[1005] *Id.*, *Manhã de Nevoeiro*, p. 36; SM[08], p. 161.
[1006] Alfredo Pimenta, dedicatória manuscrita na página de rosto do exemplar de *Saudade Minha (poesias escolhidas)* oferecido ao Dr. Ricardo Jorge, 18 Jun. 1935 (esse exemplar encontra-se na Biblioteca Municipal do Porto).

de encontro consigo, imposto pelo Outro, o verdadeiramente Outro, aquele que não nos vê como nós nos vemos: cavaleiros do Gral adormecidos, mas de pé, imóveis no coração da realidade.

Com a *saudade* não recuperamos apenas o passado como paraíso; inventamo-lo. O nosso povo, imemorialmente rural, absorvido por fora em afazeres desprovidos de transcendência, mas levados a cabo como uma epopeia, com o seu talento do detalhe, da miniatura, é um povo sonhador. Não especialmente por ter cumprido sonhos maiores do que ele, mas porque, no fundo de si, ele recusa o que se chama realidade. [...] A *saudade*, descida no coração do tempo para resgatar o tempo, é como uma lâmpada que recusa apagar-se no meio da noite. Talvez nos torne estranhos e mesmo complacentes com essa estranheza, mas esse sentimento é puramente ilusório. Sob outros nomes ou sem nomes, a saudade é universal, não apenas como desejo de eternidade, mas como sensação e sentimento vividos de eternidade. Ela brilha sozinha no coração de todas as ausências."[1007]

[1007] Eduardo Lourenço, *Portugal como Destino seguido de Mitologia da Saudade*, pp. 93-94.

Post-scriptum

[na primeira pessoa do singular]

> "Pela *Saudade* revive o que morreu e antevive o que está para nascer, quando ela, a nossa Virgem Lusíada, se volta para o futuro, mostrando a sua face de esperança"[1].
>
> Teixeira de Pascoaes

Há alguns anos que Teixeira de Pascoaes habita o meu silêncio mais ensimesmado e a minha biblioteca, onde reúno primeiras edições dos seus livros com o estremecimento de quem guarda o futuro. Lembro com a força das imagens mais presentes, a tarde de 1996 em que o Professor Ângelo Alves leu os versos de *Regresso ao Paraíso* numa sala de aula da Faculdade de Teologia.

Foi Teixeira de Pascoaes que, anos mais tarde, me apresentou Guilherme de Faria. Em meados de 2003, na livraria/antiquário Chaminé da Mota, na Rua das Flores, a minha amiga Maria de Lurdes Silva Paiva passou-me para as mãos um exemplar da 1ª edição de *O Génio Português na sua expressão filosófica, poética e religiosa*, assinado e dedicado por Teixeira de Pascoaes: "Ao jovem e querido poeta Guilherme de Faria, lembrança de Teixeira de Pascoaes". Na última página podia ler: "Nota: Pascoaes ofereceu-me este livro em 19 de Março de 1924. G. de F."

O entusiasmo pela compra de um livro assinado e dedicado por Teixeira de Pascoaes não impediu a interrogação sobre a identidade de Guilherme de Faria. Em casa, no exemplar da *História da Literatura Portuguesa* que me acompanha desde o Ensino Secundário, Óscar Lopes esclareceu-me: o malogrado poeta

[1] Teixeira de Pascoaes, *O Génio Português na sua expressão filosófica, Poética e Religiosa*. Porto, Renascença Portuguesa, 1913, p. 45.

Guilherme de Faria tinha nascido em 1907 e morrido em 1929, com apenas 21 anos – "Poeta de um passadismo nocturno, elegíaco e doce que só se realiza em diálogo com a morte e que, formalmente, conjuga ainda ressaibos da velha lírica da *medida velha* cortês com um à-vontade e uma fluência rítmicas mais modernas."[2] Pareceu-me interessante, mas confesso que arrumei o livro sem consciência das consequências desta descoberta ocasional.

Alguns meses mais tarde, no Outono de 2003, a Maria de Lurdes entregou-me um exemplar da quinta edição de *Frei Luís de Sousa* de Almeida Garrett[3]; não me disse nada, esperou que eu abrisse o exemplar e encontrasse, na página de rosto, a assinatura de Guilherme de Faria e a data de Agosto de 1920. Lembrei-me das palavras de Óscar Lopes e reli, no exemplar de *Frei Luís de Sousa* que pertencera a Guilherme de Faria, a palavras de Garrett: "Deus aflige neste mundo aqueles que ama. A coroa de glória não se dá senão no céu."

Só em 2004 li a poesia de Guilherme de Faria, em exemplares que comprei em livreiros/alfarrabistas ou que consultei na Biblioteca da Faculdade de Letras da UP ou na Biblioteca Municipal do Porto. Mais tarde, no segundo volume de *Pedras à Beira da Estrada*, de Joaquim Paço d'Arcos, encontrei a conferência «Destino e Obra do Poeta Guilherme de Faria», um testemunho impressivo e comovente que motivou a inscrição em doutoramento na Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa – Braga, em Outubro de 2005.

Da investigação desenvolvida nesse contexto, resultou a descoberta do espólio de Frei Francisco Leite de Faria, irmão do poeta. No princípio de 2006, nesse espólio guardado na Biblioteca Provincial da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos – na Fraternidade do Porto, no Amial –, com a colaboração e a autorização do Frei João José da Costa Guedes da Silva, encontrei um significativo conjunto de documentos de Guilherme de Faria.

---

[2] Óscar Lopes e António José Saraiva, *História da Literatura Portuguesa*, Porto, Porto Editora, 1989, pp. 1028-1029.
[3] Almeida Garrett, *Frei Luís de Sousa*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1883.

Informado de que em 1995 uma irmã de Frei Francisco Leite de Faria tinha estado presente no seu funeral, decidi ir a Lisboa, com a vaga esperança de ainda estar viva e residir ainda na casa que o seu pai alugara em 1919, na Rua da Horta Seca. Assim, na companhia do meu amigo José Félix Duque, aconteceu algo pouco provável: conheci a Sr.ª D. Teresa Leite de Faria e a casa onde viveu o poeta, fundamentalmente como era na década de 20 do século passado; e encontrei uma boa parte do espólio de Guilherme de Faria, constituído por cartas, fotografias e muitos outros documentos.

Entre 2006 e 2007, tornou-se mais intenso o contacto com o espólio e com o meio que Guilherme de Faria habitou. Nesse sentido, importa recordar o contributo do sobrinho Gonçalo Leite de Faria – filho de Miguel – e do sobrinho-neto Pedro Leite de Faria – neto de António –; assim como de alguns descendentes de amigos do poeta: João Filipe e Maria do Carmo Paço d'Arcos, filhos de Joaquim e Anrique Paço d'Arcos, respectivamente; e Eduardo Hartwich Nunes, filho de António Hartwich Nunes.

Em Setembro e Outubro de 2007, por ocasião do centenário do nascimento do Guilherme de Faria, organizei um conjunto de iniciativas em Lisboa, em Guimarães e no Porto, que reuniram familiares do poeta, académicos e dezenas de pessoas interessadas na vida e obra de Guilherme de Faria. Entre as várias evocações da memória do poeta, importa lembrar as conferências de António Cândido Franco, na Casa Fernando Pessoa, em Lisboa, e de Fernando Guimarães, no Clube Literário do Porto. Foi nesse contexto apresentada a gravura de Estela Baptista Costa, comemorativa do centenário do nascimento do poeta, em 55 provas assinadas e numeradas.

Foi ainda apresentada a 2ª edição de *Saudade Minha – poesias escolhidas*, 78 anos depois da 1ª edição, e depositada uma coroa de flores no jazigo de Guilherme de Faria, no Cemitério dos Prazeres.

Ainda em Outubro, pedi transferência do doutoramento em Filosofia – na Universidade Católica Portuguesa, sob orientação do Professor Doutor José Gonçalves Gama – para Literatura – na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sob orientação da Professora Maria João Reynaud –, por uma questão de redefinição do objecto de estudo. No final de Novembro foi-me concedida uma bolsa de investigação pela Fundação para a Ciência e Tecnologia[4].

Em 2008 foi apresentada a 3ª edição de *Saudade Minha – poesias escolhidas.*

Entre 2007 e 2009, apresentei três comunicações em colóquios internacionais: «O sentido soteriológico do espólio de Guilherme de Faria», FLUP, 18 de Outubro de 2007 (Colóquio Internacional: Crítica Textual e Crítica Genética em Diálogo); «O corpo e a morte. Uma leitura teológica circunstancial da vida e obra do poeta Guilherme de Faria», FLUP, 24 de Abril de 2009 (Colóquio Internacional e Interdisciplinar: Artes da Perversão); «Guilherme de Faria: entre a identidade e o anacronismo», FLUP, 3 de Dezembro de 2009 (Colóquio Internacional: Literaturas Nacionais, continuidade ou fim?).

Entre 2006 e 2010 foi reunido um espólio com centenas de documentos de Guilherme de Faria, as suas primeiras edições foram significativamente revalorizadas, a antologia da sua poesia foi duas vezes reeditada e regressou às secções de poesia das livrarias portuguesas. Espero que esta investigação sobre a vida e obra de Guilherme de Faria, no âmbito de um doutoramento em Literaturas e Culturas Românicas, contribua para minorar os iniludíveis efeitos do tempo e, em vez de um ponto-de-chegada, seja efectivamente um ponto-de-partida.

Maia, 24 de Agosto de 2011

[4] Nas observações da concessão da bolsa destaca-se, no que concerne ao mérito dos trabalhos a desenvolver, o "objecto de estudo com grande pertinência, quer pelo resgate previsível de bom poeta com desastrada fortuna crítica, quer por vir colmatar as muitas lacunas que entre nós deixou o lapso lansoniano".

Bibliografia

1. De Guilherme de Faria

1.1. Poesia:

— *Poemas*, Lisboa [Imprensa de Manuel Lucas Torres], 1922.

— *Mais Poemas*, Lisboa [Imprensa de Manuel Lucas Torres], 1922.

— *Sombra*, Lisboa [Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional], 1924.

— *Saudade Minha*, Lisboa [Tipografia de Alfredo Torres], 1926.

— *Oração de Santo António de Lisboa*, Lisboa [Tipografia de Alfredo Torres], 1926.

— *Destino*, Lisboa [Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional], 1927.

— *Manhã de Nevoeiro*, Lisboa [Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional], 1927.

— *Desencanto*, Lisboa [Imprensa Nacional], 1929.

— *Saudade Minha (poesias escolhidas)*, Lisboa [Imprensa Nacional], 1929; 2ª ed., Maia, Cosmorama, 2007; 3ª ed., Maia, Cosmorama, 2008.

— *Antologia de Poesias Religiosas* [prefácio do Arcebispo de Évora, D. Manuel Mendes da Conceição Santos], Lisboa, Edições Gama, 1947. Esta antologia foi reeditada na década de 90, com outro título e apresentação do P. António Costa Marques: *As mais belas poesias religiosas*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1996.

Poemas publicados em periódicos:

— «Sonetos do livro *Poemas* de Guilherme de Faria» [cinco sonetos de *Poemas*], *in Diário de Lisboa*, 24 Maio 1922;

— «Soneto» [*Poemas*], *in A União* (Angra do Heroísmo), 30 Set. 1922;

— «Versos do livro *Sombra* de Guilherme de Faria» [três poemas: «Sombra», «Crepuscular» e «Carta do meu amor»], *in Diário de Lisboa*, 30 Out. 1924;

— «A um Pai» [inédito], *in O Povo de Angeja*, 28 Mar. 1926;

— «Destino português» [inédito, posteriormente publicado em *Destino*], *in A Folha do Lado* (Alcácer do Sal), 5 Dez. 1926;

— «Canção» [inédito, posteriormente publicado em *Destino*], *in A Folha do Lado*, 19 Dez. 1926;

— «Cantiga» [*Saudade Minha*], *in A Folha do Lado*, 1 Jan. 1927;

— «Eu» [*Sombra*], *in A Folha do Lado*, 6 Mar. 1927;

— «*Destino*» [dois poemas: «Noite alta» e «El-Rei»], *in A Folha do Lado*, 27, Mar. 1927;

— «Do livro *Destino* do poeta Guilherme de Faria» [cinco poemas], *in Diário de Lisboa*, 12 Abr. 1927;

— «Na morte d'El Rei D. Miguel II» [inédito, posteriormente publicado em *Manhã de Nevoeiro*], *in A Nação*, 11 Nov. 1927;

— «Português de hoje» [*Manhã de Nevoeiro*], *in A Tradição*, 28 Jan. 1928;

— «À Virgem Padroeira» [inédito, impresso posteriormente numa pagela de 1929, em que se pedia uma "oração pela alma de Guilherme Leite de Faria"], *in A Tradição*, 11 Jul. 1928;

— «Cantar» [inédito, posteriormente publicado em *Desencanto*], *in Gil Vicente – Revista de Cultura Literária Nacionalista*, IV vol., n.º 7-8, 1928;

— «Oração», [*Saudade Minha*], *in Novidades*, 13 Jan. 1929;

— «Rimance das águas» [*Manhã de Nevoeiro*], *in Notícias Ilustrado*, 17 Fev. 1929;

— «Canção de gesta» [*Manhã de Nevoeiro*], *in A Tradição*, 21 Fev. 1929;

— «Um livro póstumo do poeta Guilherme de Faria é amanhã posto à venda» [oito poemas de *Desencanto*], *in Diário de Lisboa*, 27 Fev. 1929;

— «Usch» [*Desencanto*], *in A Montanha* (Porto), 9 Mar. 1929;

— «Oração a Santo António de Lisboa», *in Boletim Mensal da Ordem Terceira e Missões Franciscanas Portuguesas* (Braga), Mar. 1929;

— «Súplica» [*Saudade Minha – poesias escolhidas*], *in Arte* (Nápoles), Jul.-Set. 1929;

— «Um inédito do malogrado poeta», *in O Marcoense*, 25 Jan. 1930;

— «Destino português» [*Destino*], *in Portugal* (Luanda), 17 Fev. 1930;

— «Português de hoje» [*Manhã de Nevoeiro*], *in Portugal* (Luanda), 10 Fev. 1930;

— «Ex-libris» [*Manhã de Nevoeiro*], *in Jornal de Albergaria*, 9 Jan. 1937.

Antologias que integram poemas de Guilherme de Faria:

— Hernâni Cidade, *Tendências do Lirismo Contemporâneo* (2ª edição ampliada e acompanhada de uma antologia de poesia moderna), Lisboa, Livraria Portugália, 1939, p. 112.

— Fernando Pessoa e António Botto [org.], *Antologia de Poemas Portugueses Modernos*, Coimbra, Editorial Nobel, 1944, pp. 69-70.

— José Régio e Alberto de Serpa [org.], *Poesia de Amor – Antologia Portuguesa*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1945, pp. 250-252.

— José Régio e Alberto de Serpa [org.], *Na Mão de Deus – Antologia de Poesia Religiosa Portuguesa*, Lisboa, Portugália Editora, 1958, pp. 325-327.

— Fernando Pessoa e outros lusíadas, *Regresso ao Sebastianismo*, antologia organizada por Petrus (pseudónimo de Pedro Veiga), Porto, s/d, pp. 55 e 69.

1.2. Artigos em periódicos:

Guilherme de Faria foi o director do *5 de Dezembro*, quinzenário defensor da Causa Sidonista, sendo autor de parte significativa dos textos aí publicados. Entre 22 de Agosto de 1918 e 12 de Janeiro de 1919, foram apresentados 11 números do *5 de Dezembro*:

— nº 1, 22 Ago. 1918 [director: Guilherme B. Leite de Faria; editor: J. de Sousa Pinto; redacção e administração: Rua 31 de Janeiro, 145 – Guimarães]; nº 2, 5 Set. 1918; nº 3, 22 Set. 1918; nº 4, 6 Out. 1918; nº 5, 20 Out. 1918 [director: Guilherme B. Leite de Faria; editor: M. Mendes Fernandes; redacção e administração: Largo Dr. Sidónio Pais, 99-100]; nº 6, 10 Nov. 1918 [redacção e administração: Casa da Burnaria]; nº 7, 17 Nov. 1918; nº 8, 5 Dez. 1918; nº 9, 22 Dez. 1918; nº 10, 29 Dez. 1918; nº 11, 12 Jan. 1919.

— «Um Poeta Português», *in A Folha ao Lado* (Alcácer do Sal), 30 Jan. 1927.

— «Mário Beirão», *in A Bandeira*, Lisboa, 15 Dez. 1928.

— «Um século», breve artigo que foi censurado e, por isso, não foi publicado no jornal legitimista *A Tradição*, num número comemorativo do centenário da aclamação de D. Miguel, em 1928.

1.3. Entrevista:

— «A nova geração e o ideal nacionalista» [entrevista orientada por Armando Boaventura], *in A Ideia Nacional*, 30 Mar. 1927.

2. Sobre Guilherme de Faria

2.1. Artigos em monografias ou revistas:

ANSELMO, Manuel

— «Guilherme de Faria e o lirismo integral», *in Antologia Moderna*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1937, pp. 159-167.

ARCOS, Joaquim Paço d'

— «Destino e Obra do Poeta Guilherme de Faria», conferência pronunciada em 25 de Setembro de 1970, no Paço Ducal de Guimarães, a convite da Câmara Municipal da mesma cidade, Separata da revista *Ocidente*, Vol. LXXIX, Lisboa, 1970; *Pedras à Beira da Estrada* (vol. 2), Lisboa, Guimarães Editores, 1971, pp. 329-386.

GUIMARÃES, Fernando

— «Guilherme de Faria ou a outra saudade», *in Cosmorama – poetas e poéticas*, 2007, pp. 49-54.

PEDRO, António

— «Poesia – Os Contemporâneos I – Guilherme de Faria», *in Nação Portuguesa*, Dez. 1928, Série V, Tomo I, n.º 6, pp. 437-448.

PIMENTA, Alfredo

— «Quatro escritores vimaranenses. 1) O poeta Guilherme de Faria», in *Páginas Minhotas*, Lisboa, Organizações Bloco, 1950, pp. 37-43.

SIMÕES, José Carlos

— «Um antigo aluno – O poeta Guilherme de Faria», *in O liceu de Guimarães (boletim anual)*, Ano II, 1940-1941, pp. 69-81.

TEIXEIRA, José Rui

— «A redescoberta de Guilherme de Faria», *in Saudade Minha – poesias escolhidas*, Maia, Cosmorama, 2008, pp. 7-15.

— «O sentido soteriológico do espólio de Guilherme de Faria», *in* Maria João Reynaud e Francisco Topa [org.], *Crítica Textual & Crítica Genética em Diálogo* (vol. II) [Actas do Colóquio Internacional: Crítica Textual e Crítica Genética em Diálogo], Munique, Martin Meidenbauer Verlagsbuchhandlung, 2010, pp. 365-376.

2.2. Artigos em periódicos [alguns dos artigos, que aqui apresentamos cronologicamente, não são assinados e/ou não têm título]:

1922

— Joaquim Manso, notícia da edição de *Poemas*, *in Diário de Lisboa*, 2 Maio 1922;

— Ruy de Veras (pseudónimo de António de Meneses), recensão de *Poemas*, *in O Tempo*, 6 Maio 1922;

— Ruy de Veras, «*Poemas*, de Guilherme de Faria», *in Ilustração Portuguesa*, 13 Maio 1922;

— «*Poemas*, por Guilherme de Faria», *in Correio da Manhã*, 15 Maio 1922;

— César de Frias, «*Poemas*, por Guilherme de Faria», *in O Século* (edição da noite), 20 Maio 1922;

— Notícia da edição de *Poemas*, *in O Dia*, 9 Jun. 1922;

— Câmara Lima, «*Poemas*», *in Correio da Manhã*, 9 Jun. 1922;

— Fernando do Amaral Leiro, «*Poemas*, por Guilherme de Faria», *in O Circo*, 18 Jun. 1922;

— Maria Teresa, «*Poemas* de Leite de Faria», *in Acção* (Viseu), 15 Jun. 1922;

— «Guilherme de Faria» (notícia da edição de *Poemas*), *in Comércio de Guimarães*, 23 Jun. 1922;

— Emília de Sousa Costa, notícia da edição de *Poemas*, *in Jornal da Europa*, 1 Ago. 1922;

— Recensão de *Poemas*, *in Diário de Notícias*, 8 Set. 1922;

— «Bibliografia alegre» (recensão de *Poemas*), *in O Baionense*, 15 Set. 1922;

— Notícia da edição de *Poemas*, *in A União* (Angra do Heroísmo), 30 Set. 1922;

— N. R., «Guilherme de Faria, o jovem Poeta de Guimarães» (recensão de *Poemas*), *in Pro Vimarane*, Set. 1922;

— Joaquim Manso, notícia da edição de *Mais Poemas*, *in Diário de Lisboa*, 21 Nov. 1922;

— «*Mais Poemas*, de Guilherme de Faria», *in Correio da Manhã*, 23 Nov. 1922;

— Câmara Lima, «*Mais Poemas*», *in Correio da Manhã*, 11 Dez. 1922;

— João Ameal, notícia da edição de *Mais Poemas*, *in O Primeiro de Janeiro*, 12 Dez. 1922.

1923

— Alfredo Pimenta, recensão de *Mais Poemas*, *in La Pluma* (Madrid) Ano IV, n.º 33, Fev. 1923;

— João Claro, recensão de *Mais Poemas*, *in O Dia*, 14 Mar. 1923;

— «*Mais Poemas*», *in Ecos de Guimarães*, 6 Maio 1923;

— «*Mais Poemas*», *in Diário de Notícias*, 16 Ago. 1923.

1924

— Joaquim Manso, notícia da edição de *Sombra*, *in Diário de Lisboa*, 16 Out. 1924

— Maria de Carvalho, «*Sombra* por Guilherme de Faria», *in Correio da Manhã*, 10 Nov. 1924;

— «*Sombra* por Guilherme de Faria», *in Correio da Noite*, 2 Dez. 1924.

1925

— Eduardo Brasão, «O livro *Sombra* de Guilherme de Faria», *in Diário de Lisboa*, 9 Fev. 1925.

1926

— Joaquim Manso, notícia da edição de *Saudade Minha*, *in Diário de Lisboa*, 3 Jun. 1926;

— Alberto de Cabedo, «*Saudade Minha*, por Guilherme de Faria», *in Acção Realista*, 7 Jun. 1926;

— Eduardo Salgueiro, «*Saudade Minha*, por Guilherme de Faria», *in Comércio do Porto*, 8 Jun. 1926;

— Eduardo Brasão, «O livro de versos *Saudade Minha* de Guilherme de Faria», *in Diário de Lisboa*, 23 Jun. 1926;

— Notícia da edição de *Saudade Minha*, *in O Povo de Angeja*, 15 Jul. 1926;

— Álvaro Maia, recensão de *Saudade Minha*, *in Ilustração*; 1 Ago. 1926.

1927

— Joaquim Manso, notícia da edição de *Destino*, *in Diário de Lisboa*, 15 Mar. 1927;

— «*Destino* por Guilherme de Faria», *in A Voz*, 19 Mar. 1927;

— «*Destino*», *in A Folha do Lado*, 20 Mar. 1927;

— «*Destino*, de Guilherme de Faria», *in Novidades*, 22 Mar. 1927;

— Joaquim Alves Correia, «*Destino*, de Guilherme de Faria», *in Novidades*, 11 Abr. 1927;

— «Do livro *Destino* do poeta Guilherme de Faria», *in Diário de Lisboa*, 12 Abr. 1927;

— José Agostinho, «*Destino* – Guilherme de Faria», *in A Voz*, 13 Abr. 1927;

— Carlos de Lemos, «O poeta Guilherme de Faria – A propósito do seu último livro *Destino*», *in Novidades*, 14 Abr. 1927;

— Elcay, «*Destino*, versos de Guilherme de Faria», in *Diário de Notícias*, 12 Nov. 1927.

1928

— F. M., notícia da edição de *Manhã de Nevoeiro*, *in Voga*, 15 Jan. 1928;

— «*Manhã de Nevoeiro*, por Guilherme de Faria», *in A Tradição*, 28 Jan. 1928;

— Recensão de *Manhã de Nevoeiro*, *in Ilustração*, 1 Mar. 1928;

— «*Manhã de Nevoeiro*, versos de Guilherme de Faria», *in Jornal da Europa*, 23 Abr. 1928;

— Fernando Campos, «*Manhã de Nevoeiro*», *in O Marcoense*, 21 Jul. 1928;

— António Bossa, «Apontamentos para um estudo crítico», *in A Bandeira*, 1 Dez. 1928;

— Manuel Alves de Oliveira, «*Manhã de Nevoeiro*, por Guilherme de Faria», *in Gil Vicente – Revista de Cultura Literária Nacionalista*, IV vol., n.º 1-2, 1928.

1929

— Notícia da edição de *Manhã de Nevoeiro*, *in A Voz*, 1 Jan. 1929;

— «Guilherme de Faria – O mar arrojou, ontem, à praia de Cascais, o cadáver deste jovem poeta», *in Diário de Notícias*, 5 Jan. 1929;

— Manuel Múrias, «Guilherme de Faria» (notícia da morte), *in A Voz*, 5 Jan. 1929;

— Artur Portela, «A morte do Guilherme de Faria foi muito sentida», *in Diário de Lisboa*, 5 Jan. 1929;

— «Suicídio», *in O Século*, 5 Jan. 1929;

— «Dr. Leite de Faria» (notícia da morte de Guilherme de Faria), *in Novidades*, 5 Jan. 1929;

— «Apareceu o cadáver do poeta português Guilherme de Faria», *in A Noite* (Rio de Janeiro), 5 Jan. 1929;

— Notícia da confirmação do suicídio, *in Correio da Manhã* (Rio de Janeiro), 6 Jan. 1929;

— «Em Cascais – Suicídio dum estudante», *in Diário da Madeira*, 6 Jan. 1929;

— «Guilherme de Faria» (anúncio do funeral), *in Diário de Notícias*, 6 Jan. 1929;

— «Guilherme de Faria» (anúncio do funeral), *in O Século*, 6 Jan. 1929;

— «Guilherme de Faria» (anúncio do funeral), *in A Voz*, 6 Jan. 1929;

— Manuel Múrias, «O último livro de versos de Guilherme», *in A Voz*, 6 Jan. 1929;

— «Guilherme de Faria faleceu», anúncio do funeral em todos os jornais de Lisboa, 6 Jan. 1929;

— «Funerais – Guilherme de Faria», *in O Século*, 7 Jan. 1929;

— «Coisas da vida – Os fracos e os fortes», *in O Povo*, 7 Jan. 1929;

— «Guilherme de Faria» (lista de pessoas que apresentaram condolências ao pai de Guilherme de Faria), *in A Voz*, 8 Jan. 1929;

— «Guilherme de Faria» (notícia da morte), *in O Comércio de Guimarães*, 8 Jan. 1929;

— Alfredo Pimenta, «Algumas palavras sobre o poeta Guilherme de Faria», *in A Voz*, 9 Jan. 1929;

— «Guilherme de Faria – Triste fim do moço poeta», *in Diário da Madeira*, 9 Jan. 1929;

— João Botto de Carvalho, «Em memória dum poeta», *in ABC*, 10 Jan. 1929;

— A. F., «Guilherme de Faria» (notícia da morte), *in Ecos de Guimarães*, 12 Jan. 1929;

— «Guilherme de Faria» (notícia da morte), *in O Marcoense*, 12 Jan. 1929;

— «Poeta Guilherme de Faria» (notícia da morte), *in O Povo de Angeja*, 12 Jan. 1929;

— «Guilherme de Faria – O último livro de versos do malogrado Poeta», *in Diário da Madeira*, 12 Jan. 1929;

— Fernando de Pamplona, «Um grande poeta que morreu», *in O 28 de Maio* (Porto), 13 Jan. 1929;

— «O poeta Guilherme de Faria – A sua morte», *in Actualidades*, 13 Jan. 1929;

— «Guilherme de Faria», *in República* (Coimbra), 14 Jan. 1929;

— Fernando Campos, «Guilherme de Faria», *in O Marcoense*, 19 Jan. 1929;

— «Guilherme de Faria» (nota de homenagem), *in A Tradição*, 21 Fev. 1929;

— Gabriela Castelo Branco, «Vida – Alegria – Luz!», *in Diário de Notícias*, 22 Jan. 1929;

— «Guilherme de Faria», *in A Vanguarda* (Coimbra), 26 Jan. 1929,

— «Guilherme de Faria» (anúncio da missa de sufrágio, um mês após a morte do poeta), *in Diário de Lisboa*, 2 Fev. 1929;

— Carta apócrifa de Henrique de Vilhena dirigida a Homem Cristo, *in O Povo de Aveiro*, 3 Fev. 1929;

— «Sufrágios – Guilherme de Faria» (notícia da missa de sufrágio, um mês após a morte do poeta), *in A Voz*, 5 Fev. 1929;

— Comentário à carta apócrifa de Henrique de Vilhena, *in O Povo de Aveiro*, 10 Fev. 1929;

— José Agostinho, notícia sobre a crítica de *Manhã de Nevoeiro* na revista literária de cultura nacionalista *Gil Vicente*, *in A Voz*, 25 Fev. 1929;

— Joaquim Manso, notícia da edição de *Desencanto*, *in Diário de Lisboa*, 25 Fev. 1929;

— «Um livro póstumo do poeta Guilherme de Faria é amanhã posto à venda», *in Diário de Lisboa*, 27 Fev. 1929;

— Manuel Múrias, «*Desencanto* – Um livro póstumo de Guilherme de Faria», *in A Voz*, 28 Fev. 1929;

— «*Desencanto* – Livro póstumo, de versos de Guilherme de Faria», *in Diário de Notícias*, 28 Fev. 1929;

— Joaquim Alves Correia, «Um livro póstumo: *Desencanto* – Versos de Guilherme de Faria», *in Novidades*, 28 Fev. 1929;

— «Um livro póstumo de Guilherme de Faria», *in O Século*, 5 Mar. 1929;

— «Guilherme de Faria» (notícia da edição de *Desencanto*), *in Comércio de Guimarães*, 5 Mar. 1929;

— «Guilherme de Faria» (notícia da edição de *Desencanto*), *in Ilustração*, 16 Mar. 1929;

— «*Desencanto* – Livro póstumo de versos de Guilherme de Faria», *in Diário da Madeira*, 23 Mar. 1929;

— «*Desencanto*, por Guilherme de Faria», *in ABC*, 28 Mar. 1929;

— Guilherme de Ayala Monteiro, «O poeta Guilherme de Faria», *in Jornal da Europa*, 31 Mar. 1929;

— Ambrósio Alves Correia, «Guilherme de Faria», *in Boletim Mensal da Ordem Terceira e Missões Franciscanas Portuguesas* (Braga), Mar. 1929;

— Pedro Paço d'Arcos, «O livro de um poeta morto – *Desencanto*, obra póstuma de Guilherme de Faria», *in Novidades*, 7 Abr. 1929;

— José Agostinho, «*Desencanto* – Guilherme de Faria», *in A Voz*, 7 Abr. 1929;

— Hipólito Raposo, «O Poeta do Amor-Morte», *in Política*, Ano I, n.º 1, 15 Abr. 1929;

— Baptista Santos, «*Desencanto*, por Guilherme de Faria», *in Diário da Madeira*, 21 Abr. 1929;

— Fernando de Pamplona, «*Desencanto*», *in 28 de Maio*, 20 Maio 1929;

— Notícia da edição de *Desencanto*, *in Civilização* (Porto), Jun. 1929;

— Durão Alves, «Guilherme de Faria», *in Brotéria*, Vol. IX, Fascículo I, Jun. 1929;

— Guido Battelli, «Lettere Portoghesi – Guglielmo de Faria», *in Arte* (Nápoles), Jul.-Set. 1929;

— «*Saudade Minha*», *in A Voz*, 30 Out. 1929;

— «*Saudade Minha*, de Guilherme de Faria», *in Novidades*, 31 Out. 1929;

— «*Saudade Minha*, de Guilherme de Faria», *in Diário de Notícias*, 4 Nov. 1929;

— Lopes Correia, «Um livro e um poeta», *in O Cávado* (Esposende), 10 Nov. 1929;

— «*Saudade Minha*», *in Comércio de Guimarães*, 12 Nov. 1929;

— Notícia da edição de *Saudade Minha (poesias escolhidas)*, *in Diário de Lisboa*, 15 Nov. 1929;

— «*Saudade Minha*», *in O Dever*, 23 Nov. 1929;

— «*Saudade Minha*, por Guilherme de Faria», *in Novidades*, 29 Nov. 1929;

— João de Sousa Fonseca, «*Saudade Minha*, versos por Guilherme de Faria», *in Ilustração*, 1 Dez. 1929;

— Joaquim Alves Correia, «Ainda a *Saudade Minha*», *in Novidades*, 6 Dez. 1929;

— «Guilherme de Faria» (notícia da trasladação dos restos mortais do poeta para jazigo próprio), *in Novidades*, 30 Dez. 1929;

— «*Saudade Minha* de Guilherme de Faria», *in Missões de Angola e Congo* (Braga), Dez. 1929;

— «Guilherme de Faria – *Saudade Minha*», *in Boletim Mensal da Ordem Terceira e Missões Franciscanas* (Braga), Dez. 1929;

— Bento Caldas, «Guilherme de Faria», *in Gil Vicente – Revista de Cultura Literária Nacionalista*, IV vol., n.º 1-2, 1929;

— Manuel Alves de Oliveira, «Algumas linhas de saudade e tristeza», *in Gil Vicente – Revista de Cultura Literária Nacionalista*, IV vol., n.º 1-2, 1929;

— Manuel Alves de Oliveira, «*Desencanto*», *in Gil Vicente – Revista de Cultura Literária Nacionalista*, V vol., n.º 5-6, 1929;

— Carlos Queirós, «*Desencanto* – Poemas de Guilherme de Faria», *in Solução Editora*, n.º 4, 1929.

Década de 30

— Manuel Múrias, «O ano literário», *in A Voz*, 1 Jan. 1930;

— «Guilherme de Faria – Missa de sufrágio», *in A Voz*, 4 Jan. 1930;

— «*Saudade Minha (poesias escolhidas)*, por Guilherme de Faria», *in Diário de Notícias* (Funchal), 12 Jan. 1930;

— «*Saudade Minha (poesias escolhidas)*, por Guilherme de Faria», *in Diário de Notícias* (Funchal), 19 Jan. 1930;

— «*In memoriam* de Guilherme de Faria», *in O Marcoense*, 25 Jan. 1930:

Alfredo Pimenta, «Guilherme de Faria»;

João Ameal, «O Poeta»;

Caetano Beirão, «Como conheci Guilherme de Faria»;

Fernando Campos, «Recordando»;

«Aniversário fúnebre dum jovem poeta»;

— Durão Alves, «Guilherme de Faria – *Saudade Minha (poesias escolhidas)*», *in Brotéria*, Vol. X, Fascículo I, Jan. 1930;

— «*Saudade Minha (poesias escolhidas)*, por Guilherme de Faria», *in Diário da Madeira*, 4 Mar. 1930;

— Lopes Correia, «Guilherme de Faria», *in Correio de Coimbra*, 5 Abr. 1930;

— «*Saudade Minha*, por Guilherme de Faria», *in Gil Vicente – Revista de Cultura Literária Nacionalista*, VI vol., n.º 1-2, 1930;

— Lopes Correia, «Dois anos depois – Guilherme de Faria», *in Acção* (Coimbra), Jan. 1931;

— Afonso Bulnes, «Un Poeta de Portugal», *in Indice* (Santiago do Chile), 4º / 13, Ago. 1931;

— Vasco de Lemos Mourisca, «Guilherme de Faria», *in Jornal de Albergaria* (Albergaria-a-Velha), 14 Abr. 1934;

— Alfredo Pimenta, «Panorama Intelectual», *in Bandarra* 1, 16 Mar. 1935;

— «Guilherme de Faria» (nota biobibliográfica), *in Civilização* (Porto), Jan. 1937;

— «Guilherme de Faria» (memória do 9º aniversário da morte do poeta), *in A Voz*, 4 Jan. 1938;

— Memória do 9º aniversário da morte do poeta, *in Diário de Lisboa*, 5 Jan. 1938;

— Luís Forjaz Trigueiros, «O lirismo de Guilherme de Faria», *in Diário de Lisboa*, 13 Jan. 1938;

— Memória do 9º aniversário da morte do poeta, *in Jornal de Albergaria*, 15 Jan. 1938;

— Memória do 10º aniversário da morte do poeta, *in Diário de Lisboa*, 6 Jan. 1939.

Década de 40

— «Guilherme de Faria», in *Novidades*, 24 Ago. 1941;

— Notícia da publicação de «O poeta Guilherme de Faria» de José Carlos Simões, in *Diário de Lisboa*, 5 Fev. 1943;

— Anúncio de «O sonho inacabado do poeta Guilherme de Faria» (conferência de Joaquim Manso na Sociedade Martins Sarmento, Guimarães), *in Diário de Lisboa*, 22 Fev. 1943;

— «Sonho inacabado dum Poeta», *in Diário de Lisboa*, 27 Fev. 1943;

— «O poeta Guilherme de Faria na Sociedade Martins Sarmento», *in Notícias de Guimarães*, 28 Fev. 1943;

— «O Sr. Dr. Joaquim Manso falou em Guimarães sobre o poeta Guilherme de Faria», *in Diário de Lisboa*, 3 Mar. 1943;

— «Homenagem de eterna saudade ao pranteado poeta vimaranense Guilherme de Faria», *in Diário do Minho*, 3 Mar. 1943;

— «O poeta Guilherme de Faria estudado pelo eminente escritor e jornalista Dr. Joaquim Manso numa conferência em Guimarães», *in O Século*, 4 Mar. 1943;

— «O poeta Guilherme de Faria», *in Novidades*, 4 Mar. 1943;

— «Na Sociedade Martins Sarmento o Sr. Dr. Joaquim Manso evocou, numa brilhante conferência, o poeta Guilherme de Faria», *in O Comércio do Porto*, 4 Mar. 1943;

— «A brilhante conferência do Sr. Dr. Joaquim Manso em Guimarães», *in Jornal de Notícias* (Porto), 4 Mar. 1943;

— «Guilherme de Faria – saudoso poeta vimaranense – foi evocado na Sociedade Martins Sarmento», *in O Primeiro de Janeiro*, 5 Mar. 1943;

— «Um notável perfil crítico do poeta Guilherme de Faria», *in Correio do Minho*, 5 Mar. 1943;

— «Saudosa evocação do poeta vimaranense Guilherme de Faria», *in Comércio de Guimarães*, 5 Mar. 1943;

— «O sonho inacabado do poeta Guilherme de Faria», *in Notícias de Guimarães*, 7 Mar. 1943;

— «Guilherme de Faria», *in Futuro*, 25 Mar. 1943;

— Notícia sobre o 40º aniversário do nascimento de Guilherme de Faria, *in Diário de Lisboa*, 7 Out. 1947;

— «Guilherme de Faria, o Poeta da Saudade Lusíada», notícia sobre o 40º aniversário do nascimento de Guilherme de Faria, *in Diário Popular*, 8 Out. 1947;

— «Guilherme de Faria, o Poeta da Saudade Lusíada», notícia sobre o 40º aniversário do nascimento de Guilherme de Faria, *in Comércio de Guimarães*, 10 Out. 1947;

— «*Antologia de Poesias Religiosas*, por Guilherme de Faria», *in Diário de Lisboa*, 18 Fev. 1948;

— «O poeta Guilherme de Faria» (notícia da edição da *Antologia de Poesias Religiosas*), *in Jornal do Comércio*, 28 Fev. 1948;

— «Dê-se o nome do poeta Guilherme de Faria a uma das novas ruas do Bairro de Alvalade», *in Diário Popular*, 22 Set. 1948;

— C. M., «*Antologia de Poesias Religiosas*, escolha de Guilherme de Faria», *in A Voz*, 18 Nov. 1948;

— Manuel de Campos Pereira, «Estudantinho-Poeta», *in Jornal de Notícias*, 25 Nov. 1949.

1950-2010

— Notícia relativa à atribuição do nome Guilherme de Faria a uma rua do Bairro de Alvalade, *in O Século*, 29 Jan. 1950;

— Leitão de Barros, «Morreu há vinte e dois anos Guilherme de Faria, um notável poeta esquecido», *in O Século*, 4 Jan. 1951;
— «Guilherme de Faria morreu há 22 anos», *in Diário Popular*, 4 Jan. 1951.
— «Guilherme de Faria» (memória do 24º aniversário da morte), *in A Voz*, 4 Jan. 1953;
— «Guilherme de Faria» (memória do 24º aniversário da morte), *in Diário da Manhã*, 4 Jan. 1953;
— B. O., «Guilherme de Faria» (memória do 24º aniversário da morte), in *A Voz*, 9 Jan. 1953;
— «Guilherme de Faria – Um grande poeta que não deve ser esquecido», *in A Voz*, 5 Out. 1957;
— «Guilherme de Faria – Um Poeta saudoso de si mesmo», *in Notícias de Guimarães*, 10 Jul. 1966;
— «Guilherme de Faria», *in O Debate*, 7 Out. 1967;
— «Homenagem da cidade de Guimarães ao poeta Guilherme de Faria», *in Primeiro de Janeiro*, 26 Set. 1970;
— «Homenagem de Guimarães ao poeta Guilherme de Faria», *in Diário de Notícias*, 26 Set. 1970;
— J. M. Pinto de Almeida, «Guilherme de Faria», *in Notícias de Guimarães*, 26 Set. 1970;
— «Guilherme de Faria, poeta vimaranense, foi ontem evocado por Joaquim Paço d'Arcos», *in O Século*, 26 Set. 1970;
— «Guilherme de Faria visto por Joaquim Paço d'Arcos», *in O Debate*, 1 Out. 1970;
— «Homenageado na sua terra e pelos seus conterrâneos – o Poeta Guilherme de Faria», *in Notícias de Guimarães*, 3 Out. 1970;
— Rodrigo Emílio, «Joaquim Paço d'Arcos – Destino e obra do poeta Guilherme de Faria», *in Época*, 27 Fev. 1971;
— Miranda de Andrade, «O poeta Guilherme de Faria», *in Época*, 21 Jun. 1971;
— Miranda de Andrade, «O poeta Guilherme de Faria e uma conferência de Joaquim Paço d'Arcos», *in Gazeta Literária*, Out. 1971;
— Manuel Alves de Oliveira, «Recordando o Poeta Guilherme de Faria», *in Notícias de Guimarães*, 8 Out. 1976;
— Manuel Alves de Oliveira, «O Poeta Guilherme de Faria na intimidade», *in Notícias de Guimarães*, 7 Out. 1977;
— Amândio César, «Guilherme de Faria e a procura de um destino», *in Diário de Notícias*, 5 Jan. 1979;

— Manuel Alves de Oliveira, «Saudade minha» (evocação do 50º aniversário da morte do poeta), *in Notícias de Guimarães*, 5 Jan. 1979;

— D. M., «Achegas para a definição da personalidade de Guilherme de Faria», *in A Rua*, 17 Abr. 1981;

— «Guilherme de Faria nasceu há 74 anos», *in O Dia*, 5 Out. 1981;

— Luís Forjaz Trigueiros, «Lembrar Guilherme de Faria», *in O Primeiro de Janeiro*, 14 Out. 1981;

— R. Brasil, «Guilherme de Faria e a corrente tradicional», *in Notícias de Guimarães*, 10 Fev. 1984;

— Manuel António de Castro, «Relembrando o Poeta Guilherme de Faria», *in O Comércio do Porto*, 15 Jun. 1984;

— «Guilherme de Faria apreciado por Hipólito Raposo», *in Notícias de Guimarães*, 11 Out. 1985;

— António Manuel Couto Viana, «Evocando Guilherme de Faria», *in O Dia*, 18 Jan. 1992;

— António Cândido Franco, «Guilherme de Faria – Biografia poética», *in Jornal de Letras*, 7-20 Nov. 2007;

— Fernando Guimarães, «Lirismo: canto e disfunção» (recensão da 2ª ed. da antologia *Saudade Minha – poesias escolhidas*), *in Jornal de Letras*, 2-15 Jan. 2008;

— «Dois poetas esquecidos: Guilherme de Faria e Eugénio de Castro» (notícia da 2ª ed. da antologia *Saudade Minha – poesias escolhidas*), *in Jornal de Letras*, 27 Fev.-12 Mar. 2008.

2.3. Referências a Guilherme de Faria em artigos ou monografias:

ARCOS, Anrique Paço d'

— «Recordação de Teixeira de Pascoaes», *in Pascoaes*, Lisboa, Secretaria do Estado da Cultura e IN-CM, 1980, pp. 139-145.

ARCOS, Joaquim Paço d'

— *Correspondência e textos dispersos 1942-1979*, Lisboa, Pub. Dom Quixote, 2008.

BRANDÃO, Raul e PASCOAES, Teixeira de

— *Correspondência* [recolha, transcrição, actualização do texto, introdução e notas de António Mateus Vilhena e Maria Emília Marques Mano], Lisboa, Quetzal Editores, 1994.

CARVALHO, Coelho de

— «Carta – Prefácio», *in* António Pedro, *Distância*, Lisboa, 1928, pp. I-IV.

CIDADE, Hernâni

— *Tendências do Lirismo Contemporâneo*, Lisboa, Livraria Portugália, 1939.

COIMBRA, Carlos

— «Guilherme de Faria», *in* Armando de Matos e A. de Gusmão Navarro [dir.], *Arquivo Nacional de Ex-Libris*, Lisboa, 1927-1934, pp. 114-115.

DOMINGUES, Garcia

— *A Poesia de António Pedro*, Lisboa, Edições Revelação, 1936.

FERREIRA, José Gomes

— *Dias Comuns V – Continuação do Sol*, Alfragide, D. Quixote, 2010.

FRANÇA, José-Augusto

— *Os Anos Vinte em Portugal*, Lisboa, Presença, 1992.

FRANCO, António Cândido

— «Poesia e Saudade em Anrique Paço d'Arcos», *in* Anrique Paço d'Arcos, *Poesia Completa*, Lisboa, IN-CM, 1993, pp. 11-22.

LOPES, Óscar

— *Entre Fialho e Nemésio – Estudos de Literatura Portuguesa Contemporânea* (vol. I), Lisboa, IN-CM, 1987.

NOGUEIRA, Manuela

— *Fernando Pessoa: imagens de uma vida*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2005.

PEREIRA, José Seabra [*et al.*]

— *História da Literatura Portuguesa: do Simbolismo ao Modernismo* (vol. 6), Mem Martins, Publicações Alfa, 2003.

— *O tempo republicano na Literatura Portuguesa*, Colóquio/Letras 175 [separata], 2010.

PIMENTA, Alfredo

— *Cartas Monárquicas*, Porto, Livraria Civilização, 1947.

QUADROS, António

— *A Ideia de Portugal na literatura portuguesa dos últimos 100 anos*, Lisboa, Fundação Lusíada, 1988.

— *Poesia e filosofia do mito sebastianista*, Lisboa, Guimarães Editores, 2001.

RÉGIO, José

— *Pequena História da Moderna Poesia Portuguesa, in Crítica e Ensaio / 1*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994.

SAMPAIO, Albino Forjaz de

— *História da Literatura Portuguesa Ilustrada* (vol. IV), Lisboa, Aillaud e Bertrand, 1942.

SENA, Jorge de

— *Estudos de Literatura Portuguesa* (vol. I), Lisboa, Edições 70, 2001.

— *Estudos de Literatura Portuguesa* (vol. II); Lisboa, Edições 70, 1988.

— *Estudos de Literatura Portuguesa* (vol. III), Lisboa, Edições 70, 1988.

SIMÕES, João Gaspar

— *Perspectiva Histórica na Poesia Portuguesa (dos Simbolistas aos Novíssimos)*, Porto, Brasília Editora, 1976.

VASCONCELOS, Maria José Teixeira de

— *Na Sombra de Pascoaes*, Lisboa, Veja, 1993.

VIANA, António Manuel Couto

— *Poesia Monárquica Portuguesa*, Lisboa, Real Associação de Lisboa, 1996.

3. Referências bibliográficas específicas

3.1. Editados por Guilherme de Faria:

PASCOAES, Teixeira de

— *Elegia do Amor*, Lisboa, D. Manuel de Castro e Guilherme de Faria Editores, 1924.

— *Sonetos*, Lisboa, D. Manuel de Castro e Guilherme de Faria Editores, 1925.

— *Londres*, Lisboa, D. Manuel de Castro e Guilherme de Faria Editores, 1925.

— *D. Carlos*, Lisboa, D. Manuel de Castro e Guilherme de Faria Editores, 1925. Deste livro fez-se uma 2ª edição (1925); da 1ª edição fez-se uma tiragem de 155 exemplares em papel Japão, encadernados por Alexandrino, com ferros especiais, e numerados e rubricados por Teixeira de Pascoaes.

3.2. Com dedicatórias a Guilherme de Faria:

ARCOS, Anrique Paço d'

— *Cidade Morta*, Lisboa, 1939. Anrique Paço d'Arcos decida a Guilherme de Faria o soneto «Na morte do Guilherme de Faria» (cf. pp. 55-56).

Brasão, Eduardo

— *Telas*, Lisboa, Aillaud e Bertrand, 1925. Eduardo Brasão dedica a Guilherme de Faria um texto sobre Miguel de La Faya, um companheiro de colégio que se suicidara (cf. pp. 27-31).

FARIA, António Leite de

— *Memórias Clínicas*, Lisboa, 1941: "À memória do meu querido filho, o poeta Guilherme de Faria. Pouco tempo antes de nos deixares mergulhados na dor de te perdermos, pediste-me que não deixasse de publicar este livro, há muito delineado. Venho cumprir a promessa feita."

PEDRO, António

— *Os meus 7 pecados-capitais*, Coimbra, 1926: "Ao maior poeta da minha geração e um dos grandes poetas da dor de todos os tempos: Guilherme de Faria. Com um abraço de amigo e uma homenagem de admirador".

3.3. Sobre a família e familiares:

PESSANHA, José Benedito de Almeida

— *Os Almirantes Pessanhas e sua descendência*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1923.

NEGREIROS, Fernando

— «Frei Francisco Leite de Faria. Uma vida ao serviço da investigação e da cultura», *in Estudios Franciscanos* 99, 1998, pp. 185-196.

TELO, António José

— *António de Faria*, Lisboa, Edições Cosmos, 2001.

4. Bibliografia geral

4.1. Literatura, escritos filosóficos e integralistas:

ALCOFORADO, Mariana

— *Cartas de Amor*, Lisboa, J. Rodrigues & C.ª, 1925.

ARCOS, Anrique Paço d'

— *Poesias Completas*, Lisboa, IN-CM, 1993.

AZEVEDO, J. Lúcio de

— *A evolução do Sebastianismo*. Lisboa, Presença, 1984.

BANDARRA

— *Profecias*, Lisboa, Veja, 2000.

BEIRÃO, Mário

— *Poesia Completa*, Lisboa, IN-CM, 1997.

BOTTO, António

— *Canções* [2ª ed.], Lisboa, Olisipo, 1922.

— *Motivos de Beleza*, Lisboa, Portugália, 1923.

BRAGA, Luís de Almeida

— *Pão Alheio*, Coimbra, F. França Amado, 1916.

— *O Culto da Tradição*, Coimbra, F. França Amado, 1916.

— *O Mar Tenebroso*, Coimbra, F. França Amado, 1918.

— *O significado Nacional da Obra de Camilo*, Lisboa, Portugália, 1923.

— *Sob o pendão real*, Lisboa, Edições Gama, 1942.

— *Posição de António Sardinha*, Lisboa, Edições Gama, 1943.

— *A Revolta da Inteligência*, Lisboa, Portugália, s/d.

BRAGA, Vitoriano

— *A casaca encarnada*, Lisboa, Portugália, 1923.

— *Inimigos*, Lisboa, J. Rodrigues & C.ª, 1927.

— *Otávio*, Lisboa, J. Rodrigues & C.ª, 1927.

CAMÕES, Luís de

— *Lírica*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1984.

— *Os Lusíadas*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1984.

CAMPOS, Álvaro de

— *Poesia*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2002.

CORTESÃO, Jaime

— *Poesia*, Lisboa, IN-CM, 1998.

— *O que o povo canta em Portugal*, Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1942.

COUCEIRO, Henrique de Paiva

— *A Democracia Nacional*, Coimbra, 1917.

CRISFAL

— *Trovas*, Lisboa, Livraria Portugal, 1965.

CRUZ, Frei Agostinho da

— *Poesias selectas*, Porto, Domingos Barreira Editor, 1941.

DEUS, João de

— *Poesias*, Coimbra, Augusto d'Oliveira Editor, 1896.

DUARTE, Afonso

— *Obra Poética*, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1956.

— *Um esquema do Cancioneiro Popular português*, Lisboa, Seara Nova, 1948.

DURO, José

— *Fel*, Lisboa, Guimarães Editores, 1971.

ESPANCA, Florbela

— *Poesia 1903-1917 (volume I)*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1985.

— *Poesia 1918-1930 (volume II)*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1985.

GAIO, Manuel da Silva

— *Versos escolhidos*, Coimbra, Livraria Académica, 1905.

JUNQUEIRO, Guerra

— *Oração à Luz* [3ª ed.], Porto, Livraria Chardron, s/d.

— *Oração ao Pão* [3ª ed.], Porto, Livraria Chardron, s/d.

— *Poesias Dispersa*, Porto, Livraria Chardron, 1920.

— *O Caminho do Céu*, Porto, Livraria Chardron, 1925.

— *Prometeu Libertado*, Porto, Livraria Chardron, 1926.

JUNTA CENTRAL DO INTEGRALISMO LUSITANO

— *A questão dinástica*, Lisboa, 1921.

LEAL, Gomes

— *Claridades do Sul*, Lisboa, Braz Pinheiro, 1875.

— *A Mulher de Luto*, Lisboa, Livraria Central, 1902.

— *A Senhora da Melancolia*, Lisboa, Livraria Moderna, 1910.

— *Poesias Escolhidas*, Lisboa, Bertrand, s/d.

LEAL, Raul

— *Sodoma Divinizada*, Lisboa, Olisipo, 1923.

LEMOS, Carlos de

— *Miragens*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1893.

— *Palingenésia*, Lisboa, 1943.

LIMA, Jaime de Magalhães

— *Reino da Saudade*, Coimbra, Tipografia França Amado, 1904.

— *Via Redentora*, Coimbra, Tipografia França Amado, 1905.

LÚCIO, João

— *Poesias Completas*, Lisboa, IN-CM, 2002.

MAGALHÃES, Luís de

— *Primeiros Versos*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1880.

— *D. Sebastião*, Coimbra, Tipografia França Amado, 1898.

MONSARAZ, Alberto

— *Elegia dos Reis*, Lisboa, Aillaud, Alves & C.ª, 1910.

— *Da Saudade e do Amor*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1920.

— [ed.] *Cartilha Monárquica*, Lisboa, 1916.

NEGREIROS, José de Almada

— *A invenção do dia claro*, Lisboa, Olisipo, 1921.

— *Pierrot e Arlequim*, Lisboa, Portugália, 1924.

— *Poemas*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2001.

NOBRE, António

— *Só*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2000.

— *Despedidas*, Porto, 1902.

— *Primeiros Versos*, Porto, A Tribuna, 1921.

— *Correspondência*, Lisboa, IN-CM, 1982.

OLIVEIRA, Alberto d'

— *Palavras loucas*, Porto, Livraria Civilização, 1984.

OLIVEIRA, António Correia d'

— *As minhas Cantigas*, Lisboa, 1918.

— *Ophir*, Lisboa, 1921.

— *Memorial*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1950.

OLIVEIRA, José Bruges d'

— *Antologia – I. Líricas*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1946.

— *Redondilhas*, Porto, Livraria Figueirinhas, 1948.

— *Saudade Nossa*, Lisboa, 1944.

— *Elogio da Monarquia*, Lisboa, Edições Gama, 1944.

ORTIGÃO, Ramalho

— *Carta de um velho a um novo*, Lisboa, Edições Gama, 1947.

PAIS, Sidónio

— *Um ano de ditadura. Discursos*, Lisboa, Biblioteca de Acção Nacionalista, 1924.

PASCOAES, Teixeira de

— *Belo, À Minha Alma, Sempre, Terra Proibida, in Obras Completas de Teixeira de Pascoaes* (vol. I), Lisboa, Livraria Bertrand, s/d [1965].

— *À Ventura, Jesus e Pã, Para a Luz, Vida Etérea, in Obras Completas de Teixeira de Pascoaes* (vol. II), Lisboa, Livraria Bertrand, s/d [1966].

— *As Sombras, Senhora da Noite, Marânus, in Obras Completas de Teixeira de Pascoaes* (vol. III), Lisboa, Livraria Bertrand, s/d [1967].

— *Regresso ao Paraíso, Elegias, O Doido e a Morte, in Obras Completas de Teixeira de Pascoaes* (vol. IV), Lisboa, Livraria Bertrand, s/d [1968].

— *O Génio Português na sua expressão filosófica, poética e religiosa*, Porto, Renascença Portuguesa, 1913.

— *Os Poetas Lusíadas*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1987.

PEDRO, António

— *Os meus 7 pecados-capitais*, Coimbra, 1926.

— *Ledo Encanto*, Lisboa, 1927

— *Distância*, Lisboa, Gomes e Rodrigues, 1928.

PESSANHA, Camilo

— *Clepsidra e outros poemas*, Porto, Lello Editores, 1997

PESSOA, Fernando

— *Poesia – 1902-1917*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2005.

— *Poesia – 1918-1930*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2005.

— *Mensagem*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2004.

PIMENTA, Alfredo

— *Sombras de Príncipes*, Lisboa, Portugália, 1920.

PRETO, Rolão

— *A Monarquia é a Restauração da Inteligência*, Lisboa, 1920.

QUENTAL, Antero de

— *Poesia Completa*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2001.

RAPOSO, Hipólito

— *Sentido do Humanismo*, Coimbra, Tipografia França Amado, 1914.

— *Pela dedução à Monarquia*, Lisboa, Livraria Ferin, 1922.

— *Dois Nacionalismos*, Lisboa, Livraria Ferin, 1929.

— *A Reconquista das Liberdades*, Porto, Litografia Nacional, 1930.

RESENDE, Garcia

— *Cancioneiro Geral* (vol. I-V), Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 1910.

RIBEIRO, Bernardim

— *Éclogas*, Lisboa, 1923.

SÁ-CARNEIRO, Mário de

— *Poemas Completos*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1996.

SAA, Mário,

— *A invasão dos judeus*, Lisboa, 1925.

— *A explicação do Homem*, Lisboa, 1928.

— *Poesia e alguma prosa*, Lisboa, IN-CM, 2006.

SARDINHA, António

— *A Epopeia da Planície*, Coimbra, F. França Amado, 1915.

— *Na Corte da Saudade*, Coimbra, Lumen, 1922.

— *Chuva da Tarde*, Coimbra, Lumen, 1923.

— *Ao princípio era o Verbo*, Lisboa, Livraria Portugália, 1924.

— *Ao ritmo da ampulheta*, Coimbra, Lumen, 1925.

— *Era uma vez um menino*, Lisboa, Livraria Universal, 1926.

— *Na feira dos mitos*, Lisboa, Livraria Universal, 1926.

— *À sombra dos pórticos*, Lisboa, Livraria Ferin, 1927.

— *Durante a fogueira*, Lisboa, Livraria Universal, 1927.

SÈVES, António de

— *Leomil*, Lisboa, 1921.

TEIXEIRA, Fausto Guedes

— *O meu livro*, Lisboa, José Bastos e C.ª, 1908.

TEIXEIRA, Judith

— *Poemas*, Lisboa, & etc, 1996.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de

— *A Saudade Portuguesa* [2ª ed.], Porto, Renascença Portuguesa, 1922.

VERDE, Cesário

— *O Livro de Cesário Verde*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2004.

VIDE, Fernão da

— *O Pensamento Integralista*, Lisboa, 1923.

VIEIRA, Afonso Lopes

— *O Poeta Saudade*, Coimbra, F. França Amando, 1901.

— *O Encoberto*, Lisboa, Viúva Tavares Cardoso, 1905.

— *O Povo e os poetas portugueses*, Lisboa, 1910.

— *Ilhas de Bruma*, Coimbra, F. França Amado, 1917.

— *O Romance de Amadis*, Lisboa, Sociedade Editora Portugal-Brasil, 1922.

4.2. Bibliografia complementar:

AA. VV.

— *Comportamentos Suicidários em Portugal* [coordenação: Bessa Peixoto, Carlos Braz Saraiva e Daniel Sampaio], Lisboa, Sociedade Portuguesa de Suicidologia, 2006.

— *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses* (vol. I-VI), Mem Martins, Publicações Europa-América, 1991-2001.

— *Dicionário de Literatura Portuguesa* [organização e direcção: Álvaro Manuel Machado], Lisboa, Editorial Presença, 1996.

— *Filosofia da Saudade* [selecção e organização: Afonso Botelho e António Braz Teixeira], Lisboa, IN-CM, 1986.

— *História do Pensamento Filosófico Português* (vol. V: *O Século XX*) [direcção: Pedro Calafate], Lisboa, Caminho, 2000.

— *Introdução à Saudade* [organização: Dalila Pereira da Costa e Pinharanda Gomes], Porto, Lello & Irmão Editores, 1976.

ALONSO, Cláudia Pazos

— *Imagens do Eu na poesia de Florbela Espanca*, Lisboa, IN-CM, 1997.

BEAU, Albin Eduard

— *Antero de Quental e a Ideia da Morte*. Coimbra, Coimbra Editora, 1935.

BLOOM, Harold

— *A Angústia da Influência*, Lisboa, Livros Cotovia, 1991.

BONHOEFFER, Dietrich

— *Ética*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2006.

BOTELHO, Afonso

— *Saudade, Regresso à Origem*, Lisboa, Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, 1997.

CAMUS, Albert

— *O Mito de Sísifo*, Lisboa, Livros do Brasil, 2005.

CARREIRO, José Bruno

— *Antero de Quental: subsídios para a sua biografia* (vol. I e II), Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1981.

CARVALHO, Amorim de

— *Deus e o Homem na poesia e na filosofia*, Porto, Livraria Figueirinhas, s/d.

CASTILHO, Guilherme de

— *Vida e Obra de António Nobre*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1979.

CÉSAR, Amândio

— *Alfredo Pimenta: Terra e Poesia*, Guimarães, Câmara Municipal de Guimarães, 1960.

CLÁUDIO, Mário

— *António Nobre – fotobiografia*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2001.

DESVIGNES, Ana Isabel Sardinha

— *António Sardinha (1887-1925): um intelectual no século*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2006.

DOMINGUES, Joaquim

— *De Ourique ao Quinto Império: para uma Filosofia da Cultura Portuguesa*, Lisboa, IN-CM, 2002.

FERREIRA, António Mega

— *Fotobiografia de Teixeira de Pascoaes*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2003.

FRANCO, António Cândido,

— *A Literatura de Teixeira de Pascoaes*. Lisboa, IN-CM, 2000.

— *O Saudosismo de Teixeira de Pascoaes*, Amarante, Edições do Tâmega, 1996.

GIBSON, Michael

— *Simbolismo*, Colónia, Taschen, 1999.

GOMES, Francisco Casado

— *O Elemento Mar na obra de António Nobre*, Porto Alegre, 1958.

GUERRA, Maria Luísa

— *Fado – Alma de um Povo (origem histórica)*, Lisboa, IN-CM, 2003.

GUIMARÃES, Fernando

— *Poética do Saudosismo*, Lisboa, Presença, 1988.

— *Poética do Simbolismo em Portugal*, Lisboa, IN-CM, 1990.

HESS, Rainer

— *Os inícios da lírica moderna em Portugal (1865-1890)*, Lisboa, IN-CM, 1999.

JAMISON, Kay Redfield

— *Tocados pelo fogo – A doença maníaco-depressiva e o temperamento artístico*, Colares, Pedra da Lua, 2006.

JÚDICE, Nuno

— *O Processo Poético*, Lisboa, IN-CM, 1992.

LEAL, Ernesto Castro

— *Nação e Nacionalismos*, Lisboa, Edições Cosmos, 1999.

LEMOS, Antero Viera de

— *Anto, o Poeta da Saudade*, Porto, Livraria Latina, s/d.

LEMOS, Ester de

A Clepsidra de Camilo Pessanha, Porto, Livraria Tavares Martins, 1956.

LOPES, Óscar; SARAIVA, António José,

— *História da Literatura Portuguesa*, Porto, Porto Editora, 1989.

LOURENÇO, Eduardo

— *Portugal como Destino seguido de Mitologia da Saudade*, Lisboa, Gradiva, 1999.

— *O Labirinto da Saudade*, Lisboa, Gradiva, 2000.

— *Tempo e Poesia*, Lisboa, Gradiva, 2003.

MALTEZ, José Adelino,

— *Tradição e Revolução – Uma biografia do Portugal Político do século XIX ao XX* (vol. I e II), Lisboa, Tribuna da História, 2005.

MARTINS, Francisco Rocha

— *Memórias sobre Sidónio Pais*, Lisboa, Edição do ABC, 1921.

MIGUEL, António Dias

— *Camilo Pessanha: elementos para o estudo da sua biografia e obra*, Lisboa, Edição de Álvaro Pinto, 1956.

NOBRE, Cristina

— *Afonso Lopes Vieira: a reescrita de Portugal* (vol. I e II), Lisboa, IN-CM, 2005.

NORONHA, Maria Teresa de

— *A Saudade: contribuições fenomenológicas, lógicas e ontológicas*, Lisboa, IN-CM, 2007.

PEREIRA, José Seabra

— *Do Fim-de-século ao Modernismo*, *in* Carlos Reis [coord.], *História Crítica da Literatura Portuguesa* (vol. VII), Lisboa, Verbo, 1995.

— *António Nobre: projecto e destino*, Porto, Edições Caixotim, 2000.

PEREIRA, Paulo

— *A beleza imortal das catedrais: Afonso Lopes Vieira e a imaginação medievalista* (vol. I e II), Lisboa, IN-CM, 2009

PIRES, António Machado

— *D. Sebastião e o Encoberto – estudo e antologia*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.

QUADROS, António

— *Portugal, razão e mistério* (vol. I), Lisboa, Guimarães Editores, 1988.

— *Portugal, razão e mistério* (vol. II), Lisboa, Guimarães Editores, 1999.

RAMOS, Rui

— *A Segunda Fundação (1890-1926)*, *in* José Mattoso [dir.], *História de Portugal* (vol. 6), Lisboa, Círculo de Leitores, 1994.

REAL, Miguel

— *Introdução à Cultura em Portugal*, Lisboa, Planeta, 2011.

— *O Pensamento Português Contemporâneo – 1890-2010: o Labirinto da Razão e a Fome de Deus*, Lisboa, IN-CM, 2011.

REIS, Carlos

— *O Conhecimento da Literatura: introdução aos estudos literários*, Coimbra, Almedina, 2008.

REYNAUD, Maria João

— *Metamorfoses da Escrita* – Húmus *de Raul Brandão*, Porto, Campo das Letras, 2000.

— *Sentido Literal – Ensaios de Literatura Portuguesa*, Porto, Campo das Letras, 2001.

— *Matéria Poética – Ensaios de Literatura Portuguesa*, Porto, Campo das Letras, 2008.

SARAIVA, António José

— *A Cultura em Portugal* (vol. I), Lisboa, Gradiva, 1996.

SERRÃO, Joel [dir.]

— *Dicionário de História de Portugal* (vol. I-IV), Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1971.

SILVA, Armando Malheiro da

— *Sidónio e Sidonismo* (vol. I e II), Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar

— *Teoria da Literatura*, Coimbra, Almedina, 2007.

SIMÕES, João Gaspar

— *Vida e Obra de Fernando Pessoa*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1991.

SOUSA, Eudoro de

— *Origem da Poesia e da Mitologia, e outros ensaios dispersos*, Lisboa, IN-CM, 2000.

STEINER, George

— *Nostalgia do Absoluto*, Lisboa, Relógio d'Água, 2003.

— *A Ideia de Europa*, Lisboa, Gradiva, 2005.

UNAMUNO, Miguel de

— *Por tierras de Portugal y de España*, *in Obras completas* (vol. I), Madrid, Escelier, 1966.

VALENTE, Vasco Pulido

— *Um herói português: Henrique Paiva Couceiro*, Lisboa, Alêtheia, 2006.

Índice onomástico

– A –

AFONSO HENRIQUES, D.: 34.
ALCOFORADO, Mariana: 208, 259.
ALMEARA, Joaquim de: 197.
ALMEIDA, António José de: 21, 28, 62.
ALMEIDA, Fialho de: 20; rodapé: 77, 208, 209.
ALMEIDA, Nicolau Tolentino de: 208.
AMARAL, Duarte do: 134, 161, 288, 289, 293; rodapé: 289.
AMEAL, João: 45, 106, 147, 210, 233; rodapé: 106.
AMÉLIA, D.: 25.
ANSELMO, Manuel: 184.
ARANTES, Tito: 49, 210, 226.
ARCOS, Anrique Paço d': 50, 51, 52, 68, 83, 104, 105, 145, 183, 188, 210, 251, 252, 277, 303; rodapé: 45, 50, 52, 62, 183; anexos: 52, 53.
ARCOS, Joaquim Paço d': 11, 30, 47, 53, 56, 71, 78, 123, 132, 136, 156, 157, 160, 161, 162, 184, 208, 219, 249, 302, 303; rodapé: 11, 29, 47, 48, 72, 77, 84, 121, 136, 157, 179, 218; anexos: 15, 30, 45, 51, 54, 60.
ARCOS, Pedro Paço d': 285; rodapé: 62.
ASSIS, Machado de: 210.
AZEVEDO, João Lúcio de: rodapé: 208.

– B –

BANDARRA: 163, 208, 292.
BARROS, Leitão de: 150; rodapé: 48.
BARROS, João de: 208.
BARROSO, D. António: rodapé: 35, 121.
BASTOS, Vítor: rodapé: 59; anexos: 27.
BAUDELAIRE: 210.
BÉCQUER, Gustavo Adolfo: 210.
BEIRÃO, Caetano: 65, 147.
BEIRÃO, Mário: 49, 79, 80, 81, 82, 104, 186, 188, 189, 190, 192, 195, 196, 202, 209, 213, 243, 296; rodapé: 79, 183, 188, 190, 192, 206, 297; anexos: 51, 52.
BELIZE, Francisco: 196.
BERNARDES, Diogo: 208, 277.
BERNARDES, Padre Manuel: 208.
BILAC, Olavo: 210.
BLAVATSKY, Helena: 68; rodapé: 68, 211.
BOCAGE: 208, 286.
BOMBARDA, Miguel: 33.
BONHOEFFER, Dietrich: 136, 139.
BOTTO, António: 10, 69, 143, 209; rodapé: 183, 297; anexos: 29, 46, 47.
BRAGA, Luís de Almeida: 116, 119, 209, 241; rodapé: 116, 297; anexos: 37, 38, 39, 114.
BRAGA, Teófilo: 18, 19, 209, 265; rodapé: 208.

BRAGA, Vitoriano: 48, 69, 118, 275; rodapé: 209, 297; anexos: 51.
BRAGANÇA, D. Duarte Nuno de: 129, 181, 275; rodapé: 275; anexos: 40.
BRANCO, Camilo Castelo: 20, 106, 107, 208; rodapé: 106, 209.
BRANDÃO, Júlio: 180, 211, 298.
BRANDÃO, Raul: 49, 79, 106, 209, 243; rodapé: 80, 206, 209, 297; anexos: 51.
BRASÃO, Eduardo [actor]: 108; rodapé: 49.
BRASÃO (Filho), Eduardo: 49, 93, 114, 210, 242, 252; rodapé: 49, 206; anexos: 54.
BRUNO, Sampaio: 21, 209; rodapé: 208.

– C –

CABEDO, Alberto de: 251, 252.
CÂMARA, Filomeno da: 131.
CÂMARA, João da [dramaturgo]: 208; rodapé: 209.
CÂMARA, João da: 49, 115, 126, 153; rodapé: 49, 154, 187, 248; anexos: 18, 59.
CAMÕES, Luís de: 18, 20, 23, 59, 60, 93, 106, 114, 117, 163, 167, 186, 200, 208, 209, 253, 259, 262, 268, 275, 276, 277, 294, 296; rodapé: 59, 80, 106; anexos: 28.
CAMP, Maxime du: 210.
CAMPOS, Fernando: 143, 147, 277.
CAMUS, Albert: 136.
CAMPOAMOR, Ramón de: 210.
CÂNDIDO, António: rodapé: 208, 297.
CARLOS I, D.: 24, 83.
CARVALHO, Coelho de: 106, 121, 180; rodapé: 106, 206, 208, 209, 297.
CASTILHO, Feliciano de: rodapé: 208.
CASTRO, Ana Osório de: 175.
CASTRO, Alberto Osório de: 171, 175; rodapé: 208.
CASTRO, Emília: 53, 54, 55, 56, 58, 96, 97, 99, 109, 110, 111, 112, 115, 125, 127, 131, 132, 133, 134, 136, 137, 138, 157, 158, 160, 165, 166, 238, 244, 246, 250, 258, 270, 280, 282; rodapé: 53, 132, 187, 244; anexos: 60, 61.
CASTRO, Eugénio de: 191, 208, 212, 228, 255, 267, 295, 296; rodapé: 183, 191, 209.
CASTRO, Manuel de: 11, 47, 49, 52, 53, 54, 57, 58, 59, 61, 62, 66, 67, 72, 73, 74, 76, 77, 79, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 113, 120, 121, 122, 123, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 156, 157, 158, 159, 160, 165, 166, 219, 238, 241, 245, 252, 276, 290, 298; rodapé: 11, 66, 72, 83, 91, 101, 116, 123, 157, 158, 166, 187, 188, 207, 218, 244; anexos: 28, 45, 49, 51, 57, 60, 104.
CASTRO, José Luciano de: 24.
CASTRO, Rosalía de: 128, 210, 278, 282.
CEREJEIRA, D. Manuel Gonçalves: 135, 136.
CHAGAS, João: 108.
CHAGAS, Manuel Pinheiro: 21.
CHATEAUBRIAND: 210.
CHESTERTON, G. K.: 210.
CIDADE, Hernâni: 183; rodapé: 184.
COELHO, Trindade: 199; rodapé: 209.
COIMBRA, Leonardo: 194.
COLAÇO, Branca de Gonta: 196; rodapé: 209.
COLAÇO, Tomás Ribeiro: rodapé: 209.
CONTREIRAS, Aníbal Gomes: 65; rodapé: 65.
CORTÊS, Alfredo: 49, 118.
CORTESÃO, Jaime: 77, 78, 211, 243; rodapé: 183.

COSTA, Afonso: 21, 35, 36.
COUCEIRO, Henrique de Paiva: 34, 35, 209; rodapé: 41, 116; anexos: 41.
CRISFAL: 114, 163, 253, 255, 259, 262, 268, 276, 277, 278, 286, 296.
CRISTO (Filho), Homem: 209.
CROWLEY, Aleister: rodapé: 69, 70.
CRUZ, Agostinho da: 93, 114, 126, 163, 180, 208, 244, 251, 252, 253, 278, 296.
CRUZ, Padre: 30.

– D –

DANTAS, Júlio: 23; rodapé: 209.
DARÍO, Rubén: 210.
DAUDET, Alphonse: 210.
DEUS, João de: 19, 93, 163, 190, 198, 200, 204, 208, 212, 260, 276, 286, 291, 295; rodapé: 183; anexos: 33.
DIAS, Da Cunha: 72; rodapé: 72, 84, 85; anexos: 45.
DORCHAIN, Auguste: 211.
DUARTE I, D.: 150.
DUARTE, Afonso: 192; rodapé: 183, 192, 209;
DURÃO, Américo: 105, 172, 197; rodapé: 183;
DURO, José: 164, 177, 178, 190, 208, 213, 226, 295; anexos: 33.

– E –

ESPANCA, Florbela: 208; rodapé: 183;
ESPRONCEDA, José de: 210.

– F –

FERREIRA, António: 208.
FERREIRA, David Mourão: 153; rodapé: 248.
FERREIRA, José Gomes: 82, 172, 175, 185, 186, 187, 210; rodapé: 187.
FERRO, António: rodapé: 209.
FIGUEIREDO, Tomás de: rodapé: 58.
FEIJÓ, António: 208.
FRANCO, João: 23, 24, 209.
FREUD: 56.

– G –

GAIO, Manuel da Silva: 208.
GAMA, Domingos Teles da: 57; rodapé: 166, 187; anexos: 60.
GAMA, Emília Teles da: rodapé: 166, 187; anexos: 60.
GAMA, Vasco da: 23, 52.
GAMA, Vasco Teles da: 49; rodapé: 66.
GARRETT, Almeida: 22, 200, 208, 265, 286, 302; rodapé: 206, 209.
GIL, Augusto: 192, 208; rodapé: 192, 218.
GOMES, Gualdino: 48, 77, 78, 82; rodapé: 77.
GUERRA, Oliva: 196.

– H –

HERCULANO, Alexandre: 208; rodapé: 209.
HUGO, Victor: 17, 63, 210.

– J –

JAMMES, Francis: 210.
JUNQUEIRO, Guerra: 19, 62, 63, 191, 208, 265; rodapé: 62, 183, 191, 206, 209.

– K –

KIERKEGAARD: 49.
KLIMT: 56.
KOPKE, Manuel: 206.

– L –

LAGE, Francisco: 49.
LEAL, Gomes: 48, 73, 101, 162, 163, 208, 209, 212, 220, 255, 295; rodapé: 183, 209, 220.
LEAL, Raul: 10, 69, 209; rodapé: 10, 297; anexos: 46, 47, 48.
LEITE, Afonso Correia: 155.
LEMOS, Carlos de: 110, 119, 193, 209, 265; rodapé: 110, 119, 297; anexos: 49.
LIMA, Edgar: 49.
LIMA, Jaime de Magalhães: 196.
LOBO, Francisco Rodrigues: 286.
LOPES, Teixeira: rodapé: 60; anexos: 27.
LUCENA, Francisco: 47, 166.
LUCENA, Manuel: 53.
LUCENA, Margarida: 53, 54, 166.
LUÍS FILIPE, D.: 24.
LÚCIO, João: 178, 208; rodapé: 183.

– M –

MAGALHÃES, Luís de: 196; rodapé: 62.
MALLARMÉ: 266.
MANSO, Joaquim: 46, 93, 149, 161, 221, 233, 242, 251, 264, 285; rodapé: 69, 297; anexos: 20, 44.
MANUEL II, D.: 25, 35, 64, 65.
MARIA PIA, D.: 25.
MARTINS, António Alves: 197.
MARTINS, Oliveira: 18, 19, 23, 24, 209, 253; rodapé: 206, 208.
MELO, Francisco Manuel de: 208.
MESQUITA, Roberto: 179, 211.
MIGUEL II, D.: 200, 275; anexos: 40.
MIRANDA, Sá de: 208.
MONIZ, Egas: 28, 114.
MONSARAZ, Alberto: 187, 196, 202, 209; anexos: 38, 39.
MONTESQUIEU: 210.
MORAES, Wenceslau de: 171; rodapé: 208.
MÜLLER, Adolfo Simões: 210.

MÚRIAS, Manuel: 116, 140, 191, 210, 285.
MUSSET: 193, 210; rodapé: 192.

– N –

NASCIMENTO, Cabral do: 197.
NEGREIROS, Almada: 11, 69, 118, 209; rodapé: 69, 206, 297; anexos: 3, 20, 43, 44.
NETO, Coelho: 210.
NOBRE, António: 21, 22, 23, 47, 53, 54, 55, 56, 92, 137, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 176, 178, 190, 195, 199, 201, 203, 204, 208, 209, 212, 215, 216, 218, 220, 222, 224, 226, 228, 229, 230, 236, 253, 255, 259, 285, 295, 296, 297, 298; rodapé: 166, 176, 183, 206, 229; anexos: 33, 34, 60, 71.
NUNES, António Hartwich: 13, 49, 114, 229, 231; rodapé: 13, 49, 66, 97, 118; anexos: 58, 89, 120.
NUNES, Emmérico Hartwich: 118; rodapé: 49, 118.
NUNES, José Joaquim: 210.

– O –

OLIVEIRA, Alberto de: 22, 23, 92, 193, 208.
OLIVEIRA, António Correia d': 81, 118, 184, 188, 190, 191, 192, 193, 196, 201, 202, 209, 213, 243, 255, 296; rodapé: 183, 206, 209, 297; anexos: 50.
OLIVEIRA, Carlos Lobo de: 197.
OLIVEIRA, João Correia d': 49.
OLIVEIRA, José Bruges d': 74, 75, 187, 196, 209; rodapé: 66, 75, 297; anexos: 55.
ORTA, Garcia de: 208.
ORTIGÃO, Ramalho: 17, 19; rodapé: 208.
OSÓRIO, Ana de Castro: 34.

– P –

PAIS, Sidónio: 28, 29, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 147, 209, 295; rodapé: 28, 35, 38, 39; anexos: 32.
PASCOAES, Teixeira de: 10, 11, 48, 51, 72, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 138, 185, 186, 188, 190, 191, 192, 194, 195, 209, 213, 230, 240, 243, 251, 252, 275, 277, 297, 301; rodapé: 77, 79, 80, 83, 193, 194, 195, 206, 209, 297; anexos: 16, 51, 52, 53.
PATRÍCIO, António: rodapé: 209.
PEDRO, António: 49, 106, 126, 127, 128, 130, 179, 180, 181, 182, 192, 210, 252, 277, 282, 290; rodapé: 50, 179, 181, 187, 206, 289, 297; anexos: 56, 57, 94.
PELAYO, Marcelino Menéndez: 211.
PENHA, João: rodapé: 208.
PESSANHA, Camilo: 30, 153, 170, 171, 175, 176, 178, 190, 192, 208, 209, 213, 255, 295, 296; rodapé: 183, 258; anexos: 33, 57.
PESSOA, Fernando: 20, 35, 38, 49, 51, 68, 69, 70, 82, 153, 211, 297; rodapé: 10, 69, 70, 183, 200, 211; anexos: 29, 46.
PIMENTA, Alfredo: 45, 50, 63, 64, 106, 131, 135, 142, 147, 162, 109, 214, 228, 299; rodapé: 45, 66, 106, 135, 206, 209, 297, 299; anexos: 40, 83.
PINTO, Cortês: 197.
PORTELA, Artur: 140.
PRETO, Rolão: 209.
PREZADO, Santiago: 197.

PROENÇA, Raul: 77, 78, 202, 243.

– Q –

QUEIRÓS, Carlos: 82, 286.
QUEIRÓS, Eça de: 19, 20, 163, 208; rodapé: 60, 209.
QUENTAL, Antero de: 18, 19, 24, 36, 48, 93, 137, 162, 163, 164, 166, 170, 178, 190, 193, 201, 203, 208, 209, 212, 216, 220, 222, 224, 226, 240, 251, 255, 260, 285, 295, 296; rodapé: 119, 209; anexos: 33, 111.

– R –

RAPOSO, Hipólito: 119, 144, 209; anexos: 38.
REBELO, José Pequito: 119, 209; anexos: 38.
RENAN: 210.
RESENDE, Garcia de: 208, 255.
RIBEIRO, Aquilino: rodapé: 209.
RIBEIRO, Bernardim: 93, 163, 200, 204, 254, 259, 262, 265, 276, 286, 296.
RIBEIRO, Queirós: 196.
RIBEIRO, Tomás: rodapé: 208.

– S –

SÁ-CARNEIRO, Mário: 188, 211, 245; rodapé: 137, 183.
SAA, Mário: 10, 69, 118, 209; rodapé: 69, 118, 297; anexos: 42.
SALAZAR, Oliveira: 29.
SAMPAIO, Albino Forjaz de: 182; rodapé: 209.
SAN PAYO: 124; rodapé: 124; anexos: 15, 16, 25.
SAND, Georges: 210.
SANTA-RITA, Augusto de: 196.
SANTOS, Luís Reis: 18.
SANTOS, D. Manuel Mendes da Conceição: 149.
SARDINHA, António: 10, 63, 116, 119, 187, 190, 191, 196, 202, 209, 213, 277; rodapé: 75, 209; anexos: 37, 38, 39, 55.
SELVAGEM, Carlos: 118.
SENA, Jorge de: 181, 182.
SÈVES, António de: 118; rodapé: 118.
SHAKESPEARE: 210.
SILVA, D. Henrique José Reed da: 121, 122; rodapé: 121.
SIMÕES, José Carlos: 11, 32, 40, 41, 48, 149, 162; anexos: 13.
SOUSA, Cruz e: 210.
STEINER, George: 49.
SUCRE, José Antonio Ramos: 146.

– T –

TAVARES, Silva: 197.
TEIXEIRA, Fausto Guedes: 110, 115, 188, 190, 191, 192, 193, 209; rodapé: 48, 110, 115, 183, 192, 297; anexos: 49.
TEIXEIRA, Judith: 211; anexos: 47, 48.
TELES, Basílio: rodapé: 208.

TORRES, Alberto Pinheiro: 129; rodapé: 129.
TORRES, Isabel Pinheiro: 130, 134; rodapé: 130.
TOULOUSE-LAUTREC: rodapé: 56.
TRIGUEIROS, Luís Forjaz: 148, 156; rodapé: 11.

– U –

UNAMUNO, Miguel de: 297.

– V –

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de: rodapé: 208.
VASCONCELOS, Manuel de Menezes e: 134, 273, 288; rodapé: 187.
VERDE, Cesário: 56, 92, 99, 165, 208, 209, 212, 255; rodapé: 183.
VERLAINE: 210.
VICENTE, Arlindo: 147; anexos: 22, 57.
VICENTE, Gil: 114, 116, 208, 253, 274.
VIEIRA, Afonso Lopes: 10, 77, 78, 112, 183, 185, 188, 190, 191, 192, 196, 201, 202, 209, 213, 236, 243, 255, 286, 287, 296; rodapé: 75, 83, 115, 183, 206, 209, 297; anexos: 35, 36, 55.
VIEIRA, Padre António: 208.
VOLTAIRE: 210.

– Z –

ZOLA, Émile: 210.

Biblioteca de Guilherme de Faria

Índice de autores com importância literária e histórico-cultural

– A –

ALCOFORADO, Mariana [¹3]
ALEGRE, Costa [¹47]
ALMEIDA, Fialho de [¹16]
ALMEIDA, Nicolau Tolentino de [¹110]
AMEAL, João [¹54]
ARANTES, Tito [¹88]
ARCOS, Anrique Paço d' [¹41]
ASSIS, Machado de [¹112]
AZEVEDO, Guilherme [²5]
AZEVEDO, João Lúcio de [¹65]

– B –

BANDARRA [²27]
BARRETO, Moniz [¹19]
BARROS, João de [¹111]
BAUDELAIRE [¹29]
BÉCQUER, Gustavo Adolfo [²17]
BEIRÃO, Caetano [¹55]
BEIRÃO, Mário [¹22]
BERNARDES, Diogo [¹110]
BERNARDES, Padre Manuel [¹10]
BILAC, Olavo [¹128]
BLAVATSKY, Helena [²2]
BOCAGE [¹2]
BOTTO, António [¹53]
BRAGA, Guilherme [¹6]
BRAGA, Luís de Almeida [¹22]
BRAGA, Teófilo [¹97]
BRAGA, Vitoriano [²3]
BRANCO, Camilo Castelo [¹8/127]
BRANCO, Manuel Bernardes [¹46]
BRANDÃO, Raul [¹17]
BRASÃO (Filho), Eduardo [¹107]
BRUNO, Sampaio [¹93]

– C –

CALDAS, Sousa [¹125]
CÂMARA, João da [¹50/122]
CAMINHA, Pêro de Andrade [¹106]

CAMÕES, Luís de [¹1]
CAMP, Maxime du [²116]
CAMPOAMOR, Ramón de [¹81]
CAMPOS, Agostinho de [²32]
CÂNDIDO, António [¹19]
CARVALHO, Coelho de [¹115]
CASIMIRO, Augusto [¹68]
CASTILHO, Feliciano de [¹36]
CASTRO, Alberto Osório de [²11]
CASTRO, Bento de Oliveira Cardoso e [¹86]
CASTRO, Eugénio de [¹31]
CASTRO, João de [¹78]
CASTRO, Rosalía de [²17]
CÉSAR, Oldemiro [¹69]
CHAGAS, João [¹27]
CHAGAS, Manuel Pinheiro [¹51]
CHATEAUBRIAND [¹56]
CHESTERTON, G. K. [²7]
COELHO, Trindade [¹49/85]
COELHO, Latino [¹64]
COLAÇO, Branca de Gonta [¹38]
COLAÇO, Tomás Ribeiro [¹65]
CORTÊS, Alfredo [¹74]
COSTA, Cunha e [¹58]
COUCEIRO, Henrique de Paiva [¹73]
COUTO, Diogo de [¹12]
CRESPO, Gonçalves [¹117]
CRISTO (Filho), Homem [¹25]
CRUZ, Frei Agostinho da [¹81]
CRUZ, Frei Bernardo da [¹43]

– D –

DANTAS, Júlio [¹53]
DARÍO, Rubén [¹30]
DAUDET, Alphonse [¹70]
DEUS, João de [¹34]
DIAS, Carlos Malheiro [¹25]
DIAS, Da Cunha [¹49]
DORCHAIN, Auguste [²21]
DUARTE, Afonso [¹48]
DURÃO, Américo [¹57]
DURO, José [¹47]

– E –

ESPANCA, Florbela [¹39]
ESPRONCEDA, José de [¹130]

– F –

FALCÃO, Cristóvão [¹84]
FERREIRA, António [¹96]
FERREIRA, José Gomes [¹72]
FERREIRA, Reinaldo [¹65/²10]
FERRO, António [¹87]
FIGUEIREDO, Antero [¹83]
FIGUEIREDO, Fidelino de [¹63]
FEIJÓ, António [¹32]
FREITAS, Sena [¹90]
FRANCO, João [¹47]

– G –

GAIO, Manuel da Silva [¹50/114]
GAMA, Arnaldo [¹124]
GALVÃO, Duarte [¹12]
GARÇÃO, Pedro António Correia [¹113]
GARRETT, Almeida [¹14]
GIL, Augusto [¹52]
GOMES, Augusto Ferreira [¹68]
GUERREIRO, Cândido [¹68]
GUIMARÃES, Luís d'Oliveira [²2]

– H –

HERCULANO, Alexandre [¹13]
HUGO, Victor [¹123]

– J –

JAMMES, Francis [¹117]
JORGE, Ricardo [¹77]
JUNQUEIRO, Guerra [¹18]

– L –

LEAL, Gomes [¹5]
LEAL, Raul [¹53]
LEMOS, Carlos de [¹37]
LOPES, Artur Ribeiro [²19]
LÚCIO, João [¹28]

– M –

MACEDO, António de Sousa [¹64]
MACEDO, José Agostinho de [¹45]
MACHADO, Júlio César [¹85]
MANSO, Joaquim [¹48]
MÂNTUA, Bento [¹61]
MARTINS, António Alves [¹62]
MARTINS, Oliveira [¹9]

MELO, Francisco Manuel de [¹11]
MESQUITA, Marcelino [²1]
MIRANDA, Sá de [¹100]
MONIZ, Pato [¹80]
MONSARAZ, Alberto [¹66]
MONTEMOR, Nuno de [²22]
MONTESQUIEU [¹70]
MORAES, Wenceslau de [¹28]
MÜLLER, Adolfo Simões [²33]
MÚRIAS, Manuel [²22]
MUSSET [¹71]

– N –

NASCIMENTO, Cabral do [¹57]
NEGREIROS, Almada [²12]
NETO, Coelho [¹95]
NOBRE, António [¹6]
NORONHA, Tomás de [¹101]
NUNES, Cláudio José [¹37]
NUNES, José Joaquim [²13]

– O –

OLIVEIRA, Alberto de [¹24]
OLIVEIRA, António Correia d' [¹20]
OLIVEIRA, João Correia d' [¹27]
OLIVEIRA, José Bruges d' [¹67]
OLIVEIRA, Lopes de [¹81]
ORTA, Garcia de [¹43]
ORTIGÃO, Ramalho [¹77]
OSSENDOWSKI, Ferdynand [¹88]
OSSÓRIO, Jerónimo [¹44]

– P –

PAIS, Sidónio [¹59]
PASCOAES, Teixeira de [¹4]
PATO, Bulhão [¹35]
PATRÍCIO, António [¹24]
PEDRO, António [²8]
PEIXOTO, Afrânio [²24]
PELAYO, Marcelino Menéndez [²20]
PENHA, João [¹34]
PESSANHA, Camilo [¹6]
PIMENTA, Alfredo [¹21/76]
PIMENTEL, Alberto [²30]
PINA, Rui de [¹11]
PRETO, Rolão [¹55]

– Q –

QUEIRÓS, Eça de [¹15]
QUENTAL, Antero de [¹3]
QUITA, Domingos dos [¹113]

– R –

RAJANTO, Valério de [¹121]
RAPOSO, Hipólito [¹66]
REBELO, José Pequito [¹60]
RENAN [¹102]
RESENDE, Garcia de [¹1]
RIBEIRO, Aquilino [¹26]
RIBEIRO, Manuel [²16]
RIBEIRO, Tomás [¹35]

– S –

SAA, Mário [¹58]
SAMPAIO, Albino Forjaz de [¹57]
SAN-BENTO, Oliveira [¹75]
SAND, George [¹124]
SARDINHA, António [¹100]
SELVAGEM, Carlos [¹30]
SÉRGIO, António [¹69]
SÊVES, António de [¹62]
SHAKESPEARE [¹92]
SILVA, António José [¹59]
SIMÕES, Veiga [²7]
SOROPITA, Fernão Rodrigues Lobo [¹128]
SOUSA, Cruz e [¹117]
SOUSA, Frei Luís de [¹10]

– T –

TAVARES, Silva [¹61]
TEIXEIRA, Fausto Guedes [¹33]
TELES, Basílio [¹60]
TOMÁS, Fernandes [²15]
TORRES, Alberto Pinheiro [¹93]

– V –

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de [¹74]
VASCONCELOS, Leite de [²14]
VERDE, Cesário [¹6]
VERLAINE [¹29]
VICENTE, Gil [¹2]
VIEIRA, Afonso Lopes [¹23]
VIEIRA, Padre António [²28]
VITORINO, Virgínia [¹38]

VOLTAIRE [¹38]

– Z –

ZOLA, Émile [¹105]